O Príncipe Com Orelhas de Burro

de José Régio

O PRÍNCIPE COM ORELHAS DE BURRO

JOSÉ RÉGIO

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

CAPÍTULO 1

DE ALGUMAS CIRCUNSTÂNCIAS QUE PRECEDERAM O NASCIMENTO DO PRÍNCIPE LEONEL, PRESUMÍVEL HERÓI DESTA VERÍDICA HISTÓRIA

Era uma vez, no reino de Traslândia, um casal que não tinha filhos. Grande mágoa, suponho, deve ser não ter filhos um casal que se entende bem e assim era com esse casal. O marido começara precocemente a envelhecer, entretendo o ócio a aprender jogos chineses, a colecionar pássaros e armas brancas, a estudar dialetos ou outras futilidades idênticas… e a mulher tornara-se rabugenta, caprichosa, avarenta, fanática, (tendo sido noutra época a própria imagem da alegria!) como se não tivesse casado e antes do devido tempo, começara a envelhecera de inutilidade e amargor.

Esse casal que antes se adorava começava agora até a não poder tolerar-se — como quase todos os infelizes ligados a uma desgraça comum e odiada — em que cada

um via no outro o espelho do seu infortúnio. Acrescentemos que, no presente caso, cada um tendia a ver no outro o próprio causador desse infortúnio. Este mútuo ressentimento ia a ponto de já nem poder o triste casal escondê-lo da corte.

Ora, dito isto, ia-me esquecendo um pormenor importante: Ele era o próprio rei, ela a própria rainha de Traslândia e a ausência de filhos nesse matrimónio representava uma desgraça pública. Assim a mágoa dos dois míseros esposos acrescentava-se com a inquietação dos reinantes.

A cupidez dos povos vizinhos também espreitava o seu trono sem herdeiros. Tanto mais sendo alguns desses povos governados por parentes seus que, embora vagos, reivindicavam direitos ao trono. Mas não era só parentes. Muito havia que forjavam teorias, invocavam necessidades, aventavam doutrinas, alegavam conveniências, chegavam a idear questões de ordem metafísica ou religiosa que lhes permitissem, depois de mortos os pobres reis estéreis, cair sobre o reino sem leme. Quem não sabe como sempre se arrearam de razões a ambição e a violência?

Por essas razões os pobres reis estéreis sentiam-se responsáveis, perante o seu povo, tanto do temível choque de interesses entre quais seria um dia baldeado, como da escravidão final a que o povo poderia ser reduzido. E parecia-lhes a esterilidade uma grande injustiça para com eles próprios, uma praga dos deuses, se não mesmo dos demónios. Uma anomalia, essa, de não dar fruto um casal que fora belo, jovem, e possuíra-se, primeiro com apaixonado e total abandono, depois com esperança e violência, mais tarde com ciência ou cálculo, por fim com desesperada insistência e um misto de compaixão e raiva na infelicidade comum...

É inútil dizer que tudo mais se tentara para arredar tal maldição das pobres cabeças régias: os conselhos dos médicos e as malas-artes das bruxas; os palpites pessoais e os segredinhos das comadres; as influições da hora ou da estação; as preces públicas e a própria interferência, aos pés de Deus e do Santo Papa. Só um conselho chegara a ser insinuado, que o bom rei Rodrigo repelira com indignação: o repúdio da esposa infecunda. Chegara-se a aventar-se que o rei tomasse outra mulher legítima. A primeira

resignar-se-ia a um convento com todas as honras da sua condição, e todo o azedume do seu destino, caso fosse mais bem sucedido o segundo ensaio matrimonial da sua Majestade. Mas nem tão alta razão de estado conseguira demover El-Rei! Tão-pouco demovera a rainha, se é que aos ouvidos da infeliz rainha viera ter este alvitre que a punha de lado como uma árvore seca...

Se viera ter?... Mas viera! Alguém tivera a crueldade ou o heroísmo de lhe dizer (como, não sei) que o povo ameaçado acusava de egoísta esse amor que não cumpria o seu dever. Pois o amor dos reis tem deveres a cumprir... e a rainha sabia-o! A rainha sabia qual o seu dever, se fosse provada a sua esterilidade. Mas sabendo-o, escasseavam-lhe forças para o cumprir e por isso tornara-se rabugenta e caprichosa, avarenta e fanática, histérica e até invejosa... Invejosa, em especial, da vulgar felicidade que Deus dava a tantas, para lha recusar a ela. A pobre mulher já não podia ver um batizado! Nem nenhuma que andasse de esperanças ousaria apresentar-se aos seus olhos o ventre abençoado por Deus.

Certa manhã, a rainha ergueu-se muito cedo e meteu-se a caminho em direção ao imenso bosque para lá do parque do palácio. Apesar de a guarda a ter querido acompanhar, desistiram perante as ameaças de um desses ataques em que a espuma lhe borbulhava na boca, os olhos lhe pasmavam em branco, as palavras e os gestos se descompunham, e ela jazia depois, aniquilada, como uma coisa inerte, durante vários dias. Para além disso, Sua Majestade El-rei partira ao lusco-fusco de madrugada, para caçar na tapada de um dos seus mais nobres vassalos. Só pela tarde voltaria. Quem se atreveria a contrariar a vontade da rainha sem o rei presente? O perigo de algum encontro com um caçador furtivo, qualquer bandido, algum mendigo perverso ou guarda florestal rebelde (pois já dentro dos próprios domínios reais existiam rebeldes), nem de raspão tocara o seu ânimo decidido. De igual modo a deixara impávida a lenda de monstros e fantasmas que habitavam essas matas virgens, ou a certeza de as povoarem bestas e feras. Dir-se-ia que um Arcanjo lhe aparecera, em sonhos, a mandá-la ir, prometendo-lhe guardá-la, portanto foi.

Lá, andou toda a manhã, toda a tarde, todo o dia, embrenhando-se por cavernas de verdura e sombra, passando curvada sob rendilhados tetos oscilantes de trepadeiras, deslizando entre penhascos e velhos troncos gigantes, mais grossos que pilares dos antigos templos lendários... Os homens que, da torre maior do palácio, ainda pretenderam segui-la com os seus óculos de grande alcance, rapidamente desistiram. Mais tarde se veio a saber, por conversa das mulheres dos guardas florestais, que ela entrara nas suas modestas choupanas, sentara-se nos seus bancos, beijara os louros cabelos sujos ou as caras lambuzadas, bochechudas, dos seus filhos, e quisera saber das suas vidas com tão insinuante insistência, tanta simplicidade nos modos e palavras que as pobres mulheres, por momento esquecidas da imensa distância das suas condições, tinham chegado, talvez, a falar de mais...

Até onde entrara na parte verdadeiramente selvática da floresta, nunca ninguém soube. Um ou outro guarda que a vira voltar, já pelo arrefecer da tarde, e, atrapalhado, se perfilara mal fiado nos seus próprios olhos, também disse depois que ela vinha a trejeitar e a falar alto, com os olhos

postos nos galhos extremos das árvores, como se tivesse a conversar elevadamente com elas e os pássaros; talvez com os angélicos espíritos que nenhum guarda via, mas que por certo a guiaram nesse passeio inspirado, — sugeriu mais tarde um poeta palaciano.

O facto é que já se espraiava o luar quando a rainha voltou. Já do palácio alvoroçado se preparavam para sair em sua busca bandos de guardas com lampiões e archotes e já El-Rei, seu marido e senhor, a esperava, dando grandes passadas frenéticas no salão dos lustres, com o sobrolho carregado e as mãos torcidas atrás das costas, como nos dias de muitíssimo mau humor. A rainha vinha cheia de pó, rotos os seus sapatinhos verdes e amarrotada toda a seda da saia. Até trazia rubis de sangue na cara. No seu sorriso e nos seus olhos, porém, raiava um clarão que poucos viram porque a grande maioria dos homens são cegos — porém, depois, todos asseguraram tê-lo visto. Viu-o, de verdade, El-Rei, que não era cego de todo e as palavras de exprobração que se iam soltar dos seus lábios, gelaram-se num misterioso respeito.

A rainha arrastou o seu marido para a câmara régia e aninhando-se aos seus pés, disse-lhe:

— Pensei muito durante este passeio... Não mo censureis, porque decidiu a nossa vida. Estou resolvida a afastar-me para que outra vos dê o filho que eu vos não posso dar...

— Nunca! — interrompeu o rei com violência.

— Ainda não acabei, meu senhor. Também eu vos quero muito, apesar da nossa desgraça quase nos ter tornado inimigos!... Estou resolvida a afastar-me, e nem vós me podereis deter, se, dentro de meses, não se cumprir o nosso grande desejo...

— Quantas vezes já temos esperado em vão, querida! O melhor será conformarmo-nos com a determinação de Deus.

— Nunca tive tanta fé, meu senhor. Por amor de vós, ousei consultar o Espírito da Floresta. Ir até onde me não julgara capaz...

— Sois louca! — disse ele passando-lhe amorosamente os braços por cima dos ombros.

Para dizer a verdade, ele estava em crer, nesse momento, que ela fantasiava, e não deu importância de maior às suas palavras.

— Meu querido!... — murmurou ela descaindo a cabeça para lhe encontrar a boca.

O perfume das flores do jardim subia até à janela escancarada. Através das cortinas, o luar fazia caprichosos rendilhados no leito real. O ar estava quente.

— Meu querido!... — suspirava ainda a rainha pela noite adiante. E, sentindo-se desejado, solicitado com vibrante sinceridade, ele afogava em beijos ardentes, como os das suas primeiras noites de amor, essa meiga apelação que já se ia desacostumando de ouvir...

Alguns meses passaram. Se os homens não fossem cegos, veriam que nos olhos da rainha, como no seu sorriso, um clarão continuava a anunciar grandes coisas. Nem o seu marido, porém, voltou a reparar nesse indício que uma tarde lhe gelara nos lábios palavras de exprobração e cólera. Os homens são cegos! Apesar do que, aquilo a que chamam de Mistério, lhes enviar as suas mensagens. Mas o

que todos achavam — pois isso fora impossível não ver — é que a bondade da rainha se manifestava agora com manifestada radiação. Digamos, até com uma radiação inquietante, pois inquietantes são a grande bondade, a grande beleza e o grande entendimento. Quem não sente que marcam os humanos como um resplandecente estigma que os furta à vida do mundo?

De rabugenta, caprichosa, avarenta, fanática, histérica, — defeitos que ultimamente empanavam a grande bondade natural da pobre esposa estéril — dia a dia progredia a rainha em humildade e paciência, igualdade de ânimo, generosidade ardente, largueza de compreensão, bom senso luminoso... Chegava a ser inquietante, sim! Dir-se-ia que a rainha se preparava para morrer.

Ora uma tarde, indo a sentar-se à mesa na grande sala de jantar, fez-se, subitamente, muito branca. Levou a mão trémula à testa, expediu um suspiro que todavia se acompanhava de uma aura de sorriso... e teria caído desamparada, se o marido não corresse a apanhá-la nos braços. Quando, daí a nada, voltou a si e circunvagou o

olhar ainda baço pela sala cintilante de cristais e pratas, aquela aura de sorriso abriu-se como uma auréola.

— Este calor de Agosto... — murmurou com os olhos enlanguescidos do delíquio.

O seu rei ainda a tinha nos braços. Ela aconchegou-se-lhe mais ao peito e disse:

— Talvez seja também outra coisa... que vos tenho querido ocultar... com receio de me enganar...

Ele não compreendia; ou tinha medo de uma deceção terrível. Afastando-a um pouco de si, fixava nela os olhos ansiosos e graves, quase duros, como para a forçar à confirmação. O seu rosto pusera-se pálido e extraordinariamente sério. Acenando que sim à sua muda interrogação, ela respondeu:

— Uma grande surpresa... mas não para mim...

E fazia-se ainda mais pequena contra o seu peito largo. Então, esse peito ergueu-se, arquejou como se fora estalar e, por um movimento impulsivo de ajoelhar diante dela, o pobre marido arrastou-a consigo. Ficaram abraçados e

ajoelhados um diante do outro, soluçando. A muita gente pareceria cómica ou ridícula esta cena.

— Querida!... — gaguejou ele quando pôde falar. Quebrada de emoção, a sua voz era meiga como a de uma criança. — Pois será verdade?... Então, naquela noite...

Pensava no clarão que lhe vira nos olhos, no sorriso, certa noite em que ela voltara tarde, cheia de pó, de um misterioso passeio para lá do parque do palácio... Pensava no calor dos beijos que essa noite tinham trocado. Nem por sombras duvidava dela, mas compreendia que havia um mistério na gestação do seu filho.

— Naquela noite... — repetia, querendo penetrar nesse mistério.

— Naquela noite, sim! — disse a rainha — O Espírito da Floresta prometera-me...

— Sois louca!... — disse ele, como dissera da outra vez. (Não é o que se costuma dizer quando alguém afirma presenciar qualquer realidade sobrenatural?) Por esse altura, não obstante o seu dom de ver o que outros não

viam, muito atrasado estava ainda o rei na leitura dos livros obscuros.

— Não... — disse a rainha — o Espírito da Floresta existe. Procurei-o e encontrei-o. Consultei-o sobre o nosso caso. O Espírito da Floresta prometeu-me que teríamos um filho. Mas o nosso filho...

Repentinamente, fez-se outra vez muito branca. Os seus olhos olhavam espantados, fixos, para qualquer coisa ao longe. O mistério erguera-se face a face, um dedo nos lábios a impor silêncio, sob a figuração do Espírito da Floresta que só ela via.

— Este calor de Agosto... — murmurou, dorida e forçando-se a sorrir.

Como a sentisse voltar a desfalecer, o rei levantou-a amorosamente nos braços fortes, poisou os lábios, com delicadeza e respeito, nos seus olhos que se fechavam e atravessando, com ela nos braços, os amplos salões resplandecentes e frios, quis levá-la para o leito real. Ao longo dos amplos salões resplandecentes e frios, a comprida cauda do seu vestido glauco, atrás dos passos

graves do rei, ia fugindo como um ribeirinho que ao mesmo tempo fosse correndo e secando. E, habituados a nada ver, nada ouvir, os lacaios eretos como estátuas, vestidos de seda e ouro como bonecos, nem pestanejaram e nada compreenderam do que se passava.

CAPÍTULO 2

DE ALGUMAS CIRCUNSTÂNCIAS QUE ACOMPANHARAM O NASCIMENTO DO PRÍNCIPE

Evoé! Voara por todo o reino a grande novidade!

E começara uma festa pegada. As músicas ouviam-se por toda a parte: ching-chong, "ai-ó" e "ó-ai", as cantigas esfuziavam contínuamente no ar, os foguetes estralejavam ou estoiravam que era um pavor, o chão andava coberto de espadanas e funcho, os sinos repicavam sem cessar dling-dlong!, dling-dlong!, no ar álacre... E, vira que vira, o povo dançava nos terreiros, nas eiras, nas ruas, nas praças, toca ora toca, esgotavam-se os enormes canjirões vidrados, olaré que se arrebanhavam ranchos por toda a parte, concertavam-se os instrumentos, improvisavam-se festas e tunas..., bailar! cantar! viver! — uma onda de alegria irresistível subia, irrompia de tudo e por tudo se espraiava, só porque uma nova pequenina vida ia chegar ao mundo...

Deus a trouxesse a salvamento! Deus a resguardasse e protegesse! E que fosse um menino! Que fosse um rapaz! Que fosse um homem! O reino precisava de um senhor para o futuro.

Mais do que nunca gastavam as beatas os seus dias nos templos, babujando as lájeas ou alçando as mãos lívidas, frementes de súplicas, às imagens cobertas de flores. Nos intervalos, juntavam-se em grupos que grasnavam e saltitavam na sombra fresca dos adros. Depois recomeçavam as ladainhas, as punhadas no peito, os ósculos no empedrado, sob as abóbadas incendiadas de luzes, esfumadas em nuvens de incenso. E nunca tinham sido tão felizes! Nunca tinham podido satisfazer por tal forma a sua beatice! É que nunca, nas igrejas, se haviam assim enfiado as novenas e os tríduos, as preces e as cerimónias. De igual modo contentavam os glutões a sua gula, celebravam os bêbados o seu culto por Baco, — evoé!, evoé! — improvisavam os eloquentes as suas tiradas, os dançarinos matraqueavam toda a sorte de ritmos, e quanto aos namorados..., ai!, que melhor fariam os namorados do que aproveitarem-se da embriaguez coletiva? Esquecidos

por pais severos e velhas tias zeladoras, os namorados metiam-se em azinhagas floridas de madressilva, desapareciam sob as ervas mais altas dos campos, entranhavam-se nos mais folhados ramos das árvores... E, eram beijos e abraços, juras e risos, risos magoados misturados de voluptuosos gemidos, — a juventude é breve, mas poderosa enquanto dura! — dentro de alguns meses, quantas pobres virgens loucas se achariam iguais condições às da rainha! Só as suas cabeças não seriam cobertas de flores, como a da rainha uma vez que saíssem à rua...

Ah! Nunca se fora tão feliz no reino de Traslândia! Em particular, na sua capital. A vida era uma festa pegada; e uma prece contínua: Que viesse a salvo e fosse um menino! As saias são muito boas, sim! E que seria o mundo sem o delicioso farfalhar das saias? Mas um trono requer uns calções. Que viesse a salvo e fosse rapaz!

E veio a salvo. E era um rapaz. A noite de dores da rainha correu toda em preces públicas. Os templos ardiam de velas e regurgitavam de fiéis. Diante do palácio um mar de povo aguardava. E como, por certo, incomodaria a

padecente o marulho desse mar, toda aquela multidão esperava num silêncio impressionante e dramático. Sob a promessa de tal silêncio, gravemente feita por alguns dos mais populares homens-bons da capital, desistira a guarda de dispersar a multidão. E a multidão cumpria a promessa dos seus representantes. Informada do que se passava, a rainha chorara de ternura. Mandara, depois, dizer ao povo que se mostraria valente como qualquer uma das suas mulheres; e que estivessem descansados: dar-lhe-ia um homem!

Ora pela antemanhã, (é preciso meter aqui este parêntesis) ora pela antemanhã, um pouco antes dos últimos esforços da rainha, três velhas muito velhas saíram, ao mesmo tempo, de dentro desse mar de gente. Como se para elas não houvesse distância, quase imediatamente se juntaram numa clareira remota, lá onde acabava o parque do palácio e começava a floresta inexplorada. Em verdade se diria que um sinal só delas percebido as reunira. Hipótese, afinal, não tão inverosímil como à primeira vista se pudesse julgar, pois essas três velhas mais não eram que três bruxas. Vestiam largos capotes negros, de capuz

levantado talvez por via do fresco da madrugada. Mas do fundo do capuz, os olhos da primeira reluziam como topázios; os da segunda, como safiras; os da terceira, como esmeraldas. Lindos olhos em caras tão cheias de rugas, tão cor de pergaminho!... A bem dizer, porém, aquelas três bruxas eram três bruxas, mas sim três boas fadas, que poderiam tomar quaisquer outros disfarces. Tinham tomado aqueles disfarces apenas para que a sua beleza as não denunciasse. E também elas tinham vindo, e ali se tinham reunido, por amor ao herdeiro esperado.

— A prenda que lhe dou — começou a primeira, sorrindo com as falsas rugas da cara — é que tenha todas as qualidades que fazem um homem respeitado por outros homens: Será inteligente, valente, leal...

— A prenda que lhe dou — interveio a segunda, entremostrando um colar de pérolas entre os lábios murchos — é que tenha todas as qualidades que tornam um homem desejado das mulheres: Será belo, forte, másculo...

— A prenda que lhe dou — declarou a terceira, acendendo ao fundo do capuz os dois pequeninos faróis dos olhos — é que tenha todas as qualidades que tornam um

príncipe querido do seu povo: Será justo, generoso, enérgico...

— Parvas! — bradou uma voz que se diria vir de muito além, e já estava perto. Em volta, os ramos das árvores foram agitados como por um vento misterioso. As folhas secas levantaram-se do chão, rodopiaram um momento no ar. Uma onda de água, ao longe, parecia aproximar-se... As três boas bruxas compreenderam que estavam na presença do Espírito da Floresta, o qual rarissimamente costumava tomar forma visível. Para dizer falar verdade, só perante os vulgares humanos: Como o veriam estes de outra forma?

— Parvas! — disse a voz profunda e sarcástica — Estragaríeis o meu príncipe como fúteis mulheres que sois! Estragá-lo-eis de mimos! Pois a prenda que eu lhe dei é que tenha um defeito hediondo, capaz de corrigir todas as vossas prendas: Será um príncipe perfeito com orelhas de burro!

Palavras não eram ditas e uma violenta revoada de folhas levantou-se furiosamente no ar. Os braços mais baixos das árvores açoitaram o chão; fugindo, repetidas vezes o vento zuniu lamentoso de tronco em tronco e o fundo som da

água, ao longe, ecoou mais cavo, rotundo... Ao mesmo tempo, de vários pontos entre a cerração verde-negra da folhagem, corresponderam-se no ar uivos e gritos, ululos e bramidos, pios plangentes e cacarejos estralejando como risos sarcásticos e tristes. Era o Espírito da Floresta que se afastava de pouco bom humor, alvoroçando animais e vegetais.

E eis que um velho imponente, de olhos volúveis e com reflexos como os de lagos em que ora dá sol, ora sombra, poderia, à mesma hora, ser visto diante do palácio real. (Poderia realmente ser visto?... — pergunto eu). Era a hora em que repicavam todos os sinos dos templos, vibravam todos os clarins e trombetas do paço, e El-Rei se aproximava à enorme varanda de mármore para mostrar ao seu povo o filho recém-nascido. Uma aclamação reboou até aos céus como uma explosão gigantesca e prolongada...

Entretanto, o velho atravessara a multidão, passou entre os guardas, subiu escadarias, deslizou ao longo de corredores e salões. (Não o veriam os guardas, os lacaios, os cortesãos, as camareiras?) Grande era ele, e bem de se ver, com os seus braços e pernas iguais a troncos, a sua

barba que torrencialmente lhe inundava o peito e o ventre, a sua basta cabeleira revolvida como uma densa moita em que se encafurnam os ventos, as feições cortadas em angulosidades de rocha viva... E, apesar disso, era a sua figura invisível, pelo menos aos olhos comuns? Ou seria, antes, que o modo extraordinário de ser dessa figura tolhesse as palavras e os movimentos de todos? Eis o que, por uma deplorável ausência de informações seguras, torna-se-nos impossível explanar muito sobre o caso.

Uma pessoa, porém, viu-o nessa travessia até à câmara da rainha, — isso pode ser afirmado. E essa pessoa foi, nem mais nem menos, que Rolão Rebolão, monstro sem pernas que só andava como o seu nome indica — rebolando — e que exercia no palácio, simultaneamente, os cargos, se tal se lhes pode chamar, de bobo e poeta libérrimo. Coisa, aliás, não para estranhar, já que sempre tanto há de palhaço num poeta libérrimo, como de poeta libérrimo num palhaço.

Claro que ninguém, ao tempo, acreditou no Rolão Rebolão. Patranhar, fantasiar, fingir, não fazia parte dos seus ofícios? Mas nem por isso deixou Rolão Rebolão de

jurar ter tido tão estranho encontro, como de o identificar, não obstante várias diferenças aparentes, com quem depois veio a ser o aio do dito príncipe, — o que, evidentemente, pareceu o cúmulo da fantasia. Mais tarde, vários acontecimentos e circunstâncias concederam foros de autenticidade às declarações de Rolão Rebolão. Até alguns cronistas deram conta de tal visão nas suas narrativas, que por isso mesmo foram consideradas suspeitas pelos mais conspícuos membros da Academia de História. Pois não chegaram tais cronistas (e a despeito dos mais autorizados juízos dos críticos consagrados) ao excesso de afirmarem ser Rolão Rebolão um poeta estupendo e um vidente?

Ora estava Rolão Rebolão a improvisar no corredor um sibilino poema inspirado na sua visão, quando as camareiras que rodeavam o leito da rainha a viram tornar-se ainda mais pálida, escancarar uns olhos imensos, fitá-los na porta e, febrilmente, espetar os dedos nas roupas, forçando-se por se erguer-se. Todos os olhos das nobres criadas se voltaram igualmente para a porta. E nenhuma delas viu nada, nem ninguém... Aos seus olhos furtava-se a extraordinária presença que se revelara ao bobo sem

pernas. O parecer daquelas pobres nobres criadas era que ninguém abrira a pesada porta da câmara... Todavia, estavam todas arrepiadas. É que o rosto da rainha era sobrenatural. A palidez que lhe ficara da grande prova mudara-se para uma brancura de linho, de açucena, de mármore, que já não parecia ser uma criatura deste mundo. Os seus olhos continuavam imensos, como se tudo pudesse caber nuns olhos que, por maiores que sejam, são coisa tão pequenina! Os seus lábios tinham sorrisos longínquos, ora parados como os das estátuas, ora fugidios como reflexos; e mexiam, parecia, a medo, mexiam enquanto as suas mãos espalhavam sobre os lençóis esboços de gestos muito delicados, acompanhando as palavras mudas da boca. Parecia que a rainha via alguém que ninguém mais via. Conversava com quem mais ninguém ouvia.

Por fim, pediu em voz muito clara, natural, que lhe fossem buscar o marido e o filho e às camareiras que ficaram mandou que lhe trouxessem para cima da cama todo o enxovalzinho do recém-nascido. Assim esteve como afogada, sorridente, sob um montão de peçazinhas

enternecedoras, ridículas, preciosíssimas pela riqueza do tecido, dos bordados e das rendas.

Quando o marido chegou com o pequenino nos braços, acompanhado tanto do Físico assistente como de uma boa ama, escrupulosamente escolhida para cuidar do herdeiro do trono, pediu na mesma voz clara e natural que a deixassem só com os seus dois homens. As camaristas sorriram embevecidamente desta graça da sua soberana. O Físico recomendou que Sua Majestade não se cansasse muito. A ama atirou um beijo ao seu nobre menino. Todos se retiraram.

Só com o marido, a pobre mãe tentou reclinar-se na cama, puxou o filho a si, tirou-lhe a touca de rendas.

— Reparai... — disse ela poisando os dedos trémulos nas diminutas orelhas do pequenino.

Diminutas? O caso é que as orelhas do principezinho não eram diminutas! Eram, até, de tamanho pouco natural para um recém-nascido. Além de que não tinham bem o formato normal. Pois antes as diríamos pontiagudas, e com tendência a dobrarem nas extremidades...

Mas como dizer o pior? O pior é que as revestia um pelozinho escuro, quase basto, extravagante em orelhas de qualquer ser humano, e absolutamente incompatível com o arrepio de penugem fina, loura, que dourava a cabecinha mimosa.

O mísero pai não podia crer no que via! Como é que ainda não reparara? Como é que ainda ninguém reparara?... Mas não teria, ainda, reparado ninguém? Verdade seja dita, o principezinho fora logo todo enfardado em cambraias e rendas... O mísero pai não podia crer no que via! Quase com brutalidade as suas mãos convulsas arrancaram as rendas e as cambraias. O terror viera-lhe do medo de que o filho apresentasse ainda qualquer outra monstruosidade que ninguém tivesse notado. Mas não! Deus seja louvado, não! O menino era todo perfeitinho e robusto. Nada lhe faltava; nada tinha a mais. Só aquelas orelhas de bicho... Porque nisso não havia que duvidar: Com efeito eram umas orelhas de bicho, uma espécie de miniatura das orelhas de um pobre bicho muito conhecido, muito simbólico, — as orelhas do principezinho perfeito...

Quando, após um agoniado silêncio, ousou o rei levantar os olhos para a mulher, viu que também ela mal ousava levantar os olhos para ele. E as lágrimas corriam-lhe em fio pelas faces alvas, indo perder-se-lhe nas rendas da camisa não mais alva.

— Querida... — rouquejou ele numa espécie de soluço que, de súbito, lhe tomou a garganta como a pressão de uma garra. E, não podendo dizer mais, baloiçou o busto e bateu com os punhos cerrados no peito.

Continuava a não compreender o que se passava. Outro longo silêncio caiu, durante o qual só se percebia afastarem-se, longínquas e agora melancólicas, de uma terrível ironia aos ouvidos dos míseros pais, as aclamações lá fora. O bom povo retirava-se para deixar descansar a sua rainha. Mas não se retirava para dormir, não! A noite era de jubilosa vigília! Até dia claro, haveria festas e bailes. Só os pobres pais aclamados estavam ali, um diante do outro, sem ousarem olhar-se, mudos e angustiosamente constrangidos pela sua descoberta. Não!, não havia o que duvidar: o seu menino tinha orelhas que não eram de gente!

Que maldição pesava, afinal, sobre o seu amor que, depois de tanto tempo o ter condenado à esterilidade, o condenava agora a esse belo fruto gafado, a esse produto superior mas tocado de monstruosidade?...

Quando, porém, ergueu novamente os olhos, o pai encontrou os da mulher que já lhe não fugiram. As lágrimas continuavam a correr-lhe nas faces brancas mas nos seus olhos agora firmes, cravados nos dele como se comunicassem essa mesma firmeza melancólica e luminosa, é que havia certo resplendor já dele conhecido. Para além disso, reaparecera nos seus lábios uma réstia de sorriso sobrenatural!...

— Já sabia — disse ela — que o nosso filho seria marcado pelo destino. Só um sacrifício dele e um meu permitiriam o seu nascimento. Aceitei o dele porque me foi prometido que o seu destino seria grande... e sei que será grande... apesar de tudo! O meu, embora penoso agora, que poderia ser eu tão feliz, aceito-o gostosamente. Só me dói ter de vos deixar sozinhos, a ambos, sem ainda saberdes o que já eu sei...

Estendeu as mãos e apanhou nelas, apertando-a com paixão, a mão trémula do marido.

— Querida... — disse ele soluçando, porque, embora não compreendendo aquele novo mistério, sentia que ela lhe fugia.

De facto, a rainha estava morta. Morta com os mesmos olhos resplandecentes e calmos fitos nele, e a mesma réstia de sorriso sobrenatural na boca entreaberta.

Como a tiveram sempre coberta de flores enquanto foi velada, não era de admirar que cheirasse tão bem nas proximidades da sua câmara ardente. Sabe, porém, toda a gente que Rolão Rebolão não atribuiu às flores, mas sim ao próprio cadáver, esse aroma de violetas e lírios. A elegia em que nos diz isso anda hoje em todos os compêndios poéticos.

CAPÍTULO 3

COMO FOI SENTIDA A MORTE DA RAINHA, E DAS EXTRAORDINÁRIAS APTIDÕES QUE COMEÇAVA A REVELAR O PRÍNCIPE LEONEL

As suas exéquias foram magníficas. Todo o reino chorou a rainha que morrera para dar um herdeiro ao trono. Toda a gente deitou luto por ela como por uma pessoa de família. Mas a dor de toda a gente junta, não igualaria a do rei. Nos primeiros dias, ele ainda andou como não tomando verdadeira consciência da catástrofe. Não fosse o seu ar estranho, entre desorientado, espantado e emparvecido, dir-se-ia até que a viuvez o deixara relativamente frio... Ao cabo de alguns dias, sentiu que dificilmente poderia suportar a vida. Então, chegou a atentar contra ela.

Rodearam-no de cuidados e vigilâncias. Bem afortunado és, leitor, desta crónica, se ainda ignoras o que seja a saudade intoleravelmente minaz, o angustioso pasmo perante a realidade inaceitável, a impressão de solidão,

vazio, injustiça, que, ao fim de alguns dias, nos causa a morte de um ser bem amado. Ah, vê-lo só mais uma vez, ouvi-lo uma última vez, tocar-lhe uma vez mais, dizer-lhe tudo o que nunca se lhe disse, remediar todo o mal que se lhe fez!... Bem afortunado és, leitor, se, ao evocar um fantasma querido, tão presente e já vago, tão senhor da tua alma e, todavia, já esfumando-se nos pormenores físicos, não sentiste ainda o incompreensível, o cavo, o pavoroso, o gelado desta expressão: nunca mais!... E o tempo que tudo lima, até sobre o ardor destas chagas espalha a sua cinza. No lugar da carne viva, só fica um ponto mais sensível e uma cicatriz.

Como toda a gente mais ou menos simpatizava com o desespero do viúvo, (e não digo «mais ou menos» senão porque no reino de Traslândia, como em qualquer outro, gente havia de maior ou menor sensibilidade, faculdades melhores ou piores) toda a gente procurava consolá-lo, assistir-lhe, socorrê-lo; cada um à sua maneira (até os hipócritas, os secos, os aduladores, os espetaculosos....). Mas por mais maneiras que tinham as várias gentes de lhe mostrarem simpatia na dolorosa ocorrência, a que recebeu

melhor agrado, a que teve provas de maior eficiência, foi a de Rolão Rebolão! Pois nem por isso Rolão Rebolão se despendia em subtilezas de engenho para distrair o seu rei, ou excelências de retórica dialética para o confortar. O que fazia, afinal, Rolão Rebolão era deitar-se, como um cão, aos pés do monarca; e chorar quando ele chorava. A sua presença acabara por se tornar tão necessária ao pobre viúvo que, em não estando ele, El-Rei se mostrava mais inquieto, mais desesperado ou mais amargo; e com ele presente, sentia-se, ao mesmo tempo, tão à-vontade como sozinho, e tão acompanhado como efetivamente estava. O segredo disto era simples: Quem não sabia, na corte, que o monstro Rolão Rebolão, em geral tão sardónico e áspero com todos, concebera pela rainha Elsa uma profunda paixão sem ciúmes nem desejos... um desses raríssimos amores que a si próprios se bastam, e mais não pedem que a simples existência da pessoa amada? Só a dor de Rolão Rebolão poderia, pois, acompanhar e suavizar a de El-Rei. Algumas vezes os surpreenderam, até, falando o mais familiarmente possível da morta querida, como se um não fosse rei e outro um poeta maluco e aleijado, reduzido à condição de bobo.

Depois da companhia de Rolão Rebolão, a que mais aprazia ao rei era a do bom pajem Leonardo, afilhado que fora e protegido da rainha. Como seu afilhado protegido, Leonardo recebera uma educação que muito valorizava as suas aptidões naturais. Além de cantar com boa voz, bom gosto, justa expressão, Leonardo sabia ferir as cordas de uma harpa como se fizesse vibrar as próprias fibras de um coração apaixonado e melancólico, extremamente delicado. Muitas vezes, a meio das suas tenebrosas noites de insónias, mandava-o chamar El-Rei para que tangesse e cantasse. Leonardo tangia as cordas e cantava no silêncio da noite. Ouvindo-o, podia o rei sonhar com outros mundos em que certamente o esperava a rainha ausente. As suas lágrimas tornavam-se menos salgadas ou menos amargas.

E meses e anos rolaram sobre os acessos de desespero do nosso rei Rodrigo, sobre os seus abismos de abatimento. Dessa dor, como do tempo que sobre ela passara, havia agora mais rugas no seu rosto; mais cinza na sua cabeça; mais tristeza e doçura no seu olhar, no seu sorriso; mais caridade e cansaço no seu coração... Mas o viúvo já não pensava em matar-se. Aguardava serenamente a hora de se

ir juntar à companheira desaparecida. Entretanto, vivia pacífico, tinha muitos dias felizes, ou quase, e dedicava-se ao filho. Dedicava-se fervorosamente ao filho, tanto mais que o principezinho plenamente satisfazia o seu amor e orgulho de pai.

Sim, aos nove anos de idade já o príncipe Leonel tinha um desenvolvimento mental e físico absolutamente extraordinário. Maravilhavam-se os primeiros mestres da precocidade e viveza da sua inteligência, não cessando de profetizar nele um homem cujo nome ecoaria, um dia, em todo o mundo, para além de aclama-lo como um soberano que faria qualquer reino da terra invejar o seu pequeno mas encantador estado. Bem certo, como toda a gente sabe, que a grande maioria dos mestres de qualquer príncipe não pecam por serem demasiado parcos, junto dos monarcas pais, em tão lisonjeiras profecias. Ora se a qualquer coração paternal são essas aceites, como as não julgarão devidas os grandes da terra aos seus preciosos rebentos?

Independentemente, porém, de quaisquer intuitos de adulação, eram tais profecias justificadíssimas no caso

presente. Era impossível não admirar a agudeza, o senso, a intuição, a clareza, o vôo já revelados em quaisquer sentenças e respostas daquela criança! E o mais admirável era que não só para as belas-letras, belas-artes e ciências manifestava o pequeno disposições excecionalíssimas. Também em todos os jogos, brincadeiras ou trabalhos físicos, desenvolvia uma agilidade inultrapassável, um à-vontade estupendo. Se há tantas pessoas sem vocação para nada, (o que muito compreensivelmente as acaba por levar ao tédio da vida) vocação para tudo era a vocação do nosso jovem príncipe. Assim o seu corpo medrava em graça, robustez, beleza, na medida em que prematuramente desabrochava o seu espírito em penetração, riqueza e curiosidade. Que menos dizer do jovem príncipe senão que parecia vir a ser perfeito? Ou que a sua perfeição se tornava inquietante? Precisamente: inquietante! Certas velhas pessoas que a dureza da vida tornara azedas, desconfiadas, irremissivelmente pessimistas, retorciam um pouco os lábios hostis, ou abanavam agoirentamente a soturna cabeça em vendo a beleza do príncipe e ouvindo citar (quando, por qualquer modo, não era admitido a elas próprias a verificá-la) a sua anormal inteligência. «

Tal menino não é deste mundo!» — queriam dizer os trejeitos de boca e meneios de cabeça das melhores; (porque se pode ser azedo, desconfiado e pessimista, — não obstante, e ser fundamentalmente bom). Porém as más remoíam consigo: «Aqui há mistério! Neste garoto anda coisa!... Mas o quê?!»

CAPÍTULO 4

ONDE SE TRATA DA ESCOLHA DE UM AIO PARA O JOVEM PRÍNCIPE; EM VIRTUDE DO QUE É O LEITOR CONVIDADO A ACOMPANHAR O BOM REI RODRIGO, MAIS O SEU PAJEM LEONARDO, NUMA ESTRANHA EXPEDIÇÃO PARA LÁ DO PARQUE

Inicialmente só duas pessoas vivas conheciam o grotesco defeito de tal conjunto de perfeições: o pai e a ama. Confiado, como foi ao leitor, o mistério do nosso principezinho, bem poderá o leitor aventar que nos abatimentos, melancolias e meditações de El-Rei Rodrigo, após a morte da rainha Elsa, não houvesse só a profunda saudade desta, mas também uma angustiosa inquietação e perplexa amargura perante a monstruosidade do filho. Com a ajuda, porém, da boa dona que o aleitara e depois ficara sempre ao seu lado, bem conseguira, até então, o pobre pai, que o próprio principezinho ignorasse a sua ignomínia. Dada a estranha precocidade, a viva curiosidade e a aguda inteligência de Leonel, tal não fora fácil.

Talvez nem seja isso explicável senão por nova interferência do sobrenatural. Mas o que acontecia, porém, era de o príncipe estar com a ama sempre ao seu lado enquanto crescia, que lhe vigiava os passos e que lhe coordenava as ações, mesmo as da sua perpétua intimidade. No entanto, como foi dito, o príncipe revelara-se em tudo muito precoce e não tardou nada até que o seu gentil corpo de infante se tornasse num robusto e perfeito corpo de homem. Acrescia que, se a presença da ama podia continuar a convir para dar ao órfão a ternura maternal que lhe faltara, a presença de um preceptor não seria menos conveniente. E não urgia prepará-lo para vir a ser homem e rei?

Eis como foi preciso introduzir uma terceira pessoa no triste segredo: o aio de Leonel. De onde viera tão exótico vulto ou quem realmente fosse, ninguém o sabia. Mas os novelistas e cronistas averiguam muito do que antes deles se desconhecia. Alguma coisa ficará o leitor a saber, ou a entrever, desse misterioso personagem, em se dando ao trabalho de continuar a ler esta honesta crónica.

Uma tarde, andava o triste pai perguntando-se quem apresentaria o composto de virtudes necessário a um bom aio do príncipe, quando teve o seguinte sonho: Sonhou que estava sentado no jardim, (como em verdade estava ao adormecer), pensando no que dia e noite o preocupava agora: a escolha do aio. Percorria, em espírito, os nomes de todas as individualidades mais em destaque na corte. Mas nenhum nome o contentava. Um era demasiado ambicioso, outro um intriguista, aquele um hipócrita, estoutro um amoral, essoutro um fútil, aqueloutro um avaro... Não sem razão concluía o rei que nem sempre o valor moral acompanha um certo brilhantismo intelectual ou mundano e que são, precisamente, os mais destituídos daquele valor, embora revestidos deste brilho, os mais pressurosos em torno dos reis, dos chefes, dos poderosos, das autoridades, do Estado... Para ascender ao poder, não vendera um a mulher ou a filha, não atraiçoara outro os camaradas, não renegara outro todas as suas amizades e convicções, não haviam lambuzado quaisquer uns as mãos e os sapatos dos mais altos?

«Corja!»(*) pensava o rei no seu lúcido sonho. Porque, se a maioria dos sonhos se caracterizam pelo revolver, sim, de coisas profundas, mas através das mais inesperadas e caóticas imagens, este sonho do rei foi tão luminoso, decorreu tão bem ordenado apesar da intervenção do mistério, que, mais tarde, chegou o rei a pôr em dúvida que tivesse, na verdade, sido um sonho, confundindo-o, na memória já cansada, com a realidade do dia seguinte.

[(*) Corja: calão para bando de bandidos, malfeitores ou criminosos]

«Corja!» pensava, pois, o rei no seu lúcido sonho. E a verdade é que nunca, desperto, vira tão claramente como via agora, sonhando, serem a ambição e a vaidade os principais motivos de ação dos seus ministros, conselheiros, governantes, delegados, secretários; apesar de encobrirem todos a ambição, o egoísmo e a vaidade sob esplêndidas capas de ideais eternos. Como entregar a tais homens o filho amado? Como confiar deles a desgraça do principezinho perfeito?... Qual deles não especularia com ela? Decerto os grandes ideais eternos com que tais

palhaceiros mascaravam os seus apetites e trampolinices, existiam, realmente, na aspiração de certos espíritos e corações. Homens haveria ao fundo de uma cela, de um casebre, de um gabinete, de uma aldeia perdida, talvez de um cárcere, para quem a Justiça e o Amor, a Caridade e o Bem Comum, eram mais do que ornamentos de discursos ou disfarces da cobiça. Mas como ir encontrá-los? Como poder reconhecê-los um pobre rei ao mesmo tempo tão impado de poder e tolhido de movimentos?

Ora estava o pobre rei assim a refletir através do seu lúcido sonho, quando, de súbito, se sentiu envolvido por um luar que baixara. Só então reparou que anoitecera. Mas anoitecera enquanto estivera a meditar. Ergueu os olhos para ver de que lua descera inopinadamente aquela fria claridade... E, sem querer, levantou-se com um grito estrangulado, porque a rainha morta estava diante dele. Morta!? Na verdade, não podia ele agora crer que alguma vez ela tivesse estado morta!, morta a valer. Antes lhe parecia que voltava de uma longa viagem; ou, então, decidira mostrar-se, depois de ao seu lado ter vivido invisível.

Como um impulso de amor o quis atirar logo para ela, o fantasma recuou com os olhos astrais fitos nele e um dedo hirto nos lábios. E o rei reconheceu tratar-se de um fantasma, porque, recuando, ela atravessara o tronco da magnólia que passava através dela como de fumo. Nem por isso deixava de a ver como se tivesse corpo material. Então ela, estendeu-lhe a mão, acenou-lhe que avançasse; e ele meteu-se a caminho, levado por essa mão cujo contacto não sentia nos dedos.

Para a sua guia, era o caminho fácil. Mas ele tinha de avançar com grande prudência, tateando o ar com a outra mão, pois a cada passo se lhe eriçavam à frente ora escarpas de rochas agressivas, ora troncos gigantes mais largos que os seus braços abertos, e cujas copas tapavam as estrelas. Sem saber como, achava-se já muito para lá do parque do palácio. A ilumina-lo, não havia senão o alvor azulado que o fantasma ia esparzindo numa área de alguns passos. Inútil prudência aquela sua! Bem adivinhava que tantas cautelas impacientavam a companheira. E, tendo ele próprio grande pressa de chegar, não sabendo embora aonde, fechou os olhos. Começou a correr, sempre levado

pela mão espectral que parecia ir voando. E o caso é que ou se desviavam dele, agora, as arestas dos penedos e os monstruosos caules das árvores, ou também já ele os varava, como se também o seu corpo tivesse deixado de ser matéria. Para além disso, já nem se sentia trilhar ou roçar o chão. Era como se fosse a correr, pairando no ar, acima do solo.

«Morri!» pensou. Mas nem terror nem espanto lhe causou a ideia de ter morrido. Deixava-se voar, abandonado àquela impressão de inefável facilidade. De vez em quando, entreabria as pálpebras. E mais adivinhava do que via desfilarem confusamente, a seu lado, labirintos de árvores e arbustos, massas de rochedos, emaranhados liames de trepadeiras seculares. Sabia que estava muito longe do palácio, lá onde se prolongam terrenos inexplorados e florestas virgens mas que, como tanta vez sucede em sonhos, essas terras eram simultaneamente elas próprias e outras. De vez em quando, agora, clareiras nuas desabrochavam naquele tenebroso dédalo de troncos, galhos, rochas, trepadeiras... Então, sentindo através das pálpebras que ia atravessando regiões mais claras, abria os

olhos. Via as estrelas a tremer no fosco azul-negro das imensas alturas. Tornava a deixar cair as pálpebras com voluptuoso abandono. E já nem tinha pressa de chegar, quando, sem querer, estacou súbitamente. Olhou em volta como quem desperta, voltando-se para onde julgava estar a sua guia. Ela apontava-lhe qualquer coisa ao fundo da clareira, porque estavam numa clareira aonde já chegava muito bem o frio e o baço alvor da madrugada. Ao fundo, vagamente, descortinava-se um muro pedregoso com uma porta, um buraco, um telhado talvez de troncos e galhos secos. Tudo parecia mergulhado num silêncio, num sossego, uma eternidade de outro mundo. Sem que ele propriamente soubesse o que perguntava, ou ao que ela respondia, os olhos dele interrogaram Elsa. Ela acenou-lhe que sim com a cabeça. Depois, ergueu o dedo hirto aos lábios, outra vez, com os olhos resplandecentes postos nele, e começou a adelgaçar-se, a rarear, subtilizando-se como um fumo que se perde, acabou por desaparecer de todo.

— Elsa! — gritou ele a chorar. Mas, nesse mesmo momento em que sentia mais agudo o sofrimento de segunda vez a perder, (mesmo que soubesse agora que

nunca, em absoluto, a perdera ou a perderia, pois ela vivia em qualquer parte simultaneamente longe e perto dele), — sentiu também uma espécie de inquietação, de pressentimento, de suspeita sobre a realidade material do que lhe estava a acontecer... Não iria despertar?

De súbito, compreendeu quase claramente que toda essa noite não passava de um sonho. Tudo um sonho de que ia acordar daí a pouco, de que até já estava a acordar... Antes, porém, desvendaria o mistério daquela aparição, daquela jornada através do negrume, daquele muro com aquela porta e aquele buraco. Desatou, então, a correr em direção ao casebre, que, de repente, aumentava e corria também para ele... Mas a penumbra enrodilhou-se-lhe nas pernas. A noite que ainda havia no coração da floresta parecia ter invadido a clareira para o impedir de chegar. "Elsa!" — gritou ele esbracejando com as trevas. E acordou.

Acordou. Continuava, claro, no jardim, deitado na sua comprida cadeira de sesta. Não devia ter dormido mais que meia hora. Tudo, em redor, pairava numa tranquilidade que lhe pareceu anormal. Os braços da magnólia abrigavam-no do sol e, por estar na sombra, ainda lhe pareceu mais

estranho, depois do seu sonho, aquele sol que tornava transparente, dourada e levíssima a folhagem dos arbustos à volta do lago. Um cisne deslizava lentamente, como num devaneio, sobre o cristal da água imóvel. Um zumbido de insetos passou no ar; depois, o silêncio recaiu mais profundo. Mas se as impressões deste momento se incrustaram assim na memória do rei, é que, posto havendo tido, desde o dia em que empreendera a rainha Elsa o seu enigmático passeio para lá do Parque, iniludíveis rebates do sobrenatural, nunca tivera, antes, uma tão completa sensação do mistério que nos cerca. Os seus olhos procuraram então as primeiras árvores do Parque. Eram tílias cuja folhagem também o sol tornava agora transparente e dourada, a pontos de menos parecer folhagem que uma delicadíssima chuva de pétalas, imobilizada ao cair. Para além dessas tílias, esguios eucaliptos havia de tronco cinzento claro, pincelado de farripas de casca. Depois, espraiados e majestosos plátanos de folha esbicada. Depois, cedros verde-negros de países longínquos, pinheiros mansos de copa bela... E, depois, um cada vez mais cerrado emaranhamento de árvores e

arbustos de toda a casta. E depois? E depois do depois? E para lá disso?...

O rei não podia esquecer que adormecera a pensar em quem seria o aio do príncipe; e que todo o seu sonho — embora não soubesse explicar como — se relacionava com essa preocupação. Veio a noite, e toda a longa noite velou, preso às mesmas preocupações. Ergueu-se ao dealbar da madrugada. Vestiu-se como quando ia à caça; escolheu para o acompanhar o pajem Leonardo e, avisando que se não alarmassem com a sua demora, pois sabia que voltaria são e salvo, lá se embrenhou no Parque, tal como um dia se embrenhara a rainha Elsa.

Claro que os ministros, os familiares e os cortesãos, ficaram a murmurar esse capricho do rei. Todos suspeitavam que o rei seguisse para lá do Parque. E teria Sua Majestade o direito de arriscar uma vida que lhe não pertencia, aventurando-se àquela região sinistra, que verdadeiramente ninguém conhecia, mas todos imaginavam estar povoada de feras, monstros, espíritos malévolos, criminosos fugidos à justiça, evadidos das masmorras... sabe-se lá? Porém o que em verdade provocava tais

murmurações não era temerem os cortesãos pela vida do rei ou pelo bem da pátria. Rarissimamente, como toda a gente sabe, é esse o motivo íntimo das censuras dos cortesãos. O que os enraivecia era desconhecerem os intuitos ou razões de El-Rei em tão singular passeio. E não só isso os enraivecia como vagamente os atemorizava, não pela cara régia pessoa, mas pela sua caríssima própria. Quem muito esconde dos seus verdadeiros actos e intenções, a propósito de tudo e nada se teme de haver sido descoberto.

Ora também toda a gente sabe (ou, pelo menos, o compreenderá com facilidade extrema) que todos os cortesãos têm muito a mascarar dos seus verdadeiros actos e intenções; especialmente, perante o senhor cortejado. Eis que os mais coscuvilheiros ou receosos chegaram, pois, a subir à Torre, aproveitando a sesta do sapiente astrónomo-astrólogo Futurus, para, de lá de cima, tentarem seguir, por meio de óculos e binóculos de grande alcance, a jornada de El-Rei através do parque e da floresta. A essa hora, porém, onde estariam o rei Rodrigo e o seu pajem Leonardo? Nem óculos nem binóculos do melhor alcance lograram mostrar

qualquer indício da sua passagem. Nisto, acordou o sapiente astrónomo-astrólogo Futurus. E como não tinha papas na língua, era temido por o tomarem como um verdadeiro mago e dispunha ainda de valentes músculos não obstante as barbaças cinzentas, não esteve com grandes meias medidas para fazer passar aos andares de baixo os invasores do seu antro de estudos.

Precisamente a essa hora, para lá do Parque, ia El-Rei chegando a um sítio de quase medonha beleza selvagem: todo era como um eriçado de catos monstruosos, ásperas colunas de rochas truncadas e arbustos que, ao mais leve respirar do vento, brandiam os espinhos agudos e em riste como floretes.(*)

[(*) Espada cuja lâmina é fina. Atualmente usada no desporto de esgrima.]

— Senhor... — suspirou o pajem parando.

O rei voltou-se e ainda o viu estender as mãos como para agarrar qualquer coisa, depois oscilar sobre os joelhos que dobraram e lhe deram com todo o corpo no chão. Havia ali

perto uma fonte que espirrava água das pedras. O bom rei Rodrigo apanhou uma pouca de água na concha das mãos sobrepostas, e com ela borrifou o rosto sem cor do pajem.

Quando recuperou os sentidos, o pajem Leonardo, que era extremamente sensível, recomeçou a tremer.

— Senhor... — disse ele em voz sumida, sempre branco como um sudário (*) — Tenho que vos dizer que vi um fantasma atravessar as rochas...

[(*) Um Sudário é um pano de linho que antigamente se usava para limpar o suor. Também serviam como mortalha em tempos antigos. O mais célebre é o Sudário de Turim — uma relíquia cristã que supostamente teria envolvido o corpo de Jesus Cristo, sepultado após a sua crucificação, e que teria ficada aí a sua representação nessa altura.]

— Mais merece a pena ter medo dos vivos que dos fantasmas — disse o rei tranquilamente. — Não te julgava tão medroso!

Mas sabia que, embora extremamente sensível, o seu Leonardo era corajoso como todos os que são simples, bons

e jovens.

— Senhor, tenho que vos dizer que esse fantasma se parecia… tinha muito ar de…

Profundos e abertos, os olhos de El-Rei Rodrigo estavam cravados nele com uma fixidez autoritária.

E devagar, sempre sem desviar os olhos fascinantes e fitos, o rei ergueu um dedo hirto aos lábios.

Em virtude desse olhar, desse gesto, nunca o pajem Leonardo disse a ninguém ter visto um fantasma na floresta. Quem esse fantasma lhe parecera, nem a si próprio o ousava confessar.

— Vamos almoçar — disse o rei passados uns minutos. — Esqueci-me de que há muitas horas não comemos! E estamos sem forças.

Depois acrescentou como se escarnecesse, embora carinhosamente:

— Quando se está sem forças, é facílimo ver fantasmas…

Sabia agora que secreta e extraordinária afinidade sempre o ligara àquele rapaz: O raro dom de ver espíritos

não pode deixar de profundamente irmanar os que o possuam. Simplesmente, há íntimas e quase temíveis relações sobre quais é doce, além de conveniente, baixar um entendimento silencioso.

Leonardo trouxera um esplêndido farnel para ambos, além de uma lanterna para o caso de lhes anoitecer o dia no caminho. Assim o determinara El-Rei. Comeram e beberam de gosto. Sentiam-se tão companheiros (embora respeitosos) e tão à-vontade um com outro, como se El-Rei não fosse rei e o pajem um seu servo. Para além disso, era à-vontade que vinha de há anos.

Realmente, já há várias horas que marchavam. Há muito que haviam deixado os geométricos trilhos e bem tratadas árvores do Parque, embrenhando-se em labirínticos becos onde escassamente chegava um ou outro raio de sol. Esse mesmo, só escorregando ao longo dos troncos, por entre confusos festões de galhos, verdura, cachos de flores selváticas; ou a custo peneirando a sua luz dourada na rede dos filamentos e folhagens miúdas das trepadeiras. Após estes lugares agrestes, mas quase amenos, atravessaram outros muito diferentes. Normalmente quando era preciso

seguir veredas que caprichosamente coleavam sob o sol a pino, desenhadas pela simples natureza em terrenos de lodo espapaçado, movediço, para logo adiante se afundarem, em águas noturnas e subterrâneas, sob altas moles de rochedos desabando uns contra os outros.

Como toda a gente, ouvira Leonardo falar no passeio da rainha Elsa para lá do Parque. «Teria ela ousado, de verdade, arriscar-se nestas regiões temerosas?», pensava ele agora. E de cada vez que evocara essa lendária jornada da rainha morta, sentira Leonardo um prolongado arrepio mais interior que da carne, acompanhado de uma espécie de inquietação não sabia porquê, de pressentimento, ou suspeita, não sabia de quê... Felizmente, El-Rei parecia conhecer muito bem tais paragens! Rompia sem a mínima hesitação por semelhantes caminhos, como seguindo um guia invisível; o que, simultaneamente, assombrava o pajem Leonardo a ponto de lhe provocar um acréscimo de terror (pois como os puderia conhecer El-Rei...?) e lhe dava a confiança de quem segue um piloto experimentado. A par do seu senhor, agora, e depois da sua visão, depois daquela misteriosa imposição de silêncio do rei, nem sabia o pajem

Leonardo que pensar! Mas pensava, ou sonhava, muitas coisas em que pressentia uma verdade esquiva mas real, mais real que todas as verdades palpáveis... Assim o seu senhor e ele estavam lado a lado, familiares mas graves, tendo comido com satisfação porque os seus corpos requeriam forças, mas vivendo uma vida que transcendia a dos corpos.

— Vamos! — disse o rei ao cabo de um longo silêncio. Antes de recomeçar, porém, ajoelhou e concentrou-se uns momentos. Entendendo que o seu senhor agradecia à Divina Providência quer terem chegado até ali sãos e salvos, quer por terem restabelecido forças, Leonardo fez o sinal da cruz e fingiu que também orava. Fingiu... é o termo certo, porque nem com palavras nem mentalmente poderia Leonardo coordenar qualquer oração. O seu simples estado de espírito é que era, ao mesmo tempo, um apelo e uma ação de graças.

Posto isto, recomeçaram a andar. Ladearam as rochas, esquivaram os acúleos dos arbustos mais agressivos, passaram, quase de rastos, sob moitas de catos que mais semelhavam inquietantes simbioses de flores e faunas

desconhecidas. Acharam-se, então, perante uma densa floresta de árvores que não saberiam classificar, mas lhes lembravam gigantescos pinheiros, em cuja rama o vento desferia uma contínua toada saudosa e perturbadora, prolongada para lá até onde o ouvido podia ir.

— Senhor... — disse o pajem Leonardo recomeçando a tremer. Já antes, através das selvas deixadas atrás, lhe parecera ouvir lamentosos uivos de feras.

Lá conseguira animar-se, esforçando-se por os supor alucinação; (embora as lendas que envolviam aquelas paragens o não deixassem repousar tranquilo em tal hipótese). Agora, não tinha dúvida: lamentosos uivos de lobos e sarcásticos e arrepiantes pios de aves cortavam, de tempos a tempos, o silêncio não menos pavoroso daquela cerração de troncos. Dela vinha, ainda, um sopro que não parecia vento, mas antes um bafo tumular, gelado, que batia na cara de Leonardo como se ele estivesse no limiar de outros mundos, onde se respirasse outro ar...

El-Rei, que marchava um pouco à frente, voltou-se para o pajem.

— Canta! — disse-lhe — Cantar espanta o medo. E não tenhas medo, porque há quem nos proteja.

— Bem sei... — respondeu muito no fundo de si o pajem Leonardo. E, tremendo ao atravessar aquela floresta onde fazia eterna sombra, ergueu a voz para evocar as suas praias cheias de sol. O pajem Leonardo passara a primeira infância em terras à beira-mar. Nas suas cantigas chorava a nostalgia dos areais rasados de estendais de espuma, fazendo faiscar ao sol imensas superfícies que a água, ao retirar-se, lamina. E o rítmico vaivém das ondas e a sua merencória e adormecedora cantilena também ecoavam nos versos do pajem Leonardo. Era por elas que El-Rei mandava-o chamar em noites de insónias, e o fazia cantar; embora não soubesse bem que era por isso.

Tremendo através daquela floresta onde fazia eterna sombra, o pajem Leonardo ergueu a voz fina e trémula, nostálgica... voz que, de repente, se lhe enrodilhou na garganta, porque uns dedos de ferro o pareciam afogar; e o pobre pajem ansiava e soluçava, pedindo a Deus que o deixasse acordar daquele sonho ora demasiado belo ora demasiado terrível, superior às suas forças. Do tenebroso

coração da floresta, em frente, vinha agora um espantoso sonido como de grandes quedas de água distantes, ou montanhas de vagas que avançassem, rolando, para subverter o mundo. Talvez mais não fosse que o som do vento a repercutir, de copa em copa, no cimo das árvores. Mas a imaginação de Leonardo estava sobre-excitada, e ele a ponto de não respirar, não sentir, não palpar senão o mistério à sua volta. Na verdade, apesar de uivos e pios, ainda não vira feras nem aves sinistras. E de bandidos fugidos à justiça, evadidos das masmorras, etc..., nem sinais. Talvez essas não fossem, porém, senão materializações grosseiras do espanto, do terror, do mistério, que sempre a intuição popular pressentira pairar nestes lugares incógnitos...

— Estamos a chegar! — disse o rei voltando-se. Mas viu que o seu pajem parara de novo, com os olhos espantados; de novo ia desfalecer. Agarrou-o pela cinta, encostando-o ao seu ombro e, arrebatando-o consigo, correram juntos. Leonardo entrecerrara as pálpebras, deixava-se levar. Assim várias vezes torceu por atalhos que nem via, admirado com a facilidade, a confiança e ligeireza que o

contacto do seu senhor lhe comunicara. De súbito, sentiu-se parar, travado pelo companheiro. Abriu os olhos. Uma vasta clareira espraiava-se diante deles, toda aberta ao sol que ainda brilhava muito acima dos arvoredos. Como era possível tanto sol?! Dir-se-ia terem transposto léguas em muito pouco tempo, (para além de que, pensava Leonardo, outros quaisquer gastariam vários dias nas distâncias que, sem saber como, eles faziam em horas ou minutos) pois de outra maneira não teria explicação um sol ainda tão alto. Só era um sol demasiado claro, e, embora intenso, frio como o luar, ou o sol de certos entardeceres de Inverno. Mais parecia uma iluminação artificial ou sonhada do que a mera luz natural do dia. Talvez, porém, só resultasse tal impressão quer da imaginação de Leonardo, quer de ser o chão todo de areia fina, muito limpa, que parecia reverberar. Não havia nenhuma pegada nessa areia; nenhum sinal de já ter sido pisada.

«Os espíritos não devem ter peso...» pensou Leonardo.

Ao fundo da clareira, contra um renque de árvores que, possivelmente, iniciariam novos e sempre mais fechados bosques, uma choupana debuxava-se com o telhado de

palhas e galhos, os muros de toscas pedras sobrepostas, e um postigo e uma porta meio abertos.

— Espera-me aqui — disse o rei ao companheiro. — Canta se tiveres medo...

Nem uivos de feras nem zoadas de águas longínquas interrompiam agora o silêncio sobrenatural. O rei adiantou-se, devagar, sob a areia fina e fofa.

Com um sobressalto íntimo, o pajem Leonardo reparou que também, sob os passos do rei, nenhuma pegada ficava no chão, como se também El-Rei seu amo se reduzira já a puro espírito. Então, fina e trémula, a voz do pajem Leonardo ergueu-se a chorar no silêncio solene. É que, para além do mais, vira novamente o fantasma da rainha Elsa pairando à frente de El-Rei, por isso pôs-se a cantar para afugentar o pavor (um religioso pavor) para dissipar tais alucinações, se o eram. Bem sabia que não eram. Pensava, com ternura e respeito: «Minha madrinha! Minha madrinha...!». Mas a sua receosa cantiga perdeu-se, estrangulada no ar, como se aquele ar a repelisse. O pajem desistiu de cantar e, rezando, olhava. Como explicar o que se dera? Posto nenhum som de palavras houvesse a vibrar

no ar, Leonardo ouvira perfeitamente o fantasma da sua madrinha, a rainha Elsa, dizer-lhe de longe: «Por que tens medo, afilhado?».

À porta da choupana, o espectro desvaneceu-se. O rei chegou, e entrou. Um gigantesco vulto de homem estava sentado num banco, com um grande cartapácio (*) aberto sobre as mãos ambas. Sentado, as barbas brancas revoltas inundavam-lhe os joelhos como a espuma do mar inunda as rochas.

[(*) Grande livro antigo e em mau estado; calhamaço]

Devagar, levantou a cabeça do livro e os seus olhos, de um azul quase branco, poisando e demorando nos do rei, impediram-no de dizer qualquer palavra. Como se fosse da mais elementar pragmática, nem esboçara um gesto para se erguer à entrada da trémula Majestade; em vez disso parecia ser a trémula Majestade que se mostrava tentada a dobrar o joelho.

— Sei ao que vens — disse o gigantesco velho em voz grave e tom quase sarcástico. — O principezinho perfeito com orelhas de burro precisa de um preceptor em condições...

Do mais que se passou entre o bom rei Rodrigo e o Homem da Floresta, bem como o seu regresso ao palácio com o bom pajem Leonardo, pouco poderia um cronista dizer. Bem certo que muita coisa sabem (ou adivinham) os novelistas e cronistas — privilégio que, por vezes, os torna perigosamente indiscretos. Não esquecer, porém, que só Deus sabe tudo. E o certo é que, a despeito de todos os seus esforços para se recordarem, o próprio rei e o próprio pajem esqueceram-se depois de várias passagens, talvez muito importantes, da sua singular expedição.

CAPÍTULO 5

ONDE SE AFLORA UM PROBLEMA CAPITAL QUE É POSTO DE PARTE E COMO FOI RECEBIDO O AIO DO PRÍNCIPE

Ora não teria sido tudo um simples sonho do rei? Não teria ele sonhado que despertara, realizando e completando, desperto, o que sonhara inicialmente? E não teriam sido ambas as coisas duas partes do mesmo sonho?

Impossível! Não pode quem sonha ficar a ser o próprio e entrar, ao mesmo tempo, na alma e pele dos personagens com quem lida. Ora ainda há pouco estivemos no íntimo do bom pajem Leonardo.

Teria sido, então, um simples sonho de Leonardo? Menos possível ainda, e por idênticas razões. Porque não admitirmos, então, que o bom rei Rodrigo e o seu pajem Leonardo tivessem sonhado um com o outro, na mesma noite, sobre o mesmo motivo, conjugando-se os dois sonhos no sonho atrás narrado?

Embora extravagante, a hipótese fora plausível. Mas quem teria, então, sonhado esse duplo sonho, na realidade da sua conjugação? Além de que vários factos bem reais se deram depois — estes perfeitamente autenticados — que não teriam explicação sem os arcanos da jornada do rei. Quanto a essa jornada, (pelo menos, à partida e chegada) não fora ela testemunhada por tantos senhores da corte? Teriam sonhado todos? Oh, é impossível penetrar no que só Deus sabe! Na realidade, que sabemos do mistério em que nos movemos? Quantas vezes não julgamos ter sonhado e acordado, quando, afinal, vivemos? Quantas vezes não julgamos estar a viver quando, afinal, só estamos a atravessar um sonho de que nos não sentiremos acordar? E quem sabe se toda a própria vida não é um simples sonho? Um sonho de que despertaremos no que chamamos de morte?

O mais sensato é acabar com conjeturas que insensivelmente nos atrairiam às regiões confinantes da loucura lúcida — a mais terrível. Limitemo-nos, pois, à nossa história, segundo a pôde esmiuçar o cronista nos verídicos documentos consultados.

No dia seguinte um homem apresentou-se no palácio a oferecer-se para aio do príncipe. Grande arrojo, não é verdade? Tanto mais que ninguém sabia quem era. Tão pouco de onde vinha. (Ninguém?...) Pois o caso é ter sido aceite após uma curta conferência secreta com o soberano. Como era de esperar, houve ansiosa curiosidade! E um grande escândalo na corte! Cada um dos ministros mais válidos, dos conselheiros mais egrégios, dos cortesãos mais em destaque, se julgara, nos refolhos das suas consciências, destinado à honra de preceptor do príncipe. Como não conviria mostrar o despeito próprio, cada um deles se manifestava, agora, surpreso, diga-se até indignado, por não haver recaído a escolha de El-Rei sobre o sábio Fulano ou o ilustre Sicrano. Assim desafogava o despeito próprio, à conta de um louvável despeito altruísta pelas ofendidas virtudes de outrem.

Eis como, reconhecendo, embora, ser ele próprio, Froilão, quem de toda justiça estava indicado para aio do rei futuro, se inflamava o ilustre Froilão sustentando que, a existir na corte um sábio como Filinto, inexplicável era ter El-Rei preferido um anónimo que viera ninguém sabia de onde,

ninguém sabia com que habilitações... Só entre os mais íntimos se permitia Froilão insinuar que não basta a ciência para fazer um bom aio. De si para si, pensava que toda a sabedoria de Filinto era estéril, falsa, — e Filinto um jarreta. Por sua vez não se poupava Filinto a publicamente reconhecer os evidentíssimos direitos de Froilão, ousando até falar em leviandade a propósito da estranhíssima escolha de El-Rei. Só os mais chegados poderiam ter ouvido Filinto sugerir que nem sempre a celebridade de um homem público se justifica por autênticos méritos. Pois o que Filinto pensava com os seus botões — é que não passava Froilão de um cabotino, de um devasso, de um trampolineiro, a essas imoralidades bem aproveitadas devendo o seu triunfo. Entre o notável Rolando e o discreto Marçal ou o proficiente Rosendo, se dava exatamente o mesmo jogo; como entre vários dos mais distintos nomes do reino. E nas mesas das bodegas, nos mictórios, na cal dos muros, apareceram vivos e sujos epigramas que envolviam ou sugeriam os nomes do ilustre Froilão, do sábio Filinto, do notável Rolando, do discreto Marçal, do proficiente Rosendo... O povo é que mais ou menos os conhecia a todos pois muitas vezes fora a sua gasta passadeira. Por isso

regalava-se com os ver preteridos, e murmurava: «Qualquer um será melhor do que estes! Quem sabe? Pode ser que o rei tenha acertado...»

Ao cabo de uns meses, reconheceram os nobres senhores que de nada lhes serviria maldizer a escolha de El-Rei. A verdade é que nenhum indício apontava no rei arrependimento da sua escolha, muito pelo contrário. Sua Majestade não perdia ocasião de testemunhar ao Aio do filho a mais larga confiança e subida estima, prestando-lhe honras verdadeiramente insólitas (ou verdadeiramente escandalosas, no secreto ou já só cochichado parecer de tais nobres senhores). Tão pouco parecia o Aio temer, sequer um momento, a hostilidade fosse de quem fosse! Bem assente, e sempre crescente, a sua extraordinária influência quer sobre o pupilo quer sobre o soberano, vivia aquele estupendo homem no palácio com o inteiro à-vontade de cada um nos seus aposentos mais íntimos. Notara-se, ou suspeitara-se, a invejosa reprovação dos que muito antes dele aí viviam; dado que, resolveram os murmuradores mudar de tática: Em comum acordo, (posto logo compreendesse cada um o jogo dos outros com um

raivoso sentimento de estar a ser burlado ou plagiado) todos empreenderam adulá-lo. Ora nessa arte, eram eles mestres! Desde a impúdica e brutal bajulação à mais refinada, subtil, delicada subserviência, qual deles não conhecia a fundo todos os botes dessa arma tão vulgar como poderosa, como perigosa? Qual deles não se exercitara, em primor, em atingir esse calcanhar de Aquiles de todos os homens: a vaidade ou o orgulho? Dir-se-ia, porém, ser o estranho homem exceção única: Não tinha o calcanhar! A adulação resvalava pela sua indiferença como resvalara a maledicência, a inveja, a inimizade... E o caso é que todos se assarapantavam — os seus inimigos e aduladores — quando o diabólico desconhecido os fitava com os olhos quase brancos — nítidos e redondos — olhos que pareciam já nada olhar da superfície por tudo verem do fundo. Tais olhos bastariam para infundir desconfiança e respeito, distância e pavor, mas o sortilégio de tal figura relacionava-se ainda com a sua estatura gigantesca, as suas barbas que lhe chegavam ao baixo-ventre, e a justeza infalível, insuportável, das suas aliás bem raras palavras.

Justeza? As maioria das vezes, sim. As restantes das vezes tinham as suas respostas uma nitidez, uma lógica e uma exatidão que imediatamente impediam a discordância, decepando, como um gume fulgurante, qualquer réplica. O interlocutor era irremissivelmente recambiado à sua mediocridade. E que remédio se não achatar sob um silêncio de raiva, de despeito, de admiração, de impotência! Compreende o leitor perfeitamente que não há nada mais humilhante, nada mais intolerável e desumano, do que a existência de um homem assim! A sua vida torna-se uma tácita e permanente acusação; a sua presença um injurioso abuso.

De modo contrário, outras vezes eram as suas aliás bem raras palavras destituídas de toda a inteligibilidade ou precisão. E então aí, era pior! O interlocutor que se atrevia a confrontar a sua incoerência (e era tão tentador poder considerar confusas, ou controvertíveis, as palavras de tal homem!) bem depressa experimentava uma agitação inexplicável, um intenso mal-estar como de quem se sentira culpado e descoberto, esmiuçado e exibido... Dir-se-ia que as extravagantes imagens e duplas palavras do Aio

vertiginosamente atingiam a mais recôndita complexidade de cada um; e à tona de cada um faziam vir as algas do fundo, os tesouros enterrados por serem indesejáveis, a flora e a fauna das regiões sem lua... Então, já não eram só as palavras do confrontador que emperravam! Eram os seus gestos que perdiam a naturalidade; os seus olhares que se tornavam falsos e tímidos; era toda a sua atitude que denunciava uma obscura e profunda inquietação.

Terceira maneira tinha ainda o aio de vencer o adversário: perturbando-o até ao fundo do seu ser. Isto consistia em fazer simultaneamente as afirmações na aparência mais inconciliáveis, sustentando o mais friamente possível, o mais impudente e serenamente possível, verdades opostas; que pareciam simples aspetos da mesma verdade. Quem não seria tentado a desnudar a incompatibilidade de umas e outras? (sobretudo vindo de tão irritante personalidade!). Em breve trecho, porém, era o mais sagaz orador colhido nas suas próprias redes, e embaraçava-se e perdia, incapaz de qualquer clareza ou até mera lealdade de raciocínio, no inextricável labirinto dos

pontos de vista inesperados, e por igual justos embora adversos, do satânico sofista.(*)

[(*) Os sofistas eram um grupo de estudiosos da antiga Grécia que se dedicavam à arte da oratória e da erudição de modo a seduzir, convencer ou a defender ideias, por meio do discurso. Era comum os sofistas discursarem sobre determinado assunto, sobretudo político, nas Àgoras (praças principais) da cidade, muitos dos quais eram pagos para isso. Outros havia que eram pagos para defenderem ou acusarem alguém em julgamento. Sócrates foi um fervoroso opositor dos sofistas, acusando-os de distorcer a verdade a seu favor, de seduzir com enganos, mentiras e falácias e perverterem a natureza do saber e da ciência que devia primar na busca pela verdade. Os sofistas, são no fundo, os antepassados dos advogados e políticos e quando se fala em usar-se "sofismos" quer-se dizer recorrer ao uso de falácias ou de discursos enganosos.]

«Quem diz aí que ama a verdade, neste mundo?

«Cega a verdade como um sol demasiado vivo,

«Esmaga como um peso,

«Aterra e atrai como um abismo.

«A verdade é perfeita mas é um monstro!

«Quem poderá com ela, de entre nós?

«Tem mil caras distintas e visíveis,

«E uma só verdadeira,

«Que não vemos...»

etc., etc.

Isto e muito mais dizia por esse tempo Rolão Rebolão, num poema que então passara despercebido. Se não passasse despercebido, ainda mais incompreendido seria! Todavia, é hoje considerado uma obra-prima. Pelo que jaz sob um entulho de notas, comentários, interpretações e erudição, de que é preciso desenterrá-lo para lhe gostar o sabor, a subtileza e o ritmo.

A que propósito, porém, terá Rolão Rebolão ou o seu poema a ver com isto? Não se falava do Aio do príncipe?

A verdade é que, de todos os cortesãos, só Rolão Rebolão não odiava o intruso. Poeta e bobo, sempre tivera ele o privilégio de tudo dizer a pequenos e grandes. Nunca os poupara; sobretudo aos grandes. Mas ainda nenhuma

palavra ou nenhuma das suas fábulas satíricas, direta ou indiretamente, visara ainda o desconhecido, por quem parecia professar um respeito inesperado em tão irreverente criatura; e, seguramente, professava uma ardente e vibrante curiosidade. O certo é sempre ter dito e redito, Rolão Rebolão, pelas mais variadas imagens e palavras, que a humanidade atravessa ainda uma fase primitiva da sua evolução; que, mau grado as conquistas do conhecimento ou os progressos da técnica, o homem continua ignorando, ou mal consciente, das suas muitas espantosas possibilidades; que os atuais limites da nossa inteligência, da nossa imaginação, dos nossos sentidos, — limites que parecemos querer manter contra as arrojadas tentativas de alguns loucos de génio — maravilhosamente se ampliarão no homem do futuro; que, neste, se conciliarão muitas das coisas que a nossa atual indolência ou curteza de espírito prefere supor como inconciliáveis; como nele se desencadearão poderes perante os quais hoje fechamos os olhos, cegos obstinados e tímidos; etc.

Estas e outras utopias desta laia, que não convenciam ninguém com juízo, dizia e redizia Rolão Rebolão nos seus

poemas excêntricos, pelas mais variadas imagens e palavras. Dado que não seria muito difícil crer que, na singular figura do Aio, visse Rolão Rebolão uma antecipação, um símbolo, qualquer coisa assim, do seu homem do futuro. Tudo era lícito esperar de Rolão Rebolão!

Verdade se diga, também o exótico preceptor lhe dispensava particulares atenções, pois não só o não cumprimentara ainda com nenhum contacto do bico do pé, (modo muito comum que os cortesãos tinham de cumprimentar o poeta-bobo e de lhe fazerem sentir a sua deformidade e a impertinência do seu talento satírico) como até parecia permitir, com o agrado de quem se acompanha de um cão amigo, que o monstro o seguisse a rebolar. Mas não! não com o agrado de quem se acompanha de um cão..., por mais amigo que seja! Antes com a satisfação de quem, em pátria alheia, reconhece um indivíduo da sua raça. E até havia quem afirmasse tê-los apanhado em amena conversa! Disto logo se aproveitaram os intriguistas, os descontentes, os invejosos, desesperados de algo conseguirem junto do rei pelo seus esforços de descrédito do Aio, ou junto do Aio pelo seus esforços de

lisonja e captação. Para a opinião pública apelara o raivoso despeito dos cortesãos: Não viria a constituir um perigo público (insinuavam, ou claramente diziam eles) aquela influência de tão insondável personalidade nos ânimos da sua Majestade e a sua Alteza? Quem poderia saber de onde viera, qual a sua nacionalidade, que fins verdadeiramente se propunha, que entendimentos não teria com os povos vizinhos, ou a que deformação não conseguiria arrastar o jovem espírito, aliás maravilhosamente dotado, que com tamanha leviandade lhe fora entregue? Não seria indício de perigosa extravagância aquela sua predileção por um semilouco mal tolerado na corte? Isto, a par da sua manifesta desconsideração por todos os grandes nomes do reino; todos os bons servidores da pátria e a sua Majestade; todos os homens de boa vontade, bom juízo, boa cepa histórica...? A não ser gravíssima singularidade, no preceptor de um príncipe-herdeiro, tal disposição de espírito, que seria senão prova de cavilosas intenções e maquinações secretas?

Os cortesões dirigiam tal propaganda a duas classes: o povo, que tem o valor do número e constitui a massa; aos

intelectuais, que tem o valor da qualidade e se arvora em dirigente das massas. E a tal chamada não deixavam de acorrer os intelectuais sôfregos de lisonja e destaque; nomeadamente os semi-inteletuais, cujas migalhas de talento os faz superiores a quem não tem talento nenhum. Em folhas volantes começaram então a aparecer panfletos e manifestos (às vezes até poemetos) nos quais melhor ou pior se manejavam listas de vocábulos tão inflamados como ocos. Faziam admoestações a El-Rei e sabujices ao povo; bradava-se o alerta e, a pretexto de salvar a nação, semeava-se a anarquia e a desconfiança.

Tais folhas volantes não eram assinadas, ou então tinham uns capciosos anagramas. Ora, exagerando grandemente os riscos a que se expunham incorrendo no desagrado tanto da sua Majestade como do poderoso Aio, não descuravam tais autores o de fazerem correr de boca em boca, por tabernas e reuniões, a decifração dos seus engenhosos anagramas. O que cada um mais sonhava era ser considerado o mais ardente defensor da causa pública, o mais vigilante zelador do bem da nação, etc.

Com estes e outros rótulos semelhantes, muito habilmente e modestamente esforçava-se cada autor por os colar ao seu nome literário. Assim se habilitava a ser bem recompensado em se extinguindo o reinado do estrangeiro; pois o Aio do príncipe era chamado de "o estrangeiro" (e nesta designação se punha tanto ódio quanto ela, às vezes, comporta) e às suas funções na corte chamavam "reinado".

Porém o povo..., ai!, o certo era não mostrar-se o pobre povo tão alarmado como convinha! Naturalmente, de entre a própria arraia miúda se haviam alçado pregadores, salvadores, iluminados. Ainda um pouco toscos, sim, mas tão prometedores, tão suscetíveis de lima, tão visivelmente capazes de bem arremedarem, se não excederem, os melhores e mais altos modelos no género! Todos gritavam frequentemente: camaradas!, irmãos!, correligionários!; todos invocavam gloriosamente o seu orgulho de “filhos do povo”, (posto quase soubessem mostrar-se quase discretos, quase tímidos, quase finos — decerto por melhor representarem e honrarem a classe — quando acaso chamados a um meio superior); e todos, nas arengas, espalmavam perante a dúzia e meia de ouvintes as mãos

encouradas de calos reais ou fantásticos, introduzindo um palavreado como só vem nos livros. Chamavam àquilo as «medalhas do trabalho», as «insígnias do pobre», a «herança dos deserdados»... Mas, entre a dúzia e meia dos ingénuos ouvintes, dois ou três velhacos havia tão ingratos, digamos já tão civilizados, que mais ou menos os suspeitavam de não pensarem nos camaradas, nos irmãos, nos correligionários, senão por os fazerem degraus da sua ambição.

E assim não parecia o autêntico bom povo perder o apetite ou o sono com o perigo que ameaçava a nação. Que lhe fazia, a ele, a influência que lograsse o Aio? E que lucraria com passar ela às mãos de outro? Quem tem de se preocupar com o pão de cada dia, não sobra tempo, nem cabeça, nem humor, para magicar em politiquices de que nada entende; e quem já viu subir ao poder vários que diziam desprezar o poder e viu ao que se limitava o seu apregoado amor pela grei, já não vai muito em discursos férvidos...

Como lhe davam festas e faziam-no atravessar uma quadra de relativa fartura, o povo confiava no seu rei e nos

escolhidos do seu rei. «Atrás de mim virá quem de mim bom fará!» diziam; e logo concluíam: «O melhor é deixar estar quem está...» Dos agitadores, salvadores, despertadores, oradores, pensavam: «Quem vos não conhecer que vos compre!» «A que nível desceu esta canalha!» pensavam raivosamente, do povo ingrato, os seus mais inflamados amigos.

CAPÍTULO 6

COMO FOI PASSANDO O TEMPO E O NOSSO PRÍNCIPE LEONEL CHEGOU À IDADE DE DEZOITO ANOS IGNORANDO O SEU DEFEITO.

E o tempo foi passando. Só o bom pajem Leonardo e o bobo-poeta disforme Rolão Rebolão sabiam, ou suspeitavam, a origem extraordinária da influência do Aio. Nunca Leonardo pudera esquecer o seu passeio com o rei para lá do Parque; embora, depois, vários pormenores e acidentes dele se lhe tivessem embrulhado na memória com fragmentos de sonhos em que o revivera. Nunca dissera nada acerca de tal passeio, embora repetidíssimas vezes o tivessem palpado sobre o assunto... o mais habilmente possível. Agora, anos volvidos, já essa digressão chegava a parecer-lhe o estranho delírio de uma noite de trovoada. A trovoada era coisa que muito agitava o sensível pajem Leonardo, sobre-excitando aos confins do desvario a sua imaginação poderosa, eternamente fresca. Um facto, porém, convencia-o da realidade da aventura: a afetuosa e

particular intimidade que desde então não cessara de lhe conceder El-Rei. Decerto, nem palavra se trocara também entre eles sobre a sua jornada comum.

Delicadíssimas cumplicidades há em que é inútil, ou até chocante, falar, não é verdade? Um simples olhar mais denso basta a evocá-las e confirmá-las. Para o ter mais perto de si, fizera El-Rei de Leonardo seu criado particular de câmara. E muitas vezes conversavam os dois, familiarmente, de coisas familiares e banais; digamos, até, infantis, porque o rei envelhecia; e quanto a Leonardo, sempre fora infantil. Muitas vezes, à tarde, mandava o rei que Leonardo lhe puxasse para a varanda o cadeirão de couro bordado. Depois mandava-lhe que também se sentasse. Leonardo ajoelhava-se aos seus pés, numa grande almofada de velho brocado. E quando, por intervalos, se calavam, os olhos alongavam-se-lhe sobre os canteiros sempre em flor e o Parque sem fim, que a alta varanda dominava. Bastava que os olhos de ambos depois se encontrassem, se entendessem num momento de intimidade fulgurante, para Leonardo saber que o seu

passeio não fora sonhado; ou fora, simultaneamente, sonhado por ambos, e não se sabe quem mais.

Quanto a Rolão Rebolão..., ai!, não podiam saber os que o troçavam, vendo-o seguir o Aio com tão ardente curiosidade, a emoção que experimentara o pobre monstro-poeta ao reconhecê-lo! Porque Rolão Rebolão reconhecera-o no primeiro instante em que o vira; ou melhor: em que o tornara a ver. Não obstante o seu disfarce, era o mesmo gigante que uma vez atravessara o corredor, dirigindo-se para a câmara da rainha, no dia em que todo o reino festejava o nascimento do principezinho. Certo disso, não conseguira Rolão Rebolão de aludir a este reconhecimento em alguns dos seus versos; os quais escrevia muitas vezes em excelentíssimas folhas de papel que furtava ao rei, e depois dava à criadagem do palácio para que fossem espalhados, e o seu talento conhecido; (conhecido, embora gozado por muitos). Quem é que, porém, entendeu as misteriosas alusões de Rolão Rebolão? Quem?! Num poema doido como os de Rebolão, cujos poemas eram doidos, sinceros, livres, porque não falavam senão do que ele sabia, — pode um poeta arriscar-se a quantas revelações,

confissões, confidências e audácias que lhe apraza! Ninguém as entende. Quando desconfia entendê-las, fica na dúvida. E se não duvida, é porque é um irmão, logo não o denunciará.

"Poetas, porque vos não libertais dos vossos segredos? Que medo tendes de vos abrir? As palavras e as imagens, as rimas e os ritmos, as anedotas dos vossos poemas, suficientemente esconderão a vossa nudez; suficientemente protegerão o vosso pudor ou a vossa cobardia. E a vossa terrível nudez presente e oculta, dará aos vossos poemas uma força que os cegos não saberão donde vem, e, todavia, sentirão..." Eis a inútil lição de Rolão Rebolão aos seus confrades. Inútil, no fundo, porque os seus confrades preferiam vender o talento que Deus lhes dera a todas as conveniências do momento. Mas passemos adiante.

Perante a falta dos testemunhos de Leonardo e Rolão Rebolão, um simples facto, porém, demonstraria que Aio teria forças sobrenaturais, — portanto uma causa sobrenatural à sua influência, — podendo ser tal facto conhecido: e era ter chegado o nosso príncipe aos dezoito anos completamente ignorante do seu grotesco defeito. Aos

dezoito anos, era ele um homem de pleno desenvolvimento do corpo e do espírito. «Um belo homem!» suspiravam consigo, ou umas com as outras, as fidalguinhas da capital. As próprias mães não se inibia muito de sussurrar entre si a mesma coisa; ou coisas talvez mais completas, mais concretizadas. Honestas donas casadas e experientes, nobres mães de família, exemplares matronas ao dobrar da encosta dos anos, têm sempre o direito de ir um pouco mais longe nas suas mútuas confidências! Quero dizer: de precisar um pouco mais as suas impressões.

Ora se, pelas proporções do corpo, da graça dos gestos, da beleza das feições, dava o príncipe Leonel nas doces vistas das mulheres, — pela sua inteligência, a sua agudeza, o seu saber precoce, causava a admiração dos próprios mestres com quem lidava. Como, pois, explicar que um rapaz tão penetrante, já tão sábio, chegasse àquela idade sem nada saber ou suspeitar das suas orelhas de burro?!

Claro que para o manterem, e aos outros, nessa ignorância, desde os seus primeiros dias haviam sido tomadas as mais minuciosas precauções. Por exemplo:

Desde logo fora a cabecinha do recém-nascido envolta numa espécie de turbante, sem o qual nunca se mostrara em público. O principezinho crescera; e crescera o turbante; e adaptara-se o turbante. Os mais finos tecidos, os mais ricos e subtis bordados, as mais preciosas pedras tinham servido a compor, a variar, a impor os turbantes do príncipe. Dir-se-ia caprichar quem quer que procedia à sua toilette em manifestar nessa parte da indumentária o maior luxo, o máximo requinte de gosto! Sendo belas as restantes partes do seu corpo, nenhuma se apresentara alguma vez tão magnificamente coberta como essa cabeça privilegiada, sobre a qual só o pai, a ama e o Aio sabiam dobrarem-se duas orelhas compridas, pontiagudas, cartilagíneas, moles à custa de escondidas e dobradas. É natural, pois, toda a corte tivesse acabado por notar esse encantador capricho da toilette do príncipe herdeiro. Fosse onde fosse, ou em que cerimónia fosse, nunca o príncipe real se mostrava de cabeça nua!

De modo que, por uma delicada, e, neste caso, inconscientemente genial adulação, desde tenra idade todos os filhos dos nobres da corte tinham também passado

a usar turbantes, que mantinham em toda e qualquer eventualidade; como se todos tivessem orelhas de burro que devessem andar escondidas!... Mas esta moda foi ainda fortificada pelo seguinte: Reparara qualquer nobre dama da corte, mãe de família, que o sítio onde toda a gente tem as suas orelhas naturais e normais — era, na cabecinha do príncipe, de tal modo embrulhado em ricos tecidos, de forma a que nem pontinha das suas certamente naturais e normais orelhas fora alguma vez vista! Vá, então, de capricharem as mais elegantes donas da corte em nada deixar ver das orelhas dos seus nobres filhos! O que, perdoe-se-me a insistência, pudera atrair a inaceitável suposição de terem todos eles orelhas de burro a esconder. Com a tendência, em todos os tempos manifestada por certos requintados, certos excêntricos, certos cansados, a exagerar as modas, — até no pino do Verão exibiam os rapazes e jovens fidalgos as cabeças escrupulosamente entroixadas. Bem certo que não era natural, nem cómodo! Mas será natural, ou cómodo, usar cabeleiras postiças sobre as verdadeiras, deslavar amarelo o cabelo negro, entalar a barriga entre varetas armadas, aleijar os pés

comprimindo-os em couro, furar as orelhas, os lábios, o nariz, para lhes meter penduricalhos...?

Da nobreza passara a moda à burguesia com pretensões a nobreza; e da burguesia com pretensões a nobreza passara ao povo com pretensões a burguesia. Só os rústicos do campo, os miseráveis dos bairros pobres, ou os misantropos à margem do mundo, usavam então cabeça e orelhas ao léu: Uns, porque desconheciam as modas, e vestiam-se como fosse mais conveniente aos seus trabalhos; outros, porque mal tinham com que cobrir o indispensável; os últimos, porque desprezavam tais preocupações, ou compraziam-se, até, em andar ao invés delas. Assim, para as pessoas instruídas ou com pretensões a instruir-se, civilizadas ou com pretensões a civilizar-se, tinham criado a ideia de que só os selvagens traziam a descoberto as orelhas. Deste modo, entre tantos turbantes, se tornara natural o do príncipe. Já ninguém, até, se lembrava de pensar que ele fora o modelo e a razão de todos!

Se, porém, um simples turbante que o público adotara bastara para vedar aos olhos públicos o terrível segredo, — isso bastaria para vedá-lo aos olhos do mesmo príncipe? Eis

uma bem legítima dúvida! Pelo que cumpre esclarecer que nunca o nosso príncipe Leonel tivera o gosto de plenamente contemplar a sua própria beleza, pois nunca se vira senão convenientemente vestido e preparado. Das alcovas e recâmaras onde se lavava, perfumava, vestia e enfeitava Sua Alteza, desde seus mais tenros anos todos os espelhos haviam sido banidos. Crescendo em tal ambiente, como poderia o principezinho estranhar a ausência de espelhos? Ver-se a um espelho, — só quando já estava lavado, perfumado, vestido, revestido, adornado, resplandecente! Só quando já estava encoberto era então introduzido pelo Aio na Sala do Espelho. A ausência de outros espelhos fizera merecer à única sala em que havia um esta, meio pomposa, meio ridícula, designação. Neste se mirava e remirava o príncipe em corpo inteiro. E como não ver-se, rever-se, complacentemente? O próprio severo Aio perdoava a chama de orgulho satisfeito que então luzia nos olhos do príncipe! Que príncipe era ele, não só pelo nascimento, como pelo seu conjunto de felicíssimos dons: Que outro nobre jovem da corte possuía aquela finura, expressividade e correção de traços? Qual tinha um corpo

tão admiravelmente proporcionado, e, ao mesmo tempo, tão gracioso e vigoroso, tão galante e másculo?

Cumpre ainda lembrar que, nunca se tendo visto ao espelho nos chamados trajos menores ou íntimos, (e só ao espelho a gente os vê) nunca se contemplara o nosso belo príncipe senão enquadrada a sua formosura na sumptuosidade ou graça da indumentária: ora moldado nas malhas finíssimas dos seus fatos desportivos, nus os braços e pernas vigorosos; ora todo coberto de veludos, sedas, bordados, arminhos, rendas, — arranjado para as festas e dias de gala na corte; ora, a quando das paradas, faiscante de ouro e galões, dentro das suas fardas de jovem oficial do exército e armada. Como, pois, não ver-se, rever-se, admirar-se, ao ver-se diante do único espelho do seu palácio?

Aqui, uma breve divagação: Com o andar dos tempos, de bom ou mau grado acabara toda a gente por aceitar a autoridade do Aio. Lutar em vão contra o que dura, cansa. Nada assegura o poder, quer de um indivíduo quer de um governo, como simplesmente manter-se no poder. Assim, até os mais renitentes adversários do «estrangeiro», do

«intruso», do «desconhecido», do «charlatão», por simples cansaço, aliás derivado da impotência, mais ou menos se conformavam agora com o seu domínio. Mais ou menos, por conseguinte, insistiam em tentar adulá-lo. Todos, pois, da corte achavam ser muito sagaz, subtil e penetrante medida esse jogo de espelhos. Quero dizer: essa aparentemente estranha lembrança de um espelho único, onde só se visse o príncipe quando estava pronto a vê-lo o público. Ora se a vontade de lisonja ditara as primeiras palavras de assentimento a tal medida, o certo é que todos tinham acabado por crer nela, esquecendo a insinceridade interesseira que inicialmente os guiara. Já sobre ela haviam até os metafísicos, os moralistas, os psicólogos, os críticos, os poetas, elaborado engenhosíssimas teorias, construído sólidos sistemas, desenvolvido profundíssimas observações, tecido labirínticas análises, rendilhado originalíssimas imagens... Porventura convirá seja a que homem for, — dizia o essencial do seu comum pensamento — porventura convirá seja a que homem for (e particularissimamente a um príncipe) ver-se continuamente tal qual é, na impudente objetividade dos espelhos? Não poderá ser essa impudente objetividade o mais possível perniciosa? Por muito belo que

seja o original, e mesmo tratando-se, como aqui, de um príncipe em verdade perfeito, não convirá antes a qualquer homem (e particularissimamente a um príncipe) ver-se não na realidade, embora bela, da sua nudez, não na intimidade, embora natural, dos seus trajes menores, mas preparado para os seus jogos, as suas cerimónias, as suas festas, os seus cargos, a sua vida de relação e sociabilidade? a sua exibição perante os outros? o seu trato com o mundo? A qualquer homem não dará a indumentária (e particularissimamente a um príncipe) uma superior confiança em si próprio e um superior contentamento de si próprio, uma noção mais pertinente da sua posição social e adstritas responsabilidades civis, — consequentemente, um maior rendimento da sua atividade e uma bem mais entusiasta dedicação ao exercício das suas funções? E não será esta a razão profunda do uso de fardas, librés, uniformes? Assente a sociedade sobre convenções necessárias, firmada toda a vida de relação em necessárias ilusões e miragens, (sejamos corajosos e digamos tudo: entronizado este mundo no altar da imprescindível e triunfante mentira) acaso o tal qual se é ou como se é sem disfarce, porventura o nu ou o traje menor mesmo belos, (e

em que nudez não haverá crueza chocante?...) não serão, em última análise, perturbantes e perigosos, anarquizantes e destrutivos? E disto não mostra a sociedade intuição aguda, extraordinariamente lúcida, tentando, por todos os meios, amordaçar quaisquer pregadores da sinceridade bruta? quaisquer reveladores da verdade nua e crua? Nisso, que a alguns parece sacrilégio, não se revela o seu profundo instinto de defesa, e um alto e vivo pragmatismo? Bem certo que os amordaçados acusarão de estreiteza e comodismo tais instituições, tais costumes, tais ideias; pois em virtude deles terão de se limitar a morder a mordaça. Crê o geral de tais sonhadores numa possível reorganização da sociedade sobre os alicerces da Verdade, da Justiça, do Amor, do Bem. E quereria pautar o mundo e governar o universo pelas suas doutrinas! Ora, desistindo-se já de fazer compreender a tais obcecados as profundas razões do pragmatismo, não se lhes poderá opor uma dúvida metafísica sobre a autenticidade do real dos espelhos? sobre o valor científico ou moral das suas imagens? (Isto para falar calão que eles entendam!). Estará provado serem essas imagens mais reais que as nossas necessárias ilusões? Haverá qualquer verdade em qualquer

aparência, ou não será igual a verdade de todas... sempre falando calão que tais entendam?

Com estas e outras coisas vácuas, subtis, inteligentes, abstrusas, engenhosas, justificavam, então, os raciocinantes da corte haver o Aio afastado do príncipe os espelhos que pudessem mostrar-lhe as suas orelhas de burro. Ignorantes, eles, das orelhas de burro da sua Alteza, — e por conseguinte, da verdadeira razão da medida do Aio — nem sonhavam como, de certos pontos de vista, as suas teorias e fantasias se ajustavam aos factos; ou afloravam a verdade. Talvez — e perdoem-me pôr aqui em charra prosa um pequeno poema admirável de Rolão Rebolão — talvez suceda que uma ou outra vez roce o homem a verdade, ou mesmo a toque em cheio, mas sem o saber! sabendo-o tanto como quando julga tê-la na mão, e o tem a ele na mão a sua cegueira.

Ora em virtude não só de tais teorias como, principalmente, do seu espírito de imitação e lisonja, a pouco e pouco tinham todas as mais nobres famílias do reino suprimido os espelhos das câmaras e recâmaras dos seus filhos: como se tivessem os filhos de todas orelhas de

burro que fosse conveniente esconder-lhes! Aquela burguesia que se preocupa com a nobreza, e para se aproximar dela lhe imita os costumes, as manias, os tiques, os vícios, (até as possíveis virtudes!) não deixara de, nesse particular, a copiar. E aquela camada do povo que se julga desgraçada por não possuir a honorabilidade e os hábitos da burguesia, até nessa moda já copiada, ou recopiada, quisera ter a aparência de burguesa; e imitara os burgueses. Assim a proscrição de espelhos nas câmaras do nosso príncipe acabara por já nem ser notado: Tal era a moda em todas as casas de gente bem nascida, ou satélite desta. E já ninguém sequer se lembrava que do palácio viera tal moda, nem à cabeça de ninguém podia ocorrer o achá-la estranha!

A estas medidas capitais, outras juntara o preceptor com o mesmo objetivo: conseguir manter a ignorância cm que vivia o feliz príncipe da sua pequena disformidade; (da sua horrível monstruosidade, diria eu). É por isso que dia e noite não o abandonava um momento, havendo erguido à sua volta uma espécie de muralha intransponível a quem pretendera qualquer prática particular com o herdeiro do

trono. Só ao pai e à ama era permitido o acesso à sua intimidade. E, dormindo no próprio quarto do príncipe, ajudando-o, até, nos pormenores da toilette, assistindo a todas as suas lições com os variadíssimos mestres, acompanhando-o em todas as diversões e cerimónias, conseguira o Aio tornar-se-lhe uma espécie de alter ego, cuja ausência ele estranharia como estranharia a da sombra do corpo.

Inúteis precauções! — é-se, não obstante, levado a pensar. Pois seriam suficientes a explicar a ignorância em que vivia o infeliz príncipe? Não, cem vezes não! Por certo, o príncipe lavava-se ou mudava de turbante. Ora, em condições naturais, bastaria que o desgraçado erguesse as mãos à cabeça, para apalpar as grotescas orelhas. Bastaria debruçar-se sobre qualquer superfície de água ou metal polido, para as ver nesses espelhos impossíveis de evitar. Mas não bastaria, até, para saber da sua existência, que simplesmente as sentisse tremerem, arrebitarem, pesarem, caírem murchas?... Então porquê, para quê, tais precauções, — se todas seriam impotentes a preservar a cegueira do príncipe?... Eis aqui intervém, pois, o

inexplicável; mas um inexplicável entre nós tão vulgar, tão patente, tão quotidiano, que já lhe nem vemos o mistério. Senão, queira o leitor refletir: Nunca achou num homem superiormente esclarecido, sumamente sábio, escrupulosamente observador, a mais desconcertante ignorância a respeito de qualquer pequeno conhecimento familiar aos mais parvos? Decerto achou. Nunca viu cega para os defeitos físicos ou morais de um filho, de um amante, de um marido, de um irmão, a mulher mais sagaz e penetrante, mais fina e mais cáustica? Sem dúvida viu. Nunca notou no mais sincero moralista a mais incompreensível inconsciência moral de certas imoralidades próprias? no mais agudo psicólogo a ingénua facilidade com que se oferece à observação psicológica alheia? no crítico mais perspicaz, mais imparcial e mais esperto, a obscuridade em que se atola à mais breve arranhadura no amor próprio? Notou, com certeza. Então, pergunto: Serão tão correntes fenómenos mais explicáveis ou naturais, menos curiosos ou misteriosos, do que não poder o nosso belo príncipe ver, tatear, sentir as suas asininas orelhas? Não serão aqueles e estoutro — fenómenos da mesma laia? ou, até, o mesmo fenómeno?...

Pelo que se poderia aventar não ser a perpétua presença do Aio ao lado do nosso belo príncipe — mais que uma figuração desse inexplicável, desse misterioso. desse contra natural, em virtude do qual desconhecia Leonel as suas orelhas.

Ora se ao mesmo príncipe conseguira esse extravagante personagem iludir, — duas pessoas havia no palácio que tinham farejado um segredo na contínua intimidade de ambos: Leonardo e Rolão Rebolão. Conhecedores, não só das extraordinárias circunstâncias da vinda do Aio, como até, posto só naquele diminuto grau em que nos é acessível o mistério, (ou, pelo menos, a consciência do mistério) como até do mistério do próprio personagem, compreende-se que a Leonardo e Rolão Rebolão fosse mais natural a suspeita de que alguma coisa furtasse o preceptor ao conhecimento dos profanos. Alguma coisa..., mas quê? Um segredo..., sim, mas qual? O especialíssimo sentido que permite a certos indivíduos adivinhar, ou, pelo menos, pressentir certos arcanos — não os trouxera por agora senão até aqui. Homem delicado, recatado, tímido, Leonardo contentava-se a pensar nisso uma ou outra vez;

ou a observar quer o príncipe quer o Aio, nos raros instantes em que lhe fosse possível, com uma ardente curiosidade que o assustava um pouco...

Rolão Rebolão é que não era criaturinha de tais discrições! Usando e abusando das suas regalias de bobo aleijado e poeta estrambótico, a cada instante se via Rolão Rebolão despenhar-se nas escadas, rebolar pelos corredores, encolher-se debaixo dos móveis, esconder-se trás dos reposteiros, sumir-se nos recantos... Era de pasmar o que assim aprendera. Poderia alguém, no palácio, esconder um segredo de Rolão Rebolão?

Os escaninhos da política, os amores clandestinos, as pequeninas conspirações mundanas, as próprias baldas particulares e humilhantes de cada um, — tudo Rolão Rebolão descobrira, por efeito da mais permanente, impertinente e gulosa espionagem! Tanto mais que, não se deslocando senão sobre as nalgas, as mãos e os cotos das coxas, (o que, em suma, lhe oferecia mais base do que os dois simples pés ao comum dos mortais) incorporara Rolão Rebolão, na sua muito característica indumentária, umas luvas enchumaçadas, além de dois pares de almofadinhas

para as nádegas e os cotos; e sobre tais almofadinhas e luvas aprendera a mover-se com incrível velocidade, esbelta virtuosidade, sem bulha. Onde e quando menos se espera a por Rolão Rebolão, ei-lo de surdia aos pés de uma pessoa, casquinando a sua risada histérica e sarcástica! Era natural que muita vez se sujeitasse ao seu enxovalho, encaixando um pontapé, aliás merecido. Mas os seus olhos quase sempre ocultos, como os dos gatos, nas fendas das pálpebras encarquilhadas, também, como os dos gatos, abriam-se subitamente e arredondavam face ao perigo. E luminosos, redondos, hipnóticos, verdes bronze e azeite, brilhavam de inteligência profunda e tolhiam o mais atrevido, deixando o agressor inexplicavelmente embaraçado... Ah, como toda a fidalguia da corte odiava Rolão Rebolão! Mas já se disse ter sido Rolão Rebolão protegido da rainha Elsa, por quem já igualmente se disse ter concebido uma paixão de poeta louco. E também não se disse ter acompanhado El-Rei nos seus primeiros tempos de viúvo? E ter-lhe sido particularmente bem aceite? Admitido ao convívio do seu senhor, decerto, qualquer cortesão pudera, então, ter feito o que Rolão Rebolão fazia: e que era deitar-se, como um cão, aos pés do viúvo inconsolável,

e soluçar quando ele soluçasse. Bastaria tão pouco para ganhar para sempre as boas graças de El-Rei? Como, dos mais humildes aos de mais excelso tronco, todos os cortesãos, à compita, seriam capazes de mais! Salvo, porém, Leonardo, só Rolão Rebolão fora verdadeiramente admitido no convívio do rei anojado: Talvez não só porque a sua doentia paixão pela morta extravagantemente o irmanava, nesse triste lance, a El-Rei seu senhor, como, também, porque a sua qualidade de sub-gente dele fazia uma espécie de banco cómodo para toda a dor, todo o cansaço, todo o tédio. Eis porque só Rolão Rebolão ficara a usufruir no palácio prerrogativas que lhe concedia a gratidão de El-Rei, as quais muitas vezes permitiam a esse aleijão infecto de zombar impunemente dos próprios representantes das mais limpas estirpes. Sim, toda a gente de linhagem, na corte, odiava Rolão Rebolão! Odiava e desprezava Rolão Rebolão!

Toda a gente, salvo...

Antes, porém, de se dizer a exceção única, deve dizer-se que, em compensação, era o bobo-poeta festejado por toda a criadagem. Nas cozinhas abobadadas do palácio, nas suas

imensas despensas e adegas, nas estrebarias e cavalariças, nas caves onde dormiam os lacaios e sob os telheiros onde, em certos dias da semana, se juntavam os mendigos, era Rolão Rebolão um rei! Sem dúvida, embora rojando continuamente no pó, e a ninguém podendo olhar senão de baixo, não deixava Rolão Rebolão de tratar de alto, com impertinências de grande senhor, essa vilanagem de rústicos e servos, ignorantes e farroupilhas, degenerados e piolhosos... Pois não tinha ele, Rolão Rebolão, um criado particular para o tratar e vestir? Não era ele, afinal, mais independente que o mais altivo dos cortesãos? Não compunha ele poemas que, ao tempo, ninguém entendia, mas o futuro consagraria como geniais? O caso, porém, é que toda essa vilanagem sabia que os modos petulantes de Rolão Rebolão eram troça. Bobo deles é que ele era; mas bobo admirado e querido. Só os ricos, os poderosos, os ambiciosos, os exaustos, os doentes que o tédio ou a inquietação minam, maltratam os bobos que em vão se esforçam por os distrair. E distraí-los... como? O seu mal corre-lhes nas veias com o próprio sangue podre. Mas os infelizes e os pobres, os pequenos e os simples, são gratos a quem os diverte das suas desgraças. Também, por

maiores que estas sejam, decerto concederam os altos juízos de Deus que facilmente as possam esquecer, por momentos, tais vítimas não de um mal interior e próprio, sim do externo e alheio. Ora não seria natural que Rolão Rebolão soubesse estas coisas? Bem natural. Estas e coisas semelhantes eram até as que Rolão Rebolão melhor sabia; (não esquecendo as esquisitas coisas do mundo sobrenatural, também suas familiares). Bobo desses é que ele era! — eles e ele o sabiam. E nem por isso o desprezavam eles como os grandes, ou ele os detestava como aos grandes. Assim podia tratar de alto essa vilanagem, e sentir-se tão bem no seu mundo subterrâneo. Todas as subtilezas e complexidades da mais rica ironia eram manejadas pelo bobo-poeta, como, depois, veio a mostrar a crítica compreensiva das suas obras. Ser bobo desses era ser o grande amigo! Era fazê-los esquecer dos seus trabalhos ou da sua fome, das suas chagas ou da sua escravidão, com os recursos da fantasia. E as suas mais estupendas farsas ou sátiras mais poderosas, as suas mais descabeladas anedotas ou invenções mais geniais, os mais raros e preciosos dons do seu espírito, como todas as suas malas-artes de berliques e berloques de sortes de toda a

casta ou acrobáticos prodígios inconcebíveis num corpo assim mutilado, — desenvolveu-os Rolão Rebolão perante esse auditório de miseráveis, aos quais, por sua vez, era profundamente grato: grato porque lhes devia a imensa alegria de os alegrar! de os fazer esquecer as suas misérias, esquecendo ele próprio a sua. Aos outros, os grandes, não atirava senão os restos do banquete que oferecia a estes. Mas quando o riso franco desassombrava as rugas destes pobres rostos velhos, iluminava os olhos tristes ou vazios, escancarava as bocas negras, amargas, revulsivas, ou simplesmente boçais, Rolão Rebolão não o mostrava mas comovia-se até ao fundo das entranhas; porque Rolão Rebolão também tinha entranhas... por mais anormais que fossem as de um corpo tão anormal!

**

É tempo de se dizer quem era exceção na atitude dos cortesãos para com Rolão Rebolão. Mas não terá já compreendido o leitor de tratar-se do Aio? Bem certo de já não oferecer novidade o nomear-se como exceção seja ao que for personagem por sua vez tão excecional em tudo! O que pode repugnar ao leitor será tratar-se o Aio como

cortesão, a não ser que a tal apelativo se dê o mero significado de frequentador da corte. O caso era ter o Aio para com o bobo atenções e condescendências invulgaríssimas! Pois não cessando Rolão Rebolão de espiar preceptor e pupilo, nem por isso o omnipotente preceptor o punira uma vez sequer, ou, sequer, lhe falara ásperamente. Limitava-se a tomar as suas precauções. E não levara tal mostrengo o arrojo a ponto de se ter introduzido no próprio quarto de dormir do príncipe? Ora o Aio entrara e só dissera: «Sai daí, Rolão Rebolão, que não é digno de ti...» Corrido, horrivelmente corrido da sua indiscrição inútil, (mas corrido não da indiscrição, sim da sua inutilidade) Rolão Rebolão rebolara de sob a alta cama de Leonel. Rastejando, esmurrando o chão, lá se fora corredor fora sem outro castigo... Poderia a vergonha ter-lhe servido de escarmento! Mas quando manifestara Rolão Rebolão qualquer casta de vergonha? (Vergonha é sentimento que já não podem ter os monstros, pois a todo o momento trazem a monstruosidade à mostra!) Ou quando, tendo pressentido segredo ou mistério, desistira Rolão Rebolão de os aclarar tanto quanto possível? de os amiudar até onde pudesse?... A cada passo o apanhavam, agora, tentando entrar

furtivamente nos aposentos mais secretos da sua Alteza; ou, já dentro, procurando meter-se em qualquer esconderijo, e manter-se sem dar sinais da sua presença. O pior era ter Rolão Rebolão contra si esta particularidade, que várias vezes o denunciara em casos idênticos: Nos momentos de excitação nervosa, punha-se a ofegar alto e ruidoso como um cavalo cansado. Às vezes chegavam os seus arquejos asmáticos a acompanhar-se de uma espécie de assobio... o que era uma funesta idiossincrasia para um espião incorrigível como Rolão Rebolão!

Abstração feita desta lamentável singularidade do nosso bobo, — o Aio parecia, ainda, andar ao corrente não só de todos os seus actos como, até, menores intuitos. Sempre entrava no instante azado! Mas sempre se contentava em recambiá-lo fazendo-lhe um pouco de surriada, como se entre os dois se travara um tácito desafio: desafio que divertisse o poderoso Aio, precisamente por saber que o ganharia; ou só o perderia em querendo.

CAPÍTULO 7

ONDE SE PENSA EM CASAR O PRÍNCIPE LEONEL, E, A PROPÓSITO, SE DÁ MAIS ESMIUÇADA RELAÇÃO DOS SEUS DOTES

Entretanto, completara o príncipe os seus dezoito anos. Começou-se a pensar no casamento do príncipe. Decerto, já não era demasiado cedo, se atendermos a que ninguém julgava ser fácil escolher noiva não só conveniente aos interesses do Estado, como digna dos excecionais dons do príncipe Leonel. Há muito, se pensarmos na idade do príncipe, que a fama desses dons atravessara a fronteira. Em três línguas fora já traduzida a sua dissertação matemática, publicada aos quinze anos; e não só fora traduzida, também era admirada pelos mais competentes julgadores. Dois anos depois, dava à estampa o real autor a sua tese sobre as relações, tão discutidas, do psíquico e do fisiológico no homem genial. Redigida no mais clássico latim, era, além de ser umbelegantíssimo trabalho literário comprovativo de superior aptidão para as belas-letras, um

alto documento de probidade científica e espírito filosófico. Tal foi o parecer unânime dos mais abalizados críticos contemporâneos. Bem melhor, porém, do que então, se pode hoje ver, a distância, o avanço desse trabalho sobre tantas opiniões correntes no século; a ponto de se poder suspeitar, dada certa reserva, ou desconfiança, que até aos mais largos críticos inspiram as obras muito originais, muito adiantadas ao seu tempo, que os críticos contemporâneos não teriam prestado ao livro do príncipe real tão carinhosa atenção, tão imparcial justiça..., se não fosse o seu autor um príncipe real! Porque a malévola hipótese de ter agradado a obra precisamente pela sua falta de verdadeira originalidade (sob encantadores aspetos de originalidade brilhante), não partira senão de um pequenino círculo de sistemáticos azedos... Toda a gente de boa fé e senso esclarecido pode verificar a sua má fé: a obra ainda hoje é editada. Ora após tantos volumes — pseudocientíficos — de assimilação do génio à loucura, à tara mórbida, ao caos da subconsciência, etc., não seria muito estranho que se tendesse hoje a voltar à tese do príncipe. Isto não só por ser muito humano tal jogo de pseudoprogressos e retrocessos, mas também por se nos

afigurar a tese do príncipe muito para ser meditada. Segundo ela, seria o génio não uma espécie de inexplicável, deslumbrante, sedutor e misterioso suplente da doença — mas, pelo contrário, flor e fruto do equilíbrio triunfante, da perfeita saúde mental e física. Embora só hoje, repitamo-lo, se possa ver claramente quanto se adianta essa obra quer a certas opiniões clássicas ou contemporâneas, quer a outras surgidas mais tarde, quem, desde logo, pudera não ver a subtileza, o ardor, a cópia de observações e dados, com que invalidava o juvenil autor as aparentes contradições da sua tese? quem pudera deixar de entusiasticamente admirar a facilidade, o brilho, a discrição, os lampejos com que se moviam em tais assuntos, tão superiores aos seus verdes anos, a inteligência e a pena do príncipe Leonel? Ninguém; — a não ser por exploração política, ou inveterado e tinhoso pessimismo. Ora pessimistas destes e exploradores desses, infelizmente, sempre os há! até nas épocas mais afortunadas dos estados mais bem dirigidos.

Uma terceira obra em que trabalhava atualmente Sua Alteza excederia ainda as anteriores. Já toda a gente o previa! Nesta se voltara o herdeiro do trono para os

assuntos sociais, estudando, sob forma de uma história comparada, todos os mais urgentes problemas e necessidades não só do país que seria chamado a governar, como de toda a sociedade do século. Centenas de novos volumes tinham já ingressado na imensa biblioteca real, que mandara vir o príncipe como elementos indispensáveis de estudo para a sua obra: Ele eram cartas e mapas dos mais antigos aos recentíssimos; ele eram todas as descrições, tábuas e narrativas dos exploradores ou aventureiros; ele eram quantos estudos sobre as sociedades humanas, e até animais, havia publicados ou manuscritos; ele eram todas as histórias de todas as nações, e não se imagina que número de ensaios de filosofia política, além de quantas memórias, biografias e correspondências dos grandes chefes são conhecidas...! Não o dispensava, porém, semelhante biblioteca de frequentar secretarias e cartórios, arquivos e livrarias particulares, que assiduamente visitava, devidamente acompanhado do seu Aio e alguns dos seus mestres; como, geralmente, dos elementos oficiais mais bem indicados a fornecerem-lhe todas as informações úteis, a encaminharem-no em todas as investigações necessárias... Com estes inspecionara também vários

bairros populares, associações operárias e comerciais, escolas e oficinas, hospitais e casas de beneficência. E ao passo que se ia assim documentando para a sua obra de historiador-sociólogo, se ia convenientemente preparando para o alto ofício de reinar.

Destas incursões ficara no espírito do jovem príncipe uma satisfatória ideia da forma como tudo corria no seu futuro reino. Era uma felicidade ser herdeiro do trono de uma pátria tão bem dirigida, tão policiada e tão suscetível ainda de fáceis progressos!

Só uma vez... Uma vez, quando visitava ele uma oficina de trabalhos em ferro forjado, e, sorridente e afável como sempre, encomiava a perfeição de alguns, um jovem mesteiral se atirou repentinamente de um canto escuro, atropelando o círculo que rodeava o ilustre visitante. Na indignada surpresa de momento, ninguém conseguira impedi-lo de chegar junto do príncipe. Caindo de joelhos com os braços no ar, o cabelo revolto, os olhos doidos, o jovem desvairado começara a vociferar uma confusa petição em que sobressaíam, aos gritos, as palavras de justiça!, caridade!, falsidade!, mentira!, e outras tais. Mas

ofegava de emoção, as palavras empapavam-se-lhe em soluços, procurava suprir com gestos desesperados a deficiência do vocabulário; e o príncipe não alcançava entender nada. Um momento tolhidos pelo inesperado da cena, só então alguns dos presentes se lançaram pressurosamente sobre o rapaz alucinado. Embora ele se abraçasse aos joelhos do príncipe como um náufrago a uma tábua, lá o arrancaram, levaram-no quase de rastos, escabujando e chorando aos uivos.

Claro: logo o mestre da oficina explicara ao seu egrégio hóspede tratar-se de um operário sujeito a furiosos acessos de loucura. Durante os acessos, tinha não só o perigoso delírio da perseguição, mas também a chocante mania de pedir socorro e justiça. Como, porém, a sua loucura era intermitente, e, fora dela, era ele um artífice excelente e sério, sério até à taciturnidade, só por compaixão o admitiam ao trabalho nos períodos de calma. Nesse dia pedira ele, como outros, para assistir à visita da sua Alteza bem amada. De há uns tempos a esta parte, andava muito sereno. Ninguém pudera prever a triste cena que fizera. Mas não lhe devia Sua Alteza dar importância de maior,

embora a sua grande, amorável e reconhecida sensibilidade tivesse ficado um pouco ferida... E ah, como ele, mestre, lamentava a triste ocorrência, que até certo ponto viera enevoar um tão feliz dia, qual era o da visita da sua Alteza àquela humilde oficina de trabalhadores!...

Então, a meio das suas explicações e desculpas, o mestre, magoado, chegara a ter umas expressões quase cruéis para com o pobre louco desmancha-prazeres: como se, por segundos, se tivesse esquecido de estar a falar de um infeliz louco, ou ignorara a irresponsabilidade destes.

Ora até para o príncipe fora um dia estragado. Apesar das desculpas, atenuações, explicações, Leonel impressionara-se. Quase será próprio dizer que ficara apreensivo: Aquele rapaz de olhos febris, pouco mais velho do que ele, já, decerto, fora muito batido pela vida. Tinha, talvez, qualquer coisa a pedir ou a reclamar... Quem sabe se não lograria mais razão do que lhe atribuíam? Para sossegar, mandou informar-se. Trouxeram-lhe recado que, por caridade do seu filantrópico patrão, estava em tratamento numa casa de beneficência. Disto não tinha o príncipe motivos para duvidar. Continuou a pensar que

tudo corria bem no seu reino. Esqueceu esse pequeno incidente chocante, e de novo se embebeu na sua grande obra.

Dessa obra, que supunha o próprio autor não poder estar terminada senão ao cabo de uns anos, alguns trechos tinham já sido lidos em público. Algumas lições fizera já o sábio e jovem príncipe sobre certos dos pontos mais importantes a tratar; isto é: sobre aqueles passos da obra em que melhor podia o juvenil autor aplicar e confirmar ideias já mais ou menos expendidas na produção anterior. Servira-se, claro, não de capítulos já definitivamente realizados, que ainda os não tinha, mas dos seus numerosos e amplos apontamentos para eles. Todas as celebridades nacionais de ciências e letras haviam aplaudido ferventemente essas demonstrações. Pois das reservas ou venenosas ironias daqueles azedos, impotentes, despeitados, maledicentes, que nas alfurjas têm os seus salões literários, que menos dizer que certas vozes não chegam ao céu? Nem, por certo, aos ouvidos de um príncipe. Várias celebridades estrangeiras convidadas não tinham sido parcas em sinceros louvores. E certa parte do

auditório insuficientemente culta para, sobre tais assuntos, poder ter opinião autorizada, como aqueloutro importantíssimo elemento do público — o feminino — que, perante um belo orador, olha sempre mais para o orador do que ouve a sua oração, de modo nenhum se mostraram mais frios nos seus aplausos: Sobre estes atuava o encanto, a distinção, a afabilidade e a juventude do príncipe Leonel, a par do sugestivo mistério das coisas elevadas que ia dizendo. Um rapaz de dezoito anos e tão perfeito, com tão bem timbrada voz, tão amável para todos, ser o herdeiro do trono e já saber tanto, e ainda estudar tanto, — que maravilha! Oh, que boas fadas o tinham abendiçoado à nascença! E, baixando a voz por império de um religioso respeito, de um amoroso temor, os mais velhos contavam aos mais novos nas noites de inverno, quando o bom lume respinga cá dentro e a ventaneira esbraveja lá fora, àquela hora, depois da última refeição, em que dá moleza ao corpo e o espírito já se aclimata aos sonhos, os ditos e lendas relacionados com o nascimento do principezinho e a morte da sua mãe, a santa rainha Elsa... Sem dificuldade criam os mais simples todos esses ditos e lendas. Por isso, quando ouviam o príncipe Leonel, olhavam-no com gratidão e um

embevecido pasmo. Nem precisavam de o entender: Sabiam que dizia coisas admiráveis. E, enquanto ele falava, todas as mulheres tinham lágrimas de ternura nos olhos — as que poderiam ser suas mães ou avós — e sorrisos de enlevo e sedução nos lábios — as que poderiam ser suas irmãs ou namoradas...

Mas talvez a maior maravilha ainda não fosse a precocidade do príncipe em todos os campos da vida intelectual! Talvez a maior maravilha fosse o conciliar tão superior precocidade intelectual com dons que as mais das vezes a não acompanham. Ser, a um tempo, tão fulgurante no exercício da inteligência e tão desembaraçado nos jogos ginásticos, pois não era prodigioso? E assim como gostosamente dava conta dos seus estudos e meditações quer perante uma douta assembleia, numa nobre sala universitária, quer perante qualquer público, em qualquer democrático grémio, — risonhamente se prestava a exibir os seus músculos adestrados e a sua agilidade, em competição com atletas e jogadores mundialmente célebres, no estádio a que fora sacrificado um grande talhão do Parque.

Decerto, não levara ele por diante esta inovação sem resistência de várias autoridades da corte. Não iria Sua Alteza demasiado longe, — diziam — não chegaria, na liberdade dos seus altos espíritos e generosidade dos seus intuitos, a ferir aquela parte do protocolo que a todo o custo urge defender? Saberia a ralé compreender a elevação desses espíritos, a bondade desses intuitos? poderia deixar de abusar deles? Homens havia, hoje, na lôbrega fumaceira das bodegas, nos sinistros subsolos dos antros e alfurjas do vício, no esterquilínio dos becos tolerados e bairros de mendigos e ladrões, homens havia, hoje, — ambiciosos afinal muito mais perversos do que a miserável canalha a que se dirigiam — que de todos os meios lançavam mão para sublevar esses infelizes tornados degrau da sua ambição, da sua inveja, da sua malvadez... Contra toda a ordem, contra toda a autoridade, contra todo o preceito, agitavam esses (melhor se diria: manejavam) a sua bandeira revolucionária furta-cores. E, prontos a venderem-se à primeira oferta que lhes enchesse o olho, prontos a entregarem os camaradas à primeira conveniência, prontos, à primeira reviravolta, a substituírem todos os seus discursos e opiniões por

opiniões e discursos diametralmente opostos, eram, todavia, habilissimamente esquivos à justiça dos que, pejando-se de os comprar, em vão procuravam capturá-los. Porque o maior mal era iludirem eles a própria polícia com a declarada ou oculta complacência de homens que deviam outra atitude ao seu nome, ao seu rei, à sua Pátria! Ora não poderiam todos esses abusar da liberalidade do príncipe, como de uma fraqueza da vontade ou do espírito...? Não poderia, até certo ponto, a juvenil despretensão do herdeiro do trono encorajar certas ideias subversivas de igualdade antinatural e antissocial? ou não poderiam os propagandistas da confusão, os incitadores da desordem, os semeadores da rebelião e do erro, aproveitar junto dos simples, dos idealistas, dos desgraçados, dos incautos, torcendo-as e corrompendo-as no seu verdadeiro sentido, essas generosas e arejadas inclinações da sua Alteza? Numa palavra: Não poderia, em parte, propiciar Sua Alteza, com os seus levantados ânimos de inovação e fraternidade, futuras complicações a si próprio, dificuldades imediatas ao seu real Pai? E valeria esse risco a mísera canalha que vai para aonde a levam todos os agitadores, crê em tudo com que lhe acenam todos os

comicieiros, e acaba por pôr ao serviço de todos os violentos, audaciosos, ambiciosos ou doentios exibicionistas a sua força bruta de monstro sem cabeça...?

Assim arrazoavam, parlengavam, discreteavam muitos da corte. E, sem dúvida, as suas palavras eram sonoras e persuasivas, as suas razões ponderáveis, as suas observações conformes com a experiência, os seus raciocínios inteligentes e sagazes. Oh, sem dúvida, nem todos os cortesãos são estúpidos! E bem certo que, entre os mais inflamados nesta campanha, estavam o ilustre Froilão e o sábio Filinto, o notável Rolando e o discreto Marçal ou o proficiente Rosendo.

Várias vezes tinham estes mesmos tentado formar partido contra o rei ou alguns dos seus actos; e em tal objetivo tinham tentado explorar, posto com a devida prudência, e sem o resultado esperado, essa mesma força bruta da multidão acéfala. Ora muita gente, pelas mais várias e até insólitas razões, inclinava-se a dar-lhes apoio neste particular de certas ousadias do príncipe. Pelas mais várias e até insólitas razões, muita gente temia certo espírito de agitação que andava no ar. A tal espírito poderiam parecer

não de todo indiferentes, isto é: não de todos adversos, os elevados espíritos do herdeiro do trono: Perante a perversa astúcia e a rebuçada má fé, que há às vezes de mais cego que a elevação de espírito? Porém os mesmos que neste particular se inclinavam, ou inclinariam, a dar algum apoio aos murmuradores e pregadores da corte, conheciam-nos menos mal. E, tendo o seu juízo mais ou menos formado sobre Froilões, Filintos, Rolandos, Marçais e Rosendos, sensatamente se abstinham de os aplaudir com excessivo entusiasmo. Sensatissimamente se esquivavam, até, a emitir opinião pública, preferindo sempre, com esperto senso, aguardar os acontecimentos a, por qualquer forma, intervir neles: Eram gentes de classe média e pacífica, indivíduos de meia ou mais de meia idade, homens casados e pais de família preocupados com o futuro dos filhos, funcionários públicos no ativo ou em reforma, comerciantes batidos e rebatidos nos vaivéns da fortuna... Poderia dizer o ex-libris dos seus deve-e-haver de qualquer sorte: «É sempre possível adaptarmo-nos aos factos! Aguardemos os factos».

Ora bem! Como El-Rei seu pai nada lhe negava, facilmente se tornaria ao príncipe vencer quaisquer resistências de conselheiros e ministros. Venceu-as, sim; mas nunca usando a agressividade, e jamais recorrendo quer à autoridade paterna, quer à sua própria. De tal maneira sabia discutir com os descontentes, os opositores, os timoratos e os cautos, a cada passo apelando para a sua inteligência, a sua bondade, a sua boa fé, a sua largueza de vistas, — que nem os próprios mais inveterados rábulas, intriguistas, rotineiros e malandrins palacianos podiam decidir-se a mostrar vistas curtas, segundas intenções, bondade duvidosa ou inteligência estreita. Todos, embora com manha, acabaram por concordar que se experimentasse. Mas com resultado plenamente satisfatório experimentou o príncipe descer um pouco até à sua plebe. E com o melhor êxito, sob todos os pontos de vista, exibiu a todo e qualquer público as suas prendas do corpo, como (e destoutra exibição ninguém discordara, por a julgarem todos mais apropriada à sua categoria de príncipe) como exibira as do seu espírito e entendimento. Abatidas muitas árvores do Parque — e daqui aos terrenos selvagens ainda havia extensões mais que suficientes para

passeios e caçadas — fez-se o estádio. Nele se apresentou o príncipe várias vezes, sem que isso trouxesse qualquer alteração na boa ordem pública, provocasse estranheza nas cortes estrangeiras, ou, por qualquer forma, proporcionasse atmosfera favorável à licença dos costumes, a uma diminuição de respeito pela sua Alteza, ou à propaganda de subversivas doutrinas igualitárias... Dir-se-ia, até, que então se estava a atravessar um período em que os espiões e denunciantes ávidos de ostentar zelo, ganhar dinheiro e assaltar os postos superiores, a despeito de todos os esforços viam o negócio mal parado, a custo conseguindo uma ou outra vítima, (essa mesma sem maior interesse) sobre que alicerçarem a conveniência dos seus serviços.

O caso é que, ao menos por enquanto, a ralé estava calma e satisfeita: O seu belo príncipe dignava-se mostrar-se-lhe com o à-vontade de qualquer mortal! E ainda se dignava permitir-lhe acesso gratuito, quer no Estádio do Palácio quer na Casa Nacional de Espetáculos, a divisões que lhe eram reservadas. Destas divisões rebentavam muitas vezes as aclamações mais calorosas, as mais sinceras. E o belo

príncipe não deixava de agradecer tais ovações com a mais encantadora cortesia e a mais distinta e afetuosa simplicidade.

Por seu lado, a nobreza e a alta burguesia não estavam descontentes: Nesses, como em todos os públicos lugares de diversão e cultura, tinham tanto os nobres como os grandes burgueses lugares superiores, só acessíveis aos seus títulos honoríficos, categoria social, cargos e bens. Aí não era possível a mistura com gente de vil extração, baixo estofo, pequenos recursos, ou duvidosa higiene. E assim é que estava certo, pois não é verdade? Vendo satisfeitas estas duas classes de que se arreceia — a suprema e a ínfima — por satisfeita se dava a classe média: Repousadamente ocupava os seus médios e muito decentes balcões; posto muitos dos seus membros, como é natural, persistentemente sonhassem com a honra de ocupar um dia assento mais alto.

Neste feliz ambiente exibiu-se o príncipe nos seus múltiplos dons, não só no Estádio do Palácio e na Casa Nacional de Espetáculos, como, até, em festejos, festas, bailaricos e jogos populares. E era, depois, um maior

enlevo e uma admiração mais entusiástica, sobretudo para as nobres damas da corte, reencontrarem-no tão grave e tão «príncipe» nas cerimónias oficiais, tão gracioso e tão fidalgo, tão luxuoso e tão natural, nos sumptuosos bailes do paço. Para si, valha a verdade, suspeitava cada uma das mais belas que no seu trato com populares aprendera ele certas pequenas liberdades e aliás encantadoras garotices que com elas se permitia, quer nas oportunidades da dança, quer no recato dos moles recantos dos salões, dos floridos esconderijos dos jardins. Oh, mas qual se magoara com isso? qual não ficara, até, encantada, — se tudo quanto dizia ou fazia o belo príncipe o fazia e dizia com a sua graça, gentileza e nobreza próprias? com a sua majestade tão discreta, no entanto continuamente visível? Que mulher, para além disso, (e, a serem sinceras, muitas delas prefeririam as sadias liberdades de um robusto rapaz da plebe às dengosas vénias de um meloso cortesão) que mulher, dizíamos, poderia não ficar meigamente grata, e no seu íntimo rendida, ao reconhecer a influência da sua beleza e do seu sexo sobre aquele delicioso rapaz simultaneamente perfeito atleta e sábio distintíssimo..., além de príncipe herdeiro? O certo é que, para as mais

beatas e maduras — embora ainda não fora de estação — sob as tão gentis como vigorosas formas do príncipe surgia agora o diabo incubo que em noites de pecado vinha tentá-las... vinha vencê-las. Para as outras, filhas ou sobrinhas destas, era ele o mais encantador dos príncipes encantados com que poderiam sonhar em noites de calor e rouxinóis. Todas, em suma, deliravam por ele, e lhe dariam da melhor vontade quanto lhes ele pedira. Mas sobre o que deram, ou não, e ele sim, ou não, lhes pediu, — acho conveniente não insistir. Quando e onde lhe faltem documentos em abonação das suas hipóteses, preferível é abster-se o cronista de fantasias; mormente em se tratando da honra de nobres donas e donzelas!

Ora pergunto, perguntará o leitor, e todos, então, perguntavam: Seria fácil escolher noiva para tal por tento? Decerto, alguns nomes se apresentavam de princesas representantes das mais nobres casas reais estrangeiras, — que muito naturalmente acudiam ao espírito, em se refletindo sobre a momentosa questão. Mas quem poderia assegurar corresponderem à excelência da sua linhagem,

ou conveniência do seu dote, as qualidades pessoais dessas presumíveis noivas?

Até que se acordou no seguinte: A pretexto de qualquer comemoração patriótica, (e nunca tais pretextos poderiam faltar numa nação de tão gloriosas datas!) uma semana de festas monumentais seria anunciada ao país e ao estrangeiro. Folias populares, cerimónias religiosas, paradas militares, conferências e congressos, manifestações ginásticas, bailes e banquetes, exposições de toda a sorte, — nada seria possível imaginar, em matéria de diversão ou exibição cultural, que não coubesse nessa imponente semana! no seu próprio palácio hospedaria El-Rei os príncipes, grandes senhores e diplomatas estrangeiros que então se dignassem visitar o reino de Traslândia. Para todos chegava, e sobrava, aquele seu imenso palácio que era um pequeno planeta; e no qual se contavam por centenas os salões e salas, quartos e alcovas, corredores e escadarias, caves e sótãos... Claro que tais ilustríssimos visitantes teriam sido diplomaticamente prevenidos do verdadeiro fim de tal convite. Por isso os acompanhariam suas filhas, irmãs, sobrinhas, primas,

parentas, soberanas, — candidatas à honra de esposa do futuro rei de Traslândia, e rainha do dito reino. De entre essas escolheria o mesmo príncipe a sua companheira (que ao discernimento do príncipe uma simples semana de convivência bastaria) e a conquistaria exibindo-se-lhe nas suas múltiplas aptidões e prendas.

Eis, por certo, uma combinação sem precedentes na história das relações diplomáticas internacionais! A sua mesma singularidade prova, porém, aonde chegara, em todo o mundo culto, a fama do requestado príncipe Leonel: Virem as próprias pretendentes sujeitar-se à escolha do noivo, — de antemão sabendo que todas, menos uma, retirariam humilhadas nos seus decerto muito legítimos pudores e orgulhos de mulher — eis, sem dúvida, um motivo de pasmo! E natural seria negar-lhe o cronista crédito, se o não certificassem quer grande cópia de documentos devidamente autenticados, como sejam várias peças da correspondência então trocada, de corte para corte, entre personalidades da mais subida hierarquia, quer muitos factos posteriores, de que ao leitor mais ou menos se dará conta nos subsequentes capítulos.

CAPÍTULO 8

ONDE O PRÍNCIPE LEONEL JULGA TER ACHADO A COMPANHEIRA IDEAL; E COMO O DITO PRÍNCIPE VIU E PALPOU AS SUAS ORELHAS DE BURRO

Então deu-se o que havia de se dar! Entrava-se na antemanhã do terceiro dia de festas, quando o príncipe Leonel e o inseparável Aio se retiraram ao seu comuns aposentos. (Já entre o povo perguntavam — e do povo chegara ao palácio a maliciosa pergunta — se, na própria noite nupcial e seguintes, continuaria aquele Aio a não largar o educando...).

Ora, como se previra, esses dois primeiros dias festivos tinham sido um contínuo triunfo para o nosso príncipe. No primeiro jantar oferecido aos nobres hóspedes da casa real, o seu brinde maravilhara pelo primor da forma literária e o admirável a-propósito dos conceitos. Se, de entre os numerosos hóspedes, algum viera interiormente inclinado a achar excessiva a reputação internacional do jovem

príncipe, de bom ou mau grado houvera de reconhecer a justiça de tal reputação! Graça florida das imagens, elevação de pensamento, justeza do tom de voz, natural sedução da atitude, eloquência e vigoroso rapto nuns momentos da oração, enérgica retenção e sóbria solenidade noutros, — quem pudera ser sensível à arte do orador, ao encanto do mundano, ao faro do diplomata, à subtileza do pensa dor, e logo não conhecer estas e todas as requeríveis qualidades no discurso do príncipe perfeito?

Se, nos jogos do dia seguinte, não fora sempre, e em tudo, o primeiro, — é que entendera o subtil juízo do príncipe não ser isso do mais alto bom gosto: Alguns dos seus adversários eram jogadores de carreira; outros..., hóspedes de régia estirpe. Nesta ousada mistura se revelara mais uma vez o liberalíssimo espírito do príncipe; como na diferença, embora discretissimamente indicada, de jogar com uns e outros, tratar uns e outros, mais uma vez se manifestara o seu tato mundano. O facto de uma que outra vez se ter deixado vencer (embora após ter deixado adivinhar a sua superioridade) não era senão um propósito; uma prova do seu inexcedível tato.

À noite, no baile, é que impossível lhe fora a ele próprio não se manifestar o melhor dançarino, o rapaz mais gentil, o conversador mais atraente, o príncipe mais distinto: a não ser que não dançasse, não conversasse, não andasse, não respirasse! De boa ou má vontade, (mas como, ou porquê, más vontades contra tão afável sedutor?...) esta fora a declarada ou íntima opinião de toda a gente. Assim..., esta fora também a opinião da princesa Leonilde. E nem ela se preocupara com a disfarçar, — a não ser nos limites do pudor, discrição e delicadeza que naturalmente impõe a si própria, em tais assuntos, uma rapariga honesta e nobre. Leonel... Leonilde! Até a maravilhosa coincidência dos seus nomes parecia indicar que desde a pia batismal casara um alto destino as suas estrelas fulgurantes.

Leonel... Leonilde!... E vendo-os bailar juntos, a cara dela um bocadinho acima do ombro dele, o corpo dele, esbelto e másculo, tão bem proporcionado ao fino, ondulante, e, ao mesmo tempo, macio e altivo corpo dela, a mão dela poisada com tanta graça, e tão branca e longa, na mão dele, tão forte, mas segurando-a com tanta leveza, — quem não repetiria o «Deus os fez Deus os juntou» das velhas

princesas e duquesas enlevadas? (Das velhas princesas e duquesas babadas, diria eu, se a expressividade do termo não fosse chocantemente realista; demasiado, quando aplicado a damas de tanta linhagem, e em tão delicado e galante momento...).

Ora se os corpos de Leonel e Leonilde pareciam as duas metades perfeitas de um corpo ideal completo, um par unificado, em que a força e à seca elegância varonis se fundissem, enfim, com a languidez e a flexuosa finura femininas, não menos era de pasmar que tanto se aproximassem seus espíritos! Pois se a reputação da princesa Leonilde ainda não igualava a do príncipe Leonel, é porque Leonel era um ser único. Também, em parte, porque nunca é tão fácil ao natural recato da mulher, como é ao natural arrojo do homem, exteriorizar triunfalmente qualquer superioridade. Os mesmos, todavia, que mais tinham duvidado da existência de noiva digna de tal noivo — consigo perguntavam agora: «Pois o quê? Não saberiam já que existia Leonilde?» O que não sabiam é que Leonilde fosse, em verdade, tão bela, tão inteligente, ao mesmo tempo tão majestosa e grácil; posto já a soubessem filha

mais velha de um dos mais poderosos monarcas do mundo, o que, naturalmente, não deixava de influir na sua inclinação deles em favor dela.

A par de Leonilde, a irmã que sempre a acompanhava, e parecia mais velha sendo mais nova, era uma criatura quase lastimável com o seu modo triste, recolhido, o seu longínquo sorriso como forçado, e os seus olhos a que mal se via a cor, por quase sempre baixos, num oval de rosto pálido e magro. Dir-se-ia uma serva atrás de uma rainha. Mas até outras bem mais formosas que Letícia (por um sarcasmo dos fados, tal era a graça da pobre infanta feia e triste) pareciam se não servas, pelo menos açafatas, a par de Leonilde!

A meio do já citado primeiro baile, quando o repetido e magnífico serviço de vinhos, licores, bebidas e iguarias de toda a sorte escandecia um pouco as imaginações e os corações (inclusive a imaginação e o coração do príncipe Leonel), já toda a gente via, ou supunha ver, que o nosso príncipe não mostrava ir fora da opinião de toda a gente: Com Leonilde bailara Leonel o maior número de danças. Com Leonilde sustentara publicamente — e quase

sustentados com igual brilho de parte a parte — os mais espumantes e inteligentes diálogos. Com Leonilde desaparecera nos terrados ou aposentos menos barulhentos do palácio. Ao voltarem eles de um desses devaneios, na boca e entre os dentes brancos do príncipe Leonel vira toda a gente o botão de rosa-chá que Leonilde trouxera nas rendas do decote... Bem sabiam as damas do paço que, para ser em tudo homem completo, muito capaz era o príncipe de certas encantadoras audácias. Tratando-se, porém, da poderosa princesa Leonilde, e dos fins secretos (aliás já pouco secretos) daquelas festas, não teria esse arrojo do leal príncipe Leonel um significado especial? E tão radiantes vinham ambos de juventude, alegria, formosura, que as velhas e semibabosas princesas, duquesas e condessas a custo se abstinham de os aclamar, como se já fora notícia oficial a união daqueles dois seres perfeitos...

Dado isto — bem compreensível era que, ao entrar nos seus aposentos pela antemanhã do dia seguinte ao de tantas vitórias, o príncipe Leonel estivesse um pouco ébrio: Ébrio, decerto, dos finos vinhos e licores ingeridos no baile;

mas não menos da sua juventude, da sua beleza, do seu espírito, do seu amor nascente, — e do contínuo triunfo que era a sua vida. Ébrio, sim, de felicidade e vida, ébrio de si, é que estava o príncipe Leonel! Por isso lhe não apetecia deitar-se, nem dormir, nem descansar: mal empregado lhe parecia todo o tempo que passasse inconsciente da sua ventura.

— Sabes que me sinto completamente feliz... — repetia ao companheiro — absolutamente feliz? E agora sei que posso ter génio! Nunca se me afigurou tão claro que o génio não é senão o triunfo da vida e da saúde...

— Triunfo da vida... da saúde... — murmurou o Aio — De que vida? Que saúde? Triunfo sobre quê?

Ao invés do seu educando, sempre o Aio estivera muito sério essa noite. Se até a um homem perfeito. como o príncipe Leonel, não emprestasse a felicidade aquela sua venda que torna os homens fúteis, já o nosso príncipe se teria alarmado com o ar extraordinariamente grave e triste que tinha o Aio, ao fitar nele, essa noite, os olhos penetrantes. Mas o príncipe não o via; não o ouviu; continuava delirando. Parou diante do companheiro:

— Sabes o meu receio? Receio nem poder ser mais feliz quando Leonilde for minha! E seria imperdoável...

— Já crês ponto assente?... — perguntou o preceptor. Desde sempre o tratara por tu, bem como ao rei, e a Rolão Rebolão. A todos os mais da corte dava tratamento cerimonioso.

— Ponto assente, o quê?

— O teu casamento com Leonilde.

— porque não?... Conheces outra tão bela, tão fina, tão espirituosa?...

— Tu... não conheces?

— Não! — exclamou o príncipe erguendo a cara. Mostrou todos os dentes alvos num riso juvenil: — Nem quero conhecer!

Estavam à grande janela aberta para os jardins. Em baixo, árvores e arbustos mergulhavam numa penumbra misteriosa. Mas lá em cima, no céu que se abria imenso diante deles, já só raras estrelas tremeluziam pálidas. Um vago alvor hesitante, nem luar nem dia, vinha tomando o

espaço, fazia sobressair, lá longe, a massa negra do Parque. Numa espécie de bruma se recortava o perfil de uma ou outra árvore mais alta.

Perto, um rouxinol musicava na sombra das árvores: E eram uns chilreados como o entrechocar miudinho dos mais finos timbres de cristal; depois, breves suspensões talvez de ensaio; logo o cantor recomeçava num longo apelo trémulo e agudo, quase estridente...; por fim, fez uma pausa mais demorada; e um súbito silêncio pairou, cheio de expectativa e frescura, e parecia o prelúdio de qualquer grande acto solene e próximo...

Como Leonel se enlevara nesta maravilha da antemanhã, o Aio disse-lhe brutalmente:

— Andaste embriagado toda a noite!

— Talvez... — murmurou o príncipe — A felicidade embriaga.

— Já todo o dia andaras embriagado.

— Talvez... — repetiu o príncipe — Todo o dia me senti feliz!

Mas, estranhando o tom do Aio, baixou os olhos, que ainda tinha ao longe, para o olhar de face. O rosto do Aio era nesse momento singularmente duro, sério e triste. A fixidez do seu olhar tornava-se intolerável.

— E queres casar com uma boneca articulada! — disse.

O príncipe Leonel empalideceu.

— Bem sabes como te respeito — disse gravemente.

— Peço-te que não repitas isso.

— Continuas embriagado?

— Já passou — disse o príncipe cada vez mais seco. — Tenho perfeita consciência de quem sou nesta casa.

— Julgas?...

— Estou certo.

— Mesmo certo... certo?

Um inesperado riso breve, frio, cascalhou na boca daquele homem que ainda ninguém vira sorrir. Por isso vê-lo rir metia medo.

Impressionado, o príncipe Leonel perdeu a sua secura de dignidade ofendida.

— Que tens?... — gritou ele deitando as mãos aos ombros do seu inseparável companheiro — Nunca te vi assim! Dir-se-ia que és tu que estás embriagado.

— Talvez... — disse o Aio como há pouco dissera o príncipe — É que chegou o momento! Complete-se a obra. A máscara começa a pegar-se à cara. A venda aperta demasiado...

Articulando estas palavras enigmáticas, parecia queimar com os olhos o belo rosto do pupilo. Então, este levou as mãos à face. Dir-se-ia recear que esses olhos fixos o estivessem desfigurando. Assim tateou com os dedos trémulos, errantes, seus próprios lábios ondeados, a cana do nariz, as pálpebras e parte da testa, das fontes... No luxuoso turbante recamado de pérolas se pousaram, ignorantes ainda, esses dedos indecisos que um obscuro instinto parecia querer guiar.

Nesse instante, mais se sentiu do que ouviu em qualquer canto do aposento uma espécie de respiração aflita. Era

Rolão Rebolão que ansiava, sufocado de emoção. Oh, desespero! Rolão Rebolão era poeta! poeta a valer! Como já sabemos, descobria-se ao sentir aproximar-se a verdade. Os mesmos subtis nervos com que adivinhava chegado o momento da revelação suprema — o destrambelhavam agora a pontos de Rolão Rebolão não caber no seu esconderijo senão ofegando, sibilando, agonizando de paixão e curiosidade. Ah, desespero e raiva! Poeta e bobo, faltava a Rolão Rebolão a serenidade que pudera fazê-lo assistir sem sinal de si à descoberta da verdade...

Com voz seca mas terrível, o Aio, voltando-se, ordenou:

— Rolão Rebolão, sai de aí!

Já Leonel se empertigara ao seu lado.

Rolão Rebolão rebolou de trás de uma larga poltrona coberta de almofadas. Apanhado em flagrante espionagem, pôs-se a cacarejar umas risadinhas histéricas, entremeadas de semi-soluços e uma espécie de ganidos, enquanto batia com os chumaços das mãos um no outro e pinchava na bela alcatifa, como usava fazer para divertir a vilanagem. Ao

mesmo tempo se esganiçava em falsete, repetindo na toada de uma das suas melopeias zucas:

«Sua Alteza embriagou-se!

Andou de cabeça ourada!

Todo o dia e toda a noite.

Não é nada!

Mesmo nada!

Vai casar com uma boneca...,

Ar...ti...cu...lada!»

Mas tais gaifonas e o competente palavreado não alcançaram, agora, efeito algum; ou só alcançaram efeito contraproducente, pois conseguiram irritar ao máximo o príncipe Leonel.

— Põe-te lá fora! — gritou ele tocando-lhe com a ponta do pé, como a um trapo sujo — E não repitas a graça! É a última vez que te perdoo o abuso de te esconderes nos

meus aposentos. A piedade ou a repugnância que possa inspirar a tua disformidade não devem ir ao ponto de te suportarmos todos os excessos... Fica entendido, ouviste?

Embora já várias vezes Rolão Rebolão tivesse merecido uma enérgica reprimenda, nunca o príncipe perfeito falara assim a Rolão Rebolão; nem a ninguém. Com lhe inspirar uma secreta repulsa aquele monstro que, a ter génio, desmentiria muitas das suas teorias, nem a educação, nem a elegância, nem a bondade do príncipe Leonel lhe haviam jamais consentido perder assim o autodomínio, em falas e gestos, perante um ser tão mísero... De aí que Rolão Rebolão deixasse imediatamente de casquinar, de bater palmas, de pinchar. De entre as pálpebras encarquilhadas, os olhos tinham-se-lhe acendido como os dos gatos; e, olhando de baixo, redondos e frios, pareciam querer desmascarar ou hipnotizar o príncipe Leonel. Talvez por uma involuntária reação sobre o poder desses olhos que não queria mostrar perturbarem-no, o príncipe voltou a tocar no monstro, como a coisa imunda, com a ponta do seu sapato de baile. Então, o Aio encarou no pupilo e disse-lhe:

— Abstém-te de lhe tocares com o pé.

O príncipe endireitou-se.

— Abstém-te de me dares ordens diante deste aleijado! — respondeu.

— Sai! — disse o preceptor dirigindo-se brandamente a Rolão Rebolão.

Devagar, gingando ora sobre um ora sobre outro coto das coxas, Rolão Rebolão lá se arrastou até à porta. Uma espécie de uivo trémulo, arrastado, talvez uma cantiga ou talvez um lamento de Rolão Rebolão, arranhou o silêncio do corredor até se perder nas abóbadas longínquas. O Aio fechou então a porta à chave, pegou na mão do príncipe, e, a um seu pequeno movimento de resistência, perguntou-lhe com doçura mas firmeza:

— O triunfo já te ensinou a desrespeitar o teu melhor amigo?

— O meu melhor amigo é meu pai! Mas, depois dele, tu. Perdoa-me se te magoei. Não quis faltar-te ao respeito que te devo...

Nobres e conciliadoras palavras, sem dúvida; mas ousaria eu afirmar que a sua correção agradara ao enigmático Aio?

— Vem! — disse este premindo nos seus os dedos do pupilo. Como o fitasse interrogativamente, o príncipe viu-lhe os mesmos olhos que pareciam queimá-lo ou desfigurá-lo. E teve o mesmo instintivo movimento para se palpar, acompanhado de uma profunda impressão de inquietação ou terror: como de uma sinistra suspeita que não se precisa.

— Fazes-me susto... — murmurou; e ele próprio estranhou a infantilidade da sua voz molhada de lágrimas. Era como se, de repente, se sentira ainda uma criança fraca, indefesa, a par daquele homem misterioso. No mesmo instante lhe varou a mente uma pergunta — oh, uma naturalíssima pergunta! — que nunca, até então, formulara, e agora não podia compreender como ainda se lhe não pusera ao espírito: Mas quem era aquele homem? Esta pergunta arrastava muitas outras: Que queria ele? De onde viera? porque nunca o deixava? Que total influência exercia sobre a sua vida? Que representava no seu destino?, etc.

Era como se um súbito fuzilar de relâmpagos sucedesse ao primeiro lampejo, seguido de um contínuo rolar de trovões e desabamentos remotos. Ah, tão bem disposto que

o príncipe Leonel voltara do baile! Agora, tremia interiormente como no pressentimento de uma catástrofe. Mas já o preceptor o conduzia pela mão através das câmaras e recâmaras dos seus vastos aposentos particulares. No quarto do Espelho, fechou de novo a porta. Levando-o diante do cristal, disse-lhe:

— Vê-te!

Sem querer, e a despeito da sua inquietação, o príncipe sorriu de se ver belo naquele espelho que o devolvia em corpo inteiro. Vestia ainda os trajos de gala; e nunca o título de príncipe assentara tão bem fosse em quem fosse. Príncipe!, rei da criação. Como foi que, súbito, o sorriso se lhe deformou na boca, sem ele poder continuar a sorrir, nem tão-pouco despegar dos lábios esse esgar? Voltando-se bruscamente, reencontrou os olhos devoradores que no espelho o estavam espiando.

Quase berrou:

— Que tens?!...

— Vê-te! — repetiu o Aio.

Um demorado arrepio lhe arrepanhou então a pele da cara, com uma súbita humidade na testa e nas fontes: como se lhas tiveram corrido uns dedos álgidos ou um sopro de tumba.

— Piedade! — gritou sem saber o que dizia; ou porque o dizia. Mas já suas próprias mãos de novo tateavam trémulas seus próprios lábios recortados, a cana do nariz, as pálpebras e parte da testa, das fontes... De novo poisaram, lívidas, no luxuoso turbante de finíssimo bordado, recamado de pérolas. Então, uma obscura e pavorosa desconfiança lhe atravessou o espírito como um silvo de angústia... E arquejando, (tal qual Rolão Rebolão ao sentir aproximar-se a verdade) pôs-se a desfazer ao espelho, atrapalhadamente, aquele turbante sem o qual nunca se vira. Os seus olhos olhavam espantados, talvez sem ver, na face cor de terra. Pela primeira vez desde que se conhecia, — estranhava nunca se ter visto sem um turbante! Pela primeira vez estranhava nunca o ter estranhado. Em que inexplicável cegueira vivera sempre, — e como nunca sentira o que, de momento, estava sentindo, isso na cabeça que não era cabeça, nem cabelos, nem

orelhas, e lhe doía agora como se sempre andara dobrado, trilhado?... «Vê-te!» ecoava no mais fundo do seu ser a ordem do Aio.

Quando acabou por esgarçar o turbante com os dedos brutais como garras, o próprio abalo de todo o seu ser fez empinarem-se-lhe as pobres orelhas no geral tão contrafeitas. E peludas, compridas, aguçadas se lhe arrebitaram elas de entre os louros cabelos anelados, formando um ângulo agudo cujo vértice mais ou menos cairia na ponta do belo nariz grego: peludas, compridas, aguçadas, cartilagíneas, — tal-qualmente as do bom animal nosso amigo que todos injuriamos.

Talvez, neste passo, tenha o leitor comichões de riso na garganta. Pois tenha que não tenha, eis o que primeiro fez o nosso desgraçado príncipe perfeito: riu! ou toda a bela face juvenil se lhe contraiu numa escâncara semelhante à de um riso louco. Dir-se-ia que o desgraçado não acreditava no que os seus olhos viam, no que os seus dedos palpavam! Dir-se-ia que, mirando-se ora no espelho ora nos olhos do Aio, nesse e nestes procurava a confirmação de não serem mais que medonha farsa da fantasia burlesca, alucinação

de um momento anormal, aqueles grotescos apêndices que segurava, com horror e nojo, na ponta dos dedos finos, deformada a fina boca por aquele ricto de riso... Mas o Aio continuava a olhá-lo sério e triste. Nada, no seu aspeto, prometia a confirmação desejada: A sua atitude era antes a de quem já soubesse.

Então, pareceu que o príncipe queria falar. Mas, querendo falar, só gaguejava uns sons inarticulados, aflitos, que a muito custo parecia arrancar do peito ofegante, e mais lhe entortavam a boca e a face plúmbea. Num lamento rouco, prolongado, se conjuraram essas palavras inexprimidas; e como dizê-lo, como ousar dizê-lo sem ser suspeito de uma inoportuna associação de ideias pouco sérias?: mais do que a um choro humano, mais do que a um grandioso uivo de fera ou rugido de precito, a um desgracioso, triste e humílimo zurro se assemelhava a lamentação do mísero. Oh, nenhuma beleza oferecia neste momento o belo príncipe! (Embora, neste exato momento, pudessem estar muitas mulheres, e entre essas a nobre princesa Leonilde, sonhando com essa beleza). Mas o pior foi quando o infeliz levou as mãos à garganta, sacudido por

um inesperado sacalejão do busto, e, verde, com os olhos mortiços, inclinando-se em decúbito, vomitou sobre a opulenta alcatifa todos os delicados manjares e finíssimos vinhos ingeridos... Não! não devo ser feroz. Aqui sustenho a descrição de tão lamentáveis sucessos. A violenta emoção que nas entranhas do triste príncipe solevara esses vómitos — nelas continuava operando revoluções talvez suscetíveis de exteriorização ainda mais desgostante. Bastará dizer que o mesmo Rolão Rebolão teria dó dele, se, neste momento, pudesse vê-lo assim a quatro mãos no rico tapete, agonizando sobre o seu próprio vómito, em posição clássica naquele nosso modesto irmão cuja merencória voz há pouco imitara, e do qual sempre tivera as afamadas orelhas...

Em toda esta cena chocante não esboçara o Aio um gesto para o ajudar ou consolar. Durante toda ela mantivera a sua hirta solenidade e o seu rosto grave e triste.

CAPÍTULO 9

COMO O PRÍNCIPE LEONEL FUGIU DO PALÁCIO, E DO SEU ENCONTRO COM UM FALSO MENDIGO

Ainda não rompera o sol quando o nosso príncipe acordou da espécie de coma em que ficara jazendo, entre os braços da luxuosa poltrona. Estava só. O Aio, que nunca o deixava, tinha desaparecido.

Nos primeiros momentos, como não julgaria o príncipe despertar de um terrível pesadelo? Tudo, certamente, resultara de uma digestão difícil ou de uma indisposição intestinal... E foi o que supôs, — nos primeiros momentos. O sarcástico espelho lá estava em frente, a demonstrar-lhe a pavorosa certeza; e perante a grotesca autocaricatura, tudo se lhe representou ao vivo como real. Então, o príncipe Leonel quis tentar um desafogo chorando; mas o seu aniquilamento, o seu negrume interior, o seu doloroso pasmo, — eram demasiado intensos para que pudessem

derivar em lágrimas; tanto mais que, até ao presente, sempre fora feliz, e bem raras vezes as glândulas lacrimais lhe tinham tido oportunidade de se exercitarem na sua função. Esmagado, abafado como se acordara dentro de um jazigo, é que estava agora o príncipe Leonel. E tão incrível lhe parecia, em relação ao presente, o estado de inconsciência e felicidade em que sempre vivera até há umas horas, como, em relação a essa inconsciente e feliz vida passada, lhe parecia incrível, inaceitável, o momento presente. Dir-se-ia que tudo sofrera uma espantosa reviravolta, — da qual, porém, só ele voltara a si desconhecendo-se e desconhecendo tudo. Porque para todos os outros seres a vida prosseguia, decerto, na mesma: Para todos os outros ia o sol nascer e brilhar; os pássaros cantar; as fontes correr; o azul do céu oferecer-se no esplendor da sua nitidez e da sua calma. Para todos os outros ia começar um novo dia de festa, pois estavam decorrendo as festas há tanto anunciadas e tão auspiciosamente iniciadas. E só ele, o herói desse regozijo nacional, penava agora, ali, enrodilhado sobre si próprio como um farrapo, mísero farrapo humano, farrapo que nem

humano poderia dizer-se, porque a sua monstruosidade o expulsava do mundo dos homens...

Tão incomportáveis foram ao pobre príncipe estas e outras considerações semelhantes, que teve de fazer alguma coisa para poder suportar o simples facto de existir. E a primeira coisa que fez foi ocultar aos seus próprios olhos, apertando-os sob esse turbante cuja utilidade agora conhecia, aqueles nojentos apêndices que lhe roubavam toda a alegria da vida. Sim, conhecia finalmente a utilidade do turbante! E, pensando em como pegara essa moda vinda da sua Alteza, a ponto de trazerem todos as suas orelhas normais abafadas como se todos tiveram orelhas de burro a esconder, o príncipe soltou casquinadas de riso despedaçador e rouco.

Vários momentos há em que o indivíduo age segundo intenções ainda não consciencializadas. Só quando se viu noutro quarto, remexendo roupa nos seus sumptuosos armários, reparou o príncipe no que fazia. Então percebeu que a sua intenção era sair do palácio, fosse para onde fosse, não sabia até quando, ou se para sempre. Ficar e representar todo o dia, aos olhos da corte e do povo, o seu

papel de príncipe perfeito; surgir perante a princesa Leonilde na sua trágica mascarilha de felicidade e beleza; colaborar jovialmente nas festas que na sua honra se estavam realizando, — eis um heroísmo para o qual não se reconhecia forças! O que ele queria era fugir!, não podia pensar agora em mais nada. E era com tal fito que, entre os seus opulentos trajos, tão opulentos que certamente logo denunciariam nele o grande senhor, procurava um com que pudesse passar despercebido. Em vão. Nos seus armários, nos seus gavetões, nas suas arcas, não havia fato que não fosse demasiado elegante, demasiado rico e demasiado belo. Em nenhum deixaria um conhecedor de reconhecer o corte inconfundível do alfaiate privativo da casa real. Como poder, com eles, embrenhar-se incógnito na cidade, sumir-se ignorado na multidão anónima, — se já seria grande vitória furtar ao reconhecimento público, mesmo sob vestuário impróprio da sua condição, os seus traços irrepreensíveis e célebres?

Depois de ter mexido, remexido, lembrou-se de que em baixo, nos alpendres e palheiros que prolongavam as dependências da criadagem, — desde que a extinta rainha

sua mãe assim o determinara, sempre dormiam miseráveis e mendigos. Era, certo, um abuso inexplicável: mas até malfeitores aí se acoitavam. Envergou, então o pior trajo que achou, (esse mesmo, rico) apertou sob o queixo a capa mais usada que tinha, (essa mesma, magnífica) e, atravessando silenciosamente câmaras e recâmaras, achou-se no corredor. Pelas altíssimas frestas gradeadas, já a luz do novo dia entrava: uma luz hesitante, azulada, em que se pressentia sol e ainda sentia luar esmorecendo. Trilos de aves começavam de acordar, timidamente, nos árvoredos do jardim. Chegava um cheiro ao ar livre, à terra fresca, às flores orvalhadas, — e um dealbar vinha abrindo ao nascente, no céu azul-ferrete, uma vaga clareira argêntea franjada de rosa esmaiado. Cantavam galos ora muito longe, espectrais, ora perto e álacres. E com a testa apoiada aos ferros de uma das grades, o príncipe Leonel podia, enfim, chorar. Nem ele sabia como, repentinamente, os olhos se lhe tinham enevoado, cegado de lágrimas que lhe rolavam agora pelas faces, e caíam nos dedos, umas após outras... Era a primeira vez que tal lhe sucedia na vida! Também era a primeira vez que deixava, tão incerto do regresso, aquele imenso casarão em que nascera,

brincara, se criara, — aquele seu mundo em que vivera a sua vida cega e feliz: uma vida que nunca, nunca mais recuperaria!

Chorando, sentiu-se aliviado. A ideia de que ninguém, em todo o orbe terrestre, por esse belo alvorecer de Maio, poderia ser mais desgraçado do que ele — deixou de ter o amargo com que surgira para se revestir de uma espécie de orgulho do sofrimento extremo. Subitamente, em razão de um desses fenómenos que ninguém explica mas quase toda a gente pode confirmar, o príncipe Leonel sentiu-se constrangido e presenciado. Voltou-se; mas, antes de verificar que era ele, já sabia que sim, era ele, — Rolão Rebolão. À lembrança de que Rolão Rebolão não ficara ali senão para o espiar, para não perder qualquer oportunidade que porventura se lhe oferecesse de o surpreender, um violento referver de raiva cachoou dentro do nosso príncipe: Leonel sabia agora que desde sempre o monstro pressentira nele um mistério vergonhoso — farejara nele aquela sua ou qualquer outra monstruosidade que os irmanava — isto quando toda a gente o julgava a própria perfeição encarnada... e ele próprio se julgava tal.

Palavras de ódio e vingança lhe tumultuavam no peito. Ao mesmo tempo, Rolão Rebolão quase lhe inspirava agora terror, além de um invencível respeito, e um confuso mas profundo sentimento de fraternidade. Embrulhado na sua manta, aliás esplêndida, e amochado no largo cadeirão que lhe servia de leito, Rolão Rebolão mais semelhava um cão ou uma besta-fera, do que um ser humano. Porém de entre as pálpebras inchadas, sem pestanas, como as de um recém-nascido ou um velho, os olhos extraordinários de Rolão Rebolão eram agora humanos, quase doces, e não desfitavam os do príncipe Leonel. Pareciam ouvir o que estes lhes diziam, na língua muda em que, para lá de tudo, se adivinham, entendem, comunicam, às vezes, certos seres: «Pois também! um monstro também eu sou…»

Inesperadamente dele próprio, quando ainda no seu peito continuavam a fremir palavras de raiva, Leonel disse com a voz trémula:

— Tu abusas, talvez... e fazes-me perder a paciência. Mas não é razão para que eu me exceda. Esta noite excedi-me... fui brutal contigo. Peço-te que me perdoes.

— Oh, oh!... — cascalhou Rolão Rebolão — já descobri que o príncipe perfeito também chora! Agora também pede perdão?

— Também! — disse o príncipe — também chora e também pede perdão. O príncipe perfeito nunca foi perfeito...

— Decerto! — guinchou Rolão Rebolão — Ora ainda bem! ainda bem...

Mas já Leonel dobrara o corredor ao fundo. Carregou de certo modo, com o indicador, num certo ornato do rodapé de mármore, e uma portinha estreita e baixa se abriu, por onde ele meteu curvado. Descobrira em criança, brincando, essa passagem secreta, que supunha ir dar aos baixos e dependências do palácio. Algum seu avoengo — pensara mais tarde — a mandara fazer, para se escapulir uma que outra vez às convenções da corte e ao peso da sua linhagem. Nunca o príncipe Leonel a usara. Agora lhe oferecia o único meio de sair do palácio sem que o vissem. Cautelosamente, ajudando-se com as mãos ambas ao longo das paredes viscosas, começou a descer na escuridão. Eram, primeiro, uns degraus estreitíssimos e muito altos,

que nunca, em outras circunstâncias, se atreveria o príncipe a descer. Mas as circunstâncias atuais eram absolutamente insólitas; o estado de espírito do nosso príncipe também. Ao cabo de algum tempo, (muito ou pouco, difícil fora dizer) deixou de haver degraus; e começou uma espécie de corredor inclinado por onde o príncipe avançou mais seguro, embora, por vezes, se lhe embaraçasse a cabeça em longos, finos, repelentes, intrincados filamentos que julgou de enormes teias de aranhões, e o esbofeteassem asas ao mesmo tempo veludosas e ásperas, talvez de morcegos. Ratazanas enormes como gatos lhe trambolhavam sobre os pés, fugindo. Só lá longe, como uma estrela na noite, alvorejava um buraquinho de luz do dia; e o ar quase irrespirável, de um morno húmido e sufocante, ia refrescando à medida que esse ponto luminoso aumentava. Contra o que supusera o nosso príncipe, a saída era já fora de quaisquer dependências do palácio. Dava para o fundo de um barranco entre pedregulhos e silvas. Quem quer que nela reparasse não pudera supô-la senão uma pequena escavação. Para além disso,as silvas se tinham encarregado de a esconder.

Quando, trepando, chegou à borda da estrada, Leonel sentou-se no chão e ali ficou ofegando. Só depois de um pedaço pôde reparar tanto no que o cercava como em si. Tinha as mãos esfoladas e sujas de terra, as unhas partidas, a cara sangrando dos espinhos das silvas por entre que passara, e gretados e rotos os finos sapatos palacianos. A capa, que lograra não largar pois com ela contava para se embuçar de quaisquer olhares suspeitos, apresentava consideráveis rasgões; além de estar longe de limpa. E o mesmo se poderia dizer do elegante fato. «Tanto melhor!» pensou Leonel «ninguém me poderá reconhecer sob este aspeto miserável...» «E que sou eu senão um miserável?» pensou imediatamente o príncipe perfeito com orelhas de burro. Não obstante o amargor de tal reflexão, este era o momento mais feliz, quero dizer: menos tenebroso, que tinha Leonel desde que a sua monstruosidade se lhe revelara. O que a isso ajudava era o esplendor da manhã ao ar livre, o cansaço que já quase nem permitia ao pobre príncipe sofrer mais, e a inexistência de quaisquer obrigações para aquele vazio de tempo que tinha diante dele. Que bom, morrer ali no chão ao rés dos campos verdes e floridos, arrepiados de ouro por um primeiro

sorriso do sol...! expedir um ai, e passar, com esse bom cheiro da primavera nas narinas, os ouvidos sensíveis aos mínimos zumbidos dos insetos e trilos das aves, as mãos caídas na terra nossa mãe, os olhos afundados nessa imensa vastidão azul que torna minúsculas todas as preocupações humanas...!

De novo as lágrimas corriam mansamente pelas faces do príncipe Leonel, misturando-se-lhe agora com terra e sangue. E querereis crer que nunca o príncipe Leonel se sentira tão poeta, — se é que alguma vez, até então, se sentira verdadeiramente poeta o príncipe Leonel?

Ora começava de passar gente: gente enfeitada, alegre, que fora dormir a casa ali nos subúrbios, e voltava à cidade para o segundo dia de festas. Como não repararíam nesse jovem que chorava ao rés da estrada, e tinha as mãos e as faces sujas de sangue? Foi, primeiro, um rancho que vinha dançando, e cuja animação esfriou ao passar por ele. As mulheres fixaram-no com tanto interesse, e tão cariciosa compaixão, que logo o olhar de curiosidade dos homens tornou-se um pouco hostil. Lá lhes queria parecer a elas que estava ali um belo rapaz, apesar da cara negra e da

capa rota; e vontade não lhes faltaria de o interrogarem, o consolarem, o convidarem a segui-las à folia, e repartirem com ele da sua alegria e do seu farnel. Mas seria, em verdade, um pobre de pedir aquele rapaz ao mesmo tempo bem vestido e esfarrapado? Claramente se via que não só lhes agradava como as intrigava; o que também se via não ser do completo agrado dos homens que as acompanhavam. E só dois pares de namorados que vinham à frente, isolados dos pais mas vigiados, nem sequer se dignaram olhá-lo, de embevecidos eles nelas, elas neles.

Mais uma vez o príncipe Leonel verificava o seu poder de atração sobre as mulheres. Se ao prestígio do papel ainda pudera atribuir esse poder no seu papel de príncipe prodigioso, — agora tinha confirmação de que a sua simples pessoa bastaria a seduzi-las. De resto, sempre o suspeitara. Ora isso, que dantes o satisfizera, — até certo ponto só lhe afiava agora a amargura: Qual delas não gritaria de horror, no próprio instante em que se lhe fosse entregar vencida, se ele simplesmente erguera aquele turbante que lhe cingia a cabeça?... aquele que dera origem a todos que atualmente usavam os elegantes, — sem

saberem porquê! Ah, que bem enganados andavam esses homens olhando-o de esguelha, com tal ciúme e tal oposição, como a um rival perigoso! E como não se sentiriam vingados conhecendo a verdade! Porque todos aqueles podiam ser tortos, deselegantes, escanifrados, gordos, pequenos..., mas eram homens uns como os outros!: normais; com orelhas de gente racional.

Entrementes ia passando uma velha com o seu burrico ao lado, e o neto escarranchado no animal: A velha toda asseada e gaiteira; o dito animal muito escovado; o rapazelho com a sua fatiota dos grandes dias. Como visse mal e, no entanto, qualquer coisa, no nosso príncipe, lhe ferisse a atenção, a velha parou a olhá-lo com o mais natural dos desplantes. Depois disse «shó!» ao burrico, interrogou o neto com os olhos risonhos e míopes, levantou os ombros fazendo com a boca um momo de quem não sabe o que pensar... Acabou por meter a mão esquerda numa saca de ramagens, que trazia muito segura da direita; e estendeu a Leonel um bom naco de pão escuro, cheiroso, com uma fatia de queijo. Leonel hesitou um segundo; mas lembrou-se, pela primeira vez, que não trouxera dinheiro

algum, não tardaria a ter fome, e não devia ofender a boa velha recusando aquela esmola tão espontaneamente oferecida. Aceitou, pois, o seu presente, e pôs-se a comer com vontade.

— Feriu-se?... — perguntou-lhe a velha com solicitude.

— Escorreguei numas silvas. Mas não é nada. Basta lavar a cara ali na fonte.

Caso é que lhe estava agora sabendo melhor esse pão negro, esse queijo grosseiro, do que as mais das vezes lhe sabia o esplêndido almoço que lhe levavam à cama, num grande fausto de pratos, bacias, bandejas, cristais, gomis de prata. A velha ficara-se a vê-lo comer. E tão amável era a satisfação que se lhe espraiava no rosto engelhado, que Leonel, para aumentar o seu prazer, ainda exagerou o prazer com que manducava, dele dando evidentes e ruidosas mostras.

— Deus lhe pague! — disse quando acabou.

Estas palavras saíram-lhe muito sinceras do coração.

E, demorando nela os olhos agradecidos e resplandecentes, (os mais belos olhos do reino — diziam as

damas da corte) sorriu-lhe entremostrando os dentes irrepreensíveis, mais brancos na face lambuzada de terra, sangue, lágrimas. Talvez porque esse radioso sorriso acabasse de lhe conquistar a simpatia da velha, esta foi ao burrico, tirou uma borracha do saco metido entre as pernas do rapazito, e estendeu-a a Leonel. Leonel bebeu uns golos de vinho fresco e leve. Não lhe soube menos bem que o pão e o queijo. Depois dele ter bebido, a velha levantou a cara, abocou o gargalo por onde ele bebera, e bebeu também; e depois estendeu também a borracha ao fedelho do neto, mas sem a largar, para que ele não engolisse mais que dois tragos medidos.

— Deus lhe pague! — disse a dizer Leonel — Deus dê boa sorte ao seu netinho...

— Amém — corroborou ela compenetrada.

— É seu netinho, não é?... — perguntou Leonel por perguntar.

— Está de ver! — respondeu outra vez risonha — Ainda lá tenho mais quatro. Todos queriam vir comigo à festa! Mas hoje calhou a vez a este...

Olhou o neto com ternura, ajeitou-o no selim, tocou o burrico dando-lhe uma ordem familiar, e despediu-se:

— Fique-se com Deus.

— Deus vá consigo — replicou Leonel.

— Eh!..., — disse de repente uma voz áspera e sarcástica — para mim nada?!

Era um matulão que se achegara de mãos nos bolsos das calças mal remendadas, um chapeirão velho sobre os cabelos demasiado compridos, as unhas negras dos pés espreitando à biqueira dumas botas enormes, e uma sacola apertada entre o busto e o braço direito.

A velha voltou-se, olhou-o de alto a baixo com ar de desagrado, respondeu com secura:

— Tenha paciência. Não pode ser a todos.

E foi andando.

— Ora ai está! — ponderou pachorrentamente o recém-vindo — nem todos podemos agradar. Tens mais sorte do que eu.

Leonel olhou-o: Era novo, trigueiro, forte, com as feições vincadas e agudas, belo homem, até certo ponto. Mas Leonel teve a mesma impressão de descontentamento. Na expressão, nos modos, no todo, no próprio aparecimento inesperado daquele indivíduo, qualquer coisa havia de petulante e rangente que, pelo menos ao primeiro encontro, não inspirava confiança; nem simpatia. De onde viera, como surgira sem ser pressentido? Ao mesmo tempo, que haveria também nele que a Leonel evocava nem sabia quem, alguém muito familiar mas cujo nome, cuja própria imagem, não conseguia lembrar?... Dir-se-ia ter conhecido, não sabia quando nem onde, um irmão ou sósia daquele homem; ou, porventura, aquele próprio mas disfarçado, transfigurado, em circunstâncias muito diferentes, talvez sob outras feições ou com outra idade... Tão estranha, tão inquietante, e ao mesmo tempo tão esquiva e intensa era tal impressão, que Leonel se esforçava por a escorraçar; sem grande resultado, porém.

Entretanto, o esquisito personagem sentara-se a par dele. Pôs-se a apalpar-lhe os sapatos, as meias, o tecido dos calções, do gibão, da capa... A sua mão subiu até ao

turbante, demorou um pouco; parecia procurar. Então, o príncipe Leonel não pôde conter-se e deu um berro.

— Olé!... — fez o outro retirando logo a mão. E afastou-se um quase nada, para melhor considerar o companheiro. Leonel estava pálido e tremia. Viera-lhe a ideia extravagante de que o outro não só o reconhecera, como também conhecia o seu segredo.

— És muito sensível, rapaz. Estou desconfiado que não pertences à classe! Tens uma pele de donzela; e vestes à moda, e do melhor pano... Olha que eu conheço um bom tecido! Aonde foste roubar isso?

Leonel fez um corajoso esforço: encarou no companheiro e disse:

— Nunca roubei nada a ninguém; nem tenciono roubar.

— Ah, não?! Boas intenções! Mas ninguém diga desta água não beberei. Eu também dizia o mesmo; e agora vivo de mendigar... e pilhar o que posso. Pelo menos, aparentemente.

Desatara a sacola, que trazia cheia de víveres; ia comendo e bebendo. Leonel começava a estar mais à

vontade. Sorriu, tentou gracejar:

— Talvez eu vista do bom. Mas tu comes e bebes do melhor. Também sou conhecedor, até certo ponto.

— Cá me queria parecer! — resmoneou o mendigo com um olhar de través — Mas pensas que me dão disto?... Pois sim! Um pobre não tem paladar. A maior parte do que me dão, dou-a aos cães vagabundos; ou aos colegas menos felizes... e mais acanhados. Mendigar é um pretexto para me aproximar das casas, entrar nas cozinhas... Depois, é cá comigo.

— Não tens vergonha de dizer essas coisas?

— Vergonha, eu?!

— Vergonha, sim.

— Nenhuma. Ninguém foi mais roubado do que eu. Faço justiça.

— Nem receio?

— Receio!... Olha lá: serás tu da polícia da sua Majestade?

— Quem sabe!

— Maneiras à moda lá deles, tens tu! Por isso até as velhas simpatizam contigo. Podes fazer carreira, se não fores parvo. Olha que as mulheres são um belo degrau! Lavando essa cara, e com esses teus modos de príncipe infeliz, podes agradar a uma duquesa. Depois é trepar! Uns descem e outros sobem.

— Tu desceste?...

— Sei lá se é descer! Que já vivi uma vida muito diferente, é certo.

Como vinha passando uma numerosa família, o estranho mendigo puxou a sacola para debaixo dos joelhos, lamuriou:

— Uma esmolinha por amor de Deus! Somos dois homens válidos e não achamos trabalho. Vemo-nos obrigados a estender a mão à caridade…

Ao mesmo tempo, disfarçadamente, acotovelava o companheiro. Leonel admirou a completa reviravolta que se fizera na sua voz, no seu gesto, na sua atitude. Nada, já, daquele ar sarcástico e atrevido com que primeiro se apresentara, e o tornara tão antipático! Falava, agora, num

tom humilde e digno, que se imporia não só ao respeito como à simpatia de qualquer. E tão ajustado era o seu todo às suas palavras, que a ninguém viria à cabeça duvidar delas. Como obedecendo irresistivelmente, o príncipe Leonel estendeu também a sua mão comprida e fina.

O homem que ia indo parou, remexeu nos bolsos, e mandou por um dos filhos entregar uma moeda ao que pedia. A mulher, porém, antes olhava o príncipe Leonel, com olhos de comiseração. Acabou por poisar no chão o filho mais novo, que trazia ao colo; e, procurando também uma moeda, fechou-a na mão da criança, encarreirando-a na direção de Leonel. Com a mão fechada no ar, sorrindo divertido, o pequenito, que ainda não devia ter dois anos, lá veio bamboleando sobre as pernitas frágeis, abertas, um bocadinho arcadas. A cada instante parecia não poder aguentar-se, ir cair, sob o olhar encantado e receoso da mãe; mas ziguezagueando, aos bordos, lá conseguiu chegar ao pé de Leonel. Leonel beijou-lhe a mãozinha ainda cerrada, abriu-lha com muita delicadeza, guardou a moeda, pegou no pequenino e foi levá-lo. Antes de o entregar à mãe, beijou-o nos cabelos encaracolados.

— Muito obrigado! — disse à mulher — Deus lhe dê saúde, e boa sorte a todos os seus meninos.

— Amém — disse a mulher. Tomara súbita e naturalmente o mesmo ar grave, compenetrado, da velha do burrico, ao agradecer um voto idêntico. Afora no seu pai e na boa ama que o criara, nunca o príncipe Leonel achara em quem quer que fosse do paço um ar tão sério, tão recolhido, e ao mesmo tempo tão natural, quando se falasse de Deus e do destino. A bem dizer, mesmo só agora, e por comparação, reconhecendo no modo e na voz das duas mulheres uma identidade profunda, — notava, através da memória, que o seu bom pai e a sua boa ama se referiam a Deus, à sorte cie cada um ou à vida do outro mundo, com igual acatamento e igual simplicidade. «Isto é que é ser religioso...» pensou o príncipe Leonel. Quanta vez seus mestres dos mistérios sagrados — sacerdotes, todos eles, da mais alta cultura e reconhecida virtude — lhe tinham ensinado a santa doutrina, os mandamentos supremos...! Quanta vez ouvira o Magno Sacerdote perorar magníficos discursos sobre as verdades místicas!... Olhos em branco, gestos extáticos, ademanes untuosos, tocantes inflexões da voz, raptos e

arroubos de piedoso fogo, — todos os tinham. Nenhum tinha o espontâneo tom que lhe fazia, agora, pensar: «isto é que é ser religioso...». E, subitamente, Leonel perguntou para si mesmo se alguma vez ele próprio teria sido verdadeiramente religioso.

— Que te disse eu?... — gorgolejou ao lado o companheiro com a boca cheia. Reatara o seu lauto almoço interrompido e estava agora esburgando uma avantajada perna de pato. — Não te disse que deves dar no goto às mulheres? Tens o futuro garantido, menino! O ponto é esperar a ocasião; depois, agarrá-la com, unhas e dentes! e depois trepar; trepar à custa de todos! à custa de tudo! Olha que, se não trepas tu, trepa o teu amigo; e passa por cima de ti. Ora as mulheres, que esplêndidas escadas! Os mais dos homens são habilmente governados pelo capricho das mulheres. Não deves ter escrúpulo em te servires delas como elas se servem deles... Conquista as fêmeas! Os machos serão por ti sem o saberem; e tanto mais, quanto mais as suas fêmeas os atraiçoarem contigo, entendes? És novo e um bonito rapaz, palavra de honra! Os teus modos fazem-me crer que não nasceste nos trapos dos pobres, nem tiveste uma

educação como a deles..., que também é boa, sim, mas diversa. E tenho a certeza de que me não engano! Nem sempre andei eu próprio como agora ando, nem sou sem letras como os meus atuais camaradas. Sei, pois, distinguir a gente da minha verdadeira classe, que era o que se chama a alta classe... Ainda agora te vi andar. Se tivesse algumas dúvidas, perdia-as: Nenhum verdadeiro mendigo poisa os pés no chão ou lança a perna dessa maneira, — embora haja na corte quem poise os pés e mova as pernas quase como os mendigos... E sabes porquê? Porque os seus pais ou avós o eram. Os netos perderam os últimos escrúpulos, são hoje fidalgos. Não te deixes tu vencer com as tuas qualidades, repito-te! E nem sei, nem sei porque te dou estes preciosos conselhos. Talvez por estar hoje anormalmente bem disposto; talvez por ter eu próprio simpatizado contigo..., o que bem pode provar outra vantagem tua: Ser capaz de seduzir as mulheres, e não desagradar aos homens inteligentes. É o cúmulo! Boas fadas assistiram ao teu nascimento, não há dúvida...

Falava conforme as necessidades de interrupção, pois continuava almoçando^

— Boas fadas... — murmurou o príncipe Leonel com os olhos no vago. Os lábios franziram-se-lhe num sorriso doloroso e constrangido. — Boas fadas assistiram ao meu nascimento...

Parecia-lhe ter apanhado um fio de uma enredada história familiar, ouvida há muito não sabia quando, não sabia onde, nem sequer sabia se ouvida, — e relacionada com ele não sabia porquê. Era à moda de não podia saber que vaga reminiscência de qualquer coisa passada talvez numa vida anterior, talvez noutro mundo... E tornava-se aflitivo ter aquilo nas profundezas da memória e não poder trazê-lo à tona da consciência! — não chegar, sequer, a saber de que se tratava! Súbito, um pequeno soluço rápido, seco, lhe solevou o peito e apertou a garganta. E, sem bem saber porquê, o príncipe Leonel tirou a moeda que lhe dera o pequenito e levou-a aos lábios. Voltou-se, então, para o outro, que parecia examiná-lo com ironia e pasmo:

— Também tu és novo... forte... — disse-lhe — e acabas de confessar que te criaste num meio superior. porque não soubeste aproveitar as tuas vantagens? ou porque não pões em prática esses tais preciosos conselhos que me dás?

— Em primeiro lugar: sabes se os ponho? E depois, comigo, é diferente! Sou um velho!

Ia continuar, mas lamuriou de novo:

— Uma esmolinha por amor de E>eus! Somos dois homens válidos e não achamos trabalho. Vemo-nos obrigados a estender a mão à caridade...

O homem que ia passando, bem vestido, seu criado atrás, contentou-se com lhe atirar um olhar frígido.

— Nosso benfeitor! tenha caridade! Ainda hoje não comemos nada...

— Também ainda não é tarde! — chasqueou o homem, voltando-se. E foi seguindo, satisfeito da sua boa resposta.

— Bandido! — exclamou com indignação o que pedira — celerado!

Depois de uns segundos de silêncio, Leonel disse-lhe brandamente:

— Não podes pedir sem mentir? Talvez eles adivinhem a mentira...

— Qual! Todos mentem mais do que eu. Só aos pobres negam o direito à mentira. Aos pobres, exigem eles todas as virtudes; além de todos os sacrifícios.

— Talvez. Mas também há pobres perversos, embora todos dignos de caridade.

— Se há pobres perversos?! Pois há. São a imensa maioria. Quase todos se tornam servis, manhosos, cobardes, invejosos, odientos uns para os outros, ferozes com os mais miseráveis, e cobiçosos da riqueza para se poderem mostrar ainda mais secos, mais insolentes, mais brutais, do que os senhores que hoje tanto acusam...

— Oh! — fez Leonel quase com repulsa — não faço juízos tão negros sobre os nossos irmãos pobres. Que pensarás, então, dos ricos?

— Penso que são irremediavelmente egoístas, fúteis, curtos, vaidosos, implacáveis com quem lhes resiste, vazios de coração e de espírito, anafados em convenções comodistas que tomam por altos princípios... De resto, os pobres têm os vícios dos pobres e os ricos os dos ricos. Uns

e outros ostentam, além disso, as miseráveis prendas de todos os homens...

— Oh! — disse o príncipe Leonel com indignação e mágoa. Levantou a cabeça, para respirar melhor; e os seus olhos mergulharam na limpidez alucinante do azul imenso. A manhã estava radiosa, — tudo brilhava ao sol como se fora criado durante a noite. O concerto da passarada nas árvores tornava-se provocante. Só por muito breves intervalos se ouvia zoar um inseto passando, ou gargarejar nas pedras o regato ali próximo. Borboletas brancas, azuis, verdes, amarelas, quase negras, trabalhadas e delicadas como joias vivas, palpitavam de flor em flor ao de cima do campo imerso, como suspenso, no esplendor esparso. E longe, por entre os braços e a folhagem das árvores, faiscavam os vidros e os metais, empinavam-se os coruchéus, arredondavam-se os zimbórios e cúpulas, espreitavam os encruzilhados telhados da cidade.

Quando voltaram desta digressão, procurando os do seu interlocutor, os olhos de Leonel vinham como espelhando a beleza triunfal da manhã. Talvez porque sentisse nesses olhos resplandecentes, todavia amortecidos de melancolia,

uma involuntária censura, o seu interlocutor continuou com raiva:

— Queres que te diga o que penso? Toda a questão de ricos e pobres, grandes e pequenos, opressores e oprimidos, etc., etc., não passa, afinal, de uma questiúncula secundária...; ou de um desconcerto irremediável; ou de um aspeto superficial.do problema..., — é como queiras! Sejam quais forem os tempos, as formas de governo, as doutrinações, os rótulos, tudo o mais, sempre haverá injustiça no mundo; e desigualdade; e abusos e protestos. Sempre haverá indigentes e ricos, escravos e tiranos, desgraçados e gozadores... Dentro de nós é que está a chaga, é em nós que ela supura; Nada pode melhorar se o homem não melhora. Mas isso é que os homens não podem nem querem crer! Reconhecê-lo — obrigá-los-ia a um grande esforço sobre si mesmos; a uma briga permanente contra a sua própria natureza torta e desgraçada. E, então, preferem acusar-se uns aos outros, acusar o rei, os ministros, os governos, as doutrinas, as ideias..., sei lá! Batem-se por estas coisas ou contra estas coisas, morrem por fantasmas e fantasias, — só para não se baterem contra

si mesmos. O que acima de tudo é preciso é salvar cada um o seu amorzinho próprio, a sua rica pessoa. Esteja tudo o mais errado... mas cada um certo. Erre Deus, erre o universo, — mas não tenha eu de confessar e atacar os meus erros, tu os teus, etc. Sinceridade e humildade, como pregam alguns, eis o que pudera salvar o mundo, se o mundo fosse para salvar-se; ou, pelo menos, melhorar o mundo. Mas quem é capaz de dar o exemplo? de vontade de se vencer a si? Uma esmolinha por amor de Deus! — choramingou mudando repentinamente de tom — Somos dois homens válidos e não achamos trabalho. Vemo-nos obrigados a estender a mão à caridade...

Leonel, que o ouvia como suspenso, olhou:

Passava agora um casal num coche aberto e luxuoso: uma lua de mel, decerto. O homem parecia enlevado na rapariga, que era bonita, e sorria com um sorriso imóvel, como prensado, nos lábios rubros. Atrás seguiam a pé, com sacas e fardos, os criados e dependentes. E o grande cocheiro, na boleia, conduzindo com pompa e vagarosamente a feliz sege, ia hirto de importância e não

menos bem vestido que o seu amo. Ninguém pareceu ouvir a súplica do falso mendigo.

— Nossos ricos benfeitores! — quase gritou este — somos dois bons operários sem trabalho! Ainda hoje não comemos nada. Tende caridade!

O tom discreto que inicialmente usara facilmente se corrompera.

Então, o namorado meteu dois dedos no colete verde-musgo, escabulhou em qualquer bolso; e, sem deixar de fazer a sua corte à rapariga do sorriso imóvel, atirou de cima, com desdém e graça, uma moeda de ouro. O seu rápido olhar indiferente nem sequer vira os que socorria.

O falso mendigo apanhou a moeda no ar, disse a meia voz um obrigado, ó tu! que não foi ouvido; e logo a seguir, com ódio:

— Malandro!

— E tu...? és tu capaz disso? — perguntou Leonel todo trémulo.

As anteriores palavras do companheiro tinham-no impressionado tão profundamente que ainda se lhe estavam prolongando no íntimo: como um som ecoa, repetidas vezes, ao longo de uma longa cisterna.

— Isso quê?!... — fez o outro, admirado. Mas Leonel compreendeu que tanto essa distração como essa admiração eram fingidas.

— Bem sabes que me refiro a essa sinceridade... essa humildade..., essa vontade de luta contra os nossos erros e vaidades...

— Oh, Oh...! — gorgolejou o interlocutor zombando. Pôs-se logo sério. — Eu?!..., claro que não! Pois em quem observei melhor o que sei dos homens senão em mim mesmo? Não, nessa não caio eu! Ser sincero com hipócritas, humilde com poltrões arrogantes, leal com farsantes e hábeis arranjistas...? Pisavam-me como um tapete. Para além disso,já te disse que estou velho.

— O próprio significado das tuas palavras as desmente! — disse Leonel depressa, com um belo sorriso. Tão espontaneamente lhe saíra este dito, que se lhe afigurava

nem o ter pensado. Não obstante, exprimia muito bem qualquer fundo do seu pensamento.

— Como assim?... — perguntou o outro olhando-o súbito com uma espécie de curiosidade impudente e cruel.

— Pois não estás tu agora mesmo reconhecendo o teu erro, confessando-o...? Já não é isso lutar contra os teus próprios limites?

— Que otimista tu és!

— E tu desesperançado! Mas o desespero não se mantém: Por qualquer forma, e ainda quando menos pareça, o que procura é ultrapassar-se... Não vês que é contrário à natureza humana? Só ao otimismo tendem os pessimistas, até quando mais raivosamente afirmam o seu pessimismo... O que eles têm é pouca paciência! Desistem depressa.

Dizendo estas coisas dele mesmo inesperadas, o príncipe Leonel continuava trémulo. Decerto, já muita vez mantivera com os seus mestres ou camaradas de estudo excelsas e longas discussões filosóficas, isto é: versando os chamados grandes temas eternos. Em tais conversas e discussões se afirmara o seu extraordinário virtuosismo intelectual, tão

espantoso em tão verdes anos... E nelas também se afirmara sempre a sua esbelta, sorridente, imperturbável calma. Quem, melhor do que ele, sabia escutar escrupulosamente o contraditar, ou, depois, responder-lhe, convenientemente sope sados os argumentos em contrário, com a firmeza de quem bem sabe o que diz, e o elegante desprendimento e frieza científica de quem exprime verdades com que, pessoalmente, nada tem, por isso mesmo que são verdades de ordem geral, certezas a que chegou não um indivíduo pela sua mera experiência pessoal, mas o mundo pelo seu longo e contínuo progresso, feito de tantas experiências...?

Donde vinha, pois, as razões que levavam o príncipe a tremer agora ao enunciar coisas tão comezinhas, pelo menos em relação às subtilezas entre que tão galhardamente era capaz de navegar? Não se lembrava de as ter lido em nenhum mestre, (ele que sempre tivera a adorável modéstia de nada dizer que não se estribasse em qualquer mestre, ou não fosse variação sobre qualquer doutrina célebre) e todavia lhe vinham como se alguém, de dentro, lhas estivesse ditando, e ele próprio as ouvisse à

sua própria boca, ao seu próprio coração, com entusiasmo e surpresa...? Mas que dissera, afinal? Nada, — em relação ao que, mudo, a si mesmo se estava agora dizendo...

— Ouve..., — disse-lhe com súbita dureza o companheiro — sabes porque sou capaz de claramente me ver... me conhecer... me confessar? Por desprezo! Porque me desprezo. Desprezo é o sentimento, se é sentimento, que a humanidade mais geralmente me inspira; e às vezes ódio, quando pinta de belas aparências os seus piores vícios e cobardices; ou quando excede os mais razoáveis limites da estupidez e da maldade... Já hoje viste, não é verdade?, darem-nos esmola vários nossos semelhantes. Alguns te pareceram, decerto, dotados do verdadeiro espírito da caridade. O teu coração agradeceu-lhes, talvez, com sincera gratidão... Pois analisa um bocadinho a caridade deles e o teu reconhecimento. Qual o fundo dessas lindas aparências? Comodismo, vaidade, capricho, amor próprio, complacência..., e também certa sentimentalidade torpe, certo amolecimento obsceno a que, por aí, chamam bondade, e que só damos aos outros para que os outros no-los deem a nós; ou para os darmos nós a nós próprios.

Desprezo, meu rapaz! Eis o que todos merecemos; o que tudo isto merece. É por desprezo que eu mendigo e me disfarço de pobre, sendo rico; me faço ignorante e parvo, tendo muitos estudos. Era um grande inquieto; mas desde que desprezo, alcancei a paz. Vivo pachorrentamente, assisto à desgraça dos outros, divirto-me de vários modos, sou tão feliz quanto me é possível sê-lo. Na realidade, vivo como se continuamente estivesse representando. É como se tudo isto que vemos se reduzisse a um volúvel cenário, e a vida mais não fosse que uma extravagante comédia...

Os seus olhos abrangiam o céu inundado de luz, os campos floridos, as cabeleiras das árvores, os telhados da capital, depois os longes ondeando e perdendo-se, até onde a vista podia ir, nos mais esquisitos tons de verde e azul... Procuraram, então, os do companheiro:

— Cheiras-me a poeta. Se és poeta, poderás achar que o cenário não é feio; e até poderás sonhar que, sendo escrita por Deus, talvez a extravagante comédia tenha um sentido... e venha a ter um bom desfecho. Por mim, deixei de ser poeta! Mas conservo certo fraco por esses rouxinóis do monturo.

— Muito deves ter sofrido! — disse Leonel devagar, e sem desviar os olhos dos olhos intensos, irónicos, do outro — Mas não soubeste sofrer.

— porque dizes isso?

— Não posso achar outra explicação ao teu modo de ver.

— De ver o quê?

— Os homens... a vida... de ver tudo. porque me fazes perguntas inúteis?

— E quem te ensinou que só o sofrimento faz ver tudo negro?

— O mau sofrimento, sim, faz ver tudo negro. Vem nos livros. Para além disso,são coisas que qualquer pessoa adivinha... entende...

— Sim: qualquer pessoa que sofre. Quem sofre, ou tem sofrido, és tu... pobre pateta!

O lábio do príncipe Leonel tremeu. De novo um pequeno soluço breve, seco, lhe afogou inesperadamente o peito e o sacudiu com um gemido involuntário. Os olhos turvaram-se-lhe de lágrimas. Não obstante, Leonel continuava

sustentando o olhar perscrutador que parecia ler no seu pensamento, conhecer o seu destino, despi-lo até à sua monstruosidade. «Meu Deus!» suplicou do mais fundo de si o infeliz príncipe «não me deixeis vir a ser como ele! Matai-me, ou ajudai-me a vencer o desgosto e o desespero...» Voltara, ao mesmo tempo, a inquietá-lo, mais poderosa que nunca, a estranha impressão de lhe lembrar o seu interlocutor não sabia quem, alguém muito familiar mas cujo nome, cuja própria imagem, não conseguia evocar... E, mais que uma certa vontade provocante, mais que o propósito de manter a sua verdade (que nem bem sabia qual fosse, mas sentia adversa àquela atitude amarga), — era um misto de fascinação e pavor que tinha os seus olhos como suspensos dos olhos hipnóticos do seu companheiro de acaso. De acaso? Mas não! Esta era agora outra anómala impressão do príncipe Leonel: Leonel não podia crer que tal encontro fosse mera obra do acaso...

De repente, o falso mendigo poisou-lhe dois dedos no ombro; com uma espécie de delicadeza sardónica, tomou-lhe, depois, o queixo entre o polegar e o indicador; e depois tateou-lhe a face, a testa, e, sempre como acariciando,

brincando, gostando, aflorou o turbante, premiu levemente... Com terror, Leonel sentiu que, sob o turbante que as oprimia, as suas pobres orelhas correspondiam àquela branda pressão quase voluptuosa, latejavam como para arrebitar! Pôde, porém, suster desta vez o berro que lhe ia fugir; mas fizera-se pálido como um cadáver; e os seus olhos tinham uma fixidez de pavor e vergonha. Então, o outro sorriu, sorriu com insistência, zombando, (mas, nessa zombaria, raiava agora um lampejo de ternura) e retirou repentinamente a mão, como quem se queima.

— Apre! — fez ele sacudindo os dedos para adormentar a dor.

Quem poderia entender estas momices do estranho personagem? O príncipe Leonel continuava a olhá-lo heroicamente, pálido como um cadáver. O estranho personagem levantou-se, puxou-o a si obrigando-o a também levantar-se, meteu o braço no seu, e disse:

— Vem de aí! Suponho que também tinhas a intenção de ir às festas; às festas do nosso príncipe...

Como já iam andando, parou:

— Por exemplo, aí tens tu: Já viste coisa mais ridícula, mais enjoativa, do que estas festas?... mais digna de troça ou desprezo?...

Leonel quis dizer o quer que fosse; dar qualquer resposta que uma curiosidade ansiosa, abafando-o, lhe não deixou articular. Ficou-se a olhá-lo sofregamente com os olhos vítreos.

— Já viste?... — repetiu o outro, parado, e fixando-o de perto.

O príncipe murmurou com esforço:

— Não sei. Não compreendo...

— O que é que não compreendes?

— Não sei bem a que te referes.

— Ah, não?!...

Parecia gozar o seu embaraço e a sua angústia, inspecionando-lhe o rosto sem cor como se lhe estivesse lendo todos os pensamentos e sentimentos. Quando se deu por saciado, tornou a meter a mão no braço do companheiro.

— Pois meu pequeno! — recomeçou, enquanto voltavam a andar — não há melhor libertação do que o desprezo! nem melhor arma de defesa ou ataque! nem melhor vingança, nem melhor gozo... O amor ou o ódio são fraquezas; cadeias; mas o desprezo quebra todos os laços... É a bancada de onde melhor se pode apreciar a comédia, o cenário, os figurantes. Está-se de fora, a sós consigo próprio. E que bom!, que bom poder a gente encafuar-se na sua toca, enrolar-se na sua casca, meter a cabeça debaixo do rabo, e não deitar as gaitas ao sol senão quando nos apraza..., tudo sabendo de antemão que nenhuma investida pode atingir a armadura que nos reveste! Chego a tornar-me eloquente, não é verdade?, quando falo dessa grande força... Pois que pode temer quem despreza?

— Cala-te!... — pediu o príncipe numa voz que, a despeito da sua revolta, era humilde e lastimosa.

Mas o companheiro foi sempre falando até que chegaram a uma encruzilhada, já quase na cidade. Parou, então, diante de um dos caminhos laterais.

— Deixo-te aqui. Mas pode ser que nos voltemos a encontrar. Se te vires em apuros, pergunta pelo Pata

Rachada. Todos os antros da cidade me conhecem; todos os centros; e eu nunca falto quando é preciso apresentar-me... Basta que te lembres: o Pata Rachada! Não há melhor libertação do que o desprezo...

Já se ia desviando, voltou-se, gritou contra o príncipe:

— Toma lá! Pode vir a servir-te.

E atirou-lhe pelo ar a moeda que lhes lançara o namorado do colete verde-musgo. Ao sol, parecia fosforescente. Naturalmente, por ser de ouro.

Leonel hesitou um momento. Mas pensou que seria orgulho recusar essa esmola; lembrou-se de que, na cidade, poderia servir-lhe; curvou-se a apanhá-la do chão, e disse:

— Obrigado! Deus te acompanhe.

— Deus não anda em tais companhias! Trabalhamos cada um pelo seu lado.

E lá se foi rindo do seu gracejo estúpido.

«Meu Deus!» rezou Leonel interiormente «iluminai-o e defendei-me!»

CAPÍTULO 10

ONDE O PRÍNCIPE LEONEL VAGUEIA PELA CAPITAL DE TRASLÂNDIA E COMO FOI TER O DITO PRÍNCIPE À TABERNA DA ZIZI GORDA, E DO QUE AÍ LHE SUCEDEU

A princípio, Leonel andou muito divertido. Pela primeira vez na vida via-se sozinho entre a multidão, — sem hora marcada para o quer que fosse, nem preocupação de espécie alguma, nem dignitários que o elucidassem: vagabundo, livre, desocupado, feliz..., sim, quase feliz! Porque a novidade da sua situação quase lhe fazia esquecer, provisoriamente, a chaga que o corroía; e sobre qual fosse o seu destino, ou porque andava ali vagueando, ou como terminaria tudo aquilo, — se esforçava, de momento, por não refletir. «Os vadios, os pobres, os abandonados, também algumas vezes podem ser felizes...» pensara já o príncipe Leonel. E ser vadio, ser pobre, ser abandonado, — provisoriamente — quase lhe sabia bem. No fundo secreto de si mesmo, não esquecia o pobre príncipe

que de novo teria, em querendo, todos os poderes e riquezas na mão. Tanto mais que esta confortante lembrança continuamente lhe era avivada por um aviso ao público espalhado por todas as paredes principais. Impresso em caracteres bem visíveis e floridos, explicava tal aviso que a sua Alteza o Príncipe Real acordara essa manhã ligeiramente indisposto; motivo porque eram adiadas para o dia seguinte as cerimónias e diversões marcadas para hoje nos salões e jardins do palácio. A não se realizarem ainda no dia seguinte, novamente Sua Majestade preveniria o seu amado povo. Mas estivesse o seu amado povo descansado, e passeasse nas ruas e cantasse e bailasse nos seus lugares prediletos, que, graças ao Todo Poderoso, a indisposição da sua Alteza não oferecia gravidade alguma; tanto assim que a própria Sua Alteza igualmente rogava ao seu amado povo que não se assombrasse por tão leve coisa, nem interrompesse as festas que tão auspiciosamente haviam sido iniciadas, dando à cidade aquele animado aspeto que estava encantando os ilustres visitantes estrangeiros.

Neste edital imediatamente pressentira Leonel o dedo do Aio. E — coisa muito curiosa! — o certo é que a sua leitura lhe provocara uma espécie de tranquilização obscura, irracional, como se o Aio soubera muito melhor do que ele mesmo o que lhe estava acontecendo; ou como se o príncipe real de que aí se tratava fora, não ele próprio, mas alguém sobre cujo estado pudera ter as apreensões que se tem por outrem. «Ainda bem!» quase pensara o nosso exótico príncipe, ao ler no papel que nada de grave se estava passando «ora ainda bem!» Já podia andar mais sossegado.

(Claro que a consciência deste singular estado de espírito não era tão clara como o podem deixar supor as palavras demasiado claras, demasiado pesadas, com que é obrigado o cronista a sinalar tais fenómenos).

Não pareciam, pela sua vez, mais apreensivos, ou mais enfadados, ou mais pesarosos, quer as gentes da capital quer os inúmeros forasteiros advindos, — com o adiamento das festas e pompas principescas; a pontos de Leonel se espantar, um pouco magoado, com a leviandade ou indiferença que mostrava, perante a notícia da sua doença,

um povo que tanto o amava. Bem certo que o papel dava como destituído de todo o carácter alarmante o incómodo da sua Alteza. Todavia... todavia, não era fácil mesmo a Sua Alteza decaída furtar-se a um impulso de dolorido ressentimento, ao ver como todos riam, palravam, cantavam, bailavam, se banqueteavam, organizavam a cada canto folias ao seu gosto e modo, perfeitamente alheios ao que se passaria, ou não, no paço. Afora esta pequena mágoa, — já se disse que Leonel andava tão divertido quanto era possível a um ser humano andá-lo nas suas terríveis circunstâncias: sentindo-se criatura à parte (digamos a palavra: monstro) no meio de toda aquela buliçosa, alegre, fácil sociabilidade humana... Também não ficou já dito, porém, que até dessas suas próprias circunstâncias terríveis se esquecia por momentos, baldeado no geral regozijo alheio?...

Ora foi comparticipando assim na vida da multidão, que Leonel se deixou ir à onda dos que afluíam à Sé Catedral. Davam por contemporânea da monarquia essa imensa fábrica de granito, a qual, durante estes dias anormais, se mantinha feericamente engalanada. Lembrou-se, então,

Leonel de que era domingo — dia de muitas particulares cerimónias litúrgicas. Dessas fazia parte a grande Missa Cantada, anunciada nos programas como número extraordinário: Durante ela se fariam ouvir a imponente Orquestra Nacional e o grandioso conjunto coral chamado dos Filhos da Sé, constituído todo por adolescentes da mais limpa flor do reino — destinados à carreira sacerdotal. Rezaria o Santo Sacrifício o próprio Magno Sacerdote — título atribuído ao primeiro cardeal de Traslândia — envergando os seus mais ricos paramentos. Se os conhecia o príncipe Leonel! Eram literalmente enchumaçados de ouro, faiscantes de pedrarias, e mantinham-se em vidraças de que não saíam senão de anos a anos, para excecionais paradas sacras. O povo, que os não conhecia, ou muito mal, falava ou ouvia falar deles como de um fabuloso tesouro. Era a esperança de os contemplar sequer de longe, como de assistir, embora na posição mais incómoda e do fundo mais sombrio das naves, a esse grandioso espetáculo de fé e luxo, que despejava no imenso adro da Sé aquele mar de gente.

Quando, pois, veio ter ao largo, só muito dificilmente pôde Leonel alcançar um lugar de onde, aliás, mais não conseguia do que avistar a sumptuosa porta da igreja. Vinham chegando, nos seus coches dourados, os primeiros ministros, fidalgos e sumidades do reino. Para lhes dar passagem, a polícia abria um largo caminho na multidão. E, como era de crer, abria-o a cegos e furiosos golpes de maçaneta para a direita e para a esquerda. Homens a cavalo mantinham as posições conquistadas, atropelando sem dó os mais ousados. Provinham, quase todos, do povo; mas como resplandeciam, agora, naquelas fardas de gala, e estavam ao serviço de El-Rei, e caracolavam sob o olhar, que os nem via, dos grandes senhores, — espezinhariam os próprios pais, sem dar por isso, com os seus belos corcéis. Havia gritos, pânico, protestos, e Leonel pensou: «Ainda bem que estou longe!» Quando, ao lado do pai, se dirigia à Sé no coche real, nunca ele julgara ser tão difícil, nos dias de festa, conquistar uma frente para os ver passar. Penalizava-o testemunhar agora como tão gentil desejo do seu povo o expunha a maus tratos. Ao mesmo tempo, constatava não poder ser de outra forma com a turba indisciplinada. Pois não estava ele próprio sofrendo efeitos

dessa indisciplina? Uns o empurravam sem sombra de cortesia, outros assentavam os pézorros em cima dos seus, outros não faziam a mínima cerimónia para se lhe meterem diante, furtando-lhe a vista. E quase todos o encaravam, de súbito, com um misto de escárnio e pasmo, ou o examinavam com o mais impertinente atrevimento: Sem dúvida os surpreendia qualquer peça destoante do seu vestuário, — ou qualquer insólito quê nas suas maneiras. Depois do que pareciam fazer empenho no atropelarem ou pisarem, como se pretendessem manifestar-lhe uma particular antipatia, desconfiança, ou intenção de experimentação. Nem sonhando, evidentemente, que superna personagem era, dir-se-ia, porém, adivinharem nele um indivíduo de outra classe..., um inimigo. Leonel estava um pouco desiludido: Sempre julgara o seu povo mais afável e civil! Por fim, ousou recalcitrar:

— O senhor não me vê?... — disse a um grandalhão que há minutos o empurrava, calcava, incomodava, parecendo fazê-lo muito de propósito, e provocando-o, ainda, com o brutal à vontade dos modos.

O grande olhou-o de cima, um pouco de lado, com um ricto de sorriso sarcástico no lábio desdenhoso.

— Hum?!... — grunhiu. E por mais completa resposta, ou como por desfastio, cuspiu-lhe na cara as cascas do fruto que estava comendo.

— Tenha cuidado! — gritou Leonel sentindo-se ferver de indignação. Mas um inesperado acréscimo de tumulto se fizera na turba; o mar de gente subia em movimentos desencontrados que o arrastaram. Involuntariamente, achou-se distanciado do seu agressor. Como sufocava, esmagado pelos mais apressados e decididos, fez-se ele próprio violento: Fincando cotovelos e ombros nos vizinhos, forcejou furiosamente por abrir passagem e conquistar mais espaço. E, como era forte, e renunciara à discrição com que até então procurara simplesmente manter o seu lugar e molestar o menos possível quem quer que fosse, breve se viu muito mais adiante, quase nas primeiras linhas. Compreendeu, então, a causa daquele movimento de curiosidade: Vinha avançando devagar o coche real: o rei ia sair à porta da igreja. Era muito raro, agora, mostrar-se El-Rei em público.

«Pai!» pensou Leonel com ternura. E, simultaneamente, pensava: Que saberia seu pai da sua evasão? Decerto já teria conhecimento dela. Mas como a teria recebido..., que julgaria das causas que pudessem tê-la provocado? Que esperanças, ou desesperanças, o trabalhariam a respeito do filho? Pobre pai, Deus sabe que sacrifício não faria em se apresentar assim publicamente, em assistir a todo aquele cerimonial, com bom parecer e o desespero, ou a dúvida, no coração! E, de repente, pensou também isto, que era estranho não haver ainda pensado: Mas, certamente, sempre seu pai soubera o que ele só há umas horas sabia! Sempre seu pai conhecera a monstruosidade do filho! Vieram-lhe, então, à memória certos olhos fixos, profundos e tristes com que o pai muitas vezes o fitava, — e a ele o intrigavam a ponto de o inquietarem. Entendia, agora, o que El-Rei seu pai estava vendo com esses olhos enigmáticos: as suas orelhas de burro! «Oh, pai!...» voltou a exclamar interiormente, com ternura e angústia. Mas como pudera ele nascer, assim assombroso e bestial, daquele homem que ainda era são, belo, perfeito, quando o gerara?... e que surpresa horrível, quando sua mãe... «Mãe!» Como um estampido de clarão infernal, um

pensamento ignóbil sobre sua mãe lhe fuzilou na mente. «Oh, mãe!» Um soluço irreprimível lhe inchou o peito e comprimiu a garganta; e, sem dar por isso, todo trémulo, Leonel ergueu as mãos à boca para as morder. Foi quando ouviu ao seu lado, bem distinta, esta coisa inesperada:

— Lá vem o Urso!

Fizera-se um relativo silêncio de expectativa e curiosidade nas primeiras filas. As mais afastadas pouco ou nada viam do que se ia passando; o seu marulho continuava. À entrada da igreja, as oficialidades, autoridades, sumidades, aguardavam protocolarmente a descida da sua Majestade. Sumptuosos de penachos e galões, faiscando metais, os superiores da Guarda Particular de El-Rei mantinham-se em grande etiqueta. Um criado vestido de seda abriu a porta dourada do coche, recuou uns passos, dobrou-se profundamente... A sua Majestade desceu entre o seu Leonardo e o Aio do filho. Embora seu senhor o tivesse feito duque, lhe tivesse dado tesouros, nada perdera o antigo pajem Leonardo da simplicidade e frescura primitivas. Como era de verdadeiro poeta, — e só poeta — a sua alma não envelhecia; e o seu

rosto muito menos que o de qualquer, porque o iluminava a radiosa serenidade interior. Quanto ao Aio, exibia, como sempre, um rosto impenetrável.

— O Urso!... Lá vem o Urso!... — repetiram várias vozes à roda de Leonel. O tom dessas vozes excluía o respeito; acusava, mesmo, escárnio; mas talvez não provasse hostilidade ou aversão: parecia antes exprimir uma espécie de popularidade ou familiaridade semi-irónica e amigável.

«Com efeito!» pensou o príncipe Leonel «parece um urso! Tem-se feito um urso!» E, magoado por ter ele próprio pensado isto, que nunca se atrevera a pôr em palavras, novamente chamou no íntimo, com amor: «Pai!...».

De facto, o bom rei Rodrigo acabara-se muito nos últimos anos. Nem ainda tinha idade para tal decadência! As suas largas costas abaulavam; a cabeça tornara-se pequena, enterrando-se-lhe entre as espáduas solevadas; e os seus membros outrora elegantes e possantes, de jovem aleta, eram agora simplesmente gordos, pesados, lassos, e pareciam curtos por causa dos vestidos muito ricos mas demasiado soltos, — desleixados. Isto e a falta de graça dos gestos, o embaraçado e mole dos movimentos, como certo

jeito, que apanhara, de olhar, levantando o focinho (perdão!: a boca), e afundando mais a nuca na maleta das costas, — não deixavam, realmente, de justificar a alcunha que atualmente lhe dava o seu povo.

«Tem-se feito um urso...» não podia deixar de continuar a pensar Leonel; embora sempre chocado por esta evocação desrespeitosa, e nela mesma pondo melancolia e ternura.

Inesperadamente, um riso meio abafado rastilhou nas primeiras alas do povo, comunicou-se às que mal sabiam do que se tratava. É que ao descer, e apesar de se apoiar em Leonardo e no preceptor, El-Rei tropeçara nas próprias vestes largas e longas; tivera um modo aflito, quase grotesco, e um galão de quem se despenha. Fora o suficiente para se exteriorizar uma espécie de pânico, visivelmente hipócrita, nas oficialidades, autoridades, sumidades aproximadas ao abrir-se o coche. Conseguindo suster-se, e procurando endireitar-se, o bom rei Rodrigo alçou o queixo, enterrando mais a nuca na corcova das costas... Os seus olhos tristes, arregalados, erraram um momento por sobre a massa do seu povo que o troçava. E pareceu a Leonel que os olhos do pai encontravam os seus,

se demoravam neles embora não os reconhecendo. Então, como se esta pequena observação banal, e já feita, só agora adquirisse importância, a importância de uma revelação capital, Leonel disse para si mesmo, espantado: «Mas sim, parece um urso! Está velho! decrépito! Como tenho eu podido não ver a sua velhice? Só hoje...» O seu espanto misturava-se de inquietação, e... como poderá dizer-se?... de uma espécie de alegria: Parecia a Leonel que novos sentidos se lhe estavam desabrochando. «Velho... decrépito... um urso...» E a verdade é que, se sempre amara e respeitara o pai, nunca sentira atraí-lo a ele um tão íntimo, fundo, quase inexplicável impulso de união, brandura, compreensão, caridade. Assim o feriu no coração aquele riso cruel do povo que zombava do seu velho soberano.

— Porque se riem?... — perguntou, encarando nos mais próximos.

Como a sua voz vibrara de indignação e até arrogância, fez-se um breve silêncio em roda; tanto mais que, involuntariamente, ele se aprumara, e o seu aspeto de força impunha certa prudência.

— É o Urso! — disse um rapazola de belos olhos castanhos e dentes perfeitos — Não viste o Urso que já nem sabe andar? Ia malhando de ventas ao chão...

Parecia entusiasmado com o facto.

— Ventas?... — exclamou Leonel — Olha que falas do teu rei! E é caso para te divertires? Não tens ninguém velho na família?

O rapazola ficou sem saber que responder. Olhou à volta, como a pedir ajuda no seu embaraço, ou a ver que impressão fazia nos mais a insólita intervenção daquele desconhecido. Então, um outro, mais velho, deu, como por acaso, um encontrão em Leonel, fixou-o de perto e perguntou com voz achincalhante:

— Olha lá! És lacaio do paço?

— Não, mas sou amigo do nosso bom rei.

— O nosso bom rei!... — fez o do encontrão com um seco riso escarninho. Repetiu, entre divertido e raivoso: — o nosso bom rei! E Leonel, que o olhara quase sem o ver, involuntariamente reparou melhor nele: Tinha um rosto magro, cansado, de uma palidez esverdeada. Sob a testa

escanteada e alta, inteligente, os olhos reluziam de um brilho estático, vidrado, como de febre. à boca longa, de lábios finos, mantinha uma expressão de riso amargo. Devia ser novo, mas ter passado muitas privações..

— Achas que não é bom, o nosso rei?... — perguntou-lhe Leonel com uma brandura de que ele próprio se admirou. pela sua vez, o outro pareceu reparar melhor nele:

— De onde vens tu?

— Do outro lado do reino... — respondeu Leonel como brincando. Dissera o que lhe viera à ponta da língua; mas apercebeu-se de que, sem querer, pusera uma vaga mas íntima intenção nesta resposta enigmática.

— Ah!... do outro lado do reino!... O outro lado do reino pode ser muito perto. Não me inspiras confiança nenhuma. E o mais certo é não seres cá da classe. Ou vestes coisas dos patrões? Também não tens cara de quem passa mal...

Falava aos arrancos, examinando-o. Casquinou de repente o seu riso breve e sardónico:

— Sabes de quem me dás ares?

— Sei. Do príncipe real, não é? Mas conheço-o ainda muito mal...

— Ah, já te disseram?... É uma parecença talvez aproveitável. Pois sejas lá quem fores! — disse com um súbito acréscimo de raiva — podes ir denunciar-me, se és dos cães da polícia! Não seria a primeira vez que me poriam à sombra. O caso é que nem sei se o nosso rei é bom ou mau homem. Que nos faz isso a nós? Está xexé, fez-se aquele urso, e deixa-nos nas mãos de todos os ladrões. Ladrões, entendes? Vai-lhes dizer, anda! Ladrões e cobardes, hipócritas, falsários..., toda essa gajada que governa em vez dele! E que lindas palavras, que lindos discursos, que boas intenções a favor da sua pátria, do seu rei, de nós todos..., os bandalhos! O que querem é abotoar-se.

— Cala-te aí, excomungado! — bradou uma mulher agarrando-se a ele. Tinha pendurados da saia dois garotitos que choramingavam com o aperto. — Não sabes que tens filhos, não? Queres deitar-te a perder de vez, desinfeliz? Mal haja quem ainda te puxa por essa língua danada...

Esta maldição era visivelmente dirigida a Leonel. E Leonel sentiu um frio no coração: Naquele festivo dia de sol, a meio daquela multidão alvoroçada que de todos os lados refervia, perante o cerimonial que já se estava desenrolando à porta da Sé e em breve atingiria o seu mais alto grau de opulência, — aquela pequena cena rápida e triste, vulgar aos olhos de quem estivesse afeito a estas cenas da rua, pareceu quase espantosa e fantástica aos atuais olhos do príncipe Leonel.

— Não sei porque me ofendem... — murmurou ele — Não sou espião nem denunciante. E se um dia fosse rei...

— Se um dia fosse rei!... — repetiu estupidamente o rapazola que em parte provocara tudo aquilo; e riu com satisfação alvar, mostrando os dentes iguais e brancos.

— Se um dia fosse rei, ouviria todas as justas reclamações, procuraria atender...

— Ora deixe-se de parvoíces! — interrompeu a mulher, que não largava o seu homem, e forcejava por o afastar dali — Sabe lá você o que diz! Meta-se com a sua vida e deixe a gente ver sossegada...

Parecia que, de facto, havia agora mais que ver: Um grande reboliço se erguera na multidão. Os de trás empurravam os da frente, os que estavam lado a lado baloiçavam comprimindo-se uns contra os outros, e os das primeiras linhas procuravam avançar livremente. Topavam, porém, com a resistência dos homens a cavalo, que recomeçavam de distribuir marretada a torto e a direito. Como isto não alcançava resultado suficiente, ameaçavam esmagar os mais próximos sob as patas dos seus belos corcéis. Diretamente em perigo, os mais próximos esforçavam-se por opor um dique ao impulso de trás; mas eram impotentes a sustê-lo. Já havia gritos, altercações, desmaios das mulheres; e toda a multidão oscilava num poderoso vaivém de avanço e recuo, entrecortado de pequenas correntes e contracorrentes, como o de um mar bravo contra um paredão. Tudo isto porque Sua Majestade e os seus acólitos iam entrando na Catedral, e todo o povo os queria seguir. Ninguém se resignaria a perder o grandioso espetáculo tão anunciado, embora estivesse condenada a maioria a perdê-lo.

Subitamente, Leonel viu-se envolvido como por uma represa que se despenha. Tinham entrado as sumidades; estava franqueada ao público a enorme porta da Sé. Mas o ímpeto da massa foi tão violento que todos se esmagavam à entrada, tentando cada um adiantar-se ao vizinho, ser o primeiro... E nem os primeiros conseguiam entrar, apertados como numa prensa. «Uf!» pensou o príncipe Leonel «quem me manda a mim meter-me em sarilhos?» Pela primeira vez tinha o príncipe Leonel contacto direto com a multidão: Das vezes que atravessara turbas aliás reunidas para o verem, sempre diante de si achara caminho amplamente aberto pela Guarda. Nem sonhava ele então, quando, entronizando na sua bela carruagem, ia sorrindo agora para a esquerda, agora para a direita, cumprimentando agora para a direita, agora para a esquerda, sob a chuva de flores que das janelas lhe atiravam as mulheres encantadas, — nem sonhava ele então quanto, afinal, custava a rasgar o seu fácil caminho! Quantas cabeças esmocadas, quantos pés atropelados, quantos narizes esmurrados, quantos protestos e gritos, quantos delíquios das mulheres que não têm varanda!... «A multidão é louca; louca e poderosa...» Não havia Leonel

terminado esta vulgar mas importante observação (e muitas das nossas mais importantes observações são por igual vulgares e nascem de circunstâncias por igual corriqueiras) quando teve de se abaixar a toda a pressa. Outra vez a Guarda intervinha. Uma disciplina tinha de ser violentamente imposta; e de novo agiam os terçados ou maçanetas dos oficiais e os cascos dos cavalos. Ao acaso das correntes e contracorrentes daquela ondulação de matéria viva, Leonel avançara e achava-se agora entre os primeiros. Estava, pois, sob a iminência dos cacetes e das patas. Como, porém, se encolhera com instintiva agilidade, a pancada que às cegas vinha sobre ele apanhou o vizinho que o empurrava. Quem quer que era lançou uma espécie de rugido, fraquejou nas pernas, contra o seu ombro... Leonel endireitou-se, atirou-se num ímpeto de protesto; mas sentiu uma dor violenta e pesada desabar-lhe sobre a cabeça, — em virtude do que tudo ruía à sua volta; e perdeu o acordo.

Ainda não voltara a si e já ouvia em redor um confuso vozear, como se estivera voltando, sabia lá donde!, ao meio de uma feira. «Onde estou?...» pensou alguém que ainda

não tinha consciência de ser o príncipe Leonel «quem sou eu?... que aconteceria?» Os seus olhos turvos erravam por umas abóbadas baixas, negras, por uns muros sarapintados de velhas cores e desenhos extravagantes, perdiam-se no fundo enevoado em que, vagamente, se arredondavam formas de enormes pipas, tonéis, cântaros. Nesta pequena viagem, depararam com rostos que pareciam espreitá-lo, mais ou menos inclinados ou voltados para ele. Mas quase todos eram magros, cor de chumbo ou roxos como os dos bêbados, e com uma expressão grotesca e traços vincados, violentos, como nunca Leonel vira... Isto é: só quando, uma vez ou outra, tivera o capricho de se arriscar nos baixos do palácio à hora da esmola. E, por se lembrar do palácio, tudo lhe lembrou! Levou as mãos à cabeça com um grito mal abafado: O turbante lá estava! E só sob o turbante, e por saber da sua existência, reconheceu ele as monstruosas orelhas dobradas nos cabelos.

— Tira lá isso! — disse uma voz sobre o seu ombro — É preciso ver se te fizeram qualquer mossa...

— Não tenho nada! — gritou ele com terror — não me fizeram nada...

Ao mesmo tempo, reconheceu no homem que lhe falava aquele com quem tivera, fora, um princípio de altercação. Pensou que certamente desmaiara, e aquele homem o trouxera ali.

— Obrigado... — murmurou tateando-lhe a mão em sinal de agradecimento — Foste tu que aguentaste comigo? Suponho que os guardas me atordoaram. Estou envergonhado por ter desfalecido como uma mulher fraca...

— Não foi mal feito que te esmocassem! — comentou o outro secamente. E retirou a mão, como envergonhado daquele gesto de Leonel.

Leonel olhou-o a procurar adivinhá-lo.

— Pertences a certo género de homens que gostam de se fingir duros. Posso perguntar-te como te chamas?

— Chamam-me o Negra Sorte.

— Dás-me um golo de água..., Negra Sorte?

— Água?!...

— Bebe água! — bradou com sarcástico pasmo um personagem que Leonel ainda não distinguira. Bradando o

que, se destacou um pouco do canto sombrio em que estava sumido, e expôs a cabeça à luz da fresta que lhe ficava em frente. Era, entrevista de relance, uma bela cabeça. Todavia, não agradou a Leonel. Como tal exclamação tivesse provocado na assistência um adulador movimento de sensação (que era de solidariedade no escárnio ao intruso), Leonel foi compelido a ver melhor a assistência: Mesteirais, vagabundos, mendigos, desempregados, homens de profissão incerta ou suspeita, — eis que espécie de indivíduos lhe pareceram os que o rodeavam. Outros estavam semideitados nos bancos arrumados à parede, ou abancavam à grande mesa retangular no meio do recinto. Meia dúzia de fêmeas havia entre tantos homens. Grosseiramente pintadas, os ombros e os braços nus, o cabelo em juba, tinham estampada no rosto uma bestealidade ou decadência que nem em todos os seus companheiros atingira tal grau. Estavam espapaçadas sobre eles, ou andavam servindo-os. As suas gargalhadas roucas e ásperas sobrelevavam no tumulto.

Reparando melhor, achar-se-ia num ou outro dos presentes certa finura de traços, ou vestígios de

inteligência, que a desgraça não conseguira ainda depravar. Mas, se a sua vida miserável era patente nos rostos lassos ou embrutecidos, nos gestos e no vestuário com posto das mais estranhas e usadas peças, nem por isso a melancolia, o tédio ou o desalento pareciam, de momento, dominar entre eles: Antes todos se agitavam, riam, cantavam, altercavam, praguejavam, como possessos de uma animação febril e selvagem. A verdade é que quase todos estavam bêbados. E só qualquer instrumento músico, semelhante a um harmónio, tocado por alguém que se encolhia na sombra de algum recanto, erguia durante breves intervalos de relativa calma um doce choro monótono e obsidiante, contínuo. Ao fundo, numa penumbra fumacenta a que mal chegava a claridade da porta e das frestas, um vulto obeso de mulher tronava a um balcão, sobre as vagas formas de tonéis e pipas.

O personagem que bradara levantou-se, foi ao balcão, voltou com um grande copo de água.

— Bebe! — disse.

— Obrigado — exclamou Leonel erguendo para ele os olhos agradecidos. Mas, quando estendia a mão para o

copo que lhe ofereciam, apanhou com o seu conteúdo, em cheio, na cara.

— É para te refrescar as ideias! Ainda deves ter a cabeça tonta...

Grossas risadas da multidão aplaudiram a façanha. Esfregando os olhos, meio sufocado, o nosso príncipe levantou-se instintivamente. Então, o outro fê-lo sentar-se, acachapando-o pelos ombros. Voltou ao balcão e trouxe um canjirão de vinho.

— Bebe agora.

Como Leonel hesitava, repetiu com intimativa:

— Bebe agora, que te digo eu. Podes confiar em Sancho Legista.

Leonel pegou no jarro e provou dois tragos.

Pareceu-lhe aquilo uma zurrapa execrável; mas fez um grande esforço, e bebeu um terço do conteúdo. Nauseado, poisou o canjirão no banco mais próximo.

— Bebe tudo — ordenou-lhe o seu carrasco.

— Não bebo.

— Que homem és tu? Nunca ninguém se negou a enfiar uma caneca na Taberna da Zizi Gorda!

— Sou um homem como os outros; mas só bebo quando me apetece.

— Ah, não te apetece?

— Não.

— Logo me quis parecer que estavas afeito a bebidas mais finas.

— Talvez.

— Pois é claro! Deves ser lacaio de algum meliante da corte. Comes e bebes os restos da mesa, não? Com certeza, também vestes a roupa que o teu amo deixa de usar: trajas à moda! E o caso é que já arremedas menos mal os ademanes desses faiantes... Olha, sabes com quem chegas a ter semelhanças...?

Riu, com um riso despeitado e trocista que aumentava a antipatia de Leonel.

— Sim, queres saber de quem me chegas a dar ares?

— Bem sei: da sua Alteza Real o príncipe Leonel.

— Já to disseram!

— Não. É que não há semelhança mais natural.

A instintiva repulsa que desde logo lhe inspirara o seu interlocutor tornava-o imprudente: Nunca ninguém lhe provocara tal vontade de ser petulante! Sancho Legista (pois assim se apresentara o impertinente personagem) carregou o sobrolho e demudou o aspeto. Ninguém tão vulnerável à ironia, à mofa, ao simples gracejo, como os consagrados escarnículos profissionais.

— Sabes que és atrevido?

— Nunca o sou sem o saber...

— E parece-me que queres divertir-te à minha custa! Não é costume cá do sítio.

— Tu não te divertes à minha?

— Eu... é outra coisa! Donde vens tu?

— E tu, serás o rei cá do bairro?

— Ele é um chefe... é um dos chefes! — rouquejou ao seu lado um matulão que se bamboleava de bêbado. E pôs-se a berrar, furioso, fragmentos de frases muitas vezes ouvidas

e repetidas: — O povo sofre... abusam da miséria! Mas há os salvadores! Vem aí o dia... A vitória será nossa...! Há os salvadores...

Tinham-se chegado os restantes do povo. Faziam público em volta dos dois contendores. Um cheiro nauseabundo, sufocante, empestava o ar espesso. Apesar da sua audaciosa atitude, Leonel, dentro de si, tremia: Todas aquelas caras toscas, ferozes, boçais, escalavradas, caricaturadas ainda pela sombra que vinha adensando na taberna, o fitavam com desconfiança ou hostilidade.

— Cala-te! — ordenou rispidamente Sancho Legista. O bêbado gaguejou e calou-se; mas pôs-se a baloiçar-se mais violentamente; e, de vez em quando, Leonel sentia no pescoço ou na face as baforadas do seu hálito azedo.

— Pois sabes que és atrevido? — disse o chefe voltando a Leonel.

— Talvez. Tu também.

— ...e antipático?

— Talvez... — hesitou um segundo, temendo; concluiu: — Principalmente para as pessoas com quem antipatizo! Mas

tu também.

E ousou olhar nele bem de frente, como examinando-o e desafiando-o. Com essa testa alta, os cabelos corredios e longos, os olhos pequenos mas vivos e perscrutadores, o nariz levemente arqueado, a boca intelectual e fina, escarninha, — era, em verdade, quase uma bela cabeça. Porém o conjunto de tão belas feições não podia ser agradável ao príncipe Leonel. Leonel sentia nele um homem de classe muito diversa da dos seus míseros companheiros; e suspeitou que ele os enganava, não podendo, embora, saber como e com que fim.

— Continuas a ser petulante! Mas o teu maior atrevimento é teres entrado na Taberna da Zizi Gorda...

— Não entrei pelo meu pé, nem da minha livre vontade: trouxeram-me. Ainda não sei bem onde estou...

— Repito que o teu maior atrevimento é teres entrado na Taberna da Zizi Gorda, onde só se reúnem desgraçados e proscritos... E vê lá se juntas às tuas impertinências a ingratidão de acusar o camarada que te salvou! Talvez fora

melhor, com efeito, ter-te deixado debaixo das patas dos cavalos...

— Não acuso! Pelo contrário..., já agradeci... — quis explicar Leonel. Mas o outro parecia disposto a discursar. Interrompeu-o alteando a voz, com um rápido olhar em volta que reclamava atenção:

— Porque... explicando: Na Taberna da Zizi Gorda só se juntam maltrapilhos; gente de bem, entendes? miseráveis e banidos, pobres e explorados... Simplesmente, ajudados por alguns verdadeiros amigos do povo infeliz, — amigos que não hesitam em sacrificar o seu bem-estar, as suas ambições, a sua própria segurança pessoal, à preparação de um mundo melhor!... — esses miseráveis e banidos, esses pobres e explorados, acordam!, acordam finalmente para a consciência da sua injusta desgraça, sabem finalmente que também têm direitos que é preciso afirmar, que urge fazer respeitar...

Deixou cair uma breve pausa, olhou em roda com a segurança impudente de quem não receia contestação. Leonel ouvia-o enjoado, tão teatrais lhe pareciam aqueles modos e dizeres. Fizera-se um devoto silêncio de

curiosidade e deferência. Então, neste silêncio, o bêbado que oscilava contra o ombro de Leonel solevou pesadamente os braços, querendo bater palmas; e urrou duas vezes «muito bem!» «muito bem...!» arrancando as palavras com grande esforço. «Sch!...» — sibilaram várias bocas irritadas. Mas o esforço que fizera convulsionara as entranhas do ébrio: Atirando-se de lado, pôs-se a vomitar para trás de um banco.

— Besta imunda! — exclamou com raivoso desprezo um camarada que lhe ficava perto. Depois do que, voltando-lhe as costas, ergueu toda a face para o orador, numa apaixonada expectativa. Era uma face de velho precoce, devastada pelas privações ou a doença mas não grosseira de feições, nem destituída de uma certa espiritualidade, ainda vincada agora pela fervente admiração que exprimia. A Leonel, pareceu muito mais simpática e prometedora que a do admirado orador. O orador prosseguiu:

— Chegou o momento! Já toda a gente vê que nada há a esperar dos nossos governantes. O rei está pronto! pronto, incapaz de qualquer gesto de energia ou acerto. De resto,

como todos os aristocratas, sempre foi um egoísta indiferente aos verdadeiros sofrimentos do seu povo...

— Não é verdade! — gritou Leonel erguendo-se de golpe. Mas logo recaiu no banto, abatido por um punho possante como a pata de um touro.

— Vê lá se queres que te esfregue o focinho! — rouquejou uma espécie de gigante hirsuto que se chegara para ele. O orador interrompido mal se dignou atirar-lhe, de lado, um olhar de desdém.

— De resto, como disse, sempre esse velho tonto foi um egoísta indiferente aos verdadeiros sofrimentos do seu povo... Que não poderia ele ter feito no vosso benefício? em favor de nós todos? A princípio, todos o amavam; todos esperavam nele! Como correspondeu ele a esse amor? a essa confiança? Entregando-nos a ministros hipócritas e cúpidos, tolerando toda a espécie de iniquidades e violências, recebendo a sua parte das espoliações com que nos têm sugado, — e metendo entre ferro todos os que ousavam pedir justiça! Dizem que sempre foi um desatento, um homem dado ao devaneio, uma espécie de doente aparvalhado primeiro pela esterilidade da mulher, depois

pela sua morte... porque se tem consentido, então, o longo reinado desse incapaz? Se não servia para rei, porque é que não se pôs fora? Alguns de vós são trabalhadores; outros já o foram; todos sabeis o que vos sucederia se vos mostrásseis inaptos a realizar o vosso trabalho: Não vos expulsariam sem dó nem piedade? Todavia, nada é o que depende do vosso trabalho, do trabalho seja de quem for, em relação com o que depende da competência de um rei! Desse velho caquético, ignorante da sua grande missão, depende a vossa saúde e a dos vossos filhos, a alegria das vossas mulheres e das vossas mães, a paz dos vossos lares e das vossas vida, o pão de todas as bocas e a luz de todos os espíritos, o futuro da nossa pátria e uma parte no progresso de toda a humanidade! Porém esse velho inútil e tonto, ignorante da sua própria missão, toda a vida desprezou o imenso bem que poderia fazer, como quem vira costas a um tesouro para se entreter com puerilidades ou senilidades... Não achais bastante para que se lhe grite que basta?! Não achais que é tempo de correr com todos os seus cúmplices, ainda mais criminosos porque nos conhecem melhor, vêm entre nós, alguns saíram de nós, lidam dia a dia com os nossos requerimentos, as nossas

petições, as nossas reclamações, as nossas necessidades, a nossa miséria, o nosso desespero, — e não pensam senão em cada vez subir mais e cada vez mais enriquecer a —

à custa do suor dos nossos poros, do sangue das nossas veias...?

— Bravo! — gritou arrebatadamente o homem que ouvia de cara no ar. E pôs-se a bater palmas com uma espécie de paixão frenética. Durante segundos, o seu grito e as suas palmas tombaram no silêncio em que só tinham vibrado as palavras inflamadas do orador. Era evidente que os mais dos ouvintes só muito nebulosamente compreendiam tais palavras; e poderia perguntar-se se em verdade o orador se dirigira a eles, ou não, especialmente, ao novo auditor. Quanto a eles, as suas tristes caras de bêbados não traíam senão uma admiração estúpida, perplexa, além do penoso esforço para apreender o que lhes escapava. Mas todos sabiam que esse homem tão inteligente não falava senão no seu favor, contra os seus inimigos. E, de repente, estrugiu, reboando nas abóbadas baixas, uma espécie de urro unânime, entrecortado de uivos, soluços, arrotos, palmas furiosas. Com o belo rosto iluminado de um meio sorriso

grato, o laureado estendeu as mãos; as quais eram compridas, finas, agora levemente trémulas como as de um santo ensaiando o milagre de aplacar as ondas revoltas. Ao mesmo tempo, à luz, embora já frouxa, que ainda entrava pelo postigo fronteiro, (e que talvez ele tivesse procurado ao iniciar o comício) Leonel deu com o seu olhar gelado, impudente, que o buscava, parecendo desafiá-lo perante esse triunfo. E Leonel pensou se não teria ele falado só para lhe mostrar como tinha o seu rebanho bem na mão.

Quase subitamente, o motim caiu como o ferver de uma torrente que se despeja. Mas não era só efeito do gesto do orador: Do balcão onde tronava, ao fundo, o vulto obeso se deslocara como um tonel que se pusesse a andar. Leonel viu que era uma espécie de mulher. Trazia um grande candeeiro que poisou na mesa ao centro. Depois foi cerrar a porta da rua, encostou as das frestas, veio dar dois murros no círculo amarelo que o candeeiro alastrava na mesa, e proclamou numa voz rangente, inqualificável, ao mesmo tempo rouca e entrecortada de notas aflautadas:

— Quero pouco banzé! E dentro de meia hora, toda a cambada na rua! A Zizi também precisa descansar.

A sua cara inchada como um balão aceso tinha quase tantos pêlos como a de um homem. De entre as pálpebras empapadas, sem pestanas, os olhos pequeninos e muito claros, como os de uma fera, despediam sobre toda a assistência um olhar cruel. Envolvia-a um largo roupão de seda luzidia, multicolor, — e tinha uma grande flor de veludo nos cabelos curtos mas encaracolados. Leonel viu estampado não só respeito, senão que terror, nas caras brutas a que o clarão amarelo do candeeiro dava relevos imprevistos.

— É a dona...? — perguntou em voz baixa a quem quer que lhe respondesse. Deu com os olhos nos de Negra Sorte, que o vinho parecia tornar mais brando.

— É — respondeu Negra Sorte baixando também a voz. — Quem não conhece a Zizi Gorda? Gosta de mulheres como um homem! Mas também gosta do Chefe, que é o único homem que a satisfaz e a tosa...

— Não te escames, Zizi, que ficas feia! — disse o orador — Lembra-te que vem aí a nossa vez! Vão-se acabar as penúrias e os abusos. Tu e o Chefe poderão ter todas as riquezas, incluindo um harém de sociedade...

O monstro levou a mão papuda à rosa de veludo, num gesto feminino que o seu todo tornava grotesco; e devagar, monumental, badalando a roda do amplo roupão multicolor, lá se foi, impando, para o seu trono.

«Meu Deus!» pensou para si o príncipe Leonel «por que dará monstros a natureza? porque haverá monstros no mundo? tantos monstros? E eu sou um deles, como a Zizi; como Rolão Rebolão! eu sou um deles...»

— Quem é o chefe? — disse para Negra Sorte.

— Cala-te. Não perguntes de mais.

Não obstante, Leonel insistiu:

— Vocês não têm medo?...

— De quê?!

— De se reunirem aqui... e falarem assim, contra o rei e os ministros...

— A Polícia não se arrisca nestas paragens. E que se arriscasse! O Chefe tem a Polícia na mão. Também já comprou os tribunais. Tudo está preparado...

Encarou súbito nele, carregando o rosto:

— Tu é que deves ter medo, se és um espião! Já uma vez aqui entrou um. Toda a gente sabia, mas deixaram-no andar algum tempo. Na festa de S. Martinho, atiraram-lhe aguardente e pegaram-lhe fogo...

— Já te disse que não sou espião.

— Tanto melhor para ti.

Como Leonel parecia disposto a continuar a conversa, acotovelou-o:

— Deixa ouvir.

Era Sancho Legista que recomeçara:

— Felizmente, — dizia ele — ergueu-se hoje uma geração de homens novos e cultos, prontos a todos os sacrifícios e abnegações, que em boa hora se propuseram abrir os olhos ao povo desgraçado. Esses o guiarão a um destino melhor, se vós lhes derdes — vós que sois esse povo desgraçado e oprimido, iludido e chupado! — se vós lhes derdes o apoio e a confiança de que necessitam... Justíssimo é que, derrubadas as velhas fórmulas ineficazes, eles ocupem amanhã os novos postos governamentais e os altos lugares de comando. Mas esses vêm do meio de vós, conhecem por

experiência própria as vossas necessidades e os vossos martírios, são vossos irmãos apenas mais instruídos, mais conscientes, lutaram por vós e por vós continuarão a lutar, — não vos esquecerão... não vos esquecerão...

— Bravo! — gritou de novo, sem poder conter-se, o seu admirador mais ardente. Como sempre estivera bebendo quase sem dar por isso, caiu a soluçar de comoção e vinho.

Então, sem bem saber como, Leonel achou-se de pé, falando quase aos berros:

— Meus amigos! — bradava ele — um homem novo se propõe hoje salvar-vos: só um! É o vosso príncipe; o vosso rei de amanhã. Não é ele um homem novo, um homem culto, um homem cheio de boa vontade, o que vos há de governar? Não poderá ele realizar a obra que a velhice do seu nobre pai já não permite? Meus amigos! desconfiai dos ambiciosos e trampolineiros que pretendem amar-vos, guiar-vos, dar-vos a felicidade, e não procuram senão a satisfação das suas cobiças! Esses amanhã vos trairão, se lhes convier; amanhã se venderão, se os pagarem bem! Esses são os vossos piores inimigos, esses que abusam do

vosso miserável estado... Esses serão amanhã muito piores do que os próprios que hoje tanto acusam...

Fez uma pausa para tomar consciência de si próprio, do momento que atravessava, das palavras que estava dizendo; e sentiu, então, o silêncio extraordinário que pesava em roda, tão completo que o silêncio anterior pareceria, em comparação, confusão e ruído. De novo tremeu, porque era um silêncio de assombro e ameaça. Nunca, decerto, aqueles pobres brutos ali reunidos tinham ouvido, ou sonhado ouvir, tão ousado desmentido às palavras do seu orador: Era o que visivelmente se lia naqueles olhos pasmos e foscos, naquelas bocas semiabertas, naquelas testas encorrilhadas pelo esforço para atingir... Mas entre tantas caras, de relance, Leonel notou a de um velho que parecia ali perdido de todos. A sua pele retalhada de pequeníssimas inúmeras rugas lembrava a casca de um tronco morto, ou um pergaminho amarrotado. Aberta quase de orelha a orelha, a boca sem lábios ria continuamente um riso mudo, entremostrando uma cavidade sem dentes. E não se chegava a perceber se ele via, se ouvia, se compreendia. Talvez, porém, por

simples mimetismo inconsciente, a sua atitude exprimia igual espanto, igual ameaça. Para além disso,a grande massa dos outros não parecia compreender muito melhor quer o justo sentido das palavras de Leonel, quer a razão da sua violenta intromissão; embora entendesse, obscuramente mas com força, que esse atrevido intruso acusava o seu amigo deles, o seu orador, o seu defensor, o seu agente e representante perante o Chefe.

De repente, no silêncio, um desses brutos ergueu-se devagar com os olhos raiados de sangue, o enorme punho fechado no ar... E imediatamente rebentou primeiro um bramido geral, depois uma tempestade de injúrias e protestos. Como o punho hercúleo se ia abater sobre a sua cabeça, Leonel, esquivando-o, tombou repentinamente para o lado, sobre um banco; e de uma cambalhota e de um salto — exercícios em que a sua prática de jogos físicos o tornara ágil — viu-se encostado à parede num canto fronteiro, arquejando semicurvado, como um animal. Quem, depois, viu tapando-o com o corpo, a defendê-lo da horda ululante que avançava, foi o próprio Sancho Legista.

— Silêncio! — clamou este procurando dominar o tumulto. Com o rosto no ar e os braços abertos, interpunha-se entre Leonel e a corja. Aproveitando uma aberta de relativa acalmia, gritou de novo com a sua voz mais autoritária:

— Silêncio! Sentem-se todos. É a mim que este homem pertence! Proíbo seja quem for de lhe tocar num cabelo da cabeça, antes de qualquer ordem minha...

Respirou fundo, sempre com os braços estendidos e o queixo no ar. As suas mãos compridas tremiam um pouco. E parecia gozar com volúpia a obediência daquela turba selvagem, exibindo, como um sarcasmo subtil, aos olhos de Leonel, a facilidade e a teatralidade com que se impunha. Então, de súbito, Leonel tomou consciência súbito clara de uma estranha impressão que talvez já antes lhe viera, sem, no entanto, se esclarecer: Que haveria nesse indivíduo que lhe evocava nem sabia quem, alguém muito familiar mas cujo nome, cuja própria imagem, não conseguia lembrar?... Dir-se-ia ter conhecido, não sabia quando, nem onde, um irmão ou sósia daquele homem; ou porventura aquele próprio mas disfarçado, transfigurado, em circunstâncias

muito diferentes, talvez sob outras feições ou com outra idade... E a sua inquietação atingiu o auge (inquietação que, pela sua vez, não era também muito explicável) quando se lembrou de que tivera precisamente a mesma estranha impressão diante do falso mendigo que encontrara de manhã. A verdade é que, desde que saíra do palácio, ora parecia ao príncipe Leonel viver uma vida inteiramente nova, num mundo desconhecido, ora repetir uma vida que vivera não sabia em que alucinantes lonjuras do tempo, num mundo esfumado não sabia a que distâncias vertiginosas...

Entretanto, o tumulto ia-se apaziguando perante a enérgica atitude de Sancho Legista. Leonel viu-o então voltar-se um pouco de lado, enviesando-lhe o mesmo olhar de cinismo e desafio. Era evidente que esse homem o julgava um concorrente experto nas mesmas suas manhas, aspirando igualmente a servir-se daquela multidão cega para satisfazer idênticas ambições.

— Camaradas! — disse ele; e ao mesmo tempo se dirigia ao seu miserável auditório e respondia a Leonel — todos acabastes de ouvir este homem que veio entre nós para nos

insultar! Mas não é hábito meu deixar de responder a quaisquer argumentos que me oponham mesmo de má fé, ou a quaisquer acusações que me façam, mesmo revoltantemente caluniosas! No mundo melhor para que trabalhamos, até os caluniadores e os charlatães podem discutir antes que a sociedade os condene, têm liberdade de falar antes que se lhes tape a boca venenosa...

Calou-se um instante, a sondar o efeito. Para quê tais palavras sonoras, tais frases bem lançadas, tais atitudes estudadas, tal facúndia e tal teatralidade — perguntar-se-ia — com espectadores e ouvintes dessa laia? Mas o que precisamente o impunha a semelhantes espectadores e ouvintes era o nebuloso prestígio das palavras, frases, atitudes que mal entendiam, ou nem entendiam, mas por isso mesmo lhes manifestavam a superioridade daquele homem que lutava pelos seus interesses, tendo tantos recursos para só bem cuidar dos seus próprios.

— Ora de boa ou má fé, por ignorância ingénua ou interesse mesquinho, (e para crer na sua boa fé tenho poucas razões) este homem apontou-nos o príncipe real como vosso futuro salvador. Eis um homem novo, diz ele, e

culto, e caridoso, e animado das melhores intenções, que poderá emendar os erros do pobre pai, e ensaiar as reformas que a esse decrépito precoce já não são acessíveis... Ele não lhe chama decrépito precoce, é claro!

Outra breve pausa. De novo se fizera um silêncio em que a sua voz vibrava bem timbrada.

— Pois bem! Todos vós lhe respondereis pela minha boca! E um dia virá, não muito afastado, em que saiba cada um responder o mesmo pela sua própria. Nós sabemos, — sabemos o que é esse indigitado rei de amanhã! Como o preparam para viver e reinar? No conforto superabundante do seu palácio, ignorante de todas as verdadeiras necessidades dos seus vassalos mais humildes, entre livros e mestres que propositadamente lhe escondem a realidade de existências como as vossas, sabedor de tudo menos do que mais importa, convencido da sua própria superioridade sem nunca haver chegado a pô-la à prova, apto a cair em todos os mal-entendidos por cego convencimento de tudo entender... Inexperiente, enfatuado, fútil, caprichoso, egoísta, vazio, castrado, castrado do coração e do espírito, — como todos os homens assim educados — mas incensado

a cada instante por fantásticas virtudes opostas a estes seus reais vícios... Sim!, como por aí apregoam, ele visita as oficinas de trabalho, ele percorre os bairros dos indigentes, ele assiste às festas e folias dos desgraçados! Mas as suas visitas são anunciadas, preparadas, prefixadas, inutilizadas: Nas oficinas que visita, rodeado de mestres e acólitos, acompanhado de uma atmosfera isoladora, procede-se a limpezas especiais; e os operários que nelas trabalham, à hora das suas visitas, são recrutados entre os mais saudáveis e belos; vestem-nos de novo, com fatos escolhidos a fingir de usuais, mas lavados e decentes; ensaiam-nos como atores; e pagam-lhes para que deem vivas, ofereçam flores, batam palmas, soltem exclamações joviais, pronunciem pequenos discursos de boas vindas, mandem os filhos dobrar o joelho para beijar a mão ao Senhor Príncipe... Os bairros pobres que a sua Alteza percorre são caiados como cenários, lavados e varridos para esse dia, afastados entre os mais pitorescos. E as diversões e folias dos vilãos que lhe mostram são vistas de longe, aonde só chegue o som das cantigas e o movimento das danças... Alguma vez esse garoto que já pretende conhecer o seu povo, o seu reino, a vida, tudo!, baixou aos

antros verdadeiramente tenebrosos, conversou à vontade com as mulheres e os homens que se vendem como animais, dormiu nas tábuas ou na palha dos pobres autênticos, rapou a sua fome e o seu frio, assistiu às suas questões, aos seus dramas, às suas doenças, à sua imundície, à sua selvajaria? Alguma vez entrou ele na Taberna da Zizi Gorda, ou andou pela Rua do Poço, ou dormiu com as mulheres da Ana Malhada, ou viu trabalhar os homens no cais e nas minas? Alguma vez se juntou aos ranchos de pequenos vagabundos que dormem nos arcos da Ponte? Que sabe esse criançola inchado da vida tenebrosa, ou, então, das coisas verdadeiramente belas da vida? E o pior, o pior é que é capaz de mais ou menos conhecer tudo isto em teoria — e julgar assim que sabe... que SABE! O pior é que é capaz de falar de tudo isto, que leu descrito em livros, e teoricamente remediar tudo isto! O pior é que é capaz de igualmente discorrer sobre a vida e a morte, os mistérios do homem, a natureza de Deus, o arcano do Universo, e cem raios que o confundam..., o teu príncipe! ouviste?, o teu príncipe salvador...

Calou-se, ofegante. «É verdade!» pensava o príncipe Leonel com os olhos abertos fitos nos do orador; porque o orador acabara por voltar costas ao seu público, parecia tê-lo esquecido, e só a ele, príncipe Leonel, dirigir diretamente esta imprecatória tirada. «É verdade!» continuava Leonel a pensar «é verdade o que diz este homem! Pois que sei eu do meu reino, do próprio homem, de mim, de todos?»

O certo é que ainda há momentos vira claramente naquele indivíduo um ambicioso inteligente, vulgar, sem escrúpulos, pronto a estribar-se na ignorância ou rudeza dos seus infelizes companheiros para ascender ao poder e aos bens. Mas já a si mesmo perguntava, agora, até que ponto seria ele isso, e seria outra coisa; onde acabaria a sua hipocrisia, e começaria a sua sinceridade mesmo involuntária; quando falaria ele sarcástica, astuciosa, politicamente, e quando se exprimiria em plena liberdade e espontaneidade indomável. Sancho Legista (mas nem sequer nesse nome cria!) passara a ser para ele um problema; e ainda há momentos lhe parecia tão claro!

Incapaz, porém, de transmitir a complexidade do seu pensamento, a sua boca só murmurou a sua desconfiança:

— Até a mim és capaz de burlar...

O outro baixou a voz. Falava-lhe cara a cara, muito perto:

— Enganas-te! Não me compreendes. Eu não burlo ninguém. Quero vencer e hei de vencer; quero ter a autoridade e a riqueza e hei de tê-las. Não estou resignado, entendes?, a roer o pão duro que vi roer aos meus! nem a engolir os vexames que os vi engolir. Já muito sofri para chegar aonde estou. Tenho-me feito à minha custa, com muita privação e muito trabalho. Venho de uma família de miseráveis como os que aí vês. Mas hei de vingar os meus e todos estes! Hei de pagar-me caro do que eu próprio já amarguei. Hei de chegar a poder proteger os da minha condição. Tu é que não és cá da raça, bem no sinto! És um inimigo, tu...

Voltou-se repentinamente para os que assistiam, sem compreender, àqueles debates, mantidos num supersticioso respeito por essa mesma incompreensão; e gritou-lhes:

— Não quis entregar este espião à vossa justa ira... enquanto lhe não respondi. Não quis que pudesse alguém pensar que lhe não taparia a boca sem ser a murro! Mas agora...

Leonel não ouviu mais. Compreendera que iam esmagá-lo; ou que a sua identidade e o seu segredo iam ser descobertos na refrega, — o que faria rebentar o tragicómico escândalo... Com a sua força natural e a da aflição, retesando os músculos, ergueu subitamente pela cinta, nas mãos crispadas, o corpo alto e franzino do adversário; e como para interpor uma barreira, lançou-o contra os mais próximos. Na confusão que se levantou, e sem bem saber como, achou-se de salto em cima da mesa. Com um pontapé, atirou pelo ar o candeeiro de azeite. E na escuridão, enquanto um furioso alarido estrugia contra as pedras da abóbada, atirou-se, procurando uma saída. Atropelava uns, sentia-se apanhado por outros que não podiam reconhecê-lo, desembaraçava-se com punhadas furiosas e encontrões brutais. Súbito, ouviu mesmo ao lado gritos estrídulos e dissonantes, como os de certas aves exóticas. Encostou-se, ao mesmo tempo, a qualquer móvel

que foi ladeando, porque era arredondado; e fincando-se, com as mãos, na borda do quer que era, repelia a pontapés raivosos alguém que o vinha perseguindo. Ouviu uma espécie de uivo e uma praga; — o seu perseguidor fora atingido de modo a ficar fora de combate. Lembrou-se, então, de que esses berros estridentes deviam ser de Zizi Gorda; e o que lhe servia a ele de encosto mais não devia ser que o seu balcão. Isto é: em vez de se aproximar da porta, como tentara, não fizera senão embrenhar-se no fundo da taberna... Voltou-se um pouco, avançou uns passos de mãos no ar. Encontrou um obstáculo que cedeu, recuando sob a pressão dos seus dedos. Era uma porta. Mas não teve tempo senão de se meter atrás, puxando-a contra o peito arquejante, porque se fizera, perto, um clarão amarelado. Alguém conseguira acender luz. Há quanto tempo estaria ele assim chapado à parede molhada, puxando ainda a porta contra si a fim de a deixar entreaberta, e melhor desviar as suspeitas, — quando a dona do antro se lembrou de vir espreitar? Diria Leonel que há muito sustinha ali a respiração tempestuosa, o ouvido apurado ao tumulto dos que, lá fora, continuavam em grande barafunda e gritaria... Felizmente, esse motim geral

afogou o berro de Zizi Gorda. Leonel atirou a porta bruscamente, correu o ferrolho.

— Piedade! — soluçou novamente ofegante — Não me entregues e serás bem recompensada...

E pôs as mãos trémulas, embora tal gesto nem se pudesse ver no escuro.

Refeita do susto pela humildade dessa voz suplicante, Zizi fez ouvir uma espécie de cacarejo; e depois disse:

— Não me vendo, meu pequeno. Não quero ser paga, nem tu terias com quê. A Zizi Gorda não atraiçoa os seus amigos; nem permite espiões na sua casa, que é uma casa séria...

Leonel teve uma inspiração:

— Sou amigo do Pata Rachada! — disse num tom diferente — Se sou espião, sou espião dele. Foi ele quem me enviou. Tens obrigação de me salvar. Depois saberás tudo...

Como lhe viera, súbito, a ideia de ser Pata Rachada o Chefe, — o amante de Zizi? Não poderia explicá-lo. Mas

sentiu imediatamente que acertara. Colhida de surpresa não só por essas palavras inesperadas como pela brusca autoridade do tom, Zizi Gorda balbuciava.

— Como podes provar-me...?

Leonel teve outra inspiração!

— Não há melhor libertação do que o desprezo... — respondeu sem hesitar. Mas, acabando de reproduzir esta senha que lhe dera de manhã o falso mendigo, (também não saberia explicar como repentinamente descobrira ser uma senha) sentiu molhar-se-lhe a cara de lividez gelada, e tomá-lo uma prolongada tremura interior. Era como se, para escapar, provisoriamente entregara a alma ao diabo.

Pancadas violentas abalaram a porta, fazendo-a ranger e ranger os ferrolhos.

— Quem está aí? — ululavam de fora — Abra quem é!

— Não há cá ninguém! — berrou Zizi na sua voz mais áspera — A Zizi nem pode satisfazer uma necessidade?!

Leonel deu então conta de que, desde o princípio, o agoniava um fedor de lugar infecto. Mas Zizi agarrara-o por

um braço, empurrava-o em silêncio. Deu alguns passos, teve de voltar à direita forçado pela sua guia, e, de mão no ar tateando as trevas, atravessou qualquer passagem como um curto corredor. Zizi abriu outra porta; entraram numa espécie de palheiro onde a luz do luar e a frescura da noite penetravam por uma janelita sem vidros.

— Dorme aí — disse-lhe Zizi Gorda. — Amanhã falaremos.

Qualquer coisa mexeu a um canto, onde Leonel, apurando os olhos, entreviu uma vaga forma escura. E de lá veio um ronco merencório, cavernoso, escarninho, precedido de uns silvos como de monstruosa inspiração ofegante, que sem razão sobressaltou Leonel: Não era um som demasiado identificado?

— É o Ruço — elucidou Zizi Gorda ao sair. — Ficas bem acompanhado.

Leonel deixou-se cair no chão, enterrou-se com volúpia na palha. Os seus olhos ainda procuraram a fresta que encaixilhava um pedacinho da noite clara, desdobrando no chão um travesseiro de luar... Agora, e ali, que paz! Voltou-se de lado, cerrou as pálpebras, não querendo pensar em

nada; e tombou quase de súbito num sono profundo como um delicioso abismo.

CAPÍTULO 11

ONDE LEONEL TEM UM TERCEIRO ENCONTRO IMPORTANTE E DEPOIS REGRESSA AO PALÁCIO

Pela madrugada, o príncipe Leonel acordou ao som de qualquer música triste, meiga, insistente, que já mesmo dormindo ouvia há minutos. Acordava de um longo sono só para o fim raiado de imagens confusas de esboços de sonhos. E parecia-lhe voltar lentamente de muito longe, pois só lentamente se estava recordando dos sucessos anteriores. Quando pôde reparar melhor onde estava, olhou em volta com olhos conscientes: Estava, de facto, numa espécie de palheiro bastante largo, que, além do postigo sem vidros e da porta porque entrara, tinha um portão agora escancarado para um quintalejo. Um homem tocava na soleira do portão; e pombas vinham do quintal que poisavam familiarmente nos seus ombros, batiam as asas sobre a sua cabeça, contra a sua cara, ou cirandavam picando o painço que o seu amigo para elas espalhara no

chão. Amarrado a um canto do palheiro, o Ruço mastigava com ruído e tranquilidade.

Então, de sobressalto, sentindo uma frescura e um desafogo especiais na cabeça, o príncipe Leonel ergueu as mãos, palpou-se... Ficou estarrecido. Decerto lhe saíra o turbante muito lasso da refrega e confusão da noite, pois lhe caíra durante o sono. Plenamente livres, consoladas pela frescura da manhã, se lhe empinavam agora as monstruosas orelhas; e a tira do turbante estava caída na palha. Assim, como poderia não ter descoberto o seu segredo aquele homem que parecia haver sido seu companheiro de quarto? E como podia continuar ali tranquilo, indiferente ao estranhíssimo fenómeno, tocando no seu harmónio ou acariciando as suas pombas?!

— Amigo... — murmurou timidamente Leonel. Mas a voz, fugindo-lhe, afogou-se no soluço que lhe subia à garganta. A não ser quando, falando ou agindo, provisoriamente olvidava a sua anomalia, desde que a descobrira sempre este soluço estava mais ou menos prestes a subir-lhe do peito.

O desconhecido voltou-se um pouco, de rosto no ar e de lado, como a afiar o ouvido.

— Bom dia — disse Leonel com grande esforço. E fechou os olhos, num desfalecimento agónico de todo o ser: Chegara o momento em que, pela primeira vez, enfrentava uma criatura humana mostrando-se-lhe em plena e brutal nudez da sua monstruosidade. Ao fim de uns momentos, abriu os olhos, ergueu-os das mãos que lhe tremiam, cor de cera, nos joelhos dobrados. O homem voltara-se completamente; mas não bem para o devido lado. O seu rosto magro, extraordinariamente sereno, terminado por uma barba alourada e suja de terra, não acusava senão uma espécie de curiosidade atenta. Nas órbitas escavadas, os olhos claros e grandes, como parados, pareciam olhar para dentro ou para longe. Os cabelos emaranhados e compridos chegavam-lhe aos ombros.

— Quem é?... — perguntou ele numa voz um pouco átona e sem sobressalto.

— Sou eu... — murmurou Leonel; o que não dizia grande coisa.

— Quem...? Onde estás?

O seu rosto virara-se agora para o canto donde Leonel o espiava ansioso; mas ele parecia não ter dado ainda por Leonel, com a barba no ar e os olhos claros longínquos.

— Aqui... — respondeu Leonel espantado, elevando um pouco a voz — Não me vês?

— Sou cego — disse o homem.

Então, Leonel deu um grande suspiro de alívio. Sem poder conter-se, começou a soluçar; mas apanhava os soluços nas mãos molhadas de lágrimas, para que o outro o não ouvisse.

— porque choras?... — perguntou o cego.

— Não estou a chorar.

— Estás, sim.

— Sou muito desgraçado! Se pudesses ver-me...

E conteve-se. Porque, embora sabendo que o aliviaria confessar o seu aleijão àquele homem que o não podia ver, (o que facilitaria a confissão) lhe faltavam ainda forças para tanto. Depois de um breve silêncio, o outro disse:

— Desgraçados somos todos. E nem sempre as desgraças que andam à vista são as maiores.

— A minha não anda à vista.

— Falaste ainda agora em eu te não poder ver...

— Falei. É que, se agora pudesses ver-me... vê-las-ias.

O cego estendeu as mãos para o seu lado, apalpando o ar.

— Vem cá! Deixa-me ver-te.

— Não posso!... — gemeu Leonel.

— Fazia-te bem.

Como Leonel não dizia mais nada, acrescentou:

— Eu também sou um aleijado. Vivo à custa da Zizi, que me dá este palheiro, e reparte comigo e com o Chibante as sobras da mesa; as sobras que mais ninguém quer, é claro. Chibante é o cão. Somos dois bons amigos, graças a Deus! Todas as noites toco um bocadinho lá fora, para esses infelizes que aí vêm. Das vezes que não desgostam de me ouvir, dão-me comida e obrigam-me a beber. Outras, parece que os entristeço, ou aborreço, porque me escorraçam como ao Chibante, quando estão de mau humor. Algumas

vezes, também lhes conto histórias para os distrair. Quando não tenho que fazer, ou não posso dormir de noite, ponho-me a inventar histórias...

Acrescentou ainda:

— Coitados! são como as crianças.

— Quem?

— Os que aí vêm. Pobres cegos!

— Cegos?!... — exclamou Leonel — mas que cegos? Cegos, sim, mas que não conhecem a sua cegueira! Podem ser felizes na inconsciência em que vivem. Cego desgraçado és tu, que sabes que há a luz do dia e a não podes ver. Cego sou eu, que já não posso ver nada senão através da minha desgraça...

— Tu, sim, que ainda desesperas e te revoltas. Mas eu já não sou cego nem desgraçado desse modo.

— Não disseste que todos somos desgraçados? Pensei que também te referias à tua desdita.

— E referia. Mas era para te dizer que não deves ter vergonha de mim. De mim, ninguém se acanha nem oculta!

Conheço a miséria de todos. Sou para toda a gente como o cão... E ao mesmo tempo, nem que pensem que não, têm-me respeito. Não é para admirar, isso?

— O que é que é para admirar?

— Ser, ao mesmo tempo, como um cão e como um mestre!

— Leonel ficou-se a olhá-lo mudo; mudo e trémulo. É que o alanceara, súbito, uma quase insuportável impressão de pavor e vertigem, a qual, no entanto, se prolongava por uma espécie de deslumbramento: como se o mundo, tudo, se estivesse abrindo diante dele, e ele fosse despenhar-se, voar, no abismo infinito! Pois não se pressentia ele a ter, diante daquele homem, a mesma estranha impressão de já o ter conhecido..., quando?... onde?... Quando sonhara, onde entrevira ele esse rosto inquietantemente sereno, essa barba loura suja de terra, esses olhos claros olhando para além mundo?. . . Forcejava por arredar de si estas impressões perturbantes e fascinadoras; mas disse sem querer:

— Tu... tu é que és para admirar!

E, ao mesmo tempo, sonhava: «Também conheço alguém que é como um cão e é um mestre. Evocava Rolão Rebolão, de quem nunca pensara tal coisa.

Perguntou alto:

— Nunca desesperaste nem te revoltaste?

— Sim, no princípio. Ceguei aos doze anos. E pouco depois, fiquei sem mãe. Pai, nunca soube quem era. Quando comecei a pensar, desesperei-me e revoltei-me. Sentia-me capaz de tantas coisas... e tão impossibilitado de tudo!... Cheguei a blasfemar do nome de Deus.

— Dizem que há Deus, sim. Falam na sua infinita misericórdia. Que Deus é esse que permite tudo isto..., que misericórdia?...

— Cala-te, ainda não deves falar de Deus.

A sua voz mansa e um pouco surda vibrara inesperadamente de severidade. Retomou logo o seu tom doce e tranquilo, e disse:

— Basta que Deus exista para que todo o mal tenha de não existir... isto é: de não ser real.

— Mal te compreendo... — lastimou Leonel — Compreendo ainda tão poucas coisas! O mal... o bem...

E só ditas estas palavras vagas, entendeu Leonel que, na verdade, estava constatando o nada que ainda sabia fosse do que fosse. Como pudera ele julgar já saber tanto? já saber tudo? O mal... o bem... Certo era que nunca pensara a sério em tais problemas; embora muitas vezes tivesse citado tais palavras, e cintilantemente divagado sobre elas. Pensara...? Mas nem isto, agora, era pensar! Talvez o que fosse preciso não fosse pensar. Que seria preciso?

— Ainda és muito novo, não é verdade? — perguntou-lhe o cego — Conhece-se pela tua voz; e também pelo que dizes.

— Sou — respondeu Leonel.

Fez-se um breve silêncio em que se ouviram cantar os pássaros na acácia do quintalejo. O cego continuou:

— Cheguei a blasfemar do nome de Deus. Só mais tarde compreendi que ainda há homens bem mais desgraçados do que eu: os cegos de nascença, por exemplo. Nunca, esses, viram o céu estrelado, nem as ondas do mar, nem a

linha das serras, nem as árvores em flor... E eu cheguei a ver todas essas e outras maravilhas da terra! Continuo a vê-las na minha escuridão. Sempre falo delas nas minhas histórias. Talvez, até, veja hoje o mundo mais belo do que quando o via com os olhos da cara. Depois, niais tarde ainda, compreendi que até para os cegos de nascença há muitas coisas a ver! E tenho, agora, tantas riquezas...

— Riquezas?!... — fez Leonel. Lembrava-se das riquezas que tinha, ele, no seu palácio, e abandonara.

— Riquezas, sim. Tenho o amor do Chibante e do Ruço...

Voltou o rosto para onde a alimária estava amarrada; gritou jovialmente:

— Eh, Ruço!... Bom dia, Ruço!

Respondeu-lhe uma aspiração impaciente, ruidosa, seguida de um som rouco e áspero, todavia familiar.

— Vês como nos entendemos? É um bom companheiro! Também dou de comer às pombas; também são minhas amigas... E trato um bocadinho do quintal.

Com as pontas dos dedos, vejo crescerem as plantas e darem flor. Sinto na pele a quentura do sol, a frescura da aragem, até a claridade da lua... Tenho um ouvido muito fino para todos os murmúrios em que ninguém repara. Olha que tudo fala mais do que se julga! Muito pegado devia estar no sono para te não ter sentido entrar esta noite! pois decerto não entraste desde que estou acordado. Mas a verdade é que as mais das vezes durmo pegado no sono como os garotos! Também é verdade que ouço muito menos os ruídos vulgares, o barulho que fazem os homens, do que certos sussurros... certas vozes... porque há umas vozes... uns murmúrios...

Ficou perdido como se nesse próprio instante os estivesse escutando.

Ao cabo de uma pausa, Leonel disse:

— Não me conheces... e já me dizes tanta coisa!

— Sim..., hei de falar logo à vontade seja com quem for! Mas pensas que te não conheço nada? Já sei de ti coisas essenciais... O que tenho é um defeito, — acrescentou com gravidade — gosto muito de falar de mim.

— Gosto de te ouvir falar... como gostei de te ouvir tocar.

— Ah! Também tenho a minha concertina e as minhas histórias! E ainda tenho alguns livros...

— Livros? Já tinha achado que falas bem. Mas como podes...?

— Há aí no bairro uns três rapazitos que sabem ler. Conto-lhes histórias, e dou-lhes as moedas que às vezes me dão quando toco na rua. Em troca, lêem-me bocados dos meus livros. Não tenho mais de meia dúzia. Mas são bons, não é preciso mais.

— Como arranjaste esses livros?

— Deu-mos um velho que havia aí no bairro. Era um homem de muito saber. Parece que tinha sido mestre nas universidades. Depois, escreveu, umas folhas contra os ministros, contra os sacerdotes lá da corte... contra toda a gente poderosa; e disse tal gente que até contra o rei, não sei. As suas ideias deviam ser justas, embora eu as não entendesse grande coisa; mas suponho que não agradavam senão a muito poucos. Tiraram-lhe primeiro o lugar. E como ele não desistia de dizer a verdade, ou o que tinha pela

verdade, nunca mais deixaram de o perseguir. Acabou por vir morar aqui perto e viver de esmolas. Dava lições a quem o queria ouvir; mas pouca gente queria. A mim, ainda me ensinou muitas coisas! Com a idade e os desgostos, começou a desatinar. «Tanto leu que tresleu» — diziam por aí. Deu em aparecer nu, porque sustentava que a verdade é nua; e ele julgava-se apóstolo da verdade, e também pregava que a gente deve apresentar-se e viver como pensa. Ninguém lhe queria mal; que mal lhe haviam de querer, se não fazia mal a ninguém? Só falava contra os violentos e os impostores... Mas riam-se dele, por essa balda de aparecer nu! Chegaram a desfeiteá-lo, — tudo para se divertirem. Foi preso várias vezes. Quando voltava, parecia mais sereno; só a princípio, nos primeiros dias; depois, tornava-se cada vez mais exaltado. Um dia, chamou-me, entregou-me os livros que tenho, e disse-me, não me esquece: « — Pede que te leiam algumas páginas de vez em quando; e pensa. Eu já as sei todas de cor! Mas não é preciso ler todas. Tudo está em tudo, para quem vai dentro...» Na altura, não entendi muito bem. Hoje é que entendo! Hoje é que decifro muitas das suas fábulas. Nesse dia, estava ele muito sensato. Mas de aí a dias, apanharam-

no a pegar fogo à casa. Queria acabar com este mundo para começar outro melhor. Como já se tornava perigoso, levaram-no de modo que nunca mais apareceu: parece que devia entrar numa casa de tratamento; mas morreu esquecido na cadeia, em qualquer enxovia que abafasse os seus gritos...

Calou-se. Falava num tom manso e quase em voz baixa. E ficou de rosto erguido, os olhos claros muito abertos no ar, como se, de novo, escutara qualquer coisa ao longe. Então, Leonel viu tremerem-lhe as pálpebras. As lágrimas corriam-lhe devagar dos olhos cegos, pelas faces cavas; vinham perder-se-lhe na barba emaranhada, como a chuva nas moitas ressequidas. Ao fim de uns momentos, as suas mãos tatearam, errantes, procuraram ao lado o harmónio. Um prelúdio triste, mas sem amargor nem desespero, desenhou no silêncio um arabesco lento, lento e suave... Depois voltou ao princípio, repetiu-se, chegou um pouco mais longe, tentou algumas variações; e havia três notas misteriosas que se tornavam obsidiantes: não conseguiam dizer, todavia quase sugeriam, qualquer coisa que devera ser a ideia central do improviso. Como não achava, o

tocador poisou delicada mente o instrumento nos joelhos. Nenhuma impaciência nos seus gestos, nos seus traços. E manteve-se novamente em silêncio, o rosto agora decaído quase nada de lado, as pálpebras descidas como se adormecera. O sol que já vinha entrando dava-lhe na cabeça. Leonel pensou: «Ele é que é belo!» E não se atrevia a falar, nem podia deixar de olhá-lo, fascinado na contemplação dessa beleza mais espectral do que física. Por fim, arriscou:

— Mas o rei não pode remediar nada dessas coisas?

— ... Quê?... — murmurou o cego, abstrato.

— Perguntava se El-Rei não pode remediar nada dessas coisas.

— Que coisas?! — disse como quem desperta.

— Essas injustiças..., essas perseguições como a do velho sábio...

— Ah!... — exclamou o outro com um sorriso de comiseração — o rei não sabe nada disso, coitado! O que ele já tem ó pressa de se deitar a dormir.

— Dormir?!

— Para acordar de vez. As coisas de cá já o não prendem.

— Como sabes tu...?

— Sei.

— Mas, então, o príncipe real...

— Pobrezinho! Vive numa gaiola de ouro e espontaram-lhe as asas.

O seu sorriso juvenil acentuou-se, e ele perguntou com doçura:

— Mas tu acreditaste?...

— Em quê? — balbuciou Leonel, surpreso.

— Na história do velho sábio.

— Não é verdadeira?!

— Não. Inventei-a enquanto a ia contando.

— Oh! — fez Leonel, desconcertado. Mas tão simpático era o sorriso do companheiro, que não podia irritar-se com ele; tão pouco poderia julgá-lo severamente. Murmurou:

— Mas tu choravas...

— Choro muitas vezes quando invento as minhas histórias. Tudo o que a gente inventa é verdade! demasiado verdade, às vezes...

Leonel pôs-se a dobrar sobre os cabelos, com muita cautela, as suas monstruosas orelhas; apanhou a tira do turbante, enrolou-a uma e várias voltas na cabeça, apertando-a e tapando-se bem; arrastou-se de joelhos até junto do cego.

— Uma última palavra, antes de me ir embora. Obrigado por tudo que me disseste! Fizeste-me bem. Vou com mais coragem, e preciso de muita coragem... Mas não terás tu, no fundo, um grande desprezo pelos homens? Não será por isso que te conformas...?

— Desprezo...?... — exclamou o cego com a voz súbito trémula — é a senha do diabo! É a única força dos paralíticos... dos surdos-mudos... dos cegos de nascença... mas é também o maior sintoma do seu mal. Por isso menos do que ninguém devem ser eles desprezados! O que é preciso é arrancá-los ao diabo...

— É a senha do diabo! — repetiu Leonel também trémulo: nem sabia se por contágio, se por ligar a esta ideia várias intuições e reminiscências. — Eu, dantes, desprezava sem saber...

Dantes — era há dois dias. De repente, por Uma efusão impulsiva irresistível, agarrou a mão suja do outro e beijou-lha. Ele retirou-a com terror, como se lha tivessem tocado com um ferro em brasa.

— Não me tentes! — suplicou — Há outra senha do diabo que é o orgulho...

— E há outra que é a hipocrisia... — continuou Leonel — Antes de saber que tinha orelhas de burro, eu usava todas essas senhas sem dar por isso!

— O quê?!...

— Orelhas de burro, sim. Que farias tu se tivesses esta enfermidade: umas orelhas mais ou menos como as do Ruço?

— Como as do Ruço...?

— Sim! Que farias?

— O que faço. Quem te disse que as não tenho?

— Mas não se veem. O pior é quando são tão reais que se palpam, se veem...

— Vê-se, por exemplo, que tenho uns olhos sem luz. Mas na verdade: achas que o mais importante é ver-se ou não ver-se? Crês que o mais real é o que se vê, se palpa...?

— Ah! — exclamou Leonel — bem mostras que leste livros!

Esteve meditando um momento, e respondeu:

— Não! não é o mais importante. Sempre se pode esconder o que só os olhos da cara veriam. O pior é saber eu que tenho este bocado de bicho! Enquanto o não sabia, era como se o não tivesse. O pior é o efeito de ter eu visto, ter eu palpado, ter eu sentido estas minhas orelhas que não são de gente humana...

— Isso que dizes ser o pior, quem sabe se não poderá tornar-se o melhor?

— Sim, — murmurou Leonel com um sobressalto interior — quem sabe?

É que já várias vezes, durante as últimas horas tenebrosas que vivera, lhe entreluzira essa grande esperança; embora breve como um relâmpago.

— Vai, — disse o cego — e pensa mais a sério no teu caso. Volta quando quiseres.

— Adeus! — exclamou Leonel apertando-lhe agora as mãos nas suas — Obrigado! obrigado por todo o bem que me fizeste! Voltarei um dia, para te levar comigo. Hei de ter algum poder na terra; e hei de precisar dos teus conselhos. Ocuparás então o lugar que mereces...

— Se te fiz algum bem, bem mal me pagas tentando-me! Não mereço mais do que tenho; nem quero mais nada. Até à volta.

O quintalejo dava para um atalho orlado de miseráveis casebres. Esse atalho comunicava com outros, essoutros com ruas mais compridas mas não mais largas, de prédios mais altos, alguns de vários andares, mas não menos lôbregos. Uma irremediável impressão de miséria, sordidez, desleixo, promiscuidade, baforava dessas janelas semitapadas com vidros partidos, trapos de cortinas,

tábuas de caixotes, pedaços de latas ferrugentas; quando não simplesmente escancaradas sobre interiores fumacentos, sinistros, onde parecia nunca entrar o sol. Como na taberna da Zizi Gorda, um cheiro morno a suor, a febre, a podridão — a carne humana amontoada — empestava o ar. Nem se diria ar livre, o que circulava nesses becos! E a completa nudez das crianças imundas, a seminudez de muitos homens e mulheres, a abundância de cães e gatos escabulhando familiarmente os dejetos, as cenas íntimas, ou domésticas, trazidas com inteiro impudor para a rua, — tudo completava essa impressão de se estar antes num grande e complicado interior, miserável e fervilhante de vida.

Sim, — pensava o príncipe Leonel — alguma razão assistia a Sancho Legista! Ali, nunca o tinham levado; esses bairros, nunca ele os visitara; nunca essa fauna humana lhe atirara flores, lhe dera vivas, lhe beijara a mão! E ele conhecia, dos livros, a existência daquela miséria, mas nunca se lembrara a valer que a pudesse achar na própria capital da sua risonha Traslândia. Cidade dos jardins e parques, dos palácios e torres, dos templos e arcos

triunfais, das praças com estátuas de bronze e mármore, do seu paço labiríntico e vasto como um pequeno reino resplandecente de riquezas acumuladas há séculos..., — a capital de Traslândia também acumulava esse lixo aos cantos, ele devera sabê-lo! E aqueles homens e mulheres trabalhavam desde crianças a velhos, toda a vida, e toda a vida chafurdavam naquela degradação.

Nem todos trabalhavam, porém; e era pior! Arrumados às esquinas, de pernas estiradas nas valetas, pegados às portas das bodegas e baiucas, havia indivíduos ostentando todo o ar de desemprego forçado ou ociosidade viciosa. Os seus rostos magros, cor de chumbo, exprimiam um cansaço azedo e uma conformação de reses; além de certa deposição achincalhante, que era o seu único indício de revolta contra essa estúpida resignação. Olhavam Leonel com insolência e uma espécie de curiosidade irónica, provocante, — estranhando-o. Porém! alguns já estavam bêbados; e esses barafustavam! Todos os seus dramas e obsessões se expandiam em gestos, atitudes, palavras, a que só cada um dava sentido. Entre uma ou outra meia porta, também mandriavam mulheres que parecia não

terem vida. Sentindo nele alguém de outro meio (não obstante o seu vestuário já quase miserável), todas se esforçavam por lhe atrair a atenção. Mas numa casa de amarelo berrante, única pintada de fresco, estavam penduradas das janelas. Tinham, no cabelo, grandes flores de papel, fitas, laços, pentes com vidros a luzir. Essas chamaram-no fazendo «pst!» e assobiando. Mostravam-se muito animadas. E como Leonel já ia fugindo, cosido aos muros, houve uma que bruscamente se lhe agarrou a um braço. Pôs-se a fazer-lhe propostas com uma espécie de ansiedade, a voz rouca e os olhos desvairados, enumerando depravações à escolha; e acabou por confessar que tinha fome e um filho aleijado, — tivesse dó dela... tivesse dó dela! tivesse dó dela, com um raio! ou que estupor de homem era ele que lhe não apetecia nada?!... O seu bafo trescalava a aguardente e podridão. Leonel, estarrecido, remexeu nos bolsos; topou as duas moedas que recebera na véspera. Uma, dera-lha o pequenito; a outra, Pata Rachada. Entregou-as à mulher e fugiu. Morria de fome, há quantas horas não comia! Começava a sentir-se fraquejar. Antes de mais, porém, só uma coisa desejava agora: Voltar ao palácio; voltar ao seu mundo. Porque, sem clara e

conscientemente o haver decidido, — já o príncipe Leonel sabia que voltaria ao seu mundo: ao seu mágico, belo, excelso mundo tão deliciosamente limitado por aquelas paredes, aqueles tetos, aquelas salas, aqueles quartos, aqueles corredores, aquelas escadarias, aqueles recantos, aquela insubstituível intimidade que só agora compreendia quanto amava desde pequenino... Só agora, contudo, compreendia também que privilégio ou abuso era possuir ele tais bens e confortos, tais seguranças na terra. De modo que só agora suspeitava a enormidade da missão que lhe impusera o destino — tendo deposto nas suas mãos o poder. Perante a grandeza da obra subitamente erguida aos seus olhos, o seu sofrimento próprio e a sua anomalia individual que valiam? que pesavam? Outra alma despontava nele, tentando um rufiar de asas trémulo... Era como, depois da tempestade e da noite, uma aurora que rompe sobre uma costa à vista.

Sentindo, embora, assim, — continuava a sofrer o belo príncipe Leonel com desfearem-no as suas orelhas de asno. Por mais suportável, iludível, até superável que se torne,

sempre o sofrimento individual dói em qualquer parte do indivíduo.

CAPÍTULO 12

DO IMPOSSÍVEL REGRESSO DE LEONEL

Tendo outra vez percorrido, agora em sentido inverso, a medonha passagem secreta, Leonel tremeu ao tocar a portinha que o introduziria no palácio. Pensou que poderia haver sido fechada; o que o faria retroceder. Ora não só a porta estava simplesmente encostada, como o esperava diante dela o Aio.

— Tu?!... — exclamou Leonel embaraçado e encantado; porque imediatamente sentira uma impressão de alívio e segurança.

— Eu.

Leonel teve como um gesto tímido para ele. Então, pela primeira vez desde que o seu pupilo deixara de ser criancinha, o Aio abriu-lhe os braços. Leonel atirou-se-lhe

contra o peito, soluçando. Ao fim de um espaço, o Aio afastou-o brandamente de si, para o contemplar.

Roto, sujo, esgazeado, o príncipe Leonel parecia um vagabundo.

— Vem arranjar-te, — disse o Aio — não convém que te encontrem assim.

Já ambos num dos sumptuosos quartos de Leonel, perguntou-lhe este:

— Que disseram da minha ausência?

— Ninguém soube da tua ausência.

— Como...?!

— É o que te digo: ninguém deu pela tua ausência. Todos julgam que tens estado doente.

— Mas meu pai... não quis ver-me?

— Tenho conseguido retê-lo. Anunciei-lhe que poderia ver-te hoje...

— Sabias que eu viria?!

— Não me encontraste a receber-te?

— Mas como sabias...?

— Esperava-te.

Leonel ficou-se a olhá-lo. De repente, uma suspeita lhe faiscou no espírito. Uma suspeita...? mas não uma suspeita! qualquer coisa tão indefinível entre uma reminiscência e um pressentimento, que nem era pressentimento, nem reminiscência, nem suspeita, e não acertaria mais quem lhe chamasse adivinhação ou intuição: Para iluminações, desconfianças, ou o quer que seja desta ordem, — as palavras são demasiado pesadas e adstringentes; ou, então, será simplesmente que ainda não há nome para coisas em que os homens não se dignam reparar. O caso é que o príncipe Leonel olhava o seu protetor, fremia, e simultaneamente pensava, se era pensar, em Pata Rachada, em Sancho Legista, no Cego.

— Deveria ter medo de ti... — murmurou — E quase me assusta não o ter!

— Medo, porquê?!

— Nada sei ao teu respeito. Nunca ousei perguntar-te quem és, donde vieste, porque estás aqui, ou que poder é o

teu. O mais extraordinário é que nem sequer me vinham à cabeça tais perguntas! Mas tu sabes tudo de mim...

— Nem tudo.

— Pois haverá alguma coisa que ignores?

— Justamente o que mais me importa: não sei qual será o último efeito...

— Não te compreendo. O último efeito...

— Só agora começas a compreender. Não te apresses.

Assim conversando, o príncipe Leonel despira os miseráveis trajos que o cobriam. Teve então um capricho: Abriu uma arca toda de embutidos preciosos, e fechou nela, com a chave de prata, essas pobres recordações dos mais agitados dias da sua vida. Quando, muito mais tarde, alguém porventura descobrisse tais despojos nesse móvel régio, que não pensaria daqueles andrajos empastados de terra, suor e sangue?...

Só deixara a fita suja enrolada na cabeça. Como o Aio o acompanhara ao quarto de banho, Leonel parou à porta,

confuso, e cravou nele os olhos suplicantes. O Aio compreendeu-o e não entrou.

Já lavado, já perfumado, já embrulhado num dos seus magníficos roupões, já semideitado numa das suas voluptuosas poltronas, já enrolada a cabeça num turbante dos mais ricos, — o príncipe perfeito com orelhas de burro saboreou, enfim, uma tão copiosa quão delicada refeição; à qual fez todas as honras, como é de ver. O quê?! pudera ele sonhar um momento em renunciar àqueles finos manjares, àqueles vinhos quinta-essenciados, àqueles cristais e porcelanas mais valiosos do que joias?

A seu lado, e como não pretendia outra coisa senão propiciar-lhe a digestão, o Aio ia divagando em tom fútil de coisas amáveis. Parecia aprazer-lhe o bem-estar que finalmente se denunciava no todo do jovem príncipe. Mas a dada altura, falou-lhe no grande baile do dia seguinte; e uma tristeza caiu, de súbito, sobre a face fresca e repousada do adolescente, como quando uma nuvem perpassa diante do sol... Nesse grande baile a realizar-se no dia seguinte, o mais sensacional da época, Sua Alteza Real o príncipe Leonel escolheria a que seria sua

companheira — e rainha de Traslândia. Claro que todas as nobres princesas hóspedes da corte, acompanhadas da sua respetiva e nobre comitiva, compareceriam a esse baile. A triunfadora receberia da mão do próprio príncipe um belíssimo anel que fora da rainha Elsa: Tal seria o primeiro e mais comovente presente de noivado. Quem seria a triunfadora? A bem dizer, já não era propriamente a curiosidade de uma resposta a esta interrogação que tornava mais palpitante a expectativa da grande noite. Em demasia se acastelavam as probabilidades sobre uma gentilíssima cabeça de triunfadora... Mas ansiava-se por ver como seria a cena, como se apresentaria ele, como se comportaria ela, como aceitariam todas as outras a vitória da rival ditosa. E, havendo perdido quase todas as esperanças de supremacia, não se preparava cada uma das outras senão a receber o golpe com o máximo apuro de elegância possível, — e o mais afável sorriso nos lábios.

Oh, nem sempre é fácil ser princesa! Sorrir ao ingrato e à intrigante («pois como, se não fosse à conta de intrigas, conseguira ela obnubilar o juízo de tão alto príncipe?» eis o que mais ou menos pensavam, e o não diziam, as rivais),

sorrir ao ingrato e à intrigante, não custaria leve esforço àqueles coraçõezinhos mordiscados pelo despeito!

Ora sempre a nuvem pairara sobre o sol enquanto o preceptor evocava estas coisas ao pupilo. Tê-la-ia o Aio notado? Insistiria por a ter notado? Ele, que se manifestara tão pouco entusiasta da união com a bela princesa Leonilde, como se lhe referia agora naquele frívolo tom de simpatia, com essa leviandade e benevolência? Ou não teria visto — vendo tudo — anoitecer a face do príncipe, enquanto, segundo todas as aparências, o procurava divertir?

Felizmente, o príncipe Leonel tomara um ótimo banho tépido; comera e bebera esplendidamente; estava afundado numa bela poltrona, sobre almofadas de plumas, entre tecidos cujo contacto era uma carícia; e sentia-se exausto, exausto!, de há dois dias sofrer de corpo e alma. As pálpebras pesaram-lhe; ia morrendo voluptuosamente numa progressiva emoliência de todo o corpo, melhor: de todo o ser. Sorriu ao preceptor, com um vago gesto de escusa por já o nem ouvir... E ficou dormindo com uma réstia daquele sorriso ainda nos lábios.

Piedade, elfos noturnos da floresta! Génio que tumultuas para lá do Parque, — tréguas! Vinde fechar-lhe a janela contra os maus ares, mãos de cinza e luz da sua mãe morta! Asas do seu anjo da guarda, abri-vos sobre essa cabeça mísera! E deixai, deixai-o dormir um soninho descansado, silfos angélicos ou demoníacos errantes à volta dos destinos humanos! Aldemenos dormindo, deixai-o evadir-se umas horas! Deixai pairar na boca do desgraçado aquela réstia de sorriso...

Mas ai! ai que já essa réstia de sorriso esmorecera nos lábios do desgraçado! Pois como sorriria o pobre Leonel? Diante dele, na sombra do Parque, a princesa Leonilde fugia chibatando-o com as suas gargalhadas de escárnio. E tinha razão! Como lhe não fugiria Leonilde, — a feita de neve e rosas? O seu noivo era agora à moda de um sapo — um enorme sapo ascoroso! — pinchando empós ela e esparralhando lodo. Já esse lodo salpicara todo o lindo vestido argênteo de Leonilde; já Leonilde deixara de rir por se ter possuído de repugnância e terror. Mas como desistiria ele de lhe falar? de lhe explicar tudo? Ele não podia ser aquela ignomínia em que se via metido!

Quaisquer forças maléficas se estavam divertindo à sua custa, — e provisoriamente o haviam metamorfoseado naquele nojo. Mas ele era belo! belo de corpo e alma!, a sua verdadeira natureza havia de triunfar... Quereria gritar isto, era preciso que Leonilde compreendesse isto, gritava isto dentro de si. Porém debalde a boca repugnante se lhe descolava e abria em válvula, os olhos lhe estoiravam à flor da cara, a barriga cor de esterco e limo lhe rojava no chão, tumefacta, se erguia num pincho grotesco, voltava a aflorar o lodo... Nenhuma dessas verdades, que o abafavam, lograva atingir sons inteligíveis. E não podendo falar, não podendo desistir de falar, não podendo alcançar Leonilde, não podendo perdê-la de vista, — tão pouco podia deixar de esparrinhar esse lodo em volta, e saltitar sobre esse lago de visco! Louca de horror e aversão, a princesa Leonilde, agora, enchia a noite de gritos. Os seus cabelos soltos açoitavam o ar, enleavam-se nos galhos das árvores, arrastavam no chão; os seus braços finos apelavam para o alto; e o seu vestido argênteo tropeçava, erguia-se, esquivava-se, reaparecia sempre como uma obsessão, rojava no solo onde uma lua funérea, espelhando-se de cima, entremostrava metálicos livores de águas mortas...

Deste pavor e desta angústia, era ele o culpado. E há quanto, há quanto, há quanto tempo durava aquela perseguição que tão ferozmente o perseguia a ele próprio, sendo ele o perseguidor?

Acordou todo a suar de aflição na sua bela cadeira, entre as suas almofadas de penas. Diante dele, a janela aberta dava para a noite fosca. Uma nuvem tapara, decerto, a alvinitência da lua — sentia-se o luar velado — e só raras estrelas palpitavam de espaço a espaço. Era dia quando adormecera: Devia ter tido outros sonhos, dormir há muitas horas, pois agora devia ser noite morta. E o pior é que ainda não se sentia bem acordado, ou de nenhum pesadelo poderia, já agora, acordar! Pois acordado, — não estava continuando a sofrer aquela pavorosa mistificação de ter o que lhe não pertencia, de ser um monstro que não era? E afinal: quando é que ele sabia? quando conhecia fosse o que fosse da verdade? quando estaria livre dos seus burlescos apêndices? quando os tinha e o não sabia, ou agora que sabia que os tinha, — se é que os tinha? E que teria a verdade com tal farsa? «Basta!» (gritava o pobre doido consigo mesmo) «basta desta medonha burla! Isto

não pode ser verdade! Também tenho de acordar de isto...» Mas sabia que não acordaria. Só do outro lado, agora. E antes de saber o que ao presente sabia não sabia nada, só agora os olhos se lhe começavam a abrir, toda a sua inteligência anterior fora antecipada e falsa, toda a sua ciência vã, — mas era insuportável, era incompreensível, era sufocante que assim fosse..., era um destino com que não podia! Era abusar das criaturas criá-las monstros para que pudessem qualquer coisa entrever da perfeição..., da verdadeira perfeição..., exatamente por se reconhecerem monstros!

Assim, tendo regressado ao palácio, acordara o nosso príncipe Leonel sob a garra da angústia; ali, sob a garra da angústia, o gume do medo, a asa da loucura... Porque facilmente o leitor convirá em que tais devaneios não são de um espírito em pleno estado de sanidade. Ora isto mesmo o estava ele suspeitando, o que aumentava o seu medo. Pois quê?! nunca mais poderia voltar ao seu palácio, regressar ao passado? Mas como pudera, ainda há umas horas, adormecer tão calmo? sentir-se quase feliz, apesar da sua desgraça? E não estivera conversando amavelmente

com o Aio, — que sabia o seu segredo? Não se dispusera a receber alegremente seu velho pai, — que também o sabia? Como pudera, ainda há umas horas, encarar tudo com tal futilidade? E porque se retirara o seu Aio? porque não viera seu pai? porque o deixavam ali só, naqueles fundões da noite, a braços com o espanto? Viesse alguém... socorro! Nanja que fosse ele chamá-los; mas viessem!, adivinhassem-no!, viesse alguém..., alguma presença humana que o defendesse de si próprio e da loucura. Piedade, elfos noturnos da floresta! Génio que tumultuas para lá do Parque, — tréguas! Mãos de cinza e luz da sua mãe morta, asas do seu Anjo da Guarda...

Acendera todas as luzes no lustre que espadanava do teto como uma cascata de revérberos. Multiplicadas ainda pelos vidrilhos, centos de velas iam incendiar o damasco das paredes. Ora entre essas paredes esplendidamente revestidas de púrpura, sobre essas espessas peles que tapizavam o chão e afogavam os passos, debaixo da florida talha do teto e a fonte luminosa do lustre, diante do grande leito de ébano, intacto, entronizado ao fundo para lá do arco dourado, — o príncipe Leonel agonizava como

encerrado vivo num jazigo. Sol!, bem puderas nascer esta noite umas horas mais cedo..., ó sol! A noite remexe todos os pauis do ser, ergue todos os medos perante si próprios. Só agora via o príncipe Leonel que todo esse luxo era não só vergonhoso e excessivo como ridículo; mas entre ele havia de agonizar até ser dia e romper o sol, sol que não romperia essa manhã mais cedo, não!, porque não há piedade no universo para um pobre bicho da terra...

Ora aqui entre nós, e se ao cronista é lícito aventar uma hipótese: O nosso príncipe comera principescamente; não bebera pior; há dois dias que mal comia; adormecera sobre a refeição: Adormecido ou desperto, não teriam os seus pesadelos principal origem num difícil comportamento das vísceras? Bem pode ser que até num príncipe perfeito (com orelhas de burro) não deixe a conduta das vísceras de influir no estado da alma.

CAPÍTULO 13

ONDE O PRÍNCIPE LEONEL TEM ALGUMAS PRÁTICAS DECISIVAS ANTES DO BAILE DA NOITE

Na capitosa câmara da princesa Leonilde havia, nessa tarde, risos e música. A princesa acabara de despir o vestido que estrearia no grande baile da noite. Os seus olhos resplandeciam ainda da natural satisfação de se ver bela, bela como uma fantasia de poeta voluptuoso, nos quatro espelhos que multiplicavam de frente, de costas, de perfil, a sua radiosa imagem. Estendido, agora, num divã, mais parecia o vestido da princesa Leonilde um regato de ouro, seda, pedrarias. Bem certo que a princesa Leonilde era menos majestosa na seminudez em que ficara; mas menos bela, não! E eis o que lhe estava agora murmurando Violante, a sua camareira predileta, por entre risos e segredinhos um pouco maliciosos. Era de prever que o nome de certo príncipe encantador — único merecedor de tal tesouro — fosse, em grande parte, motivo desses semi-

segredos. Fazendo-se ciumenta, Violante invejava a próxima bem-aventurança do sedutor. Ah, não ser ela homem, e príncipe, e belo, e todo poderoso, — que lhe não escaparia esta joia vivinha, não! ainda que houvera de levá-la por força. O culto que depois lhe tributaria, até ao fim da vida, faria perdoar essa violência de amor... Mas era mulher, desgraçadamente! E só um homem, e só um certo, poderia, em breve, atar à volta do pescoço (colar mais precioso do que o mais precioso do mundo...) esses braços de rosas dissolutas em leite; e poderia enlear essa cintura quebradiça, embalá-la contra a sua, pai do céu!, flutuar nesse abraço como numa onda de fogo..., como dizer? de fogo refrigerante; e poderia deitar a cabeça, perpassar a face, enterrar a boca sôfrega em dois travesseirinhos de neve quente, cheios e fofos, torneados; e poderia, indo mais longe, descendo ainda mais nos mistérios daquele doce corpo intacto, poderia... poderia... Ah, os brutos dos homens! os malvados! Como chegam as mulheres a permitir-lhes semelhantes familiaridades e rudezas? Que fraqueza é a delas, que perverso gosto, que mania antiquíssima, — que não só lhas permitem como lhas provocam, lhas apreciam...?!

Violante era quase velha, além de que sempre fora uma ousada fantasista. Toda a gente, na corte de Leonilde, mais ou menos tolerava os saborosos atrevimentos de Violante; e mais do que ninguém a própria Leonilde, que ela ajudara a criar, e sempre estragara com mimalhices, festas, lisonjas, — demasiado sinceríssimas. Nessa tarde, o incenso de Violante era particularmente grato à princesa Leonilde. Leonilde correspondia com risos aos seus segredinhos e cócegas; ia ao ponto de arriscar uma ou outra brejeirice (aliás sempre fina) de ricochete aos seus arrojados madrigais. O caso é que Leonilde se sentia feliz... feliz! Seria, à noite, o grande baile, durante o qual o príncipe real Leonel ofereceria o anel que fora da sua mãe à mulher que elegesse como esposa. A esta hora, por essas várias câmaras do imenso palácio capaz de hospedar todas as princesas reais da terra, — quantas outras não provariam igualmente os seus vestidos de baile, sonhando cada uma ser a mais amável ao olhos do mesmo belo senhor? «Mas...» pensava Leonilde «que esperanças podiam ter ainda as pobres? Pois não era evidente que já o príncipe fizera a sua escolha?» Assim devaneando, toda, por dentro, sorria a princesa Leonilde. À sua feliz disposição de ânimo parecia

fazer o devido acompanhamento aquela suave luz da tarde, que entrava tamisada pelas cambraias das janelas; bem como a tímida, voluptuosa, enleante canção de amor que nas cordas do seu saltério ensaiava a condessa Mafalda, reclinada em altas e fofas almofadas.

Só a um canto da vasta e luxuosa quadra, as mãos, como de costume, enlaçadas no regaço, a princesa Letícia parecia meditativa e distante. Ora neste momento, não podia sofrer Leonilde que alguém sequer parecesse triste. Pois haveria tristeza no mundo, quando em Leonilde garrulava aquela canção de esperança?

— Até no dia de hoje estais melancólica? — disse contra a irmã.

— Não estou melancólica.

— Parece; e já parecê-lo não é muito amável, neste dia...

— Que tem o dia de particular...? — perguntou com uma sombra de riso, e olhando em redor como consultando as presentes, a grave princesa Letícia.

— Porque vos fazeis de novas, minha irmã? Bem sabeis que é hoje o dia em que se confirmarão... espero se

confirmem... certas nossas esperanças...

— Nossas... ou vossas?

Muitas vezes havia nas interrupções, perguntas ou respostas de Letícia um piquezinho de mordacidade, que nem sempre agradava a sua irmã Leonilde. Desta vez, por exemplo: Nos límpidos olhos azuis de Leonilde, fugiu como um súbito remoinho que os turvava. Chamar-lhe-íamos vim movimento de raiva...? um assomo de cólera...? um relâmpago de rancor...? Oh, todas estas palavras seriam aqui impróprias, por demasiado grossas!

— Julguei que as minhas esperanças também eram da minha irmã... — ripostou Leonilde.

— E são. Quase vos magoáveis por me julgardes melancólica! Agora irritais-vos porque brinco?

— Não me irrito. Vós é que sois tão esquisita...

— Não posso mudar a minha maneira de ser; ou a minha mais natural aparência. Mas regozijo-me, crede, com os vossos legítimos triunfos...

— Creio. Todavia, que cerimoniosa maneira de falar a uma irmã! que gelo, ou não sei quê, na tal vossa natural aparência! ou que ironia na escolha das vossas palavras... nesse legítimos...!

— Não há ironia nenhuma: Com triunfos vossos que não fossem legítimos..., poderia eu regozijar-me?

— Oh! sois o demónio da precisão! Pois gostaria de saber que triunfos meus considerais vós legítimos...

— Quase todos... — disse Letícia demorando na irmã uns olhos subitamente mais fundos — E não me deveis querer mal pela minha franqueza.

Sempre estes enigmáticos modos da irmã acabavam por deixar Leonilde pouco à vontade. Instintivamente, fugia-lhes.

— Querer-vos mal, eu?! Estamos a dizer tolices! O melhor é descerdes comigo ao jardim, senhora de pedra. A tarde está linda...

Qualquer coisa de constrangido e descontente pungia ainda no seu ar, no seu tom. Letícia ergueu-se para a acompanhar, posto com sacrifício: Sabia que já não

poderiam sustentar essa tarde senão uma conversa afetada; e o silêncio não seria menos constrangedor.

Leonilde pareceu pressentir o mesmo, porque disse a Mafalda:

— Vireis também, Mafalda?

— Escusai-me, se a minha presença vos não é indispensável. O passeio a cavalo desta manhã cansou-me. Sabem-me bem estas almofadas...

— ...Tu? — interrogou Leonilde voltando-se para a sua velha Violante.

— Eu sou a sombra da minha estrela, — respondeu Violante erguendo-se — vivo atrás dela!

Os seus olhos cheios de carinho beijavam longamente a sua menina, como quando ela era de peito. Leonilde estava acabando de vestir o seu vestido marfim velho, com florinhas e raminhos bordados. Pôs aos ombros uma mantilha leve como espuma. Desceram as três.

Ora precisamente nesse instante, em outra ala do labiríntico palácio, assomava-se o príncipe Leonel à

varanda de mármore, do seu quarto; e viu a princesa Leonilde, a princesa Letícia e uma camareira, passeando entre os gladíolos em flor. Oh, bem Leonel sabia que se encontraria com Leonilde antes do baile da noite! Assim era preciso. Desceu; meteu por um atalho a que faziam doces cordas de glicínias, indo de uma às outras olaias do arruamento; sem ser pressentido, e como por acaso, veio dar de cara com a princesa Leonilde. Leonilde, que vinha açoitando brandamente as espadanas dos canteiros, (e como açoitá-las pudera Leonilde senão brandamente...?) soltou um «ai!...» de muito aprazível surpresa; e ficou-se entre tímida e risonha, o juncozinho em flor erguido na mão fina, a olhar o príncipe Leonel com os seus olhos azuis sereníssimos.

— Agradável encontro! — suspirou Leonel para começar. De momento, nada achara melhor.

— Pela minha parte... — arrulhou Leonilde, baixando os olhos sobre o meio sorriso discreto. Também nada melhor achara Leonilde.

— Não..., pela minha!

Como não reconheceriam pessoas tão espirituosas a indigência deste diálogo? Olharam-se rindo, um pouco enleados. Como os visse nesta doce perturbação de namorados ainda cerimoniosos, a ladina Violante piscou o olho à princesa Letícia, ousou tomar-lhe o braço, e levou-a. Leonel e Leonilde ficaram sós. Passearam, primeiro, entre os gladíolos em riste, que os derradeiros raios do sol ensanguentavam. A tarde caía devagar, muito serena. Passaram à beira do grande lago verde onde cisnes alvíssimos boiavam, com uma lentidão e uma graça misteriosas, escorregando na água imóvel como sobre um cristal. De vez em quando, um deles tinha movimentos bruscos, no entanto serpentinos, do longo pescoço; e o cristal da água partia-se, ondeava, alargava círculos concêntricos, para se recompor e de novo ficar dormente. Só tímidos pipilos de aves escondidas ousavam interromper o silêncio estático.

— Linda tarde!... — suspirou Leonilde. E sentou-se num dos bancos, ao rés da água parada e brilhante. Arbustos de folhagem recortada, frágil, especiosa como renda, faziam um fundo quase imaterial à sua bela cabeça inclinada.

Leonilde sabia que estava linda, a cabeça artística assim um pouco descaída ao seio, e o seu vestido tom marfim velho, de pequeninos festões bordados, aberto em leque sobre o banco. Peneirada das árvores, uma limalha de sol dourava os seus pés calçados em sapatinhos cor de creme. Sim, Leonilde sabia que estava linda! Mas o príncipe Leonel caíra num silêncio que ameaçava tornar-se constrangedor.

Debalde Leonilde começava de se agitar, sacudia sobre a água as florinhas dos arbustos, ou arriscava furtivos olhares de lado ao seu mudo companheiro. Até que, mal ousando erguer francamente os olhos azuis sereníssimos, aventurou:

— A beleza da tarde torna-nos silenciosos...

Então, Leonel cravou nela os olhos como enevoados de aflição. E, posto Leonilde nem pudesse sonhar o que neste momento sofria Leonel, sentiu-se chocada pela sua palidez mortal.

— Que tendes? — disse ela com um movimento para se erguer — estais indisposto?

— Sofro... — gemeu Leonel com os lábios brancos. Mas fez um leve gesto para a não deixar levantar-se. Sentou-se ao seu lado no banco. Ah, fugir! fugir, desaparecer de vez, nunca mais ver ninguém perante quem se visse vexado na sua monstruosidade...! Todavia, tinha de cumprir heroicamente a pena que lhe fora concedida.

— Não vos assusteis... — murmurou ao fim de uns segundos. Mordeu os lábios. brancos e secos, diligenciou sorrir. Com efeito, um pobre sorriso torturado e frustre se abriu sobre os seus dentes admiráveis. Leonilde tentou também sorrir. Mas quase o fitava com terror, aliás pouco justificado; e, por isso mesmo, profundo. Como dois dedos de Leonel tinham ficado poisados, esquecidos, no seu braço nu, teve um arrepio e a impressão de que esses dedos eram gélidos, murchos, como os de um cadáver... Estranhíssima impressão, que nunca tivera a princesa Leonilde, nem sonhara poder receber do belo príncipe Leonel! Felizmente, foi uma impressão fugidia. Leonel retirou esses dois dedos e pôs-se a falar serenamente:

— Sofro... muitas vezes... pensando na imperfeição de tudo que existe... nas imperfeições que há em nós todos.

Que beleza se encontra no mundo que seja completa e satisfatória? Nem sempre os nossos olhos veem o terrível avesso da superfície bela. Assim até o nosso amor é ilusão, porque mais amamos quanto mais cegos andamos. Um dia, os nossos olhos abrem-se sobre a realidade; e o nosso amor esfria quando mais fora preciso arder para redimir, manifesta-se incapaz de ver outra beleza, para lá tanto da que primeiro viríamos, como da imperfeição que depois descobrimos...

Tendo começado a falar serenamente, e até com requinte de elocução e maneiras, o príncipe Leonel, agora, arquejava... Parou, como se o que dizia lhe estivesse custando um grande esforço. Ora essas palavras e estes modos eram tão pouco habituais no príncipe Leonel, que Leonilde estava meio tolhida de surpresa.

— Desconheço-vos... — murmurou ela.

— É natural! Ainda me não conhecíeis...

Chegou-se mais a ela, insinuando o ombro por trás do seu, que só a espuma da charpa velava. E, como a sentisse constrangida e atemorizada, inclinou a face para a dela,

aquecendo-a com o seu hálito precipitado. Segredou, quase beijando-lhe a conchazinha rósea da orelha:

— Ainda me não conheceis...

O misto de ironia, meiguice e quase perversidade que ele pusera nestas palavras, não o podia ela verdadeiramente entender. Mas reconhecendo, por instinto, a voluptuosa ternura, apanhando na face o calor da sua respiração, tendo, até, de evitar um bocadinho o peso desse corpo másculo contra o seu, — Leonilde achou-se um tanto reconfortada. De novo sentia a poderosa e perturbante presença do seu Leonel. Corou, baixou os olhos sobre o seio que suavemente ofegava:

— Ainda vos não conhecia, não... Ainda não sabia que fôsseis tão generoso!

— Como assim?!

— Pois não sofreis, sinceramente, pela imperfeição alheia, não persistis em não ver exceção alguma a essa imperfeição de todos..., vós que sois perfeito?

— Julgais que sou perfeito?!

Ela ergueu devagar a face purpureada, inclinou-a de molde a encostá-la à dele; e disse baixo, com os azuis olhos sereníssimos postos nos ramos mais altos das árvores:

— Amo-vos porque sei que o sois...

Começava a recobrar o domínio de si.

Roçando uma vez, outra vez, outra ainda, a face pela dela, o príncipe Leonel passou-lhe um braço pela cintura; e com tanta delicadeza o fazia, que ela nem achava necessário fingir qualquer resistência. Leonel pôs-se então a falar-lhe a meia voz:

— Suponhamos que eu estava muito longe de ser perfeito! Que tinha, até, um grande defeito, uma monstruosidade mesmo, capaz de corromper, em parte, todas as vantagens que vos dignais ver em mim. Já temos conversado sobre o génio, não é verdade? Assentámos em que o génio é forçosamente a flor de um equilíbrio e uma saúde triunfantes. Concluímos que não há génios doentios, pois esses são paródias do verdadeiro génio: tentativas mais ou menos frustradas da natureza. Pois bem! Suponhamos agora que reconheci em mim próprio,

experimentei por mim mesmo, que os momentos mais sublimes e as qualidades mais raras do homem podem, pelo contrário, relacionar-se com aleijões seus... doenças... ou coisas que chamamos assim! Quero dizer... quero chegar a isto: Seríeis capaz de me aceitar, e amar, se eu fosse um aleijado apesar de possuir, na verdade, todas as vantagens que me atribuís?... e apesar de não obstar a minha anormalidade a que vos ame... vos ame completamente... vos deseje minha? Porque... devo insistir... perdoai... a minha monstruosidade não me impediria de vos fazer inteiramente minha, compreendeis?...

Ela baixou os olhos e afastou um pouco a face toda púrpura.

Não precisava de dizer que compreendia. Mas no mesmo instante a sacudia um como assomo de indignação: porque falava ele com a voz embargada, e novamente arquejando, se tudo aquilo não passava de fantasia e capricho, uma das suas fantasias um pouco desconcertantes, um dos seus caprichos de humorista excêntrico? Pois não via que quase estava magoando o seu pudor, obrigando-a a ouvir coisas não muito próprias de ouvir uma donzela? Actor! perverso

ator! mas grande ator!, — superior aí como em tudo: Sim, a sua voz fizera-se trémula e ansiosa; procurando os dela, os seus olhos perscrutavam-na como suspensos e suplicantes; e tão bem imitava ele aquele horror que estava imaginando, tão a fundo sabia viver aquela macabra criação de um momento, que tudo aquilo se diria autêntico... se diria verdade... Um estremeção colheu de súbito o belo corpo grácil da princesa Leonilde: Leonilde evocara sem querer a estranha sensação com que os dedos dele, há pouco, lhe haviam queimado o braço: queimado de frio mortal! bem como o tom das suas primeiras palavras, e a expressão agónica do seu rosto, ainda antes de começar a fantasiar. Um relâmpago de invencível pavor atravessou o azul sereníssimo dos olhos da princesa Leonilde: Era desespero ou esperança, ou loucura, ou crueldade, era que reflexo de abismo, o que assim tornava profundos, quase insuportáveis, os olhos de Leonel? Ah, o ator! grande ator, genial farsante! Porque já Leonilde compreendia tudo. O relâmpago que raiara nos seus olhos calmos — não fora mais que um relâmpago. Quem não tem um instante de cegueira ou hesitação?

Mas logo Leonilde compreendera tudo: Não havia dúvida que o seu belo príncipe perfeito a desfrutava desde o princípio da tarde; a experimentava, o pantomineiro!

Os lábios escarlates da princesa Leonilde desabrocharam então num riso feliz. Os seus olhos procuraram e petulantemente sustentaram os do príncipe Leonel. E no azul sereníssimo desses olhos tranquilos, risonhos, que um dardejar de intuição perturbara um momento, nada mais viu o príncipe Leonel do que vazio — o vazio de quem julgou compreender tudo...

— Se vós fôsseis imperfeito, — disse ela — não! não vos aceitaria; não vos amaria, porque não seríeis vós! É isto o que quereis ouvir? Pois é esta a verdade. Amo-vos porque sois o homem mais perfeito que encontrei; e porque não creio poder jamais encontrar outro semelhante...

Durante uns segundos, Leonel fixou esses olhos que já nada toldava e nada diziam. Um sorriso enigmático e torturado — um sorriso quase temível, ou repugnante, naquela boca de sorrisos tão sedutores — franziu um pouco os lábios sinuosos de Leonel. Felizmente, Leonilde baixara as pálpebras e não o via: Até talvez Leonilde se abalasse

outra vez com tal sorriso! Bruscamente, Leonel agarrou-a pela cintura; e, chamando-a a si quase com fúria, esmagou-lhe na boca um beijo violento e sôfrego. Foi o bastante para sentir eriçarem-se-lhe ao mesmo tempo as orelhas bestiais e o sexo.

— Oh! — gemeu a princesa Leonilde incendiada como uma rosa — sois ousado...

Repeliu-o brandamente, fincando as mãos no seu peito largo; mas até esse gesto de o repelir era amoroso. Como não podia compreender a profunda perversidade daquele beijo sem respeito nem ternura, Leonilde sentia-se feliz. Estava certa de haver dito as palavras que ele desejava.

Não podia adivinhar o que Leonel pensava: Leonel pensava que ela gritaria de horror, se inteiramente pudesse ver quem a beijara... E era isso o que requintava a sinistra volúpia do seu beijo. As pessoas que, como Leonilde, compreendem tudo — não podem adivinhar estas escabrosidades.

— Permiti que vá buscar a vossa aia... — disse Leonel com a voz um pouco rouca — E até logo!

Violante não andava longe.

— A vossa senhora espera-vos — disse-lhe Leonel — Está ao pé do lago.

Via, por entre as árvores, o vestido de Letícia, que gostava de se afastar um pouco e passear sozinha. E viera-lhe a súbita lembrança de ir ter com ela. Nem ainda sabia para quê! Tão pouco sabia como lhe viera lembrança tão súbita. Era uma espécie de imperativo superior, como às vezes vem a quem se sente perdido ou inspirado.

— Vejo que gostais de passear só — disse ele chegando diante da princesa Letícia. — Deixastes a vossa camareira... Incomodo-vos?

— Não — balbuciou ela colhida de surpresa. — Mas não compreendo...

Corou, atarantou-se toda, e pôs-se a retorcer na mão trémula a fita que lhe caía da cinta. Olhara-o, primeiro, estupefacta; mas já não ousava erguer os olhos. Tinha umas pestanas compridas, curvas, que davam sombra na face magra e ordinariamente pálida. O súbito rubor emprestava-

lhe agora uma frescura juvenil que as mais das vezes não tinha.

— Que é que não compreendeis?

Ela demorou a responder:

— Deixastes minha irmã...

— Para vos dizer uma coisa a vós.

Ele próprio se admirava do que estava dizendo e fazendo: Era como um poeta que escreve um poema em que não pensara, que não imaginara nem preparara, — sob a graça de uma inspiração arrebatadora.

— Posso servir de alguma coisa entre os dois? — perguntou a princesa Letícia um pouco mais calma.

— Não. Nada há entre nós dois.

— Como?!... — fez ela parando.

— Se alguma coisa houve, acabou. Foi um engano... Peço-vos, por caridade, que me acompanheis mais um pouco.

Iam-se adiantando entre as árvores do Parque, onde anoitecia mais cedo. Como ele mantinha silêncio, ela disse:

— Não posso compreender...

— O quê?

— Como é que foi um engano... E como já vistes que o era!

— É simples: Eu estava cego e a princesa Leonilde continua cega. Dos dois, era ela a mais enganada. E continua enganada! Mas outro a fará feliz. Não eu, que não posso...

A princesa Letícia parou novamente. Fizera-se muito séria, e disse num tom quase duro:

— Peço-vos que me escuseis.

— Recusais acompanhar-me?

— Não vejo em que vos possa servir a minha companhia. Estou pouco habituada a que reparem em mim... E não sei entreter ninguém. Além disso, talvez não seja muito conveniente...

— Tendes medo de passear comigo?

— Oh, não! — fez ela com uma sombra de sorriso — Os outros é que poderiam achar pouco próprio... Eu, que

recearia? Sei que tendes muito bom gosto; e sei que não sou bela como as outras.

— Podeis ser mais bela!

— Não vos peço madrigais.

— Bem sei. Mas podeis ser mais bela! Sois, talvez, a mais bela...

— Troçastes da minha irmã Leonilde — disse Letícia severamente. — Mas ela, ao menos, poderá também troçar de vós, porque Leonilde é muito bela! Agora, lembrou-vos troçar de mim...

Calou-se, sentindo tremer-lhe o lábio: Tinha medo de revelar coisas que sempre trouxera ocultas.

«Sois, talvez, a mais bela...» repetia-lhe mentalmente Leonel. E era como se a visse pela primeira vez, e através de uma aura que parecia envolvê-lo, arrastá-lo... não sabia aonde... até onde? Mas sabia que uma força obscura e superior lhe impunha o quer que de momento fizesse.

Sim, Letícia não era bela como Leonilde e outras. Mas, se erguia as pálpebras quase sempre baixas, tinha uns olhos

profundos e serenos que a iluminavam toda; embora a mais da gente pudesse nem os ver, como, antes, os não vira ele próprio, Leonel. E o seu raro sorriso quase só esboçado — era tocante como o de uma criança que vai rir ou chorar, nem se sabe.

— Troçar..., eu?... — murmurou Leonel, baixando involuntariamente a voz.

— Sim..., é uma fraqueza dos seres demasiado bem dotados.

Tinham parado numa clareira cercada de arbustos raros, com uma fonte que sussurrava a um canto, nas rochas. Por entre as tílias e os plátanos, as araucárias e os ciprestes, acotovelavam-se, à distância, os ângulos, muros, torres, balcões, telhados do palácio. Para outros lados, e em roda, havia outras árvores, que se iam tornando cada vez mais cerradas. Os últimos raios do sol tinham-se apagado nas ramarias. E para lá dessas havia outras árvores, outras depois dessoutras, sempre outras ainda, — depois começava a zona tenebrosa e selvagem dos terrenos e bosques virgens, para lá... Sim, algumas vezes chegara aos

ouvidos de Leonel, em criança, uma vaga história de um passeio da sua mãe àquelas regiões defesas.

E a sensação do mistério que sempre envolvera essa jornada, e a todos aparecia como quase sagrado, caiu, agora, de súbito, sobre ele, como uma espécie de revelação que ao mesmo tempo o aniquilava e soerguia. Leonel sabia que longos anos seus pais tinham esperado um filho. Sabia, agora, que entre a jornada da sua mãe e o seu nascimento, havia relações nunca perscrutadas. Não fora ela capaz de todos os sacrifícios e audácias — e tanto de um heroísmo como de um crime — para dar um filho ao esposo adorado? Pois que ligação haveria entre tudo isso, tão grave ou tão pueril, e o seu estranho destino de obra-prima falhada? Que degradação, que sublimação, que martírio, que transgressão estaria na base tanto das suas perfeições..., como da sua monstruosidade? como da sua bestialidade?

Ora nem se pode dizer que o príncipe Leonel estivesse, então, pensando estas coisas. Mais propriamente se dissera que elas eram sentidas, pressentidas, ou decorriam, no mais íntimo e fundo do seu ser baldeado entre a iluminação e as trevas... Ergueu, então, os olhos em volta, para cima,

com o ar de quem ouve qualquer música muito longe. Dobrara um joelho em terra, como se uma invisível mão de ferro lhe abatera o ombro.

É natural que a princesa Letícia estivesse espantada com estas maneiras singulares!

— Eu não posso troçar de ninguém... — recomeçou Leonel — Nem acho que se deva! Sou o mais digno de escárnio ou de piedade de todos os homens.

Falava numa voz átona, que traía o seu esforço para vencer aquela agonia. Era, aliás, uma agonia quase gostosa, pois se acompanhava de uma impressão inefável de levitação. Poderia dizer-se que, à medida que ia sendo vencido, o seu sofrimento se demudava em libertação e alegria; mas recomeçava a ser sofrimento no instante seguinte.

— Levantai-vos! — pediu Letícia atemorizada.

— Calai-vos. Deixai-me estar. Tenho de falar, agora, até ao fim... Sou belo! sei que sou belo em todo o resto do meu corpo. Mas tenho uma anomalia grotesca... um pequeno

defeito mas ridículo... terrível... que mulher nenhuma ainda viu... ninguém... só os que me criaram...

Levantou a face lívida, procurando os olhos da princesa Letícia. Ela estava agora um pouco dobrada para ele, como suspensa, com uma expressão de terror e ávida curiosidade... quase se diria também de amor! Os seus olhares como que se agarraram na penumbra.

— Eu próprio não sabia... — murmurou ele arquejando do imenso esforço.

Então, timidamente, ela poisou-lhe os dedos ma testa, para o animar; mas logo os retirou, num involuntário movimento de repugnância: Os seus dedos vinham molhados; e olhando-os, à luz frouxa, suspeitou que essas manchas escuras eram de sangue que ele estava suando.

— Oh! — suspirou ela — meu querido!

Saíra-lhe aquele grito não sabia de que profundezas. E com paixão, num impulso irresistível, abraçou-lhe a cabeça contra o peito. Ele deixou-se resvalar até ao chão, fugindo-lhe. E foi assim, todo dobrado em arco, ambos os joelhos na terra nua, que desamarrou e tirou o turbante com as mãos

de cadáver. Livres, e talvez por influência da emoção do desgraçado príncipe, as suas asininas orelhas irromperam ostensivamente arrebitadas.

— Oh! — soluçou a princesa Letícia recuando sem querer. Um breve riso seco, ríspido, lhe fugiu da garganta; mas bem se via que não era rir, aquilo: e deu um grande suspiro de criança, logo seguido de um pequeno gemido.

O príncipe Leonel arrastou-se. Encolhera-se todo aos seus pés, como um cão. Ao fim de um longo silêncio perguntou, sem ousar erguer a cabeça:

— Não vos faço horror...?

Percebeu que ela não podia falar porque chorava, mas não queria mostrar que chorava. Sempre sem ousar olhá-la, de novo escondeu o seu grotesco aleijão sob o magnífico turbante de seda. Mas quando ia a levantar-se, outra vez Letícia lhe passou os braços à roda do pescoço, estreitando-lhe apaixonadamente a cabeça contra o seio. Então, ele ergueu-se em toda a sua bela estatura, colheu-a contra o peito largo que subitamente cachoou de soluços, como solevado por uma torrente represa.

— Não vos faço horror? — disse ansiosamente — não vos faço rir?... Só vós podeis salvar-me!

— É agora que vos amo... — disse ela tornando-se mais pequena entre os seus braços vigorosos — Sou vossa quando me quiserdes... até à morte...

Estas palavras, que ele sabia de profunda piedade, sabia-as, também, não só de caridade verdadeira, que é amor, como de fraqueza feminina entre os seus braços de homem.

Por isso aquela piedade o não magoava. E ficaram ambos chorando, tão abraçados que faziam uma só sombra no chão batido do luar.

Sim, já a lua subia, enorme, na imensa tranquilidade do céu, banhando toda a clareira em tenuíssimo nevoeiro argênteo. Mas passada a clareira, sob as árvores altas e juntas que derramavam sombra, só rendilhados e bordados de luz se recortavam, a espaços, no caminho, caindo como esgarçados dos galhos; e fragmentos tinham ficado como pegados aos troncos, mosqueando-os do mesmo alvor. De qualquer esconderijo, um rouxinol pôs-se a florear uma saudação aos namorados. Dir-se-ia desfolhar no silêncio um

punhado de pétalas de cristal. E o príncipe Leonel caminhava como num sonho, embevecido, enfim, numa felicidade que o compensava de tantas horas terríveis.

— Já é tarde... — disse Letícia despegando-se um pouco do seu príncipe — Decerto me procuram! Mentirei... direi que me perdi nos meandros do Parque...

Ofereceu-lhe ainda a boca, semicerrando os olhos.

— Não direi que me perdi convosco...

Depois empurrou-o para o escuro das árvores, e avançou, ao luar, direita a um grupo que se vinha acercando.

Leonel esperou que todo o rumor sossegasse. Correndo de sombra para sombra, como um ladrão, cosido aos troncos e muros, lá conseguiu chegar a uma das muitas portas menores do palácio. Ia a entrar, muito subtilmente para não ser pressentido..., quando qualquer coisa de informe se destacou da penumbra, rolando-lhe aos pés.

— Sempre tu! — disse ele não podendo reprimir um movimento de furor.

— Sempre! — trauteou Rolão Rebolão — sempre aos pés da sua Alteza! Sua Alteza passeia ao luar no jardim? ouve os rouxinóis? consulta os malmequeres? colhe miosótis? ou desfolha botões de rosa? desfolha botões de rosa, Alteza? Andaram por aí procurando a princesa Letícia. Parece que também se perdeu no jardim ou no Parque... A noite está linda, Alteza! a noite está tão linda...

— Pérfido! — disse Leonel já sem cólera — caluniador!

Sentia-se demasiado feliz para se enfurecer de verdade. E também um profundo impulso de compaixão o inclinava, agora, a favor desse monstro. «Para ele é que não há amor!» pensava. Sentou-se familiarmente no degrau, junto de Rolão Rebolão.

— Oh! oh! oh! — grunhiu três vezes Rolão Rebolão — muito contente deve estar Sua Alteza! muito feliz deve ser Sua Alteza!

— porque supões isso?

— Senta-se no chão ao pé do lixo..., Sua Alteza Real e Perfeita!

— Ouve lá...

Mas Rolão Rebolão não se absteve de o interromper para declarar gravemente:

— O lixo sou eu, bem, obrigado.

— Ouve: porque me odeias tu?

— Odiar Sua Alteza?! odiar Sua Alteza..., eu?! Mas eu não tenho a honra de odiar Sua Alteza...

— Se não é ódio, é amor.

— Pois amor é que é, Alteza; amor, sim! O filho da minha senhora? Eu..., odiar o filho da minha bela senhora?! da minha nobre senhora? da minha bela senhora? da minha santa senhora...?! Uma vez, a minha querida senhora saiu a dar um passeio no Parque; para lá do Parque, para lá! Foi indo, indo, indo... Muito é preciso ir para sair do Parque!

— Não misturemos aqui o nome da minha Mãe — disse Leonel gravemente.

Houve um pequeno silêncio. Depois, Rolão Rebolão declamou quase a sério:

Caiu no lixo uma pétala,

Uma pétala de rosa!

Vai, nasceu uma roseira.

Que botão poderá dar...?

E ficou outra vez calado e como embrulhado em si próprio. Leonel ergueu-se.

— É tarde..., mais uma vez falto ao jantar na Sala Grande. Os nossos ilustres hóspedes acabarão por me achar mal educado. Mas tenho fome...! quero comer. E tenho de me vestir, quero aparecer bem no baile de gala...

Como Rolão Rebolão não dava sinal de si, curvou-se para o chão:

— Ficaste magoado?

— Magoado, eu!? Tenho o couro duro.

— Bem sei que foste muito dedicado a minha Mãe. Não te queria ofender... perdoa.

E começou a subir; mas sentia atrás o trambolhar de Rolão Rebolão, que subia também, como podia e sabia. No

corredor, visto Rolão Rebolão continuar rebolando precipitadamente sobre os seus passos, esperou um pouco.

— Pois amor é que é! — gritou Rolão Rebolão, chegando ofegante — Mas quem pode amar um ser perfeito? Há algum ser humano perfeito? Ou não é humano, ou é um simulador... Detesto!, detesto a tua falsa perfeição...

— Quem te diz que é falsa?

— Os monstros adivinham-se uns aos outros!

— É verdade, Rolão Rebolão. Mas também é verdade que os monstros só procuram espelhos...

— Alteza, só me falta saber onde está a batota! Mas hei de saber, olé! Não penses que não sei que fugiste, que andaste não sei por onde... A mim não me enganas tu como aos outros, Alteza! Olé se hei de saber tudo, Alteza...

— Não antes dos outros, Rolão Rebolão; apesar da tua inteligência e da tua espionagem...

— Confessas? então confessas?!...

— Não, Rolão Rebolão; mas penso em confessar. Até outra vez!

CAPÍTULO 14

DO QUE SUCEDEU NO SUPRACITADO BAILE OU COMO O PRÍNCIPE LEONEL ESCOLHEU MULHER, ESPANTANDO TODA A GENTE MENOS O LEITOR

E daí a pouco, no baile, o príncipe Leonel resplandecia de juventude, elegância, majestade natural e simples. Jovens havia lá não só de toda a nobreza de Traslândia, como das mais ilustres casas e famílias reinantes do mundo. Todos se tinham esmerado, essa noite, no trajar. Muitos se impunham pela distinção das maneiras e a raça da figura. Mas príncipe de todos era Leonel — sem contestação.

Tal se afirmava, pelo menos, a autorizada opinião unânime daquele jardim de flores vivas. E ai!, quem não se sentira ébrio só de aspirar, passando, a sinfonia dos perfumes diversos de tantas flores ali expostas, — para que uma viesse a ser colhida? Se os próprios homens se tinham esmerado, como não se teriam elas esmerado? Umas pela opulência, outras pela fantasia, outras pela singularidade, o

imprevisto, o bom gosto subtil, a simplicidade requintada, a graça perturbadora, — todas se apresentavam dignas daquele baile... e daquele noivo. Mas como Leonel sobressaía entre todos, entre todas sobressaía Leonilde. Dir-se-ia já rainha. ao seu lado, sua irmã Letícia mais uma vez se apagava; (se é que não se apagava ao lado de quaisquer outras).

Todavia, duas novidades apresentava Letícia essa noite: duas novidades que só depois foram devidamente explicadas, quando, pela estranheza dos acontecimentos, se quis achar sentido, ver intenção, nos mínimos pormenores ou circunstâncias: Uma é que estava de branco. Durante a sua permanência na corte de Traslândia, nunca Letícia se vestira senão de melancólicos tons escuros. A outra era que, no decote, lá onde as companheiras simultaneamente velavam e realçavam o esplendor da carne nua com as mais belas joias ou as flores mais delicadas e raras, — metera Letícia..., adivinhem o quê!: pois um talo de cato espinhoso e torcido, espesso, que por certo apanhara em qualquer canto do jardim, e lhe devia arranhar ou lacerar a pele. Tal extravagância, não pudera deixar de ser logo estranhada

pelas vizinhas de Letícia: Por trás do bater de plumas e rendas dos leques, significativos olhares e maliciosos sorrisos se haviam cruzado. Todas tinham achado de estupendo mau gosto, naquele baile solene, esse inexplicável capricho da princesa Letícia! da merencória princesa Letícia. Tanto mais que sempre ela se mostrara tão modesta, tão discreta, tão simpaticamente resignada à sua natural mediocridade...! Vá lá supor alguém que conhece seja quem for! Inesperadamente, e quando mais que nunca lhe prescrevera o bom gosto, o fino tato, o simples bom senso, mostrar-se bem avisada e humilde, surdia a pobre Letícia com tão louca vontade de dar nas vistas! Porque era evidentíssimo: essa triste fantasia do talo de cato no decote — não podia ter outro fim. Como lhe não impedira a irmã tal despropósito?

Mas a irmã!... Essa andava cega, andava surda, andava tonta, andava delirante com o seu triunfo! Além de que ainda não estava cabalmente averiguado, apesar da visível preferência do circunspecto príncipe Leonel, que a própria irmã tivesse um alto bom gosto, um sólido e permanente discernimento: Pois não era excessivo aquele estendal de

brocados, bordados, pedra rias, rendas, que trazia em cima de si? Não fosse ela mais bela, não se encaixilhara tão impudentemente a sua beleza? Tanto mais que a sua celebrada beleza... não passava de um certo tipo de beleza. Poder-se-ia imaginar ou encontrar (claro que mesmo adentro do precioso círculo de princesas atualmente hospedadas em Traslândia) tipos de beleza muito diferentes, ora não? e talvez, até, mais delicados, não é? Os entendimentos simples e os gostos impetuosos naturalmente se fecham a estas subtis distinções. Mas, para naturezas mais apuradas, (e como supor que o príncipe Leonel não fosse dessas?) o tipo de beleza da princesa Leonilde exigia, mesmo, um certo tratamento, diga-se uma certa apresentação e um certo ambiente, que talvez nem sempre ela soubesse achar, segura como estava, pobre borboleta louca, de ser absolutamente bela, ou, sem discussão, a mais bela, ou a única bela... Claro que esse tratamento, essa apresentação, esse ambiente, — não era a magnificência bárbara de que, por vezes, se carregava a princesa Leonilde...

Assim discreteavam entre si, ou de si consigo mesmo, (posto envolvendo tais observações e semiconfidências na mais engenhosa reserva) algumas das flores vivas expostas no monumental salão de baile. Se Letícia erguera as pálpebras, (o que nela pudera fazer descobrir, essa noite, uma terceira novidade: o brilho insólito dos olhos) talvez percebesse nos relances de vista, nos meios-sorrisos, nas meias-palavras e princípios de gestos e esboços de atitudes — a atenção que a sua irmã Leonilde e ela própria estavam provocando às mais candidatas. Não obstante, porém, o dislate do vestido branco e do cato, como das outras vezes se mantinha Letícia de olhos descidos, mãos juntas no regaço, modo recolhido.

Ora quanto às agudezas críticas em torno de Leonilde, muito provavelmente nasciam de a ter escolhido o príncipe Leonel para abrir o baile. Não era o que toda a gente esperara? Sim, era o que toda a gente esperara! incluindo as várias princesas concorrentes, já preparadas para a derrota. Mas seria razão bastante para que a sua malevolência crítica não fosse espicaçada pela confirmação do esperado? Responda cada gentil leitora — com a mão na

consciência. Cumpre juntar que, vindo sentar-se conduzida pelo seu belo par, Leonilde trazia estampada no rosto uma felicidade demasiado petulante.

Enquanto dançavam, perguntara-lhe Leonel:

— Persistis em não aceitar senão um noivo perfeito?

— Como desistir..., agora? — respondera ela inclinando um pouco a face para lhe encontrar os olhos.

— Persistis em acreditar na perfeição?

— Como não acreditar? — disse ela sorrindo com paixão — Tenho exemplos à vista...

— Pois eu não!... não acredito na perfeição; pelo menos entre nós, pobres animais humanos. E receio... isto é: penso... julgo que a certas imperfeições, grandes até, podem estar aliadas certas vantagens... também grandes... Penso que o amor de uma mulher, pelo que o amor das mulheres às vezes tem de compaixão e necessidade de consolar, pode antes ir para um ser defeituoso, talvez, até, monstruoso... se tal ser a soube interessar e comover. E penso que esse amor pode ser profundo e verdadeiro...

pode redimir um homem que se perdia! Não é isto o que geralmente vos tenho dito, bem sei.

— Pois não, — disse ela — tendes-me dito coisas muito diferentes!

Era, para Leonilde, fora de dúvida que a própria dificuldade com que se exprimia Leonel provava quão pouco estava ele sentindo o que dizia. De tarde, representara melhor: Por um momento, quase, quase a enganara... Mas agora, era mal representado. Ele, que sempre se exprimia com tão brilhante facilidade, tão persuasiva eloquência, tão segura propriedade de termos e até inflexão de voz, — hesitava e quase gaguejava ao querer sustentar essas coisas abstrusas, com que pretendia experimentá-la!

— Imaginai que dei a volta ao mundo..., em dois ou três dias; e que voltei com as ideias viradas.

— Estais a ser ingénuo! — disse ela quase bruscamente. Se tal comédia, da parte do seu príncipe perfeito, só provava o seu amor, (todo o amor ardente é receoso de perder o ser amado e sôfrego de confirmações de

correspondência) o espírito de quase desconfiança que a insistência na comédia revelava não poderia acabar por feri-la?

— Ingénuo?! — exclamou ele — Já não...

— Acreditai-me — disse ela. — Deveis confiar em mim. Não sei se as imperfeições... os defeitos... essas coisas a que aludis... poderão seduzir qualquer mulher, sobretudo qualquer mulher digna! Sobre mim, sei que não têm poder algum de sedução... Far-me-iam horror! O que eu amo é o que é perfeito... o que é belo... o que é luminoso! Não vos envergonhais de me obrigar a repetir-vos que vos amo porque vejo em vós esses dons?

Voltou a cabeça, num movimento quase felino, roçando muito leve a face pelo seu ombro. E este delicado gesto de voluptuosidade, depois das suas palavras, reacendeu em Leonel um desejo furioso. Sem bem dar por isso, estreitou-a a ponto de lhe sentir os seios esmagarem-se no seu peito.

— Oh! — fez ela com um pequeno gemido de meiguice — magoais-me... Cuidado! reparam em nós...

Por uns segundos, Leonel lutou contra a violenta lubricidade que o assaltava. Era um tenebroso misto de raiva, desejo, desespero, crueldade... Alargou, por fim, o amplexo brutal em que, contra todas as regras da dança, ainda a tinha apertada a si. E, procurando-lhe os olhos vazios e límpidos, disse-lhe devagar, como sondando esse deserto azul:

— Podeis estar descansada! não serei eu quem vos faça horror... vos dê o que não podeis amar...

— Sempre o soube! — disse ela com o seu mais lúcido sorriso. Trazia-o ainda nos lábios quando o seu príncipe a veio conduzir ao lugar. Esse era o sorriso de radiosa felicidade — e legítimo triunfo — que às suas rivais despeitadas parecia de insolente mau gosto.

Leonel dançou, depois, com todas as outras. E como para todas tinha um engenhoso madrigal e as mais ternas atenções, nenhuma podia ficar a odiar o ingrato: Em vez disso retirava-se cada uma, intimamente convicta, de vir a ser a preferida, se, com os subtis escrúpulos da sua delicadeza, já não julgasse o príncipe irremediavelmente comprometido a preferir Leonilde. Assim Leonel, mesmo

involuntariamente, derramava os seus bálsamos nas feridas que era obrigado a abrir.

Quando dançou com Letícia, disse-lhe:

— Toda a gente repara no teu cato.

E o tratá-la, agora, por tu é que era para Leonel um comprometimento.

— É de um gosto assim esquisito...?

— Um pouco. Não te faz doer?

— Quase...

— É um símbolo?

— De quê?

— Tu é que deves sabê-lo.

— Não sei. Não fui eu quem lhe chamou símbolo.

Sei que é uma recordação. Apanhei-o no jardim, depois de te haver deixado... E não desgosto que me pique um bocadinho! Gosto de vencer a dor.

— Já o suspeitava.

— Porquê?

— Por tudo o que sei de ti. Se não fosses quem és, aceitar-me-ias?

— Tu, se não fosses quem és, preferir-me-ias?

— Estamos a falar... de quê?

— De nós os dois, parece-me.

— Mas não estaremos a discutir?

— Não; estamos a brincar.

— A brincar a sério, meu amor. Estamos a dizer que nascemos um para o outro...

Num dos intervalos das danças, Leonel divagou pelas salas circunvizinhas. Enquanto donas, donzelas e os seus mais assíduos galantes permaneciam no monumental salão de baile, — os homens graves e, em geral, as sumidades de qualquer ordem entretinham-se fora. À roda do salão de baile, eram as salas de jogo, as salas de fumo, as salas-bibliotecas, as salas de jantar. De guisa que os homens mais graves e, em geral, as notabilidades de qualquer ordem — entre as quais se achavam não só todos os altos cargos de

Traslândia como várias celebridades mundiais e toda a nobreza estrangeira hospedada no palácio — podiam jogar, fumar, comer, beber, folhear estampas, (tudo do melhor e nos braços dos mais atraentes sofás e poltronas) enquanto, com a sua competência e experiência reconhecidas, discreteavam sobre os destinos do mundo ou contavam anedotas frescas. E diplomatas, ministros, generais, almirantes, pensadores, sábios, artistas, grandes fidalgos..., — eis, precisamente, o que por ali faziam: Jogavam, fumavam, comiam, bebiam, abriam um ou outro volume... Entretanto, preveniam, evitavam ou semeavam futuras guerras; comparavam as organizações e agremiações dos diferentes estados; lançavam as bases de futuras alianças; discutiam as mais recentes teorias estéticas, filosóficas, científicas, sociológicas; incriminavam o espírito de revolta das classes inferiores; revolviam todos os problemas vitais mais urgentes; ou antecipadamente repartiam entre si, nas costas dos representantes dessas nações-mártires, as pequenas nações de futuro gloriosamente sacrificáveis ao bem-estar universal... Mas é de ver que, se a concorrência, ali, das notabilidades de tão diversos países convidava à prática sobre estas matérias de interesse internacional, — o

momento não era azado ao seu verdadeiro aprofundamento. De modo que (lição de requintado mundanismo e alto bom gosto!) todos estes graves assuntos eram versados por esses homens graves num tom ligeiro, aparentemente frívolo, que, certamente, não excluía a proficiência; mas excluía o tédio e o peso tantas vezes adstritos a tais questões.

Dizendo-se que até damas poderiam ouvir sem enfado estas sumidades discorrendo sobre os assuntos mais rebarbativos para damas — fica tudo dito. Não tudo! Urge acrescentar que até as anedotas obscenas com que, sempre para amenizar, eram entremeadas questões tão sérias, quase, quase poderiam também ser ouvidas pelas mesmas damas, não digo já sem enfado, (isso é natural) chego a dizer sem se constrangerem elas a corar para os homens..., tão polidamente se exprimiam esses homens até sobre tais assuntos, com tão cuidadosos dedos remexiam nessas próprias coisas sujas!

Divagando um pouco entre tais celebridades, Leonel ia colocando aqui um bom dito, ali uma sentença, acolá um juízo ou uma objeção que ao mesmo tempo restringia e

concedia; e por onde ia passando ia deixando um rasto de admiração, de respeito, de simpatia... de temor. Até que atravessou uma espécie de antecâmara deserta, abriu uma grande porta-janela, e se achou numa larga varanda que contornava um ângulo do palácio. Fechou a porta sobre si; e, quase de repente, — viu-se diante da noite, do silêncio, de si próprio. Um momento de solidão, — e já o dominava a consciência de lhe parecer todo esse mundo sobre que fechara essa porta um mundo de comédia, e comédia a vida de toda essa gente, e essa mesma gente bonecos-atores e bonecos-atrizes... Ah, como se enganara ele julgando, no primeiro instante da sua terrível descoberta, que nunca mais poderia enfrentar ninguém, convencer ninguém, iludir ninguém! Quisesse ele!, nada mais simples: Todas aquelas genialidades e formosuras estavam prontas a ser enganadas, (bastaria puxá-las um bocadinho pelos rudimentares cordelinhos da vaidade, da ambição, ou da mania) e se deixariam lograr com a maior das facilidades. Todas aceitariam por autêntica realidade qualquer aparência que lhe aprouvesse a ele apre sentar-lhes. Quem tinha, ali, ouvidos que ouvissem, olhos que vissem, sentidos que pressentissem qualquer coisa para lá da exterioridade?

(Só Ela, sim, porque também não pertencia a esse mundo...). Não vivia toda essa gente de convenções, preconceitos, aparências, aspetos, momentos..., como vivera ele próprio antes de se ter visto? E não poderia ele, querendo, representar melhor que ninguém o seu deslumbrante papel? Não poderia caminhar até à morte admirado e amado, temido e adulado, só odiado pelos seus dons e riquezas, inteiramente desconhecido na sua condição verdadeira? E como riria, consigo, de todos esses pobres cegos e loucos pretensiosos, em que heroi-cómica, sublime ironia se transformaria toda a sua vida social, que solidão, que liberdade, que profundeza, que largueza seriam, na realidade, as suas, — sob a aparência de tantas companhias e tantos deveres! Alguém perderia com isso? Não poderia ele, representando essa grandiosa farsa, tornar, até, mais felizes não só todos os que o amavam como todo o seu povo?

«Meu Deus, ajudai-me! defendei-me! libertai-me!» rezava e gemia o príncipe Leonel no próprio instante em que o Diabo assim o tentava. O seu olhar não deixara de mergulhar no estático esplendor dos céus imensos, que o

luar parecia tornar ainda mais misteriosos. Os vagos acordes que vinham velados, como de muito longe, bem assim qualquer fugidio pio de ave ou rumorejar de folhas no jardim, só concorriam a fazer sentir melhor o silêncio solene, quase esmagador. E era um silêncio que se diria materializado em tudo, mas entrava à alma como um narcótico e um bálsamo sobrenaturais...

Leonel não soube quanto tempo ali se demorou; mas quando voltou ao salão de baile, sentiu que a sua ausência começava a inquietar. Já todos pareciam esperá-lo. A sala, agora, estava cheia, e uma salva de palmas acolheu o recém-chegado. Quase constrangido, — estonteado, para além disso, por aquele brusca passagem do silêncio para a balbúrdia, do luar e da penumbra para a luz a jorros, do recolhimento íntimo para a loucura mundana — Leonel sorria à força no meio da sala, agradecendo sem a sua costumada desenvoltura, quando viu que o seu pai lhe fazia um sinal. «Pai!» disse ele entre si com alívio. Sabia-lhe bem reencontrar nesse mundo subitamente estranho essa ternura familiar. O velho rei ergueu-se, tomou o filho pela mão. O seu olhar cansado sobrepairou uns instantes àquela

multidão embriagada de futilidade, vaidade, juventude, alegria... Era um olhar que parecia vir de muito longe, e olhar não já os seres e as coisas, mas, através deles, para além. E como baixa o ferver de uma espuma numa taça, todo o esfuziante borborinho foi baixando na sala, foi baixando... Fez-se um grande silêncio em que só se ouvia o palpitar dos leques, e sentia o subir e baixar dos colos nus sob as joias. Chegara o momento. Neste silêncio, o bom rei Rodrigo disse:

— Senhoras e senhores! Todos sabeis que estou velho, e já não posso com os pesados encargos e preocupações de reinar.

Como se esboçara um sussurro de protesto, o velho rei estendeu a grande mão descarnada e pálida, retalhada das grossas veias... Aquela mão que tremia no ar dava-lhe inteira razão.

— Não me interrompais, — disse ele — que me cansais inutilmente. Não é momento para fúteis amabilidades! É um facto que estou velho, e já não posso com os pesados encargos e preocupações de reinar. Mas a morte não me assusta! Sei que nada fiz do muito que devia e podia fazer...

De novo a sua mão esboçou quase aflitivamente o movimento de impedir qualquer protesto.

— Sei que nada fiz do muito que devia e podia fazer! Mas crueldade, rancor, ou até frieza, nunca permaneceram no meu coração. Felizmente, deu-me Deus um filho que espero fará o que eu não soube. Morro contente confiando-lhe os destinos da nossa pátria, porque sei que ele irá muito além de mim! Só o exorto a que vá contra tudo e contra todos, pelo bem de todos! Deus lhe dará a coragem que já lhe não falta. Por mim, só tenho pressa de lhe entregar o peso com que não podem as minhas mãos decrépitas...

Todos os olhares se tinham voltado para Leonel com entusiástica gratidão; (assim, pelo menos, o julgava o bom rei Rodrigo); e só porque Sua Majestade pedira que o não interrompessem, reprimiam as ovações. Mas o príncipe Leonel mantinha-se pálido e de olhos baixos. Não obstante conhecer toda a gente a modéstia que realçava as suas extraordinárias qualidades, tal atitude do príncipe herdeiro, agora, estava parecendo pouco natural.

— Chegou a hora — prosseguiu El-rei — de o vosso príncipe escolher companheira. Antecipadamente aplaudo a

escolha do príncipe Leonel, meu muito amado filho, sabendo que, melhor do que ninguém, está ele apto a dar-vos a rainha mais digna de sê-lo! Terei o alívio de resignar todo o poder nas suas mãos, logo que seja findo o prazo concedido aos noivos para exclusiva entrega à sua felicidade...

Um sorriso melancólico e doce aflorou aos lábios do bom rei Rodrigo. A sua mão direita, que segurava agora a do filho, apertou-lhe os dedos.

— Pai!... — murmurou Leonel sem erguer os olhos, mas correspondendo com amor a essa afetuosa pressão.

O bom rei Rodrigo largou-lhe a mão para tirar do seio um anel que toda a gente viu faiscar. E com a voz sufocada de comoção, disse:

— Este anel pertenceu à nossa rainha Elsa..., minha sempre chorada esposa..., a quem tenho pressa de me ir juntar! Oxalá transmita ele todas as virtudes da que foi vossa rainha à que vai sê-lo muito breve.

Diante de toda a gente o levou El-Rei aos lábios. Também toda a gente via que a emoção vergastava o seu grande

corpo exausto de velho, fazendo-o vacilar. Mas, como sempre, o seu fidelíssimo Leonardo estava ao lado a sustê-lo. Então, o príncipe Leonel ajoelhou diante de El-Rei seu pai, beijou o anel, beijou a mão que tremia ao entregar-lho; e, recolhendo-se instantes, pareceu orar. El-Rei curvou-se, e, pela sua vez, beijou o filho na testa.

Viu-se, depois, o príncipe Leonel avançar quase hirto, branco como de mármore, com aquele pequenino astro na palma da mão estendida. Foi um momento de grande abalo íntimo: Todos os altos representantes das mais gradas cortes estrangeiras sonharam, nesse momento, que o príncipe Leonel não faria a escolha já mais ou menos vaticinada, pois faria a escolha que a cada um deles mais conviria... Como, porém, toda a gente previra, foi em direção da princesa Leonilde que o príncipe Leonel caminhou. Já Leonilde, encantadora, baixava os longos cílios sobre as faces abertas como camélias. E já, forçado embora em muitos lábios, o sorriso de quem vê realizar-se o previsto despontava na boca de toda a gente...! Mas quê?! que sucedia?!... seria crível?! que movimento de curiosidade, espanto, surpresa, digamos terror,

subitamente erguia todas as damas das cadeiras, empurrava todos os homens dos seus lugares, fazia ferver um borborinho rebelde a todo o protocolo, invadia toda a sala sacudida como por uma brusca revelação do obscuro, do estranho, do incompreensível, do sobrenatural...? O que sucedia era simplesmente que o príncipe Leonel não dobrara o joelho perante a princesa Leonilde, a oferecer o anel de núpcias; mas sim, muito claro, perante a princesa Letícia, sentada perto da irmã. Tanto que já Letícia se levantara a recebê-lo, com a tranquilidade de quem esperara, ela, tão espantoso lance! e já o príncipe Leonel lhe dava a mão, conduzindo-a até ao meio da sala (também indiferente, ele, ao reboliço de assombro que só agora o formalismo mundano começava de atenuar) — para dançarem a sua primeira dança de noivos.

Um grito estrídulo e desesperado varou, então, a sala, indo perder-se nos fundos do imenso palácio; e outros gritos se lhe seguiram, desentoados, entrecortados de risadas secas e lúgubres. Era a princesa Leonilde que se descompunha nos braços das camareiras, acometida de um ataque de nervos. Quase simultaneamente, urros selvagens

e surdas pancadas se ouviram a um canto do salão, por trás de um grande sofá! Mas isso era simplesmente Rolão Rebolão, muito excitado, que pinchava e uivava, exprimindo sabe-se lá que, sentimentos! Só mais tarde contou Rolão Rebolão num dos seus poemas a visão que então tivera: Vira — dizia — a rainha Elsa acompanhar os noivos até meio da sala, com a mão sobre o ombro de cada um. Vestia o vestido com que toda a gente pela última vez a admirara, morta, exposta na nave central da Capela. Mas há que fiar, em geral, no que dizem poetas, — em particular, no que disse Rolão Rebolão?

CAPÍTULO 15

COMO FOI RECEBIDO, FORA E DENTRO DO REINO, O CASAMENTO DE LEONEL

Solenemente, embora com grande simplicidade, se realizara na Sé-Catedral o casamento do príncipe Leonel com a princesa Letícia. Toda uma ala desabitada do palácio fora destinada à instalação dos noivos. Tendo adiado para depois quaisquer viagens ao estrangeiro, partiram os jovens recém-casados a passear através todo o seu reino de Traslândia. E essa ala do palácio entrara em reparações: Quisera o velho rei Rodrigo não só restaurá-la, como decorá-la e mobilá-la com o maior luxo; para o que chegara a chamar artistas estrangeiros, e mandara vir uma coleção de projetos e desenhos que não se cansava de estudar. Vivendo, atualmente, com extremo comedimento e havendo, até, adotado hábitos quase ascéticos, tudo julgava o nosso bom rei insuficiente, barato, inferior ou somenos para os seus noivos. Tudo se lhe afigurava indigno deles.

Por e para eles se tornava ambicioso, perdulário, quase exibicionista.

Às vezes, Leonel cravava no pai uns olhos profundos e como toldados de melancólica ternura. Compreendia: Sem nunca o ter dito, receara-se o bom rei Rodrigo do efeito que sobre a noiva poderia ter a descoberta da monstruosidade do noivo; se é que ela viesse a descobri-la! Mas o tempo fora correndo; Leonel e Letícia haviam regressado da sua viagem de núpcias; provisoriamente se haviam instalado nos antigos aposentos do príncipe, enquanto seus aposentos próprios sofriam os últimos retoques; e nada, entre eles, denotava senão um amor irradiante, e uma calma e contínua felicidade que se lhes lia em todos os gestos, olhares, palavras, atitudes. Era patente que entre os dois se realizava o entendimento dos casamentos felizes, completos. Assim, nunca, depois da morte da rainha, se sentira tão venturoso o velho rei. Por isso ,tudo reputava mesquinho para o que mereciam os seus noivos. Tudo queria para lhes dar!

Evitando o mais possível descontentá-lo, insinuando, com todo o tato desejável, as suas preferências deles contra o

pendor para a ostentação neste caso afirmado pelo velho monarca, só a custo Leonel e Letícia iam fazendo triunfar, no arranjo das suas instalações, o seu gosto por uma sobriedade e uma severidade quase monacais. Será muito estranho que o velho rei acabasse por concordar com o gosto dos filhos, que afinal também era, ao presente, o seu próprio? E será muito estranho que a sua admiração por Letícia tivesse crescido com isso?

Ora esta admiração do bom rei pela nora e a carinhosa afeição que breve se enraizara entre os dois — eram, para Leonel, das felicidades do seu casamento. Tanto mais que, de princípio, e embora esforçando-se por o não exteriorizar, mal pudera ver El-Rei com bons olhos esse casamento.

Compreende-se porquê, não é verdade? Quer na corte de Traslândia quer nas estrangeiras mais poderosas, já todos esperavam o casamento de Leonel com Leonilde. Claro que entre diplomatas, nobres, grandes de toda a casta que a Traslândia haviam acorrido por ocasião das festas, — muito havia quem regularmente, escrupulosamente, pusesse suas respetivas cortes a par do que em Traslândia se ia passando. Assim as particulares atenções de Leonel por

Leonilde tinham sido quotidianamente seguidas a bem dizer por todo o mundo culto; em especial, por aquelas casas reinantes que mais esperançadas haviam remetido a Traslândia princesas-pretendentes; e, mais em especial ainda, pela corte de Leonilde e Letícia. Já, no país de Leonilde, o seu triunfo era motivo de regozijo público. De sorte que a escolha de Leonel explodira como um assombro sobre todo o mundo culto! Apesar dos inevitáveis ditinhos, dichotes, restrições e reservas das rivais já dadas por vencidas, todos, embora mais ou menos, reconheciam, no íntimo, a superior beleza, a superior inteligência, a superior instrução da princesa Leonilde. Em Letícia é que ninguém descobrira nenhuma de tais qualidades! Em Letícia é que ninguém pensara. E vai, afinal... Oh, ninguém pudera tragar a bem aquela afronta! Porque a primeira impressão geral produzida pela espantosa sortida do príncipe Leonel — fora de que ele troçava de todos e todas, os agravava a todas e todos! Quem pode levar à paciência que alguém publique uma preferência inteiramente inesperada, perfeitamente insólita, absolutamente inexplicável, mor mente se dessa preferência depende, em parte, a felicidade de um país — mesmo quando esse alguém seja um príncipe

Leonel? Que digo? mas que digo?! O ser essa escolha devida ao príncipe Leonel, — jovem a quem todo o país sempre reconhecera o mais precoce e lúcido critério, sempre tributara os mais ferventes encómios, — não era, precisamente, o que a tornava mais dura de roer..., perdoe-se-me a expressão?

Resignadas, posto não do melhor grado, a favor de Leonilde, todas as princesas hóspedes se tinham revoltado vendo-se preteridas por Letícia. Pois quê?! Nem bonita, nem particularmente instruída ou inteligente, nem sequer engraçada,, ou alegre, ou simpática, ou fosse que fosse!, — aquela mosquinha morta enfiava um vestido branco, punha um talo de um cato ao peito, e, com os seus olhos baixos, suas mãos encolhidas, seu arzinho sonso, roubava-lhes a todas o príncipe mais belo, célebre e poderoso da Cristandade! O despeito que todas tinham sido obrigadas a engolir em se tratando de Leonilde, bravamente era vomitado em se tratando da irmã. E, não obstante a sua cólera, — para todas era um alívio poderem, enfim, desabafar! O desabafo assumira proporções de escândalo: Aquelas nobres intenções, que todas haviam abraçado, de

receber a derrota como verdadeiras grandes damas e excelsas princesas, com um sorriso e um parabém nos lábios, tinham sido o mais possível postas de parte. Nem pareciam excelsas princesas nem grandes damas nenhumas, — algumas! Tais havia que mais remedavam mulheres de mesteirais e vilãos (para não dizer coisa pior) assanhadas de ciúme. A retirada de Traslândia fora precipitada. E como todas essas alminhas feridas tinham ido soprar nas respetivas casas reais a fagulha do ódio, do orgulho magoado, da prosápia espezinhada, chovera sobre a corte de Traslândia uma série de complicaçõezinhas diplomáticas bastante impertinentes... Quem as solucionara sem a inteligência, a firmeza, o tato do príncipe Leonel? Sim, pela primeira vez intervinha diretamente o príncipe Leonel nas questões do seu reino. E de tal guisa, mostrando tal golpe de vista e rijeza de pulso, que a sua reputação um pouco abalada (mercê das atoardas dos ressentidos ou agitadores profissionais) imediatamente se restabelecera e acrescera. Já o bom povo miúdo, que mais facilmente crê ou espera, dizia, a respeito do casamento do seu príncipe:

— «Ele bem sabe o que faz! Lá teve as suas razões. Não falemos sem ver...»

Mas o mais lamentável, ou mais pasmoso, ou mais inesperado, é que na própria corte da noiva se ateara, a princípio, uma certa hostilidade contra o seu casamento. Adivinha-se, porém, que a soprara, essa, a mais ludibriada das princesas candidatas — a bela princesa Leonilde. Adivinha-se... mas lastima-se: Não fora bem mais elegante, e, em parte, mais natural numa princesa tão formosa, tão distinta, tão compreensiva, tão ilustrada, tão enamorada de perfeição, que Leonilde sofresse a sua dor, sopeasse o seu despeito, vencesse o seu espanto, e sorrisse aos noivos e à ultrajante injustiça imerecida? Mas Leonilde comportara-se de modo que até os seus mais ardentes admiradores ou fiéis partidários tinham achado excessivo: Mal vinda a si do seu acesso, (e já este acesso fora um bocadinho chocante) rompera Leonilde em descompostos gritos, soluços e impropérios, que se ouviam pelos corredores fora. A opinião de que Letícia a traíra, usando com ela do mais insidioso cálculo e refinada hipocrisia, — ela a pusera a correr. Nunca, aliás, aclarara em que consistia essa traição

e se manifestara esse cálculo. Contra o príncipe Leonel, e sem embargo de ser sua hóspede, também algumas vezes lançara veementes acusações de perversidade e cinismo. Mas contra a irmã, por mulher, ia o maior ardor do seu ódio: como sempre se dá em tais casos. Tanto que, se muitas vezes, e violentamente, arguia o príncipe, outras vezes quase o desculpava, considerando-o joguete de não se vê bem que infernais poderes da irmã; dirigindo-lhe, até, delirantes expressões de paixão, (toleráveis à intensidade da sua dor) que em circunstâncias diversas quase ofenderiam a pudica reserva que a si própria se deve uma jovem princesa. Tendo, assim, surpreendido um pouco toda a gente, — saíra de Traslândia sem querer ver a irmã, sem querer trocar com os seus hospedeiros sequer as despedidas do estilo, e arrastando após si uma comitiva lamentavelmente vexada. Na sua terra, tudo fizera para que o casamento da irmã fosse impedido. Aferrava-se a que Letícia deveria ser reclamada, como ré de alta traição, com os cúmplices que tinham ficado a rodeá-la. E o caso é que, como se disse, ainda aí se esboçara uma certa atitude de resistência ao casamento de Letícia. Prevalecera, porém, o interesse político da ligação com tão poderosa corte qual a

de Traslândia; além de que até na sua pátria a atitude de Leonilde acabara por ser censurada e se tornar, mesmo, um poucochinho ridícula. Para além disso, não seria hábil agarrar com ambas as mãos esta excelente oportunidade de casar a pobre Letícia, — e a casar tão bem? A Leonilde, não faltariam pretendentes. Um tanto metida a riso por todos, não atendida nos seus queixumes senão com visível impaciência, completamente desacompanhada, se não mesmo intimamente verberada, no seu rancor à irmã e as suas pretensões de vingança, — Leonilde caiu num taciturno azedume; de aí, descambou a uma doentia languidez; acabou por começar a falar em se recolher a um convento. Viam-na passar merencória e distante, mais bela que nunca nos seus trajos sumptuosamente severos, com o seu interessantíssimo ar de vítima e uns longes de sorriso triste, dececionado sorriso, sorriso beatífico de quem entendeu, alfim, só Deus merecer graças que os homens não podem saber estimar... Pois não obstante esse angélico semi-sorriso, poucos puderam crer na seriedade de tal projeto. E, posto bem lhe custasse dar assim razão a tão impertinente ceticismo, — não tardou muito que a formosa princesa Leonilde deixasse de falar nos espinhosos

encantos da vida monástica, se abstivesse de ares seráficos, e novamente refrescasse as rosas das faces, polisse o brilho dos olhos, acendesse nos lábios o raio de sol do antigo sorriso... Mais ou menos coincidia esta ressurreição com a visita, à corte, do jovem príncipe Florindo, a quem de nenhum modo pareciam indiferentes os dons espirituais e físicos de Leonilde; motivo porque logo se entrou de cochichar que talvez a culta princesa tivesse, finalmente, achado o seu ideal de perfeição. Ela própria o confidenciava dentro em breve às mais íntimas amigas; as quais, pela sua vez, o confidenciavam não só a suas amigas senão que também aos seus amigos, de modo que rápido o boato da nova descoberta de Leonilde corria todo o reino... se avolumava na notícia de um próximo e próspero casamento... Ah, — pensava e declarava atualmente e enamorada Leonilde — como em Florindo floresciam, de facto, as excelências que tão cegamente ela imputara a Leonel! E como ela pudera iludir-se! Mas não serão, precisamente, as almas mais nobres as mais sujeitas a tais ilusões? não serão elas que (sublime loucura!) mais loucamente veem o que desejam ver, atribuindo a outrem qualidades que estão nelas próprias...? entregando-se, pois,

indefesas até aos mais grosseiros ardis dos perversos pedantes e dos impostores artificiosos?

Sobre o que deixaremos Leonilde ao gracioso destino que se lhe adivinha, para voltarmos a Traslândia. Que se a escolha de Leonel espantara todas as cortes, chegando a indignar algumas, não só espantara, não só indignara, — podemos dizer que chegara a aterrar a de Traslândia! Muito insuficiente foi o que a tal respeito já se declarou. Até então, cegamente confiara a corte de Traslândia no seu príncipe. Nunca, até então, a reconhecida superioridade do seu príncipe atemorizara a corte de Traslândia. Eis o que não era pequena parte na grata admiração que Traslândia em geral — em particular a sua corte — professava pelo seu príncipe. Quem não sabe que há superioridades que aterrorizam, talentos que afastam, génios que aniquilam, excelências que perturbam, inquietam, quase repugnam...? Mas entre os traslandienses mais bem educados, mais bem instruídos ou mais bem avisados e o seu príncipe Leonel, a diferença era de grau: não de qualidade. Era-lhes Leonel, por assim dizer, o espelho que lhes devolvia uma imagem de si próprios completada; mas não alterada. De aí que a

superioridade de Leonel, em vez de os ferir como frequentemente fere a superioridade, até certo ponto os adulasse. De aí que Leonel fosse verdadeiramente o seu príncipe, no puro sentido do termo. Por outro lado, (se é que não pelo mesmo) até os traslandienses menos bem avisados, como os mais simples de espírito, poderiam apreender e admirar a grandeza do seu futuro rei. Pois quem há incapaz de prezar a beleza do corpo, a agilidade dos movimentos, a facúndia das palavras, a sedução das maneiras, a clareza dos raciocínios, a decisão da vontade, o lustre da inteligência...? (oh, mas não acabara o cronista se houvera de enumerar todas as vantagens sociais do feliz príncipe!).

Porém agora, era outro caso. Talvez por isso a fidalguia traslandiense exagerasse, até, um quase nada, a sua anterior concordância com o seu príncipe, sentindo amargamente o desacordo atual. É que, pela primeira vez, Traslândia em geral — muito em particular a sua corte — não compreendia o seu príncipe; antes o desconhecia! Pela primeira vez a surpreendia um juízo do seu príncipe, e logo tão decisivo juízo quer para a felicidade dele próprio, quer

para a do seu reino! E a toda a gente em geral — em particular aos familiares da corte — aquela imprevista escolha do príncipe Leonel parecera inexplicável, incompreensível, inadmissível..., ousemos dizer claro: absurda. Porque... Ora nos porquês é que havia uma certa frouxidão, se não mesmo discrepância: Obrigados a esclarecer não só o seu espanto como a sua aziumada censura, os mais violentos protestantes se embaraçavam, se inflamavam, se desesperavam, se faziam rubros e roucos, metiam os pés pelas mãos, as mãos pelos pés, barafustavam, acabavam por não dizer coisa com coisa... Decerto, saltavam aos olhos as qualidades de Leonilde! Mas... alguém conhecia, em Traslândia, a princesa Letícia? Seria razão para a recusarem — o nem terem dado por ela? O certo é que a grande, a funda, a verdadeira razão de tanto assombro e protesto era o ninguém ter argumentos quer para condenar, quer para louvar. De aí que toda a gente pasmasse; toda a gente criticasse. Para além disso, (dizia-se, e, aparentemente, não sem razão) como pudera o príncipe Leonel conhecer a sua eleita? Nunca ninguém o vira prestar-lhe mais atenção que à mais humilde donzela ou dona da corte... Só Rolão Rebolão, nas cozinhas e

adegas do palácio, cantara, a esse respeito, umas trovas maldosas e obscuras. Mas quem poderia fiar-se em Rolão Rebolão? Sequer gabar-se de o entender?

Estes e outros falatórios tinham ido entretendo a capital durante a viagem de núpcias dos príncipes.

Até que, como sempre sucede, começara de se esboçar uma tendência a moderar os juízos precipitados e as condenações extremas: Quem sabe? quem sabe se o príncipe Leonel, com a sua agudez, não vira mais que toda a gente? mais, e mais rápido? Seria coisa impossível, conhecendo-se o príncipe Leonel? E os que, na vasa das alfurjas, teciam a repugnante lenda de uma estranha perversão de gosto do príncipe Leonel, ou de uma irremediável insensatez mal disfarçada por sedutoras exterioridades, ou de uma doentia inclinação a espantar que o faria cometer loucuras — tiveram de regressar à sombra de onde não saíam senão para envenenar, para espicaçar, para atiçar o ódio e a sedição... (Isto diziam já alguns dos que, pouco antes, acerca do casamento do príncipe herdeiro, até certo ponto concordavam com esses mesmos). O caso é que já na opinião pública se palpavam

sinais de uma reviravolta. Não seria muito para admirar que, dentro em pouco, tendo-se cansado as gentes de ver na escolha do príncipe Leonel uma absurdez inaceitável, passassem a ver nela uma prova do genial golpe de vista do príncipe: uma revelação de tão luminosa intuição e admirável acerto — que não pudera deixar de começar por ser incompreendida... Já os mais amigos de ousar opiniões paradoxais erguiam esta opinião como bandeira. Já, empós estes exibicionistas, se precipitavam os cabotinos prontos a abraçar qualquer opinião excêntrica. Já, no sentido destes exibicionistas e cabotinos, se movia pesadamente, vagarosamente, a massa dos fracos, dos indecisos, dos frouxos, dos inconscientes, dos tímidos, dos ignorantes, dos sugestionáveis..., — a alma da multidão, em suma; o espírito da opinião pública.

Oh, a alma da multidão! O espírito da opinião pública!

E, quer errasse quer acertasse tanto da primeira como da segunda atitude, — tão real fundamentação tivera, antes, a opinião pública para condenar como tinha, agora, para enaltecer. Isto é..., não seja também irrefletido o cronista! uma razão concreta havia, na verdade, para se mudar a

opinião pública em favor da escolha do príncipe Leonel: é que, por onde tinham passado os noivos na sua viagem nupcial, uma esteira de simpatia e respeito fora seguindo a princesa Letícia. Ficava-se falando na sua bondade, na sua firmeza, na sua serenidade, no seu espírito de justiça, na igualdade do seu humor... Dir-se-ia que, trazendo-a para a luz, o amor de Leonel a aquecera, a orvalhara, e a fazia, agora, desabrochar como flor arrancada ao seu canto sombrio.

Ora... como dizer esta coisa esquisita? Parece que os felizes dotes pouco a pouco revelados pela jovem princesa deveriam ser causa de regozijo da corte, não é? Parece que todas as gentes do paço — mormente as mais interessadas no governo do país — se deveriam congratular não só com a felicidade do príncipe seu senhor, muito em breve seu rei, senão que também com as possibilidades de bem-estar que a todo o reino de Traslândia ofereciam as qualidades da sua futura rainha. Pois não é assim?! Se tanto as afligira a escolha de Leonel por a suporem desacertada, não seria razão para tanto mais rejubilarem reconhecendo-a justa? Ora o certo era dar-se nem ouso dizer precisamente o

contrário..., mas quase o contrário! Dir-se-ia que toda a fidalgaria da corte (e em especial um ilustre Froilão, um sábio Filinto, um notável Rolando, um discreto Marçal, um proficiente Rosendo..., isto é: os conselheiros e ministros mais diretamente intrometidos no andamento da coisa pública) esperava com mal disfarçada inquietação o regresso dos seus príncipes. Dir-se-ia que, tão confiantes nas virtudes do príncipe Leonel até ao momento em que ele escolhera a noiva, (para tal se abstendo de qualquer consulta aos seus mestres e amigos) continuavam os grandes da corte a não aprovar essa escolha, a não acreditar em Letícia, a desconfiar, até, do seu príncipe Leonel... Sim, eis a palavra exata: Pareciam desconfiar, agora, do seu príncipe! Tanto mais que, como já era do domínio público, o bom rei Rodrigo não esperava senão o regresso do filho para nele abdicar...

Até que Leonel e Letícia chegaram. Toda a Traslândia estava encantada com eles; (salvo, claro, as infalíveis exceções) por sua vez, eles vinham encantados com o seu povo: Nada de oficial, de obrigatório, de convencional ou preparado, falseara as ovações que ao longo de toda a

viagem os tinham seguido, cada vez mais calorosas. pela sua parte, eles haviam reduzido ao mínimo, não se suprimido inteiramente, qualquer espécie de receções, cerimónias, etiquetas, festas, receções de gala, etc., que pudessem estragar o seu passeio de apaixonados e curiosos. Digamos que certo seu menosprezo do protocolo chegara, até, a ser censurado no paço, onde diariamente eram recebidas comunicações secretas e minuciosas sobre a viagem dos reais noivos.

Ora quem, por certas aparências, esperara ver chegar duas crianças levianas e um pouco tontas, um pouco ébrias de felicidade e juventude, bem surpreendido ficara: Sem nada terem perdido da sua frescura, da espontaneidade dos seus gestos e atitudes, da sua naturalidade e simplicidade, Leonel e Letícia ofereciam um ar tão seguro, tão calmo, tão recolhidamente feliz, tão sério, como se tivessem vivido vários anos nesses poucos meses. Sob certo aspeto, pareciam ter envelhecido. Mas bem claro que nunca a sua extrema juventude poderia, fosse como fosse, dar qualquer impressão de triste velhice: A impressão que dava era de plenitude. E bastaria vê-los sorrirem-se, falarem-se,

olharem-se nos olhos, caminharem um a par do outro, para se ficar certo de que o seu casamento os completara a ambos; — e era uma verdadeira união, ou conjugação, em todos os sentidos da palavra. Nunca a formosura do príncipe Leonel fora tão viril. Quanto a Letícia..., — como se pudera não ver logo que Letícia tinha grandes olhos cheios de profundeza e suavidade, (a par dos quais os de Leonilde eram mudos e de vidro) um sorriso delicioso a refrescar-lhe a oval quase severa do rosto, e mãos compridas, finas, pálidas, eloquentes, que não achariam semelhantes em toda Traslândia? Também, porque trazia ela, dantes, sempre baixos os olhos, sempre o sorriso fechado, sempre as mãos encolhidas ou ocultas?... O seu corpo ainda há pouco demasiado magro, ou hesitante, — quase andrógino — só agora começara de ganhar aquelas meigas ondulações, aquela voluptuosa ou reticente firmeza, aquele misto de gracilidade e força das linhas, que verdadeiramente distinguem o corpo da mulher. E perdoem-me repetir a banal imagem, aqui tão certa: mas sabem como pode florir, com água e sol, uma plantazinha que estiolava sob um árido rochedo? Assim acontecia a Letícia, arrancada, para os braços de Leonel, da sufocante

auréola da sua bela irmã Leonilde. Por certo, para o gosto de alguns, nunca seria Letícia uma rapariga bonita ou uma bela mulher. Qualquer homem autêntico, porém, compreenderia como pode um homem autêntico amar amplamente uma mulher assim.

Ai, não se pode afirmar que seja este mundo povoado de homens autênticos! A mesma reserva que vários punham à beleza de Letícia — punham esses mesmos, ou outros, à bondade do seu carácter; em especial, os já citados graúdos. O certo é que a simplicidade de Letícia os chocava; e os atemorizava, quase, a tranquila firmeza com que ela enfrentava tudo que pudesse vir a ter importância. Era visível que Letícia pouca sensibilidade poderia oferecer à lisonja. Era intuitivo que a não enredariam manhas cortesãs. Eis o que talvez não conviesse inteiramente a homens que o cansaço do bom rei Rodrigo deixara senhores absolutos do poder. Com a formosa Leonilde, o instinto lhes diria como se haverem. Com Letícia, murmurava-lhes o instinto que era diferente. E para, em qualquer eventualidade futura, sempre terem à mão argumentos ou factos contra Letícia, cautelosissimamente

iam registando quaisquer pequeninos acontecimentos diários, que uma pérfida interpretação pudesse reverter no seu desprimor. Assim, não deixavam esquecer o egoísmo e a dureza (insinuavam) com que Letícia se intrometera entre Leonel e Leonilde, conseguindo, por artes ainda ignoradas, roubar o noivo à irmã.

O mais grave, entretanto, é que não só com a princesa Letícia se inquietavam, atualmente, estes zelosos políticos: O próprio Leonel os não incomodava, perturbava ou preocupava menos, desde o seu regresso. Não fora, aliás, o que tão ansiadamente os fizera esperar — esperar e temer — tal regresso? Em primeiro lugar, Leonel parecia sofrer a poderosa influência da mulher. Em segundo, e independentemente dessa influência, não havia dúvida: estava outro. A prova era a existência que levava; ou melhor, levavam ambos. Mal se tornara possível, tinham-se instalado os reais noivos na ala do palácio que lhes fora preparada; a qual se mantinha afastada, e como independente, do bulício da corte. Afora os criados que os serviam e Rolão Rebolão (mas, a rigor, poder-se-ia considerar Rolão Rebolão um ser humano?) só El-Rei,

Leonardo e o Aio de Leonel ousavam atravessar o corredor que levava aos aposentos dos reais príncipes.

Ora se os familiares da corte se mostravam assim discretos, ou tímidos, ou quase magoados, perante seus amados príncipes, é que os seus amados príncipes lhes não davam grande azo a maior intimidade. Bem certo que Letícia descia aos jardins, assomava às sacadas, subia às torres que dominavam o palácio. Mas raro aparecia nos serões em que todas as mais nobres damas da corte conversavam, coscuvilhavam, atendiam seus galantes, contavam anedotas, segredavam confidências, davam motes aos poetas, improvisavam joguinhos, depenicavam guloseimas, arriscavam seu pé de dança... Duas ou três vezes que aparecera, como não era costume, parecera ter entrado um ar frio! E, posto se mostrasse natural, quase alegre, regularmente afável, — bem se via que não tinha ali muito que dizer, que fazer, que estar.

O seu real esposo não era, atualmente, mais sociável: Viam-no praticar com o Aio, deixar-se acompanhar de Rolão Rebolão, ou descer, muitas vezes, às cozinhas, estrebarias, dispensas e lojas subterrâneas, a ouvir a vilanagem. Com

essa ralé parecia comprazer-se e querer aprender, (ele que desprezava os ensinamentos dos mais doutos do paço!) — interrogando com todo o interesse os lacaios e os mendigos, os saltimbancos e os soldados, às vezes até gente de pior condição. O difícil era desentaramelar a língua destes rústicos diante da sua Real Alteza! Tão linguareiros, tão vivos, tão pitorescos, tão sarcásticos e ousados quando a sós uns com os outros, ficavam encolhidos e parvos diante do seu príncipe. Viam eles próprios que isso o descontentava, Mas como vencer a respeitosa timidez que os tolhia? Para a vencer, porém, chegara Sua Alteza a excessos que, tendo remontado aos ouvidos da gente de cima, naturalmente haviam causado indignação e surpresa. Pois não chegara a permitir, ou promover, nos baixos do seu nobre palácio, festas que facilmente degeneravam em orgias?! E que outra coisa esperar de gente desse teor? Na licença de tais bacanais, talvez a ralé despegasse a língua. Talvez, à conta de tanto ver o seu futuro rei descer ao seu nível, o populacho de baixo estofo acabasse por esquecer com quem tratava, e se expandisse diante dele como a sós entre si. Mas... seriam tais recursos dignos de tão alto príncipe? E deveria tão alto

príncipe dar ouvidos a esses eternos descontentes? Se queria informar-se das condições sociais, económicas, quaisquer que fossem, do seu reino, — não teria à mão outros meios? outros recursos? não poderia consultar relatórios, estudos, inquéritos oficiais, estatísticas...? não eram esses documentos organizados pelos mais competentes, e menos sujeitos à parcialidade da miséria? Sim, — porque a miséria existia! Ninguém o negava. Mas não seria ela, em grande parte, obra dos próprios miseráveis? Pretenderia Sua Alteza (sem desfazer nos seus excecionais dons) corrigir o mundo e a natureza humana?

Isto, e mais do que isto, murmuravam os antigos mestres do príncipe Leonel, permanentes ministros e conselheiros de El-Rei, — a quem não podiam agradar as excentricidades do antigo discípulo. Com estas diretas ou indiretas censuras, iam, decerto, misturados os merecidos encómios; o que provava a imparcialidade da sua crítica: Louvável era, em princípio, que um futuro governante quisesse conhecer o seu povo, a começar pelas camadas ínfimas. Louvável que se propusesse palpar o mais possível diretamente as suas aspirações. Mas... E neste mas

começavam aquelas reservas, restrições, insinuações e dúvidas cujas principais já mais ou menos indicámos, e não repetimos para não maçar o leitor. Nelas quase todos os cortesãos estavam de acordo — até os que noutras questões discordavam.

Decerto, já vinha de trás esse perigoso pendor do príncipe. E talvez não fora muito injusto procurar-lhe raiz na influência daquele singularíssimo Aio — sombra que abatera sobre a corte de Traslândia para contínua inquietação dos seus nobres e homens bons... Mas nunca, em verdade, mostrara Sua Real Alteza o príncipe Leonel tão completa indiferença pelos juízos, conselhos, conhecimentos, experiência dos seus mais fiéis e, sem dúvida, ilustrados servidores, homens que El-Rei seu pai sempre honrara com a régia inteira confiança. Dir-se-ia ter esquecido que existiam, ao menos como homens interessados na coisa pública! Pois, quando não praticava com o seu Aio, seu pai, Rolão Rebolão, a vilanagem, ou um ou outro misterioso visitante que, desde a sua viagem, o procurava, por vezes, no palácio, — se fechava nos seus aposentos ou embrenhava dias inteiros no Parque, a ler

incógnitos cartapácios. Talvez, também, a discorrer ainda com gente suspeita; pois das torres do palácio o tinham visto, por meio de óculos de grande alcance, encontrar-se aí com desconhecidos. Temendo pela segurança da sua preciosa pessoa, (pois quem não sabia que nos confins do Parque se acoitavam, muitas vezes, malfeitores e párias de toda a espécie?) haviam querido mandá-lo seguir, a distância, de guardas e homens dedicados. Mas a tal se opusera o príncipe violentamente, dando mostras de suspeitar que pretendessem espiá-lo os amigos que (diziam eles) não pretendiam senão protegê-lo e defendê-lo.

Dado tudo o que, — se entendia que especialmente as sumidades políticas, diplomáticas e nobiliárquicas de Traslândia esperassem com o mais vivo interesse, e até justificada inquietação, a comunicação que a sua Real Alteza o príncipe Leonel anunciara haver de fazer ao reino antes de receber o governo das mãos do seu pai. Por esse momento ansiava seu velho pai, cujas forças decresciam a olhos vistos. Não queria morrer o bom rei Rodrigo sem ter visto o filho tomar nas mãos as rédeas do governo de Traslândia.

CAPÍTULO 16

ONDE TERMINA ESTA VERÍDICA HISTÓRIA POR UM AGITADO DISCURSO DO PRÍNCIPE LEONEL

Até que chegou o dia em que o príncipe Leonel falaria ao seu povo. Era no vasto salão nobre do palácio, — vasto como qualquer grande praça. Entre as dezenas de janelas abertas para o jardim, pendiam os retratos de todos os reis de Traslândia. Por cima, já perto da abóbada, havia uma espécie de corredor gradeado, iluminado por óculos de vidro verde. E a multidão enchia não só a imensa quadra, como todos os arruamentos dos jardins e arredores. De algumas janelas escancaradas, saíam à moda de uns grandes bocais de cobre, que espantavam toda a gente. Ninguém sabia como aquilo funcionava.

Só se percebia estarem ligados por fios metálicos, ou tubos muito finos de borracha, a um aparelho posto em cima do estrado, ao fundo, sob o monumental retrato (aliás

inteiramente hipotético, é de ver) do fundador da monarquia. Desse estrado abaixo falaria Sua Real Alteza o príncipe Leonel de Traslândia. E aquele sistema de bocais, tubos, fios e aparelho tinha por fim, dizia-se, avolumar de tal modo a voz do orador, que até fora dos jardins do palácio pudesse ser ouvida.

Também se dizia ser invento de um jovem sábio com quem o príncipe se relacionara durante a viagem, e cujo nome, arrancado à obscuridade em que o enterrara a pobreza, gloriosamente viria a correr mundo.

Sob o fantasiado retrato do fundador da monarquia de Traslândia, preponderava o cadeirão de El-Rei Rodrigo. Ladeavam-no os do seu filho e a sua nora. Uma dúzia e tal de lugares de honra faziam semicírculo no estrado, de um e outro lado dos régios assentos. Eram destinados aos primeiros ministros, membros mais chegados da família real, Físico da corte, Generalíssimo dos Exércitos de Terra, Almirante das Forças do Mar, Supremo Administrador da Justiça e Magno Sacerdote. Entre todos se destacava o lugar deste, como é de louvar: Não estão acima de todos os cargos, misteres, relações dos homens, as comunicações

com o divino? Por isso o medianeiro entre Deus e Traslândia — o Magno Sacerdote — se rodeava de pompas que evidentemente não diziam respeito ao homem em si, mas ao representante de Deus junto da nação. Delas não se deveria engrandecer o homem, pois só eram um modo de honrar a Deus. Esta simples e justa dialética valera ao Magno Sacerdote prerrogativas ou riquezas que ninguém mais possuía em Traslândia. Assim seu privilegiado poiso estava ao cimo de três degraus de prata lavrada, numa espécie de altar, sob um preciosíssimo dossel de lhama. Cobria-se ele próprio de brocados e pedrarias; o que o fazia resplandecer como um ídolo bárbaro. E tão hirto e compenetrado do seu papel se apresentava às gentes, — que ninguém o diria vivo.

Logo abaixo do estrado, havia algumas filas de cadeiras reservadas às damas; embora as de mais alta linhagem, por evitarem contactos com o público baixo, tivessem subido a ocupar a galeria dos óculos verdes. Nem todas estavam aí na melhor posição para ver e ouvir; mas, como se disse, evitavam assim qualquer comunicação com a restante gente, não se achando nesses improvisados camarotes

senão em família. Essa restante gente, ocupava ao acaso toda a restante sala, transbordando ainda largamente para os jardins e subúrbios. Muito boa gente fazia parte, aliás, da massa anónima: Por um desses seus caprichos ou desígnios que ultimamente se multiplicavam, (e às mais fortes cabeças apareciam obscuros) suprimira o príncipe Leonel quaisquer lugares de categoria que não fossem os supracitados.

Ao dar meio-dia, quando toda a gente religiosa de Translândia se recolhe a si uns momentos, Sua Alteza Real o príncipe Leonel avançou até à borda do estrado. Vestia com grande simplicidade, quase pobremente, de negro. Imóvel, de pé, os olhos baixos, as mãos no peito, em frente de todos se recolheu também o príncipe Leonel. Finda a oração geral, começou assim:

— Meus amigos! Se a todos vos reuni hoje, se fiz empenho em juntar a ouvir-me o maior número possível de pessoas, não foi para vos recitar um longo e belo discurso: Mas foi para vos dizer algumas coisas capitais, e vos fazer uma confissão e dar um exemplo de não menor importância. Durante todos estes anos da minha vida, e até

ao momento em que realmente me vi, andei cego a respeito de mim próprio, de todos os homens, do mundo em geral, e de quase todas as coisas da nossa pátria em particular! Quis Deus abrir-me os olhos antes de me deixar subir ao trono, e começar a governar como pode governar um cego do coração, da razão, do espírito e da alma. Tenho observado, aprendido, e meditado muito em pouco tempo. Devo-o não a mim próprio, que andaria cego toda a vida, mas a Deus; e, abaixo de Deus, ao homem de que se serviu Deus para me esclarecer. Publicamente quero dar a esse homem provas da minha gratidão, e da humildade que todos devemos a quem verdadeiramente nos ensina.

Todos os olhos se tinham voltada para onde estava o Aio, num dos poucos lugares de honra sobre o estrado. Então se viu, com espanto, o príncipe real dirigir-se para ele, ajoelhar aos seus pés e beijar-lhe a mão. Mas o que mais espanto causou, e não só espanto como indignação geral, foi que o Aio nem sequer esboçara o movimento de se erguer ou o erguer, não tendo o mínimo gesto para lhe impedir essa humilhação. No juízo consciente ou indistinto da imensa maioria dos espectadores, não fora aquele passo

do príncipe Leonel senão uma cena convencional, teatral, elegante, um hábil e gentil recurso de ator perante o público. Da mesma forma, no mesmo tom, lhe devera corresponder o Aio. Porém com toda a seriedade o Aio se lhe prestara, parecendo tomar essa atitude do nobre príncipe como esperada e devida; como natural!

Serenado o borborinho que na sala se elevara, e tendo-se novamente adiantado à borda do palanque, o príncipe Leonel continuou:

— O que vi depois de ter aberto os olhos poderia fazer de mim um homem sem crença nem esperança. Bendito seja Deus, que ainda aqui interveio no meu favor e vosso! pela sua vontade me tornei antes num homem ansioso de consagrar a vida a uma grande missão: a de remediar, tanto quanto lhe fosse possível, os males que via. Fracas, e muito, que sejam as minhas forças pessoais para tão grande empresa, o poder que me concede o meu simples nascimento me torna mais poderoso que o comum dos homens. Ora um dever doloroso se me impõe, antes de começar qualquer tentativa no sentido da grande missão que a mim próprio impus: o da inteira sinceridade. Já ides

ver que a mim próprio me não pouparei, no esforço para ser sincero. O que mais me dói, porém, é que nem posso poupar homens a quem, até certo ponto, devo reconhecimento e respeito, a começar por aquele a quem devo reconhecimento profundo, respeito completo, amor verdadeiro... o amor que realmente lhe tenho...

Ainda o príncipe Leonel não ajoelhara diante do seu velho pai, o bom rei Rodrigo, e já ele se levantava, todo trémulo de comoção, para apertar o filho nos braços. Quase à força, o príncipe Leonel abraçou-lhe, primeiro, os joelhos. E depois ficaram abraçados peito com peito, a face de um contra a face de outro, por largo espaço. Uma estrondosa ovação explodira na sala imensa, e, por contágio, se multiplicava nos jardins. Consciente ou inconscientemente, era, também, um protesto contra a insólita secura com que recebera o Aio a humildade do príncipe — em face do modo como a recebia El-Rei seu pai. Apesar do respeito e da curiosidade intensa com que o ouviam, custou a fazer-se o necessário silêncio para que o príncipe Leonel prosseguisse.

— Receio... — disse ele quando pôde prosseguir — receio que não tenhais vontade de me aplaudir, quando ouvirdes o que ainda tenho a dizer. Porque uma das maiores razões de vivermos todos como se representássemos uma comédia, cada vez mais instalados em estreitezas que poderíamos remediar, (pois não falo agora senão do que poderíamos remediar nós próprios) cada vez mais afastados da nossa verdadeira dignidade, cada vez mais enredados numa teia de exterioridades e hipocrisias, cada vez mais miseráveis e mais presumidos, mais inimigos uns dos outros por inimigos da nossa própria grandeza, — é que ninguém quer ouvir as verdades que lhe ferem a vaidade, o interesse ou a opinião! Ninguém quer reconhecer a sua parte no erro de todos! Ninguém quer começar por si mesmo o esforço de aperfeiçoamento, de sinceridade, de humildade, de boa vontade, de elevação, que exige dos outros... de todos os outros...

A voz do príncipe Leonel vibrava agora no profundo silêncio que se fizera, como um vácuo, em toda a sala. Nisto o orador fez uma breve pausa, correu por toda a sala um

olhar estranho, e acrescentou, num tom inesperadamente familiar, esta frase esquisita:

— Ninguém quer ver nem mostrar as suas orelhas, é o que é.

Como ele próprio, Leonel, (e até já se disse que da vontade de imitar o príncipe nascera tal moda) muitos e muitos homens, na sala, tinham a cabeça e as orelhas embrulhadas em turbantes. De modo que, por um gesto instintivo, muitos levaram os dedos aos seus apêndices auriculares encobertos. Coisa pasmosa! pela primeira vez suspeitavam a estupidez dessa moda estranhíssima; pela primeira vez a si próprios perguntavam se as orelhas eram órgão que devesse andar tapado, — e se, com tal moda, voluntariamente não dificultavam a faculdade de ouvir; isto é: de receber o que dos outros lhes viesse.

Passeando por sobre seus ouvintes o mesmo estranho olhar, o príncipe Leonel parecia ler-lhes o pensamento. Um sorriso sarcástico e lúgubre, repugnante, desfeou por momentos a sua boca perfeita, dando-lhe ao belo rosto um quê de feroz... Tal sorriso explodiu num breve riso desentoado, um soluço afogou o riso, e o riso e o soluço

foram substituídos por uma expressão grave e dolorosa. Era, já, como se aquele sorriso, aquele riso, aquele soluço, nada tivessem propriamente com ele, príncipe Leonel, que, no entanto, os sofria. Muito pálido, Leonel concentrou-se uns instantes. Depois ergueu os olhos outra vez límpidos, seu rosto recuperara a serenidade do começo, — e continuou:

— Isto que vos digo, quantos vos disseram? Vos dizem? Vos dirão? Decerto vos não trazem grande novidade estas minhas palavras! Possível é que estejais esperando de mim coisas inauditas, aqueles de vós que principalmente apreciam não o fundo simples e rico do quer que seja, mas a singularidade das palavras, dos discursos, das teorias. Palavras! discursos! teorias! O mundo está cheio de palavras, discursos e teorias porque é preciso tapar as covas... esconder os abismos. Mas as obras? Onde estão as obras autênticas, (não a sua aparência!) e os corações sinceros e ardentes (não a sua caricatura!)? Quem inicia a reforma que as suas próprias palavras exigem? Por incúria, por egoísmo, por obstinação, por dureza, por fraqueza, por frivolidade, por todos os nossos defeitos que passamos a

vida a esconder, não a tentar corrigir, sim a esconder, e no entanto saltam à vista de todos menos à de cada um de nós próprios, — todos nós, vossos governantes, desconhecemos a vossa verdadeira vida, as vossas verdadeiras necessidades, as vossas verdadeiras virtudes, os vossos verdadeiros vícios... E ocultamos o nosso desconhecimento com imagens brilhantes, com atitudes imponentes, com gestos espetaculosos..., talvez como este mesmo que tenho agora! Servimos as nossas ambições, os nossos interesses, as nossas manias, o nosso amor-próprio, e dizemos servir-vos a vós, à pátria e à humanidade. Chegamos a crer nós mesmos nesta farsa, cegamos a ponto de já nem vermos o papel que estamos representando. Disto acuso os vossos reis, os vossos príncipes, os vossos ministros, os vossos representantes, os vossos mentores, disto me acuso a mim próprio! Qual de nós vai entre vós conhecer-vos? Qual é bastante sincero para se exprimir em público como diante da sua consciência? Qual suficientemente humano para confessar um erro e tentar emendá-lo? Bem sei!, dizem que seria má política e má tática. Dizem que isso abalaria a ordem, a disciplina, o respeito dos subordinados pelos superiores. Dizem que as tramoias dos deuses não podem

ser escancaradas ao vulgo. Dizem que a mentira, a astúcia, a duplicidade são necessárias ao governo do mundo. Assim dizem e em consequência procedem: No mundo inteiro a grande política é a da falsidade, a da intenção reservada; e os homens e os países não se acusam uns aos outros senão porque todos se enraivecem, e julgam lesados, verificando que cada um deles adota a mesma tática de mentir! de caluniar! de deturpar! de não querer compreender mas prevalecer! Pois bem, esta diplomacia de falsidade também não dá resultado! Já se viu que não dá resultado. porque não experimentar o contrário? porque não tentar a verdade, o esforço pela sinceridade, a humildade luminosa?

Um rumor abafado se elevara nos assentos de honra, por trás do orador, e achara eco em certos pontos da sala, — como o rolar ainda surdo de uma tempestade longínqua. Era o protesto dos ministros, dos representantes, dos mentores, que estas insólitas palavras do orador atingiam. Algumas dessas supremas autoridades tinham-se erguido. A sua atitude e as suas caras exprimiam o mais indignado assombro. «Eis o que ele aprendeu com o Aio, com os alfarrábios, com a ralé» pensavam. Só a curiosidade de

verem até onde chegaria a audácia do orador os parecia conter; e talvez, também, este raciocínio ardiloso: «Quanto mais disser... mais se compromete! É preciso deixá-lo enterrar-se bem».

O orador continuou:

— Mas só aos dirigentes caberão culpas? Não, — também aos dirigidos! A doença que está nuns, está noutros. Esforçais-vos vós, vós, os dirigidos, por alguma coisa atingir das boas intenções dos vossos chefes? Por esperar com paciência o que vos não podem dar num momento? Por considerar as dificuldades da sua missão? Por ter, ao seu respeito, sentimentos que não sejam os do ressentimento amargo, da inveja odienta, da revolta surda ou aberta, da ambição frustrada? Facilitais-lhes, vós, o que até com a vossa ajuda seria difícil? Sois vós mais capazes de humildade, de sinceridade, de boa vontade? Qual de vós, dos mais inteligentes de vós, não aspira a subir, a também mandar, a ter subordinados? Mas, se sobe, qual não exagera os defeitos que ainda há pouco apontava aos chefes? Que novo chefe não é ainda mais intolerante que o

anterior? mais cruel com os subordinados ainda há pouco seus camaradas?

Fez uma breve pausa. Era, agora, do fundo da sala que a tempestade parecia vir avançando.

— E não só entre dirigentes e dirigidos, — continuou — não só entre os superiores e os pequenos, se verifica esta incompreensão recíproca! A mesma incompreensão, o mesmo orgulho exasperado ou ressentido, a mesma falta de humildade para reconhecer as limitações próprias, as mesmas raízes hostis, cortam os próprios laços que pareciam mais apertados! Manifesta ou surda, a luta começa já entre o amigo e o seu amigo, o irmão e o seu irmão, o marido e a sua mulher, o filho e o seu pai, a mãe e o seu filho. É o homem que está gafado, somos todos nós que apodrecemos, — o que é preciso melhorar é o homem! Contra a nossa corrupção é que é preciso começar a luta, o que mais urge vencer é a nossa condição. Por quê, para quê, falar em progresso, em doutrinas mais amplas ou justas, em melhores regimentos sociais e políticos, — se cada um de nós não busca progredir, alargar-se, tornar-se mais justo, ser, enfim, capaz de realizar um mundo novo? O

progresso é conquistado por homens, as doutrinas elaboradas e seguidas por homens, os regimes efetuados por homens, obedecidos por homens. Se o homem não melhora, tudo virá a cair nos mesmos vícios. O erro não pertence às doutrinas senão porque pertence aos homens! Se o homem não melhora, — que poderá melhorar?! Esta ideia é indiscutível, a não ser quando se admita a intervenção direta de Deus. A não ser quando o próprio Deus interfere, e há milagres, ou, o que vem a ser o mesmo, interferem forças sobrenaturais, tudo, neste mundo, é produto do homem: Não há sistemas ou doutrinas melhores, nem regimentos melhores, nem melhores sociedades, senão porque o homem melhorou. Desafio qualquer um a desmentir esta afirmação! Mas aqui surge a grande dúvida: Poderá o homem melhorar? haverá real progresso no homem? Amigos! Várias disciplinas, ou atividades do espírito, respondem que sim. A mais poderosa é a religião. Têm querido matar a religião. Em todas as épocas surgem novas doutrinas, seitas, ou individualidades, que berram ser a religião um cancro extirpável... e o procuram extirpar. Mas o sentimento religioso é ainda mais fundo que um sentimento — é um instinto da própria

natureza humana! A religião é eterna, seja sob que forma for. Os que a negam sob os seus caminhos mais diretos, metem-se pelos seus atalhos tortuosos; preferem, sem o saberem, as aberrações daquilo mesmo que negam! E adoram-se a si próprios, a quaisquer outros homens, ou a qualquer partido, — por não quererem adorar a Deus. Ora a religião tem os seus ministros! Acima de todos nós, homens há, nossos superiores, no campo do moral e do espiritual, de quem deveria vir-nos o melhor exemplo: São os zeladores do absoluto e do eterno; os sacerdotes de qualquer religião; os representantes de Deus na terra. Vem-nos, desses, o melhor exemplo? Que exemplo nos vem desses? Esses disputam com rancor os seus postos hierárquicos; esses substituem por fórmulas e ritos dessorados o espírito santo da doutrina; esses fazem a corte aos poderes e poderosos do mundo; esses, como nós outros, querem alguma coisa se têm pouco, muito se chegam a ter alguma coisa, e cada vez mais! mais! sempre mais!, se têm muito. Nenhuns, como esses, continuamente desdizem com obras mesquinhas e intenções rasteiras as suas excelsas palavras, as suas atitudes seráficas, as suas visagens místicas. Vede aí o seu chefe supremo entre nós:

opulento como um ídolo, ressequido e resistente como um cadáver embalsamado! Está às portas da morte; quotidianamente lida com as coisas de Deus; pastoreia todas as ovelhas do santo rebanho; e tem o coração frio como a pedra de um túmulo, o espírito estreito como um esquife, a alma cúpida e fútil como a de uma cortesã incorrigível! Só reconhecer estas coisas o poderia salvar, salvar as suas ovelhas, salvar-nos a nós todos. Porque... não tenhamos ilusões: Todos nós suspiramos por um mau exemplo de cima, para, com ele, nos desculparmos das nossas abjeções e dos nossos vícios! Por isso ouso eu dizer-lhe estas coisas, eu que sou pecador e perverso, — e devo-lhe o respeito que todos devemos ao chefe nacional da nossa religião — por julgar prestar-lhe, assim, o maior serviço que posso prestar-lhe; e prestar o mesmo serviço a nós próprios, contra a nossa secreta vontade danada.

Então, uma espécie de estertor prolongado veio do sólio onde campeava o Magno Sacerdote. A sua Eminência erguera-se no seu trono, as mãos convulsas tentando apoiar-se nos braços dourados da cátedra. Uma extraordinária comoção galvanizava essa múmia coberta de

brocados e pedrarias. Seria que o iluminava, enfim, a graça de Deus, e o abençoado espinho do arrependimento o feria? Nada disso. Era que nunca ousara fosse quem fosse dizer o quer que fosse de semelhante a fosse qual fosse dos seus antecessores. Ele, que dava o pé a beijar a todos os grandes dó reino, ser assim irremediavelmente ofendido por um criançola delirante (embora príncipe herdeiro) — fora coisa que ninguém sonhara! Sílabas gaguejadas que não se ouviam, não entendiam, lhe borbulhavam na boca epitética. Mas nem era preciso Sua Eminência falar: O seu rosto, que metia medo, não seria bastante eloquente? Os seus olhos arregalados, terríveis, estavam voltados para o príncipe Leonel como na espantosa visão de um monstro infernal. E viu-se, então, a sua mão cadavérica, onde fulgia o anel representativo da sua suprema dignidade, esboçar no ar, repetidas vezes, o gesto de quem repele, de quem amaldiçoa...

Um rumor, primeiro ainda surdo e subterrâneo, logo dominador, invadiu a sala, rolou e desabou como um trovão. Já toda a sala estava de pé. Ministros, conselheiros, fidalgos, dignitários de qualquer espécie, todos os membros

da alta classe e burguesia, se mancomunavam, contra a inaudita irreverência do príncipe, a favor do venerando representante da religião oficial. Todos se reconheciam atingidos por essa irreverência! E não começara o príncipe Leonel por os atacar a todos? Quanto ao povo... à própria gente humilde e simples, vítima da cupidez dos grandes, — esse mesmo povo se sentia meio constrangido com a arrojada acusação que desmascarava os seus opressores. Como perder, em poucos minutos, o temor atávico, o respeito secular, que, desde sempre, o trazia curvado sob o jugo?...

Protestos violentos explodiram, então, como irrupções isoladas, de entre essa massa anónima. Pareciam invetivar o príncipe. Mas não o visavam por defender os atacados, não!, senão que por atacar a própria monarquia; ou, até, qualquer outro fundamento social. Era outra secção que se manifestava: Eram os descontentes e os agitadores — que aproveitavam a ocasião. Soube-se mais tarde que uma revolução fora preparada para esse dia: O que a fez gorar foi, exatamente, a desorientação suscitada pelo imprevisto dos acontecimentos.

De negro, pálido, imóvel, rígido, à borda do estrado, o príncipe Leonel esperava que serenasse a tormenta. Ora talvez não chegara a tormenta a serenar, se a não dominara a curiosidade solevada por uma nova cena: Amparado, de um lado, pelo seu firme Leonardo, atualmente Duque de Riba-Mar, do outro pela sua nora, a princesa Letícia, — El-Rei erguera-se e vinha até onde o filho. As suas pobres mãos trémulas oscilaram no ar, por cima de todas essas cabeças agitadas, pedindo ansiadamente silêncio. A comoção vencia-o. Acostumado ao sossego e monotonia da vida íntima, dificilmente conseguia defrontar-se agora com esse espetáculo furioso. Parecia que o bom rei Rodrigo ia morrer a cada instante. E a vista desse moribundo que, talvez pela última vez, pedia para falar ao seu povo, a defender ou a acusar o filho, dominou os próprios que, de há muito, no seu interior já o não respeitavam. Era um milagre! Mas a tempestade começava acalmando. Os que tinham interesse em prolongar e aumentar a revolta viam-se maniatados pela sublevação da maioria: Quaisquer suas tentativas de agravar a desordem eram violentamente reprimidas sem intervenção da polícia. Pouco a pouco,

pouco a pouco, se fez silêncio: tão inteiro silêncio, que distintamente se pôde ouvir a voz enfraquecida de El-Rei:

— Meus amigos, — disse ele — compreendo a vossa agitação! Mas, se algum valor tem para vós o juízo de um velho que não pode durar muito... e vê a verdade à beira da campa... deixai-me dizer-vos que dou razão ao vosso príncipe, meu muito amado filho. Sou eu próprio o mais atingido pelas suas palavras... pois tenho sido o vosso rei... o chefe dos vossos chefes! O mais responsável por todos os males remediáveis da nação. Quem sabe? Talvez hoje mesmo Deus me chame a contas do uso que fiz, ou não fiz, do meu poder. Pois bem, morro contente por chegar a pedir-vos perdão... a todos... de não ter feito por vós o que podia ter feito... contra todas as falsidades! contra todas as imposturas com que procuraram enganar-me, e eu me fingi enganado, por obstinação ou comodismo. Se julgais dever atender o meu último pedido..., o pedido de um homem que vai morrer..., atendei-me: Deixai o vosso príncipe falar até ao fim! Eu orgulho-me de ser seu pai. Orgulho-me dele ter tido a coragem... o heroísmo... porque sei quanto isso terá custado ao seu amor... de começar por me acusar a mim

próprio! Os que não podem perdoar-lhe... e tanto se revoltam com as suas palavras, sabendo, bem lá no fundo!, que elas são verdadeiras... põem a sua mesquinha pessoa humana acima do que está muito acima de nós todos. A esses quero eu dar... ao menos... um bom exemplo... já que tão poucos bons exemplos dei na vida... E agora, silêncio! Deixai o vosso príncipe fazer por si próprio, por vós todos... por todos os homens... o que ainda nenhum vosso rei fez...

Arquejava — como se o alento vital se lhe fosse escoando a cada palavra. Repentinamente, o príncipe Leonel prostrou-se diante dele, beijando-lhe os pés e abraçando-lhe os joelhos. Ouviam-se na sala os soluços que pareciam despedaçá-lo. O bom rei Rodrigo poisou-lhe as mãos na cabeça, acariciando-lha. Fechou os olhos, como saboreando esse momento; e uma expressão de felicidade já não terrestre lhe iluminou o rosto. Depois, amparado sempre, voltou ao seu lugar. O príncipe Leonel ergueu-se. Também no seu rosto resplandecia agora qualquer coisa de não terrestre, — como se o mesmo raio de clarificação e graça varara, no mesmo instante, pai e filho. A sua bela figura máscula parecia maior, e como circundada por um halo. O

silêncio, agora, era absoluto. Neste silêncio completo e solene, outra vez a voz do príncipe Leonel vibrou:

— Meus amigos! Sua Majestade El-Rei, meu muito amado pai, acaba de nos dar a todos o exemplo mais precioso... o de que mais precisamos! Já não temo que me falte a coragem de ir até ao fim. Como Sua Majestade, compreendo a vossa agitação; compreendo o vosso espanto: Quem, jamais, ousou censurar tão violentamente, em público, todos os nossos supremos representantes do poder? E deveria ser eu a ousá-lo? terei autoridade para tanto? não estarei dando a todos os meus vassalos um pernicioso exemplo de indisciplina? Compreendo que levanteis estas e outras dúvidas, meus amigos. Eu próprio mas pus, mas ponho. Uma preocupação, porém, me domina, e preside a quanto diga, ou faça, nesta sessão: Não posso começar o meu reinado sob o signo da hipocrisia, da falsidade, da dissimulação, da duplicidade, da mentira... Bem sei que estas forças diabólicas governam o mundo. Mas sonhei um bocadinho do mundo em que elas não governassem. Esse bocadinho seria o nosso reino de Traslândia; e de aqui se propagaria ao resto do mundo a

grande revolução, a única revolução progressiva, que é a de dentro de nós contra a nossa depravação. Da verdade que possa haver nas minhas palavras duras, — não tenho, pois, perdões a pedir. Essa, foi Deus que aí a pôs! Temos, todos, de nos curvar a ela, porque nos excede. Mas nunca o homem se mostra tão descontente com os seus semelhantes... como quando está profundamente descontente consigo! Foi o meu profundo desgosto de mim próprio — que me deu olhos com que visse a fealdade e a malvadez gerais. Pois não nos consolamos, até, do mal que sentimos em nós, procurando, contemplando, exagerando o mal nos outros? Ora destas raízes humanas, como de todo o erro humano que nas minhas palavras se possa misturar com a verdade, vos peço humildemente perdão! Disso tenho que pedir perdão a todos que agravei, em especial aos que mais agravei. E agora, é preciso acabar; é preciso chegar ao mais doloroso! Contra toda a corrupção e maldade humanas em que tenho insistido — alguns homens combateram; e combateram da maneira mais eficiente possível — pelo exemplo da sua vida. São as exceções. São os heróis do bem... os únicos heróis a valer: os santos de qualquer natureza. Eu não sou santo!, sou um monstro; um

monstro no corpo e na alma! Quis Deus, porém, insuflar-me coragem para um momento de santidade: aquele em que me vou mostrar tal qual sou, e humilhar-me e confessar-me diante de vós todos. Sem isso, nada poderia eu tentar. Como exigir de outrem sinceridade, humildade, boa vontade, coragem, — começando eu por vos enganar a todos? por consentir em que andeis iludidos comigo? É preciso que bem conheçais, em toda a sua monstruosidade, o rei que ides ter. É preciso que me aceiteis conhecendo-me! É preciso que vos dê o exemplo de quanto exigirei de vós. Todos sempre me haveis julgado um belo exemplar humano, não é verdade? o mais perfeito dos príncipes, não é assim? Eu próprio me julguei tal qual me julgais! Eu próprio andei cego ao meu respeito, e vivi ignorante da minha monstruosidade e de tudo. Mas cria, então, conhecer o céu e a terra, e fazia as afirmações mais dogmáticas, e até já tinha uma filosofia, — pobre criança vendada às apalpadelas no vácuo!... Foi preciso ver-me tal qual era, e sou, abaixo do mais vulgar homem normal de entre vós, abaixo de qualquer dos vossos aleijados, pois o meu aleijão é caso único no mundo..., — foi preciso isso, para, em verdade, ver alguma coisa. Desde então, porém, não tenho

feito senão lograr toda a gente; mentir a toda a gente! Só à heroica mulher que me aceitou conhecendo-me, não menti. Breve será ela a vossa rainha. Como da sua Majestade El-Rei, meu amado pai, — da sua Alteza a princesa Letícia, minha muito amada mulher, recebeis, pois, um exemplo superior a quantos vos possa eu dar... De ambos recebo eu o ânimo, que me falta, para tentar alçar-me um pouco ao seu nível... Julgareis vós todos, agora, até que ponto vos mentia eu,, consentindo em que me julgásseis superior, quando a natureza me estigmatizou da maneira mais grotesca... mais penosa e risível...

Neste momento, uma voz que procurava dominar a sua se ergueu ao lado do príncipe Leonel:

— Senhoras e senhores!...

Há momentos, já, que o Físico se destacara do seu assento, avançando no estrado; e já antes o tinham visto gesticular para os lados, como conferenciando animadamente com os vizinhos. Só de absorvido pelas suas próprias palavras não atentara nele o príncipe Leonel. Mas um borborinho de curiosidade se fazia agora na multidão dos espectadores, e não apenas devido à estranheza dos

dizeres da sua Alteza. Em todo o reino era o Físico muito considerado: Não assistira ele ao nascimento do príncipe real? não era, desde idade quase juvenil, o Físico da corte? e não salvara a sua ciência tantas vidas, quer em casos particulares quer durante as epidemias que vergastavam o reino? Que quereria ele dizer, fazer, que se levantara do seu lugar, olhava o príncipe com esses olhos perscrutadores, penalizados, e parecia ir falar ao povo?...

— Senhoras e senhores! — disse, com visível esforço para se fazer ouvir, a voz do velho sábio — é extremamente lamentável o que está sucedendo! Desde o princípio que estranho, e não só eu, os ditos da sua Alteza que tendes ouvido. Todos, por certo, igualmente os estais estranhando. As suas últimas palavras, sem explicação possível, provam que a lucidíssima razão da sua Alteza recebeu qualquer choque e sofre uma crise, crise que eu já vinha receando pela vida que ultimamente Sua Alteza tem levado. Peço a Deus e espero que ela seja passageira, para bem da nossa querida pátria! Convém que a sua Alteza entre numa fase de absoluto repouso, sob um regime salutar. De acordo, pois, com os altos dignitários aqui presentes, e que são os

melhores amigos da sua Alteza, ouso interromper esta lastimável sessão. Não tenho, para tanto, senão a autoridade que me dá o meu cargo, além do meu profundo empenho pela preciosa saúde das suas Altezas, que Deus guarde; mas essa me basta! No próprio interesse do nosso querido doente, peço-vos que vos retireis em boa ordem...

Às primeiras palavras do homem que o vira nascer, o príncipe Leonel calara-se; e esperara; mas um sorriso doloroso lhe franzia a boca durante a breve parlenga. Na sala, ninguém se movera. Um silêncio sepulcral, ansioso, reinara durante toda a última parte da alocução do príncipe e a fala do Físico. Mas, como sucede em tais casos, o tumulto ia seguir-se à inquietação; já a confusão refervia, quando a voz de El-Rei se ergueu lá do fundo, num berro inesperado:

— Silêncio! Ninguém saia! Quem manda aqui!?

Fora preciso, certo, um grande impulso de ira, para que a voz do bom rei Rodrigo, ainda há pouco tão débil, vibrasse daquele modo. Porém este abalo devia apressar o seu fim: Já El-Rei ofegava, incapaz de dizer mais nada, assistido pela princesa Letícia que ajoelhara aos seus pés e tentava

sossegá-lo. O Físico não se mexera. Parecia nem ter ouvido as palavras de El-Rei. O seu rosto seco exprimia a indignação, a resolução, a obstinação, a consciência do dever. De pé sob o seu dossel de lhama, ao cimo do seu trono de prata, o Magno Sacerdote estava de costas voltadas para o príncipe. E a sua caveira como recoberta de pergaminho amarrotado, os seus olhos sem cor, e por isso mesmo Inquietantes, perdidos na abóbada, as esplêndidas vestes que lhe escorriam dos ombros, arrastando no chão como regatos ao mesmo tempo coruscantes de luar e sol, a sua mão de cera em que brilhava a ametista sagrada — exerciam nos espectadores o habitual influxo mágico. Estavam com ele não só todos os simples mais sensíveis a tal influxo, como todos os mais categorizados zeladores da religião oficial. Para estes não era a religião senão um cerimonial de ritos que cumpria respeitar, pois sempre assim fora entre gente nobre: portanto parecia bem. À frente do seu assento de honra, o Generalíssimo das Forças de Terra mantinha-se perfilado. Igualmente o Almirante das Forças de Mar à frente do seu. E da mesma sorte o ilustre Froilão, o sábio Filinto, o notável Rolando, o discreto Marçal, o proficiente Rosendo, todos os ministros e

conselheiros, o Supremo Administrador da Justiça, os mais chegados membros da família real e, em suma, todos os verdadeiros governantes de Traslândia — haviam-se levantado e mantinham-se hirtos, inflexíveis, monumentais, com a mesma expressão como estereotipada de indignação e dureza nas máscaras imponentes. Era o protesto dos mais gravemente ofendidos. Era a reprovação tácita e unânime. Enternecer aqueles corações, arejar aquelas cabeças, alargar aqueles espíritos? Muito mais fácil deslocar montanhas!

Então, alguém que ainda estava sentado nos cadeirões de honra se ergueu também. Era o Aio do príncipe. Devagar, avançou para o Físico. E, perante a sua gigantesca estatura, as suas barbas tumultuosas como cataratas de neve, os seus membros a cujos músculos possantes aderiam as pregas da toga, os seus olhos intensos, cortantes, firmes como cristais, — todas as outras figuras pareciam mesquinhas! até a do Magno Sacerdote com todo o seu chuveiro de pedrarias, ou as do Almirante e Generalíssimo com toda a sua magnificência física, todos os seus dourados e metais. Bem por certo, nem sempre o Aio se revestia

deste aspeto dominador, que chegava a surpreender quando o ele apresentava. Fazia parte da sua secreta diplomacia o apagar-se muitas vezes. Não agora. Uma corrente de frio pouco natural, como vindo de regiões noturnas e transcendentes, passou na sala. Todos estavam petrificados de terror. Inexplicável terror, afinal! Pois tudo isto porque se levantara um homem do seu lugar? embora um homem forte e um pouco estranho? Sim! aparentemente — só por isso. Esperava-se um milagre, uma catástrofe, um terramoto..., qualquer coisa de anómalo e colossal. Não iria esse gigante, novo Sansão, fincar um ombro àqueles muros, deitar a mão àquelas colunas, fazer desabar aquelas abóbadas? Mas o que se deu foi tão só esta pequena cena muda e cómica: Já muito perto do Físico, o Aio deu mais dois passos para ele..., enquanto ele recuava dois passos diante do suposto agressor. Subitamente, de um passo mais ágil, o Aio agarrou-o pela barbicha espetada; e abanou-lhe, assim, a cabeça, repetidas vezes, fazendo-lhe uma careta como fazem as crianças, ou se fazem às crianças. O Físico recuou mais um passo, encolheu-se, relanceou os olhos atarantados a um e outro lado, ergueu-os ao Aio com espanto e pavor, retraiu-se

ainda mais, foi retrocedendo, retrocedendo, até que findou por correr a esconder-se atrás do cadeirão que ocupara! O príncipe Leonel e o seu Aio fitaram-se cordialmente, sorrindo um ao outro. Então, de vários pontos da sala rebentaram risadas irreprimíveis, em vários tons. O supersticioso respeito que todos mais ou menos professavam pela ciência do Físico, bem assim a consequente indignação, certa impressão de estranheza inquietante e natural pasmo — tinham, até aí, sobrepujado os pruridos de riso da turba. Um simples olhar entre o príncipe Leonel e o seu Aio bastara a fundir tais constrangimentos. O riso ia generalizar-se, quando o príncipe Leonel se voltou inteiramente para o seu público. E o seu ar era tão perturbante e sério, a sua boca, onde expirara a sombra do sorriso, fazia-se tão dolorosa, a palidez do seu rosto assumia cambiantes tão assustadores, que em todas as bocas o riso coagulou, morreu... Houve um minuto de silêncio sufocante.

— Vistes até onde vai a ciência humana! — disse o príncipe em voz bastante clara — Chama loucura a ludo o que desconhece ou não entende. Quando julga conhecer e

entender, já lhe chama natural; isto é: já volta costas ao seu mistério. Que faz, as mais das vezes, a ciência humana, e embora preste muitos serviços ao homem, senão escamotear a realidade à conta de meras aparências? Mesmo assim presta muitos serviços ao homem, concordo. Mas não vai longe! E toda a filosofia humana não chega muito mais longe, e nem sequer nos presta os mesmos serviços. Cada grande filósofo pretende ter descoberto a verdade, apresenta a sua hipótese que passa a ser catalogada, — e toda a coleção dos sistemas não vapora senão uma impressão de formidável engenho e vácuo... posto muito bem evidencie até onde pode ir a razão humana.

«Poltrão!» pensava Leonel de si próprio. Pois que estava, ali, divagando superficialmente sobre ciência e filosofia, quando era outra coisa que tinha a dizer? quando a multidão esperava outra coisa?

Abruptamente, — a voz fizera-se-lhe um pouco rouca — gritou:

— Não estou louco! Antes nunca soube tão bem o que digo e faço. Vou mostrar-vos, a todos, que sou um monstro,

para que me não aceiteis como vosso rei senão conhecendo a minha disformidade. Cartas na mesa!, e comece o novo mundo.

Neste momento, o príncipe Leonel ouviu aos seus pés como o resfolgar aflito de uma fera.

— Não antes dos outros, Rolão Rebolão! — disse para a fera que se espojava aos seus pés — nada saberás antes dos outros.

Sim, era Rolão Rebolão! Rolão Rebolão que ansiava e não podia conter-se, incapaz de dominar a comoção, ao sentir aproximar-se a verdade. Certamente estivera escondido, espiando, por detrás ou debaixo de qualquer dos assentos de honra, pois de aí se despenhara rolando.

— Não! — soluçou Rolão Rebolão — não é isso! Não te descubras a eles! É que só eu posso saber, meu senhor! Eles não merecem..., não entenderão, meu senhor! Piedade! A verdade não é para todos...

— Ah! — disse Leonel inclinando-se para ele com o seu mais belo sorriso — então sempre é verdade que me não odeias? Obrigado!

— Odiar-te?! eu..., odiar-te?! — uivou Rolão Rebolão.

O príncipe Leonel endireitou-se. O seu olhar percorreu aquele oceano de caras levantadas para ele; mas dir-se-ia que uma bruma embaciava, agora, esse olhar, e ele já nada via do que fitava com tais olhos alheios. As caras levantadas para ele é que começavam a manifestar certa impaciência: Após tão longa preparação, parecia-lhes que o seu príncipe hesitava, como se quisesse aproveitar os últimos instantes, ou pensasse num meio de adiar à última hora...

Então, as mãos do príncipe Leonel começaram desenrolando a faixa que lhe servia de turbante. E como todos os olhos seguiam avidamente os movimentos dessas mãos lívidas, que se enganavam, pôde grande parte da assembleia verificar este fenómeno extraordinário: A par e passo que se ia descobrindo, (embora sempre Leonel a trouxesse tão descoberta quão possível) a testa do príncipe orvalhava-se de gotas vermelhas como rubis... gotas de sangue! Sua Alteza suava sangue. E uma lágrima desse suor derivou ao longo do seu nariz corretíssimo, veio, quase, meter-se-lhe na boca.

Mas era tudo quanto a multidão ansiosa, e logo desconcertada, podia observar de anormal na figura do príncipe Leonel. Para tais exórdios, tais palavras inflamadas, tais posições teatrais..., era pouco! Para além disso,Sua Alteza falara em monstruosidade, falara em mostrar-se e confessar-se... E que significava, agora, aquela sua atitude, senão isso mesmo? Porque, tendo desamarrado a banda do turbante, o príncipe Leonel a deixara cair, largara os braços, fechara os olhos, — ficara branco, rígido, solene, como um arcanjo à borda de um túmulo. («Piedade, elfos noturnos da floresta! Génio que tumultuas para lá do Parque, — tréguas! Vinde fechar-lhe a janela contra os maus ares, mãos de cinza e luz da sua mãe morta! Asas do seu Anjo da Guarda»..., etc., etc.). Ora debalde a multidão espectadora julgara ver surgir qualquer coisa, fosse o que fosse!, de sob esse turbante que a sua Alteza desapertara com mostras de tanta angústia: Sua Alteza tinha uma bela cabeleira ondeada e basta, castanha, malhada de revérberos de ouro; umas orelhas finas, nem grandes nem pequenas, graciosamente relacionadas com o desenho do crânio e da face; além de uma cara de génio cujo talhe, amplidão e alvura marmórea só agora podiam ser bem

admirados. De cabeça nua, o príncipe Leonel ainda era mais belo. Onde a monstruosidade?!

Em virtude do que, uma confrangedora suspeita arrepiou a multidão dos espectadores. E nos olhares penalizados que já se cruzavam, na troca de pequenos sinais de entendimento, na agitação que novamente fazia fermentar essa massa comprimida, no surdo rumor que recomeçava, — via-se que tal suspeita alastrava; já chegava aos jardins e subúrbios, onde o tumulto era muito maior. Toda a gente, aí, precisamente por estar em piores condições, queria ver, ouvir, saber, informar-se; e nenhum dos mais bem colocados dava quaisquer informes… a não ser, agora, esta desconfiança quase certeza: «O velho sábio tinha razão! Sua Alteza não podia estar no pleno uso das suas faculdades! Há quanto tempo, mesmo, não andaria já Sua Alteza doente?» E vinham à ideia de quase todos certas excentricidades recentes do seu modo de ser e viver, várias suas explosões de sensibilidade desordenada (mesmo durante a sessão do dia), a história, sempre discutida e discutível, do seu casamento, etc. Difícil era duvidar,

infelizmente!: Sua Alteza o príncipe real turbara-se da razão...

Então, estranhando, Leonel ergueu as pálpebras, que tinha como chumbadas. E viu aqueles olhares surpresos e contristados postos nele, viu aqueles acenos de inteligência e aquela especial agitação do público... Era uma reação, mas não a que esperara; posto não soubesse definir claro que reação esperara. Instintivamente, levou as mãos à cabeça; palpou-se: palpou os anéis da basta cabeleira ondulada, o firme desenho do crânio, as orelhas nem pequenas nem grandes, normais, graciosamente delineadas... Momento foi este em que a atitude do nosso príncipe se tornou caricata! Era como se o príncipe Leonel não pudesse largar as orelhas, tateando-as sôfrego e voltando a tateá-las miudamente, enquanto o seu rosto acusava extraordinárias mutações... entre o risível e o trágico. Bruscamente, o príncipe Leonel voltou-se para onde estavam sua mulher e o seu pai, como a interrogá-los. O seu pai olhava-o radiante mas calmo, como homem a quem o sobrenatural já não assombrava; ou como se, mais ou menos, já esperara tal prodígio! A princesa Letícia é que

não podia esconder as lágrimas, que lhe rolavam aos pares nas faces iluminadas por uma espécie de claridade íntima. Leonel procurou ainda os olhos do Aio: Um sorriso feliz e sereno, superior, lhe estava nos lábios como uma confirmação. Então, os olhos de Leonel baixaram até onde uma forma semi-humana, enovelada sobre si própria, ficara como empedernida a olhá-lo.

— Vencemos, Rolão Rebolão! — disseram os lábios ainda sem cor, ou já sem cor, do príncipe Leonel. Nem ele podia saber claramente o sentido desse vencemos. Acaso não continuava Rolão Rebolão com as pernas truncadas? Mas os seus lábios tinham dito aquilo como independentemente, por isso mesmo havia naquilo tanto sentido, — e tão obscuro. Sempre já sem domínio dos seus movimentos ou atitudes, o príncipe Leonel perfilou-se em frente da multidão. O seu peito levantou-se e tumultuou, como se lhe não coubesse a vida dentro, ou o ar que podia conter lhe não chegasse. Teve um fundo suspiro de criança. Oh, que horrível pesadelo! Era como se acordasse de um pesadelo, Os seus lábios despegaram com esforço, mexeram várias vezes, — via-se que ele pretendia falar; mas nenhum som,

sequer, lhe saiu da boca. Os seus olhos quase desesperados, ao mesmo tempo inundados de luz, erraram no vago e levantaram-se à abóboda: como se aquela abóbada lá tão alto o oprimisse! «Meu Deus!» gritava ininterruptamente uma voz de todo o seu ser. E este grito de fogo era, ao mesmo tempo, uma ação de graças e uma súplica angustiada: Agora é que ele queria a vida, agora que vencera a sua disformidade, e era agora que ia morrer, sentia-o. Mas já os seus olhos, vítreos, não viam senão rolos de sombra turbilhonando em volta, cada vez mais densos, e entrechocando relâmpagos sem rumor, circunferências ígneas rodando... (Por isso a plateia, agora suspensa, lhe via esses olhos desvairados que não viam). E já seus ouvidos nada ouviam senão um silvo contínuo, como metido dentro deles, e fragmentos de harmonias vagas, oscilantes, que chegavam como aqueles trechos entrecortados que os ventos, às vezes, trazem de uma orquestra longínqua. Subitamente, fez-se-lhe um silêncio em que só o silvo morria, morria cada vez mais longe... Os rolos de sombras envolveram-no, fecharam-se sobre ele, formaram-lhe noite soturna completa. Não completa, não! Um buraquinho de luz o chamava lá ao fundo, como uma estrela. Entretanto,

esbofeteavam-lhe a face grandes asas veludosas e carnudas, os cabelos embaraçavam-se-lhe em enormes teias de aranha, as suas mãos encontravam a humidade repugnante das paredes, seus pés pesavam do lodo ou topavam com pedregulhos ou formas viscosas, moles... Só a estrelinha, ao fundo, o chamava e crescia vertiginosamente! Com os vislumbres de consciência que ainda lhe luziam na memória, Leonel compreendeu que fora transportado, não sabia como, à saída secreta do palácio, por onde se evadira certa manhã. Aquele buraquinho de luz que aumentava, aumentava prodigiosamente, era a porta da evasão; mas já não era uma estrelinha porque era um mar de luz que o engolia, uma alegria insuportável, verdadeiramente insuportável, que o solevava, o derrubava... Morrer, meu Deus!, agora que ia compreender tudo, ter a chave de tudo? Mas este mar de luz ainda seria mundo? Já não seria a morte...? Já não seria outra vida...?

Se, primeiro, vários exemplos de levitação não fossem hoje tidos por autênticos; segundo, não dessem referência do fenómeno os mais sérios historiadores; terceiro, não

houvesse em toda a história do príncipe Leonel de Traslândia tão larga intervenção do sobrenatural (ou do mistério) — poderia o cronista mais recente hesitar em dar por histórico o segundo caso estranho (talvez ainda mais que o suor de sangue) presenciado pela multidão nessa memorável tarde. Assim, não me permito hesitação. E creio eu próprio que a multidão o visse, nesse momento, erguer-se do seu estrado, e, liberto da força da gravidade por uma contrária mais poderosa, pairar uns segundos acima do solo. Só uns segundos! Que já um grito uníssono, de espanto, reboava nos ares e ecoava na abóbada, quando o príncipe oscilou, poisou no solo, titubeou... e teria dado consigo em terra, se o não o apanhasse o Aio nos braços. Mas em toda esta última parte da sessão o Aio não se afastara dele.

Quando deitaram o príncipe Leonel no seu leito de ébano e prata (um dos presentes do bom rei Rodrigo) já estava morto. Morto, o seu rosto era de uma beleza sobre-humana. Disse, depois, Rolão Rebolão, num dos seus mais belos poemas, que só o céu estrelado tem o esplendor, a serenidade, o mistério que tinha essa máscara mortuária.

De momento, e num furioso desespero que nem ele próprio fora capaz de prever, Rolão Rebolão, aos uivos, dava com a cabeça nas paredes, a um canto da vasta quadra. Nos intervalos do clamor que, lá fora, erguia a multidão ainda não dispersa, — ouviam-se as pancadas surdas e lúgubres.

Querendo seguir o filho já exânime, El-Rei houvera de ser levado agonizante para a sua própria câmara. O pobre velho não sobreviveria àquele desfecho. Foi junto do seu leito de morte que pela última vez se viu o misterioso Aio.

Só a princesa Letícia, à cabeceira do marido morto, mantinha a sua majestade simples e uma calma terrível. Também ela, agora, parecia um mármore sepulcral. Caso único, suponho, numa rapariga da sua idade, todo o cabelo se lhe pôs branco desde essa tarde até ao dia seguinte. Mas ninguém a viu descompor-se nos braços das camareiras, como, por bem menos, se descompusera sua irmã Leonilde. A princesa Letícia era uma mulher forte. E bem precisava de sê-lo, para defender o perigoso tesouro que lhe legara o marido! Desse tesouro fazia parte uma formazinha que já se mexia no seu ventre, — o filho do príncipe perfeito com orelhas de burro. A dinastia estava salva.

FIM